

AGNES GREY

ANNE BRONTË

MARTIN  CLARET



AGNES
GREY

ANNE BRONTË

AGNES GREY

TRADUÇÃO
PAULO CÉZAR CASTANHEIRA

MARTIN  CLARET

Sumário

[Anterosto](#)

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[PREFÁCIO](#)

[ANNE BRONTË: AGNES GREY](#)

[I O PRESBITÉRIO](#)

[II PRIMEIRAS LIÇÕES NA ARTE DA INSTRUÇÃO](#)

[III MAIS ALGUMAS LIÇÕES](#)

[IV A AVÓ](#)

[V O TIO](#)

[VI DE VOLTA AO PRESBITÉRIO](#)

[VII HORTON LODGE](#)

[VIII O DÉBUT](#)

[IX O BAILE](#)

[X A IGREJA](#)

[XI OS CAMPONESES](#)

[XII A CHUVA](#)

[XIII AS PRÍMULAS](#)

[XIV O PÁROCO](#)

[XV O PASSEIO](#)

[XVI A SUBSTITUIÇÃO](#)

[XVII CONFISSÕES](#)

[XVIII ALEGRIA E LUTO](#)

[XIX A CARTA](#)

[XX A DESPEDIDA](#)

[XXI A ESCOLA](#)

[XXII A VISITA](#)

[XXIII O PARQUE](#)

[XXIV As AREIAS](#)

[XXV CONCLUSÃO](#)

[POSFÁCIO](#)

[Página de direitos autorais](#)

PREFÁCIO

AGNES GREY, UM ROMANCE DE FORMAÇÃO FEMININA

CÍNTIA SCHWANTES*

Autora de dois romances considerados clássicos da literatura inglesa, Anne Brontë nasceu em Thornton em 1820, filha de um pastor anglicano de origem humilde, Patrick Brontë, e Maria Branwell. Apenas um ano depois de seu nascimento, sua mãe morreu, e a tia, Elizabeth Branwell, veio residir com a família, formada pelas filhas Maria, Elizabeth, Charlotte, Emily e Anne, e o filho, Patrick Branwell, bem como o pai. A tia, uma mulher rigorosa, não estabeleceu laços de afeto com os sobrinhos, exceto por Anne, que era sua favorita — bem como de todos os outros membros da família, exatamente como a protagonista de seu primeiro romance, *Agnes Grey*. Sua vida escolar, em virtude das mortes das duas irmãs mais velhas, enquanto internas em uma escola, ocorreu majoritariamente em casa, onde aprendeu, além de ler e escrever, desenho, música, costura, como era usual na época, sendo enviada para uma escola interna apenas em 1835, quando sua irmã Charlotte assumiu um posto como professora em Roe Head. Lá, ela permaneceu apenas dois anos, retornando para casa após adoecer.

As crianças Brontë tinham pouco contato com os filhos de seus vizinhos, e costumavam encontrar companhia e diversão umas com as outras. Muito imaginativas, e com acesso à biblioteca do pai, como parte de sua formação, uma de suas brincadeiras favoritas era encenar e escrever os eventos de um mundo imaginário, o reino de Angria; após, Anne e Emily criaram seu próprio mundo imaginário (como caçulas, elas deviam se sentir excluídas das decisões quanto às aventuras de seus personagens). Esse exercício precoce de escrita vai ser de grande significado mais tarde, pois as irmãs irão publicar um volume de poesia, sob os pseudônimos de Acton,

Currer e Ellis Bell, do qual constam alguns poemas escritos sobre os personagens de seu mundo imaginário.

Embora sua mãe fosse filha de uma família de classe média, ela fora a penúltima filha de uma família numerosa; o pai contava apenas com seu salário. Assim, as irmãs precisavam procurar empregos que garantissem sua sobrevivência, e as funções de professora ou governanta estavam entre as poucas possíveis para mulheres bem educadas, mas sem fortuna. Anne, portanto, aceitou um emprego como governanta um ano após deixar a escola, experiência da qual ela drenou para compor a família retratada em *Agnes Grey* como a primeira empregadora da protagonista. Esse retrato sem grande condescendência, em que os piores traços dos membros da família são expostos a uma luz bastante crua, foi um dos responsáveis tanto por uma boa, e má, recepção da obra — enquanto alguns críticos louvaram o realismo utilizado na composição dos personagens, outros consideraram a exposição uma quebra de confiança na relação empregador-empregada. Não obstante, embora as três irmãs tenham enfrentado problemas semelhantes em seus empregos como governantas, Anne foi a mais bem sucedida delas.

Sua segunda posição como governanta teve duração mais longa que a primeira, de apenas um ano. Em Thorp Green, Anne permaneceu de 1840 a 1846, e embora seja creditada a essa segunda família a inspiração da segunda família para a qual Agnes trabalha, a experiência de Anne parece ter sido bem mais agradável que a primeira e mesmo que aquela que o romance traz. Sua relação de amizade com as alunas, Mary e Elizabeth Robinson, se prolongou após a saída de Anne do emprego. Há indícios de que seu irmão, Branwell, à época tutor do filho da família, iniciou um caso amoroso com a esposa de seu empregador, e especula-se que o conhecimento desse fato ocasionou o pedido de demissão de Anne.

As três irmãs pretenderam abrir uma escola, mas nunca chegaram a concretizar esse desejo. A empresa da qual as três tomaram parte foi a publicação de seus poemas, financiada com a herança deixada pela tia Elizabeth Branwell, falecida em 1843. O livro teve resenhas positivas, mas não deu retorno financeiro. Entrementes, as três irmãs trabalharam em seus primeiros romances. Após algumas recusas, *O Morro dos Ventos Uivantes*,

de Emily e *Agnes Grey*, de Anne, foram aceitos para publicação. Charlotte, cujo primeiro romance fora consistentemente rejeitado, enviou o segundo, *Jane Eyre*, que acabou saindo a público antes dos outros dois. *Agnes Grey* obteve sucesso de público, mas ficou obliterado, em termos de crítica, pelos romances das outras duas irmãs.

A publicação do segundo romance de Anne, que fez um desmedido sucesso, pareceu selar a sorte das três irmãs como escritoras, agora em posse de um meio de subsistência adequado e menos penoso que o de professoras ou governantas. No entanto, 1848 seria um ano de perdas para a família: Branwell foi o primeiro a morrer, provavelmente de tuberculose, em setembro, e Emily morreu a seguir, em dezembro. A perda da irmã de quem era mais próxima afetou Anne, que pegou uma gripe no Natal. Após ser diagnosticada com tuberculose, ela decidiu empreender uma viagem, em busca de bons ares que lhe restaurassem a saúde, mas o esforço foi de pouco proveito, uma vez que ela morreu em Scarborough, o lugar onde costumava passar o verão com os Robinsons. Charlotte decidiu sepultá-la no cemitério da igreja de St. Mary, naquela cidade. Anne tinha 29 anos, nessa data.

Após sua morte, Charlotte permitiu a republicação de *Agnes Grey*, mas não de *The Tenant of Wildfell Hall*, por considerar o romance pouco apropriado. Assim, como *Agnes Grey* carece do impacto da apaixonada narrativa de *O Morro dos Ventos Uivantes*, e permaneceu como o único romance de fácil acesso escrito por Anne, a crítica mostrou pouca consideração com a obra da mais jovem das irmãs Brontë — um equívoco que vem sendo revisto, dada a sua inquestionável qualidade. Segundo Márcia Cavendish, a crítica da época se ressentiu do realismo das narrativas de Anne, em especial de seu segundo romance, que não condiz com as idealizações românticas predominantes na época.

Anne tinha 17 anos quando da ascensão ao trono da Rainha Vitória, ocorrida em 1837, e viveu parte de sua vida no que ficou conhecido como Era Vitoriana, ajudando, com seus romances, a estabelecer uma sensibilidade adequada aos novos tempos. Além do culto da adequação e propriedade, a Era Vitoriana foi marcante por vários motivos. Podemos

datar desse período a ascensão da classe média como agente político importante, e por isso de uma modificação bastante significativa nos mecanismos da vida social, bem como na ideologia e, portanto, nos valores professados nas artes. Frequentemente criticada como sentimental, a cultura da Era Vitoriana vai se centrar em alguns pontos principais: uma moral sexual bastante restrita (como aliás eram restritivas todas as regras da convivência social), a elevação da família nuclear a centro da vida social, e em consequência, a cristalização de papéis de gênero muito determinados: ao homem, cabia ser o provedor da família e autoridade máxima dentro dela; à mulher, cabia a administração doméstica e total devoção ao marido, em primeiro lugar, e então aos filhos.

A rápida industrialização promovida pela Revolução Industrial, então em curso, exigia uma mobilidade da mão de obra que impossibilitava a manutenção da família patriarcal estendida, aquela em que várias gerações de uma família viviam sob o mesmo teto. Daí deriva a função do homem como o único provedor da família, visto que a mão de obra feminina ainda não havia sido requisitada pelo mercado de trabalho. Por outro lado, na ausência de irmãs mais jovens ou sobrinhas que poderiam encarregar-se do cuidado com as crianças, as mulheres da família precisaram se dedicar com exclusividade às tarefas de manutenção da casa, e assim, sua atividade lucrativa, que era restrita, mas existia no período imediatamente anterior, se viu seriamente prejudicada.

A literatura tomou parte bastante ativa dessa mudança. A época viu o florescimento de manuais (de etiqueta, de administração doméstica, de correspondência) que procuravam ensinar às pessoas a maneira correta de usar talheres, tratar serviçais, escrever um bilhete de resposta a um admirador que não conviesse impressões indesejáveis. Esses manuais dialogavam intensamente com os romances escritos na época. Não por acaso, o Romantismo viu o ressurgimento de um gênero que havia sido abandonado: o romance de formação.

O diálogo entre romance de formação e manuais de etiqueta é especialmente intenso, uma vez que ambos os gêneros se dirigem ao mesmo público, com idênticas intenções: auxiliar no aperfeiçoamento da formação

de jovens, do sexo feminino, sobretudo (o público primeiro dos manuais de etiqueta). No entanto, para se adequar ao processo de formação de uma jovem, ao invés de um protagonista de sexo masculino, o gênero enfrentou significativas transformações.

O ressurgimento do romance de formação pode ser localizado na Alemanha, e melhor exemplificado por *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe. O centro da narrativa é a formação de um jovem, enviado pela família para completar seus estudos em uma cidade maior, que atravessa vários processos de aprendizado: como controlar suas paixões (através de dois casos de amor, um mal sucedido, e um bem sucedido, para provar que ele aprendeu a lição), aprendizado formal nas instâncias educacionais, onde sua vocação será posta a prova, frequentemente com o abandono da carreira a que havia sido destinado em favor de outra, mais condizente com suas aptidões — e daí advém o conflito de gerações, uma vez que sua família de origem não apoiará sua escolha; aprendizado informal sobre as regras de conduta social, esse a cargo de um mentor, um homem mais velho que tomará o protagonista sob sua proteção. Ao final de toda essa trajetória, o protagonista, já em posse de uma profissão e, se não casado, em vias de, retorna a sua cidade em visita, para deixar estabelecida sua trajetória de sucesso, e a seguir se estabelece em um centro maior, onde terá mais oportunidades profissionais.

Tal enredo dificilmente comportaria uma protagonista feminina. A começar, dois casos de amor para uma moça de boa família seriam impensáveis. Viagens, por outro lado, só aconteciam dentro do âmbito da família: de fato, uma das funções das mulheres casadas no grupo familiar era receber suas parentas solteiras e promover saraus onde elas pudessem encontrar um pretendente adequado. A carreira de uma mulher de classe média era uma só: o casamento, de modos que encontrar a verdadeira vocação estava fora das possibilidades de uma protagonista feminina — no máximo, ela poderia encontrar um parceiro com qualidades superiores (o que provaria o sucesso de seu processo de formação). Como fora do abrigo do grupo familiar a reputação de uma mulher não sobreviveria, o conflito de

gerações também fica seriamente restrito, pois diminuiria consideravelmente suas perspectivas matrimoniais.

Até mesmo as protagonistas de romances de formação que não tem tão boas perspectivas matrimoniais (como as protagonistas da maior parte dos romances escritos pelas irmãs Brontë) encontram, ao final da narrativa, um casamento compensador. A função de mentor traz ainda mais problemas: um mentor homem seria impensável, dada a proximidade necessária entre ele e sua pupila, o que seria um risco para a reputação dela. Mentoras mulheres serão raras (e aqui *Agnes Grey* se diferencia) posto que as mães das protagonistas, suas mentoras em uma primeira instância, não eram adequadas, pois tentavam transmitir às filhas os valores da época georgiana, que não eram mais funcionais na nova sociedade. A educação formal estava ao alcance de moças de boa família, no entanto, era bastante diferente daquela oferecida aos homens, visto como visava prepará-las para bem cumprir suas funções de esposa e mãe.

A fortuna crítica de Anne é limitada, pois ela é a menos famosa das irmãs (o que deriva de circunstâncias alheias ao seu talento). Entre os autores que se debruçaram sobre seus romances, e em especial *Agnes Grey*, destacamos Drew Lamonica, que se debruça sobre o tema da família nos romances das três irmãs, afirmando que elas não apenas escreviam sobre famílias (algo comum na época), mas também em família, visto como havia, desde a infância, uma intensa troca criativa entre elas. Elas investigam em seus romances a função formadora — e deformadora — da família. Para as irmãs, a família é um ponto de partida que lança as fundações da identidade, mas que precisa ser ultrapassada para que essa identidade possa se atualizar. Podemos constatar isso na vontade que a protagonista de *Agnes Grey* demonstra, de encontrar um emprego que seria não apenas uma bem vinda fonte de renda, mas também de afirmação pessoal fora de uma família que, se a mimava, por outro lado, não lhe dava a oportunidade de provar a si mesma e a seus talentos.

Stevie Davies faz uma leitura mais extensa do romance, destacando vários aspectos, como o tratamento dedicado aos animais, que funciona como um índice das inclinações morais dos personagens: Tom Bloomfield,

aluno de Agnes em seu primeiro emprego como governanta, educado para ser um homem de classe média, único menino da família, tem a permissão dos adultos (especialmente os homens) para maltratar animais; o reitor, vaidoso e superficial, chuta o gato da camponesa Nancy Brown, enquanto o vigário, o Sr. Weston, inferior na escala social, revela sua superioridade moral ao acarinhar o animal, o mesmo ocorrendo entre Miss Murray, sua pupila, que maltrata o cachorro, enquanto Agnes cuida dele com carinho.

O exercício da maternidade nas famílias em que Agnes trabalha como governanta é falho: seja por sua arrogância, seja por sua ausência de valores morais, as mães falham em dar aos filhos tanto senso de limite quanto afeto. Consoante com seu tempo, em que as mães encontram-se interditadas como mentoras dos filhos, Anne apresenta mães que não conseguem se adequar aos novos tempos, e, portanto são incapazes de instruir e guiar adequadamente sua prole.

O poema que Agnes apresenta, versando sobre seu amor impossível pelo Sr. Weston, revela as leituras da autora. Encontramos no romance também citações da Bíblia, uma leitura obrigatória para as irmãs, filhas de um clérigo, bem como de John Milton, autor favorito dos puritanos, embrulhando convicções religiosas bastante rigorosas, que Anne havia adquirido na convivência com a tia.

Cates Baldrige, por outro lado, afirma que embora o romance procure se apresentar, desde o início, como um romance de formação, ele falha nesse intuito em virtude do próprio espírito da época, que inclui o culto da domesticidade feminina, uma vez que Agnes não encontra um caminho para si mesma, mas, ao contrário, volta à situação de filha, após a morte do pai, quando abre uma escola com sua mãe, e se coloca novamente sob a autoridade materna, hesitando até mesmo em aceitar receber o Sr. Weston em sua casa sem consultar a mãe, apesar de sua vontade de manter contato com ele. No entanto, como Eve Kornfeld destaca, se essa é a única carreira aberta para as mulheres, não é possível descaracterizar um romance como sendo de formação feminina, pois sua protagonista casa-se no final — ao contrário, esse é o resultado positivo de um processo de formação feminina para os moldes da época.

E esse é sem dúvida o caso de *Agnes Grey*: trata-se do processo de formação de uma protagonista feminina que é bem sucedido. O romance é narrado em uma voz juvenil que condiz com sua narradora. Embora a narrativa seja feita em retrospecto, por uma Agnes já adulta e casada, versa, em quase sua totalidade, sobre seus anos de formação. A infância é apresentada como idílica, toldada apenas pela depressão do pai, após perder suas economias em um negócio que termina em naufrágio (que não era algo raro na época — o comércio do Império Britânico se fazia por navio, e naufrágios eram um dos riscos a que ele estava exposto. Também era comum que pequenos investidores colocassem a maior parte de seus bens em tais empreendimentos — por vezes, com sucesso). A perda da fortuna não parece preocupar as mulheres da família, ao contrário da saúde dele.

O conflito de gerações, nesse romance, se configura como o desejo de Agnes de se afastar da família que não lhe permite crescer. No entanto, esse fato acaba por confirmar a excelência de sua vida familiar, pois deriva de um amor excessivo. A educação formal de Agnes é apresentada como sendo excelente, embora ela jamais tenha frequentado uma escola. Mas, se seus conhecimentos de francês, desenho ou latim são mais do que suficientes para a posição que ela procura, a vida reclusa deixou-a despreparada para enfrentar o mundo exterior (e aqui, novamente, as virtudes de sua educação e de sua vida familiar se voltam contra ela). No entanto, com todos os percalços, sua mãe efetivamente exerce a função de mentora, não apenas educando-a, mas mesmo ajudando-a a encontrar empregos como governanta, uma vez que esse é seu desejo.

Um dos motivos por que a obra de Anne não alcançou tanto reconhecimento quanto a de suas irmãs mais famosas é a franqueza com que ela expõe as dificuldades do ofício de ensinar pupilos desinteressados, arrogantes, e sobre os quais a governanta tem pouca ou nenhuma autoridade (e mesmo para os nossos ouvidos incorre em desagrado o fato de Agnes lamentar não poder utilizar castigos físicos).

Outro elemento fundamental na formação de uma personagem consiste em encontrar sua vocação e exercê-la. A primeira escolha de Agnes — ser governanta — é feita no desconhecimento das exigências da tarefa, e pelos

motivos errados, apenas para provar a sua família que ela é capaz de se desempenhar a contento de atividades produtivas. Esse é seu espaço possível de experimentação, e o exercício da função é que vai levá-la a encontrar seu lugar no mundo, casada e feliz, e no comando de uma casa, e uma família, tão felizes quanto a sua família de origem. Assim, podemos considerar que a principal tarefa de um protagonista de romance de formação é cumprida a contento.

Como se trata de uma protagonista feminina, a verdadeira vocação e verdadeira felicidade só podem ser encontradas no casamento. Agnes se apaixona por alguém em posição análoga a sua, e que demonstra as melhores qualidades: é generoso com os pobres da paróquia, dentro de seus limitados meios, cortês com ela, e trata bem os animais, inclusive resgata o cachorro de Miss Murray.

Miss Murray é uma personagem secundária que merece atenção. Segundo Susan Fraiman, uma das adaptações que o romance de formação precisou empreender para abarcar uma experiência especificamente feminina é o uso de contra-narrativas. Centradas em personagens secundárias, as contranarrativas apresentam uma possibilidade inadequada de formação feminina que ressalta o acerto da protagonista em suas escolhas. Miss Murray, a mais velha das pupilas de Agnes em seu segundo emprego como governanta, é vaidosa, muito preocupada com sua aparência e com a atenção que recebe dos homens, como medida de seu valor. Ela induz o clérigo a pensar que está interessada nele, apenas para recusar seu pedido de casamento. Desgosta do Sr. Weston, pois ele não parece interessado nos encantos dela, e quando decide conquistá-lo, faz o possível para afastar Agnes dele. Ela decide aceitar o pedido de casamento do vizinho mais rico, pois deseja ser a dona da propriedade dele, apesar de saber que ele não é um homem correto.

Miss Murray, assim, toma um curso equivocado, colocando seu senso de valor na fortuna do homem que seja capaz de conquistar, e acaba conseguindo seu intento apenas para descobrir que a posse da propriedade ambicionada vem embrulhada em uma família que a trata mal, com um

marido infiel, rude e beerrão. O resultado, como se pode depreender, é a sua infelicidade.

Agnes, por outro lado, se declara feliz no casamento, com o homem por quem se apaixonou, e dotado das qualidades certas — generosidade, bom gênio, moralidade irreprochável — embora não tenha fortuna.

Se considerarmos que apenas no século XXI teremos romances de formação femininos em que a mãe da protagonista é efetivamente sua mentora (com a honrosa exceção de *Little Women*, de Louise May Alcott), isso nos dá a medida do quanto *Agnes Grey* foi inovador. Igualmente, como a crítica contemporânea aponta, a função de governanta, se tem parte de sua idealização desfeita em *Jane Eyre*, será apresentada com ainda maior realismo em *Agnes Grey*, que, juntamente com o segundo romance de Anne, *The Tenant of Wildfell Hall*, prefigura o realismo que se seguirá, e também revela a intimidade da autora com a obra dos fundadores do romance inglês que, escrevendo no século XVII, tendem a não idealizar a matéria romanesca. Assim, em parte por razões de história pessoal (Anne era a irmã caçula e após sua morte, Charlotte se sentiu confortável em dispor de sua obra, exercendo uma censura baseada no aprofundamento da sensibilidade vitoriana) quanto por razões estéticas, pois é um romance à frente de sua época, a obra de Anne Brontë tem sido injustamente negligenciada, algo que não pode ser explicado por falta de qualidade literária. Ao contrário.

BIBLIOGRAFIA

BALDRIDGE, Cates. “Agnes Grey: Brontë’s Bildungsroman That Isn’t.” *Journal of Narrative Technique*. Vol. 23 Iss 1, 1993.

CAVENDISH, Márcia. Anne Brontë, a voz esquecida da literature inglesa. Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero. V.6 n.o 1, 2005.

DAVIES, Stevie. Three distinct, unconnected tales: The Professor, Agnes Grey and Wuthering Heights. *The Cambridge Companion to the Brontës*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

FRAIMAN, Susan. *Unbecoming Women. British Women Writers and the Novel of Development*. New York: Columbia University Press, 1993.

KORNFELD, Eve e JACKSON, Susan. "The Female Bildungsroman in Nineteenth Century America: Parameters of a Vision." *Journal of American Culture*. Vol 10 Iss 4, 1987.

LAMONICA, Drew. *We are three sisters: self and family in the writing of the Brontës*. Columbia: University of Missouri Press, 2003.

*
— Cíntia Schwantes leciona Literaturas de Língua Inglesa na UnB; fez doutorado na UFRGS/Indiana University sobre romance de formação feminino, concluído em 1998. Sua área de pesquisa são os estudos de gênero, com ênfase no Bildungsroman feminino e sua evolução desde o Romantismo até a atualidade, tema em que se concentra a maior parte de suas publicações.

ANNE BRONTË
AGNES GREY

I

O PRESBITÉRIO

Todas as histórias verdadeiras contêm ensinamentos; em algumas, entretanto, o tesouro pode ser difícil de encontrar e, quando encontrado, se mostra tão insignificante que o fruto seco e murcho mal compensa o trabalho de quebrar a noz. Se esse é ou não o caso da minha história, não tenho competência para julgar. Às vezes penso que ela pode ser útil para alguns e uma distração para outros; mas o mundo há de julgar por si mesmo. Protegida por minha própria obscuridade, pela passagem dos anos e por alguns nomes fictícios, não temerei me arriscar; e vou tornar público, com toda a honestidade, o que não revelaria ao amigo mais íntimo.

Meu pai era um clérigo do norte da Inglaterra merecidamente respeitado por todos que o conheciam; em sua juventude vivera de forma bastante confortável das rendas de um reduzido benefício paroquial e de um pequeno terreno que lhe pertencia. Minha mãe, que se casou com ele contra o desejo da família, era uma mulher de personalidade, filha de um proprietário de terras. Em vão se tentou explicar a ela que ao se tornar esposa de um clérigo pobre teria de abrir mão da sua carruagem, da sua criada e de todos os luxos e elegâncias da riqueza, que para ela eram basicamente as necessidades da vida. Uma carruagem e uma criada eram grandes conveniências; porém, graças a Deus, ela tinha pés para caminhar e mãos para cuidar de si mesma. Uma casa elegante com jardins amplos não era coisa a ser desprezada, mas ela preferia viver numa cabana com Richard Grey a viver num palácio com qualquer outro homem deste mundo.

Ao descobrir que nenhum argumento seria aceito, meu avô disse ao casal de namorados que poderiam se casar se assim desejassem, mas que ao fazê-lo a filha perderia o direito qualquer fração de sua fortuna. Esperava assim esfriar o ardor dos dois; mas estava errado. Meu pai conhecia bem

demais o grande valor da minha mãe para não perceber que ela por si só era uma fortuna; e se ela consentia em embelezar o seu humilde lar, ele devia ser feliz por tê-la em quaisquer termos; por sua vez, ela preferia trabalhar a ser separada do homem que amava, cuja felicidade era sua maior realização, e que já era um só com ela, em alma e coração. Então, a sua parte na herança foi engordar a bolsa de uma irmã mais esperta, que se casou com um rico nababo;¹ e ela, para espanto e piedoso pesar de todos que a conheciam, foi se enterrar na paróquia de uma aldeia entre as montanhas de —. Ainda assim, apesar de tudo isso e apesar do caráter forte da minha mãe e dos caprichos do meu pai, acredito que se poderia procurar por toda a Inglaterra sem encontrar um casal mais feliz.

Dos seis filhos, minha irmã Mary e eu fomos as únicas que sobreviveram aos perigos enfrentados por bebês e crianças pequenas. Por ser cinco ou seis anos mais nova que minha irmã, fui tratada como a caçula, a menina mimada da família: pai, mãe e irmã, todos combinados para me mimar — não por uma indulgência tola, que me tornaria rabugenta e ingovernável, mas pela bondade sem fim que me tornava incapaz e indefesa, despreparada para a luta diante das inquietações e dos infortúnios da vida.

Mary e eu fomos criadas no mais estrito isolamento. Minha mãe, por ser muito preparada e bem informada, e por apreciar a tarefa, assumiu todo o encargo da nossa educação, com exceção do latim, que meu pai se incumbiu de nos ensinar — e assim, nós nunca chegamos a ir à escola. Como não havia uma sociedade na região, nossa única relação com o mundo consistia em alguma grande festa diurna de quando em quando, na qual comparecíamos apenas para não sermos estigmatizadas como orgulhosas demais para nos relacionar com os agricultores e comerciantes da vizinhança; e uma visita anual ao nosso avô paterno, quando ele, nossa boa avó, uma tia solteira e duas ou três senhoras e cavalheiros idosos eram as únicas pessoas que víamos. Às vezes nossa mãe nos contava histórias e episódios da sua juventude que, apesar de nos entreter bastante, em geral despertavam — pelo menos em mim — um desejo secreto de ver um pouco mais do mundo.

Eu pensava que ela devia ter sido muito feliz naquela época; mas nunca pareceu sentir falta do passado. Já meu pai, que não era nem tranquilo nem alegre por natureza, costumava se atormentar indevidamente, pensando nos sacrifícios que sua querida esposa fazia por ele, e se ocupava constantemente em arquitetar maneiras para aumentar nossa parca fortuna. Em vão nossa mãe lhe assegurava que estava muito satisfeita; e que se ele se dispusesse a guardar um pouco para as filhas, teríamos muito, tanto para o tempo presente como para o porvir. Mas economizar não era o forte do meu pai, que não se endividava (pelo menos minha mãe cuidava para que ele não o fizesse), mas enquanto tivesse dinheiro precisava gastá-lo: gostava de ver a casa confortável e sua mulher e filhas bem vestidas e bem cuidadas; e além disso era caridoso por temperamento, e gostava de dar aos pobres, conforme os seus meios — ou, como pensavam alguns, além deles.

Mas, finalmente, um bom amigo lhe sugeriu um modo de dobrar de uma só vez seus bens, e depois aumentá-los até um valor incalculável. Esse amigo era um mercador, um homem de espírito empreendedor e talento incontestável que, por carência de capital, enfrentava dificuldades nas suas atividades mercantis. Propôs generosamente dar uma parcela justa dos seus lucros se meu pai lhe confiasse aquilo de que pudesse dispor, e acreditava poder prometer com segurança que qualquer soma que meu pai decidisse colocar em suas mãos lhe propiciaria lucros de um centavo para cada centavo colocado. O pequeno patrimônio foi rapidamente vendido e a totalidade do preço de venda foi depositado nas mãos do mercador amigo; que embarcou de imediato sua carga e se preparou para a viagem.

Meu pai ficou encantado, assim como todas nós, com as perspectivas animadoras. Nossa renda, é verdade, ficara reduzida ao pequeno salário do cargo eclesiástico; mas meu pai parecia pensar que não havia necessidade de ser prudente e restringir nossos gastos; assim, com uma conta corrente com o Sr. Jackson, outra com o Sr. Smith e uma terceira com o Sr. Hobson, vivemos com ainda mais conforto que antes — embora minha mãe afirmasse que devíamos nos manter dentro dos limites, pois nossas perspectivas de riqueza eram, na melhor das hipóteses, precárias. Se meu

pai tivesse confiado tudo à sua administração, nunca teria achado que tínhamos pouco; mas, afinal, ele era incorrigível.

Quantas horas felizes Mary e eu passamos bordando sentadas ao lado do fogo, ou passeando pelas colinas cobertas de urzes, ou à toa sob o salgueiro (a única grande árvore do jardim), falando da felicidade futura de nossa família, do que faríamos, veríamos e possuiríamos, sem nenhuma base mais firme para nossos sonhos a não ser as riquezas que cairiam sobre nós vindas do sucesso das especulações do honrado mercador. Nosso pai era quase tão crédulo quanto nós; só que fingia não levar tudo tão a sério: expressava suas brilhantes esperanças e expectativas otimistas em brincadeiras e gracejos, que sempre me pareceram extremamente espirituosos e alegres. Nossa mãe ria deliciada ao vê-lo tão esperançoso e feliz, mas temia por ele confiar demais naquilo tudo, e uma vez a ouvi sussurrar ao sair da sala: “Deus permita que ele não se desaponte! Não sei se iria suportar”.

E ele se desapontou amargamente. Tudo caiu sobre nós como uma trovoada: o navio que continha a nossa fortuna tinha naufragado e ido ao fundo com toda a mercadoria e vários tripulantes, além do próprio mercador. Sofri muito por ele, sofri pela queda dos nossos castelos no ar; mas, com a flexibilidade da juventude, logo me recuperei do choque.

Embora a riqueza tivesse seus encantos, a pobreza não tinha terrores para uma jovem inexperiente como eu. De fato, para dizer a verdade, havia alguma coisa divertida na ideia de enfrentar dificuldades e depender de nossos próprios recursos. Só esperava que papai, mamãe e Mary tivessem a mesma disposição que eu; então, em vez de lamentar as calamidades, nos lançaríamos alegremente à tarefa de remediá-las. E quanto maiores as dificuldades, mais duras seriam as nossas privações, e maior deveria ser nossa alegria em enfrentar estas e nosso vigor na luta contra aquelas.

Mary não lamentou, mas meditava continuamente sobre sua infelicidade e mergulhou num estado de abatimento do qual nenhum esforço meu conseguia despertá-la. Não consegui fazê-la encarar a questão pelo seu lado mais alegre, como eu. Na verdade, eu tinha tanto medo de ser acusada de frivolidade infantil ou de insensibilidade tola que guardava para mim a

maioria das minhas ideias animadoras e intenções alegres, pois sabia bem que elas não seriam apreciadas.

Minha mãe só se preocupava em consolar meu pai, em pagar nossas dívidas e cortar nossos gastos de todas as formas que podia; mas meu pai estava totalmente prostrado: saúde, força e vigor afundaram sob o golpe, e ele nunca conseguiu recuperá-los por completo. Em vão minha mãe lutou para animá-lo, apelando à sua religiosidade, à sua coragem, ao seu afeto por ela e por nós. Esse afeto era o seu maior tormento: por nossa causa ele havia desejado tão ardentemente aumentar sua fortuna; era por nós que tinha emprestado tanto brilho às suas esperanças e era por nós que sentia tanta amargura e infelicidade. Agora se atormentava de remorso por não ter ouvido os conselhos de minha mãe; eles o teriam salvado pelo menos do peso adicional das dívidas. Ele se censurava em vão por tê-la tirado do conforto, da tranquilidade e do luxo da sua situação anterior para sofrer com ele as preocupações e a labuta da pobreza. Mortificava-se ao ver aquela mulher esplêndida e educada, antes cortejada e admirada, transformada numa dona de casa ativa, com a cabeça e as mãos constantemente ocupadas com os trabalhos e a economia da casa. Mesmo a disposição com que ela cumpria aqueles deveres, a alegria com que suportava os reveses e a bondade que a impedia de imputar a ele qualquer culpa eram deturpadas pelo tormento do meu pai, transformadas em novas razões para seus sofrimentos. E assim, o corpo se tornava presa da mente e desorganizava-lhe o sistema nervoso, o que por sua vez aumentava os transtornos da sua mente; até que, por ação e reação, a saúde de nosso pai foi se perdendo; e nenhuma de nós era capaz de convencê-lo de que nossa situação não era tão sombria, tão completamente sem esperança como a sua mórbida imaginação a representava.

A útil carruagem aberta foi vendida, junto com o cavalo bem alimentado — o velho querido, cujos dias, assim tínhamos planejado, terminariam em paz, sem nunca sair das nossas mãos; a pequena garagem de carruagens e o estábulo foram alugados; o jovem empregado e as duas serviçais mais eficientes (por serem as mais caras) foram dispensadas. Nossas roupas foram remendadas, viradas e cerzidas até o último limite de

decência; com exceção dos pratos favoritos do meu pai, nossa comida, sempre modesta, era agora simplificada a um grau sem precedentes; nosso carvão e velas eram penosamente economizados; o par de velas foi reduzido a um só, usado com a máxima parcimônia; o carvão, sob a grelha meio vazia, era utilizado com cuidado — especialmente quando meu pai estava fora nos seus deveres paroquiais ou confinado ao leito por doença; então nos sentávamos com os pés apoiados no guarda-fogo da lareira, juntando as brasas mortíferas de tempos em tempos, espalhando sobre elas por vezes uma leve poeira e fragmentos de carvão, apenas para mantê-las vivas. Nossos tapetes ficaram gastos e esgarçados com o tempo, mais remendados e cerzidos que as nossas roupas. Para economizar o gasto de um jardineiro, Mary e eu decidimos manter nós mesmas o jardim em ordem, e todo o trabalho da cozinha e da casa que não pudesse contar com uma serviçal, era feito por minha mãe e por minha irmã, com minha pequena ajuda ocasional — muito pouca porque, apesar de já ser uma mulher na minha própria avaliação, ainda era uma criança na avaliação delas. Minha mãe, como a maioria das mulheres ativas e controladoras, não recebera a graça de filhas muito ativas; por essa razão, por ser tão inteligente e diligente, ela nunca foi tentada a confiar suas obrigações a nenhuma de nós. Pelo contrário, se dispunha a agir e pensar tanto pelos outros como por si mesma; e qualquer que fosse o trabalho a ser feito, ela sempre pensava que ninguém mais o faria tão bem como ela própria, de forma que sempre que eu me oferecia para ajudá-la, recebia como resposta: “Não, querida, não há nada para você fazer aqui. Vá ajudar sua irmã, ou convide-a para um passeio. Diga-lhe que não deve ficar tanto tempo em casa, se não vai ficar magra e triste”.

— Mary, mamãe me mandou ajudar você, ou levá-la para um passeio; diz que você vai ficar magra e triste se permanecer constantemente em casa.

— Ajudar-me você não pode, Agnes; e não posso sair com você, tenho muito a fazer.

— Então me deixe ajudá-la.

— Na verdade você não pode, querida. Vá praticar a sua música ou brincar com os gatinhos.

Havia sempre muita costura; mas eu não tinha aprendido a cortar nenhuma peça de roupa e, com exceção de bainhas e costuras simples, pouco podia fazer, pois as duas afirmavam que era muito mais fácil fazerem elas próprias o trabalho que prepará-lo para mim; além do mais, elas preferiam me ver estudando ou me divertindo. Eu teria tempo de sobra para me dedicar ao trabalho como uma séria matrona quando a minha gatinha favorita se tornasse uma gata velha e sossegada. Naquelas circunstâncias, embora eu não fosse muito mais útil que a gatinha, meu ócio não era inteiramente desculpável.

Com todas as nossas dificuldades, só uma vez ouvi minha mãe se queixar da falta de dinheiro. Quando o verão se aproximava, ela certa vez disse a mim e a Mary.

— Seria muito bom se o pai de vocês pudesse passar algumas semanas numa estação de águas. O ar marinho e a mudança de ambiente fariam um bem enorme para ele. Mas, como vocês sabem, não temos dinheiro — disse ela com um suspiro.

Nós duas desejávamos muito que isso fosse possível e lamentávamos demais que não fosse.

— Bem, bem! Não adianta se queixar. Talvez possamos afinal fazer alguma coisa para tornar possível esse projeto. Mary, você é uma ótima desenhista. O que me diz de fazer alguns belos desenhos e, juntamente com aquarelas que você já pintou, emoldurá-los e tentar vendê-los a algum comerciante de quadros que seja capaz de reconhecer seus méritos?

— Eu adoraria, mamãe, se a senhora acredita que eles podem ser vendidos; e por um preço que valha a pena.

— Sempre vale a pena tentar, meu bem; reúna os desenhos e vou tentar encontrar um comprador.

— Eu queria poder fazer alguma coisa — falei.

— Você, Agnes! Bem, quem sabe. Você também desenha muito bem: se escolher algo simples como tema, ousa dizer que será capaz de produzir alguma coisa que teremos orgulho em exhibir.

— Mas eu tenho outro plano, mamãe, há muito tempo, só não tive coragem de mencioná-lo.

— É mesmo! Por favor, diga-nos o que é.

— Gostaria de ser uma preceptora — falei.

Minha mãe soltou uma exclamação de surpresa e riu. Minha irmã largou o trabalho, atônita, e exclamou:

— *Você*, uma preceptora, Agnes! *Como* pode sonhar com algo assim?

— Bem, não vejo nada de *tão* extraordinário nisso. Não estou dizendo que sou capaz de instruir moças mais velhas, mas tenho certeza de que sou capaz de ensinar às crianças pequenas; e gostaria *demais* disso. Gosto muito de crianças. Por favor, deixe-me tentar, mamãe!

— Mas, meu bem, você ainda não aprendeu nem a tomar conta de si mesma. E meninas pequenas exigem muito mais instrução e experiência do que as mais velhas.

— Mas, mamãe, já passei dos dezoito anos, sou capaz de cuidar de mim mesma e também de outros. A senhora não conhece nem a metade do saber e prudência que possuo, porque nunca fui testada.

— Pense apenas — disse Mary — no que você faria numa casa cheia de estranhos, sem contar comigo ou com a mamãe para conversar e agir por você, com um grupo de crianças, além de você mesma, para cuidar... E ninguém a quem recorrer para pedir conselhos? Você nem saberia que roupas vestir.

— Você acha, porque sempre faço o que você diz, que não tenho ideias próprias: mas basta me testar, é tudo que eu peço, e verá do que sou capaz.

Naquele momento meu pai entrou e lhe foi explicado o tema da nossa discussão.

— O que, minha pequena Agnes uma preceptora? — e apesar da sua melancolia riu da ideia.

— Sim, papai, e não fale nada contra: eu gostaria *muito*. E tenho certeza de que seria capaz de lidar com tudo com muito prazer.

— Mas, meu bem, não podemos viver sem você. — E uma lágrima brilhou nos seus olhos quando acrescentou: — Não, não! Por mais aflitos que estejamos ainda não chegamos a esse ponto.

— Oh, não! — disse a minha mãe. — Não há nenhuma necessidade disso; é apenas um capricho dela. Não diga bobagem, menina malvada;

pois, assim como está pronta a nos deixar, você sabe muito bem que não poderemos nos separar de você.

Eu fora silenciada por aquele dia, e pelos muitos que se seguiram; mas nem assim abandonei o meu acalentado plano. Mary recebeu os seus materiais de desenho e se pôs a trabalhar com afinco. Também recebi os meus, mas enquanto desenhava, pensava em outras coisas. Como seria delicioso ser uma preceptora! Sair para o mundo; entrar numa nova vida; agir independentemente; exercitar faculdades sem uso; testar forças desconhecidas; ganhar meu próprio sustento e alguma coisa para confortar e ajudar o meu pai, minha mãe e irmã, além de desobrigá-los da minha provisão de comida e roupa; mostrar ao meu pai do que a sua pequena Agnes era capaz; convencer mamãe e Mary de que eu não era a criatura incapaz e imprudente que elas pensavam. E depois, como seria lindo receber a responsabilidade de cuidar de crianças e educá-las! Não importa o que dissessem os outros, eu sentia que era absolutamente competente para a tarefa: a lembrança clara dos meus próprios pensamentos na primeira infância seria um guia mais confiável que as instruções do conselheiro mais maduro. Tinha apenas de me lembrar de como eu era na idade dos meus alunos e saberia de imediato como ganhar a confiança e o afeto deles: como despertar a contrição nos que erram; como aumentar a audácia dos tímidos e consolar os angustiados; como tornar praticável a Virtude, desejável a instrução, e a Religião atraente e compreensível.

Uma tarefa deliciosa! Ensinar à ideia jovem como atirar!

Treinar as jovens plantas e observar os botões se abrindo dia após dia!

Mesmo influenciada pelas opiniões familiares, decidi continuar perseverando, embora o medo de desagradar à minha mãe ou angustiar os sentimentos do meu pai tenha evitado por vários dias que eu retomasse o assunto. Afinal voltei a mencioná-lo privadamente para a minha mãe; e com alguma dificuldade consegui obter dela a promessa de se empenhar a meu favor. O consentimento relutante do meu pai foi obtido em seguida e depois, apesar de Mary ainda murmurar sua desaprovação, minha querida mãe começou a procurar uma colocação para mim. Escreveu para os parentes do meu pai e também consultou anúncios nos jornais. Havia muito

ela tinha abandonado toda comunicação com sua própria família; uma troca formal de cartas ocasionais fora tudo que ela tivera depois do casamento, e jamais pediria ajuda a eles num caso daquela natureza. Meus pais tinham se isolado tão longa e completamente do mundo que só depois de muitas semanas foi possível encontrar uma colocação aceitável para mim. Para minha grande alegria, decretou-se que eu devia cuidar de uma jovem família de certa Sra. Bloomfield, amiga da juventude da minha querida e afetada tia Grey, que assegurou ser ela uma mulher muito bondosa. O marido era um comerciante aposentado, que tinha acumulado uma bela fortuna, mas se negava a pagar um salário acima de vinte e cinco libras à instrutora dos seus filhos. Aceitei alegremente o emprego — em vez de recusá-lo, o que meus pais pareceram considerar o melhor plano.

Mas algumas semanas ainda deveriam ser dedicadas à preparação. Como me pareceram longas e tediosas aquelas semanas! Ainda assim, foram felizes, cheias de esperanças brilhantes e expectativas ardentes. Com que prazer peculiar eu acompanhei a confecção das minhas novas roupas, e depois a arrumação da minha bagagem! Mas havia também um sentimento amargo misturado com essa ocupação; e quando tudo estava pronto para a minha partida na manhã seguinte, e se aproximava a última noite em casa, uma angústia repentina pareceu crescer no meu coração. Minha querida família parecia tão triste e falava-me com tamanha ternura que eu mal conseguia evitar a inundação dos meus olhos. Mas ainda assim fingia estar alegre. Tinha dado um último passeio com Mary pelo pântano, minha última caminhada pelo jardim e em torno da casa; havia alimentado nossos pombos pela última vez, as lindas criaturas que ensináramos a bicar os grãos na nossa mão: tinha acariciado pela última vez as suas costas macias quando se juntaram no meu colo. Tinha beijado ternamente os meus favoritos, o par de pombos brancos de cauda em leque. Tinha tocado a minha música favorita no velho piano, e cantado a minha última canção para o papai: não a última, esperava, apenas a última pelo que, me parecia, seria um longo tempo. E, talvez, quando fizesse novamente essas coisas, seria com sentimentos muito diferentes: as circunstâncias poderiam ter-se alterado, e esta casa poderia não ser mais o meu lar. Minha amiguinha

querida, a gatinha, com certeza estaria mudada: estava se tornando uma linda gata, e quando eu voltasse para uma visita rápida de Natal, já teria esquecido sua companheira e nossas alegres brincadeiras. Tinha brincado com ela pela última vez e quando acariciei seu pelo macio enquanto ela ronronava no meu colo senti uma grande tristeza que só consegui disfarçar com grande dificuldade. Então, na hora de dormir, quando fui com Mary para o nosso quarto tranquilo, onde minhas gavetas já estavam vazias, assim como o meu lado da prateleira de livros, e onde, a partir de agora ela dormiria sozinha, numa solidão melancólica, como ela dizia, meu coração se apertou mais que nunca. Senti que estava sendo egoísta e que era um erro persistir em abandoná-la; e quando me ajoelhei ao lado da minha cama, rezei mais fervorosamente que nunca por uma benção para ela e para os meus pais. Para esconder a minha emoção, enterrei o rosto nas mãos, que logo ficaram banhadas em lágrimas. Quando me levantei, percebi que ela também chorava, mas nenhuma de nós falou; em silêncio nós nos entregamos ao repouso, aproximando-nos da consciência de que iríamos nos separar em breve.

Mas a manhã trouxe uma renovação da esperança e da coragem. Eu deveria partir cedo para que o coche que me levaria (alugado do Sr. Smith, cortineiro, vendeiro e vendedor de chá da cidade) pudesse voltar no mesmo dia. Levantei-me, me vesti, tomei um rápido desjejum, recebi os abraços carinhosos de meu pai, minha mãe e minha irmã, beijei a gata, para grande escândalo de Sally, a empregada, e apertei sua mão. Subi no coche, puxei o véu sobre o rosto e então, e só então, irrompi numa catarata de lágrimas. O coche partiu. Olhei para trás; minha mãe e irmã queridas ainda estavam paradas à porta, olhando-me e acenando adeus. Respondi ao aceno e rezei a Deus, pedindo do fundo do coração que as abençoasse. Descemos a colina e não pude mais vê-las.

— A manhã está fria, senhorita Agnes — observou Smith —, e também escura; mas vamos chegar ao seu destino antes de cair essa chuva.

— Sim, espero que sim — respondi com toda a calma possível.

— Houve muita chuva esta noite.

— Sim.

— Este vento frio vai ajudar a afastá-la agora.

— Talvez ajude.

Aqui terminou o nosso colóquio. Cruzamos o vale e começamos a subir a colina oposta. Durante a subida, olhei novamente para trás; lá estava a torre da aldeia, e além dela a velha paróquia cinzenta, aquecendo-se ao raio inclinado de sol, um raio fraco. Mas a aldeia e as colinas em volta ainda estavam na sombra, saudei o raio de sol como um bom presságio para a nossa casa. Com as mãos apertadas, implorei com fervor por uma benção para toda a minha família e me virei rapidamente, pois vi que o sol estava se afastando; evitei a todo custo outro olhar, para não vê-la numa sombra melancólica como o restante da paisagem.

¹ Título comum na Índia atribuído aos altos dignitários, sultões, governadores, homens ricos e opulentos.

II

PRIMEIRAS LIÇÕES NA ARTE DA INSTRUÇÃO

Durante a viagem meu entusiasmo renasceu e me voltei com prazer para a contemplação da nova vida em que estava entrando. Mas, embora não tivéssemos passado muito da metade de setembro, as nuvens pesadas e o forte vento nordeste se combinaram para tornar o dia extremamente frio e sombrio; e a viagem parecia ser muito longa, pois, como observou Smith, as estradas estavam “muito pesadas”; e com certeza seu cavalo também estava muito pesado: subia os morros com lentidão e descia rastejando, e só consentia em balançar as ancas num trote nos pontos onde a estrada era rigorosamente nivelada ou tinha um declive muito fraco, casos raros naquelas regiões bastante acidentadas. Como consequência disso, já era quase uma hora quando chegamos ao nosso local de destino.

Quando afinal entramos pelos altos portões de ferro, seguindo mansamente pela entrada bem cuidada de carruagens, margeada dos dois lados por um gramado verde ornado de árvores jovens, e nos aproximamos da mansão de Wellwood, nova mas imponente, elevando-se acima dos bosques de choupos, senti o coração parar e desejei estar a uma milha ou duas dali. Pela primeira vez na vida eu estava sozinha: agora não havia como recuar. Tinha de entrar naquela casa e me apresentar a seus habitantes. Mas como faria isso? É verdade que eu já tinha quase dezenove anos; mas, graças à vida reclusa e à atenção protetora da minha mãe e da minha irmã, eu sabia que muitas moças de quinze anos ou menos tinham uma atitude mais madura e maior facilidade e autocontrole que eu. Ainda assim, se a Sra. Bloomfield fosse uma mulher maternal e gentil, eu poderia

me dar bem; e havia as crianças, é claro, com as quais eu logo deveria me sentir à vontade; com o Sr. Bloomfield, eu esperava ter pouco contato.

“Fique calma. Não importa o que aconteça, fique calma” pensei com meus botões. E na verdade mantive tão bem essa determinação, e estive tão ocupada em acalmar os meus nervos e abafar a agitação rebelde do meu coração que, quando levada à presença da Sra. Bloomfield, quase me esqueci de responder à sua polida saudação; mais tarde percebi que o pouco que de fato dissera fora falado num tom de alguém meio morto, ou semiadormecido. A senhora também foi um tanto fria nos seus modos, como descobri quando tive tempo para refletir. Era uma mulher alta, magra e imponente, de cabelos negros, frios olhos cinzentos e pele extremamente pálida.

Com a devida polidez, ela me levou ao meu quarto e ali me deixou para descansar. Ao me olhar no espelho, fiquei consternada com minha aparência: o vento frio tinha deixado as minhas mãos inchadas e vermelhas, os cachos dos meus cabelos estavam embaraçados e desfeitos e meu rosto tinha uma cor púrpura; acrescente o meu peitilho horivelmente amarrotado, o vestido salpicado de lama, os pés calçados em botas novas, mas grosseiras. Como minha bagagem não tinha sido trazida para o quarto, não havia o que fazer; arrumei o cabelo da melhor maneira possível e estiquei repetidamente o peitilho, que insistia em manter-se desalinhado; depois comecei a descer os dois lances de escada, filosofando enquanto descia; com alguma dificuldade descobri o caminho até a sala onde a Sra. Bloomfield me esperava.

Ela me conduziu à sala de jantar, onde o almoço da família estava servido. Alguns bifos e batatas meio frias foram colocados diante de mim; e enquanto eu jantava, ela se sentou do outro lado da mesa, observando-me (foi o que me pareceu) e se esforçando para conduzir alguma coisa que lembrasse uma conversa, e que consistia principalmente em uma sucessão de observações banais, expressas com rígida formalidade — mas isso talvez fosse mais minha culpa que dela, pois eu *realmente* não conseguia conversar. Na realidade, minha atenção estava absorvida quase por completo na refeição: não por causa de um apetite voraz, mas devido à

dureza dos bifes e à dormência das minhas mãos, quase paralisadas pela exposição de cinco horas à força do vento. Teria ficado feliz em comer as batatas e esquecer a carne, mas tendo um grande pedaço no meu prato, não poderia ser tão indelicada a ponto de simplesmente deixá-la ali; por isso, depois de muitas tentativas desajeitadas e mal sucedidas de cortá-la com a faca, rasgá-la com o garfo ou, de algum modo, tirar dela pequenos pedaços, e ciente de que a senhora observava toda a operação, acabei por agarrar desesperadamente o garfo e a faca, como uma menina de dois anos, e me lancei ao trabalho com a pouca força que me restava. Mas isso exigia um pedido de desculpas e, com uma débil tentativa de riso, eu disse, “minhas mãos estão tão dormentes por causa do frio que mal posso segurar o garfo e a faca”.

— Eu imaginava que você iria sentir frio — disse ela com uma gravidade impassível, inalterável, que não serviu para me tranquilizar.

Quando terminei o jantar, ela me levou de volta à sala de estar e mandou chamar as crianças.

— Você verá que eles não estão muito avançados nos seus conhecimentos — disse —, pois tenho bem pouco tempo para dedicar à educação, e achamos que até agora eles eram muito novos para uma preceptora; mas acredito que sejam crianças inteligentes e muito capazes de aprender, especialmente o menino, que é, acredito, a flor do rebanho. Um menino de espírito generoso e nobre, a ser orientado, não dirigido, e digno de nota por sempre dizer a verdade. Parece desprezar a mentira — isso era uma boa nova. — A irmã, Mary Ann, vai exigir vigilância — continuou ela —, mas é de modo geral uma boa menina. Quero que ela passe o maior tempo possível fora do quarto das crianças, pois já tem quase seis anos e pode aprender maus hábitos com as babás. Mande instalar uma pequena cama para ela no seu quarto, e se você fizer a gentileza de supervisioná-la quando for se banhar e vestir, e também cuidar das roupas dela, Mary Ann não vai precisar de mais nada das babás.

Respondi que estava disposta a fazer tudo o que ela pedia; e naquele momento meus jovens pupilos entraram na sala, com as duas irmãs mais novas. O jovem Tom Bloomfield era um menino crescido de sete anos, com

um corpo magro e rijo, cabelos louros, olhos azuis, nariz pequeno e arrebitado e pele muito clara. Mary Ann era também uma menina alta, um pouco sombria como sua mãe, mas com o rosto redondo e faces muito coradas. A segunda irmã era Fanny, uma menininha muito bonita. A Sra. Bloomfield me assegurou que era uma menina meiga e notável, que precisava de incentivo; ainda não tinha aprendido nada, mas em poucos dias completaria quatro anos e poderia receber as primeiras lições sobre o alfabeto e ser promovida à sala de estudos. A última era Harriet, uma coisinha de menos de dois anos, gordinha, alegre e brincalhona, de quem gostei mais que de todos os outros.

Conversei com meus jovens pupilos tão bem como me era possível, e tentei me apresentar de maneira agradável; não tive muito sucesso, pois a presença da mãe me colocava sob uma restrição desagradável. Mas eles eram notavelmente livres de acanhamentos. Pareciam crianças desembaraçadas e vivas, e esperei logo ser amiga deles, em especial do menino, de quem tinha ouvido tantos elogios da mãe. Mary Ann tinha no sorriso algo afetado, e um desejo de ser notada que observei com preocupação. Mas o irmão exigiu toda a minha atenção; colocou-se de pé entre mim e o fogo, com as mãos atrás das costas, e falava como um orador, interrompendo vez por outra o discurso com uma forte censura dirigida às irmãs, quando faziam muito barulho.

— Oh, Tom, meu querido! — exclamou sua mãe. — Venha beijar sua mamãe querida; e depois você não gostaria de mostrar à Sra. Grey sua sala de estudos e seus belos livros novos?

— Não vou beijá-la, mamãe; mas vou mostrar à Srta. Grey minha sala de estudos e meus livros novos.

— *Minha* sala de estudos e *meus* livros novos, Tom — disse Mary Ann. — Eles também são meus.

— São *meus* — retrucou ele terminantemente. — Vamos, Srta. Grey, eu a acompanho.

Depois de mostrados a sala e os livros, com algumas discussões petulantes entre irmão e irmã, que fiz o possível para apaziguar ou mitigar, Mary Ann trouxe sua boneca e começou a falar insistentemente sobre suas

boas roupas, sua cama, sua cômoda e outros pertences; mas Tom lhe disse para conter o falatório para que eu pudesse ver o cavalo de balanço que, com grande alvoroço, ele tinha trazido do canto para o meio da sala, gritando para que eu o observasse com atenção. Então, ordenando à irmã que segurasse as rédeas, ele montou e me fez ficar dez minutos observando como ele usava masculamente as esporas e o chicote. Nesse meio tempo, entretanto, eu admirava a bela boneca de Mary Ann e todas as suas posses; e então disse ao meu jovem senhor Tom que ele era um excelente cavaleiro, mas esperava que ele não usasse tanto o chicote e as esporas quando cavalgasse um cavalo de verdade.

— Ah, vou usar sim! — disse ele, batendo com ardor redobrado. — Vou cortá-lo como fumaça! Eu juro! Ele vai suar comigo.

Isso era muito chocante, mas eu esperava poder operar uma reforma na hora certa.

— Agora você precisa vestir um gorro e um xale — disse o pequeno herói —, vou lhe mostrar o meu jardim.

— E *meu* — disse Mary Ann.

Tom levantou o punho com um gesto ameaçador; ela deu um grito alto e estridente, correu para se esconder atrás de mim e fez uma careta para ele.

— Ora, Tom, você não deve bater na sua irmã! Espero *nunca* ver você fazer uma coisa dessas.

— Você vai ver às vezes: sou obrigado a fazer isso uma vez ou outra para mantê-la na linha.

— Mas não cabe a você mantê-la na linha. Isso é obrigação da...

— Bem, agora vá e vista o seu gorro.

— Não sei, está tão nublado e frio, parece que vai chover; e, você sabe, acabei de chegar de uma viagem muito longa.

— Não importa, você *tem* de vir; não aceito desculpas — replicou o menino presunçoso. E, como era o primeiro dia do nosso conhecimento, pensei que seria melhor fazer-lhe a vontade. Estava frio demais para Mary Ann sair, por isso ela ficou com a mãe, para grande alívio do irmão, que queria toda minha atenção para ele.

O jardim era bem grande, disposto com muito bom gosto; além de várias dalias esplêndidas, havia outras lindas flores ainda em botão; mas o meu companheiro não me dava tempo para examiná-las; tive de segui-lo pela grama molhada até um canto remoto e isolado, o lugar mais importante no terreno, porque continha o jardim *dele*. Havia dois canteiros redondos, com inúmeras plantas. Em um havia uma linda roseira pequena. Parei para admirar suas lindas flores.

— Isso não tem importância! — disse ele cheio de desprezo. — Esse é apenas o jardim da Mary Ann. Veja, *este* é o meu.

Depois que observei todas as flores e ouvi um tratado sobre cada planta, recebi permissão para partir; mas antes, com grande pompa, ele arrancou uma primula e me deu de presente, como alguém que concedesse um favor prodigioso. Observei alguns dispositivos feitos com gravetos e cordas na grama do seu jardim e perguntei o que eram.

— Arapucas para pássaros.

— Por que você os caça?

— Papai diz que eles causam prejuízos.

— E o que você faz com eles depois que os pega?

— Diversas coisas. Às vezes os dou ao gato; às vezes os corto em pedaços com meu canivete; mas pretendo assar o próximo vivo.

— E por que você quer fazer uma coisa tão horrível?

— Por duas razões: primeiro, para ver quanto tempo ele vive, e segundo, para ver que gosto ele tem.

— Mas você não sabe que é extremamente cruel fazer coisas assim? Lembre-se de que os pássaros sentem dor como você, então pense no que você iria sentir.

— Ora, que bobagem! Eu não sou pássaro e não posso sentir o que faço com eles.

— Mas um dia você vai ter de sentir, Tom. Já sabe para onde vão as pessoas más quando morrem; e se não parar de torturar pássaros inocentes, lembre-se, você vai para lá e vai sofrer exatamente o que os fez sofrer.

— Bobagem! Não vou, não. Papai sabe como os trato e nunca me culpa por isso. Diz que é exatamente o que ele fazia quando era menino. No verão

passado ele me deu um ninho cheio de filhotes de pardal e me viu arrancar-lhes as pernas, asas e as cabeças e não disse nada; só falou que eram bichos sujos e que eu não devia deixá-los emporcalhar minha calça. E o tio Robson também estava lá, e riu e disse que eu era um bom menino.

— Mas o que sua mãe diria?

— Ela não se importa! Diz que é uma pena matar os lindos pássaros canoros, mas com os pardais, ratazanas e ratos odiosos eu posso fazer o que quiser. Então, Srta. Grey, matá-los *não* é uma crueldade.

— Eu ainda acho que é, Tom; e talvez o seu pai e a sua mãe também achem se pensarem um pouco mais — e acrescentei para mim mesma: “Eles podem dizer o que quiserem, mas estou decidida que você não vai mais fazer nada assim, desde que eu tenha o poder de evitá-lo”.

Em seguida ele me levou pelo gramado para ver suas armadilhas de toupeiras, e depois ao campo de feno para ver as armadilhas de doninhas — uma das quais, para sua grande alegria, continha uma doninha morta. Depois fomos ao estábulo para ver não os cavalos de carruagem, mas um pequeno potro que, ele me informou, tinha sido criado para ele, e devia cavalgá-lo tão logo estivesse bem treinado. Tentei divertir o menino e ouvi com toda a complacência a sua conversa, pois achei que quaisquer que fossem as suas simpatias, eu devia tentar conquistá-las; e então, com o tempo, talvez pudesse lhe mostrar o erro das suas atitudes. Mas procurei em vão por aquele espírito nobre e generoso de que sua mãe tinha falado — mas vi que ele tinha certo grau de vivacidade e perspicácia quando queria.

Quando voltamos para a casa, já era quase hora do chá. O jovem Tom me disse que, como seu pai estava ausente, ele, eu e Mary Ann tomaríamos o chá com sua mãe, a convite dela. Nessas ocasiões ela sempre jantava com eles, na hora do chá, e não às seis da tarde. Logo depois da refeição, Mary Ann foi para a cama, mas Tom nos entreteve com a sua companhia e conversa até as oito. Depois que ele se foi, a Sra. Bloomfield me esclareceu quanto ao temperamento e conhecimentos dos seus filhos, sobre o que eles deveriam aprender, como deveriam ser tratados, e me avisou para não mencionar seus defeitos a ninguém além dela mesma. Minha mãe já havia me avisado para mencioná-los tão raramente quanto possível para ela, pois

as pessoas não gostam de ser informadas das falhas dos seus filhos, e então concluí que deveria manter silêncio completo sobre as crianças. Por volta das nove e meia a Sra. Bloomfield me convidou para uma ceia frugal de carne fria e pão. Fiquei feliz quando terminou e ela se retirou com o seu castiçal para repousar; pois, apesar de querer gostar dela, sua companhia era extremamente cansativa para mim; e não consegui evitar a impressão de que ela era fria, grave e desagradável — o extremo oposto da matrona gentil e calorosa que minhas esperanças haviam desenhado.

III

MAIS ALGUMAS LIÇÕES

Acordei na manhã seguinte com uma sensação de alegria esperançosa, apesar do desapontamento do dia anterior. Mas descobri que pentear Mary Ann não era tarefa fácil, pois precisava untar seus cabelos abundantes com creme, prendê-los em três longas tranças e amarrar com laços de fita: uma tarefa que meus dedos desacostumados tiveram grande dificuldade em executar. Ela me disse que sua babá terminava na metade do tempo e, ao manter uma atitude constante de impaciência, conseguiu aumentar em muito a minha demora. Quando tudo estava terminado, fomos para a sala de aula, onde encontrei meu outro pupilo e conversei com os dois por duas horas até chegar a hora de descer para o desjejum. Terminada a refeição e depois de ter trocado algumas palavras educadas com a Sra. Bloomfield, voltamos para a sala de estudos e demos início ao trabalho do dia. Meus alunos estavam de fato muito defasados, mas Tom, apesar de avesso a todo tipo de exercício mental, não deixava de ter suas habilidades. Mary Ann mal conseguia ler uma palavra, e era tão descuidada e desatenta que não consegui fazer nenhum progresso com ela. Mas, com muito trabalho e paciência, consegui obter algum sucesso durante a manhã e acompanhei os meus pupilos ao jardim e às redondezas para um recreio antes do almoço. Ali nos demos razoavelmente bem juntos, mas descobri que eles não tinham a intenção de me seguir: eu deveria segui-los aonde quer que decidissem me levar. Tinha de correr, caminhar ou parar da forma exata que se ajustasse aos seus caprichos. Isso, pensei, invertia a ordem das coisas; e descobri que era duplamente desagradável, pois nessa, como em outras ocasiões subsequentes, eles pareciam preferir os lugares mais sujos e as atividades mais sombrias. Mas não havia remédio; ou eu os seguia ou me mantinha afastada deles por completo, dando a impressão de estar negligenciando

meus pupilos. Nesse dia eles demonstraram uma ligação particular com um poço no fundo do gramado, onde ficaram brincando com paus e pedras durante mais de meia hora. Eu tinha um medo constante de que a mãe os visse de uma janela e me culpasse por permitir que se arrastassem no barro, sujando as roupas, e molhassem os pés e as mãos em vez de se exercitarem; mas nenhuma discussão, ordem, ou súplica foi capaz de afastá-los dali. Se *ela* não os via, alguém os via. Um senhor a cavalo tinha entrado pelo portão e vinha pela estrada; à distância de alguns passos de nós ele parou e chamou as crianças num tom irritado e penetrante, ordenando-lhes que se afastassem daquela água.

— Srta. Grey — disse ele —, supondo que a senhorita seja quem eu penso que seja, estou surpreso que tenha permitido que eles sujassem as roupas dessa maneira! Não está vendo como a Srta. Bloomfield sujou o vestido? E como as meias do senhorzinho Bloomfield estão completamente encharcadas? E que os dois estão sem luvas? Meu Deus! Gostaria de lhe *solicitar* que no futuro os mantenha no mínimo *decentes*!

Dito isso, virou-se e continuou o caminho até a casa. Era o Sr. Bloomfield. Estava surpresa de ele se referir aos filhos como senhorzinho e senhorita Bloomfield; e ainda mais surpresa por ele falar de forma tão grosseira comigo, a preceptora de seus filhos e uma perfeita estranha. Felizmente o sino tocou e nos chamou para a casa. Almocei com as crianças, enquanto ele e sua esposa almoçavam na mesma mesa. Sua conduta então não aumentou a minha estima por ele. Era um homem de estatura normal, mais baixo do que alto, mais magro que gordo, aparentemente entre os trinta e quarenta anos de idade; tinha a boca grande, uma pele branca e desbotada, olhos azuis leitosos e os cabelos da cor de corda de cânhamo. Tinha uma perna de carneiro assada à sua frente: serviu à Sra. Bloomfield, às crianças, e a mim, pedindo-me para cortar a carne dos meninos; então, depois de girar o carneiro em várias direções e olhá-lo de vários pontos de vista, ele o declarou inadequado para ser consumido e pediu carne fria de boi.

— Qual o problema com o carneiro, querido? — perguntou sua esposa.

— Foi assado em excesso. A senhora não percebe, Sra. Bloomfield, que todo o gosto foi retirado dele por ter sido assado demais? E não vê que todo aquele molho delicioso, vermelho, secou completamente?

— Bem, acho que a carne de boi vai lhe agradar.

A carne foi colocada diante dele, e ele começou a cortá-la com a mais infeliz expressão de insatisfação.

— Qual o problema, Sr. Bloomfield? A carne pareceu-me muito boa ontem.

— E realmente *estava* muito boa. Corte melhor não existe, mas foi completamente estragada — respondeu ele zangado.

— Como?

— Como! Ora, você não está vendo como a carne foi cortada? É absolutamente chocante!

— Devem tê-la cortado errado na cozinha, pois tenho certeza de que ontem a desossei corretamente.

— Não há dúvida de que eles cortaram errado na cozinha, aqueles selvagens! Meu Deus! Alguém já viu uma peça tão bela de carne de boi assim completamente arruinada? Cuide no futuro para que quando um prato decente deixar esta mesa, ele *não* seja sequer tocado na cozinha. Não se esqueça, Sra. Bloomfield!

Apesar do estado ruinoso da carne, o cavalheiro conseguiu separar para si algumas fatias finas, parte das quais ele comeu em silêncio. Quando tornou a falar, num tom menos queixoso, foi para perguntar o que havia para o jantar.

— Peru e tetraz — foi a resposta concisa.

— E o que mais?

— Peixe.

— Que espécie de peixe?

— Não sei.

— *Não* sabe? — gritou ele erguendo solenemente os olhos do prato e parando o garfo e a faca no ar espantado.

— Não. Eu disse à cozinheira para preparar um peixe, não especifiquei qual.

— Bem, esta é a pior de todas! Uma senhora afirma cuidar da casa e nem mesmo sabe que peixe será servido no jantar! Afirma pedir peixe, mas não especifica qual!

— Quem sabe, Sr. Bloomfield, no futuro o senhor decida o jantar.

Nada mais foi dito, e fiquei feliz ao sair da sala com meus pupilos. Nunca antes tinha me sentido tão envergonhada e tão pouco à vontade por alguma coisa que não fosse culpa minha.

À tarde voltamos a nos dedicar às lições; então saímos novamente; em seguida lanchamos na sala de estudos; depois vesti Mary Ann para a sobremesa. Quando ela e seu irmão desceram para a sala de jantar, aproveitei a oportunidade para começar uma carta para meus queridos amigos em casa. Mas as crianças voltaram antes que eu pudesse completar a metade dela. Às sete tive de levar Mary Ann para a cama; depois brinquei com Tom até as oito, quando ele também foi dormir; terminei então a carta, tirei minhas roupas das malas — o que ainda não tivera oportunidade de fazer — e finalmente fui para a cama.

Mas essa foi uma amostra muito favorável das atividades de um dia.

Minha tarefa de instrução e supervisão, em vez de ser facilitada à medida que os dois pupilos se acostumavam comigo, tornou-se mais árdua com a progressiva revelação do caráter dos dois. O nome preceptora, logo descobri, era uma zombaria quando aplicado a mim: meus pupilos não tinham uma noção maior de obediência que a de um potro selvagem, indomado. Em geral, só a presença do pai, e o medo do temperamento rabugento dele e dos castigos que ele lhes infligia quando estava irritado, os mantinha sob controle. As meninas também tinham o mesmo medo da raiva da mãe e de vez em quando ela subornava o menino para fazer o que se pedia com a promessa de alguma gratificação. Mas eu não tinha gratificação a oferecer; e foi me dado a entender que os pais reservavam para si o privilégio das punições; ainda assim, eles esperavam que eu mantivesse meus pupilos sob controle. Outras crianças podiam ser orientadas pelo medo da raiva ou pelo desejo de aprovação; mas nem o primeiro nem o segundo tinham efeito sobre aqueles dois.

O jovem senhor Tom, não contente em se recusar a receber ordens, exigia ser tratado como dominador e manifestava a determinação de manter na linha não apenas suas irmãs, mas também sua preceptora, através de solicitações manuais e podais violentas. E como ele era um menino alto e forte para sua idade, tais solicitações não geravam consequências triviais. Nessas ocasiões, alguns tapas sonoros nas orelhas teriam resolvido facilmente a questão. Mas percebi que ele inventava histórias para a mãe em que ela sempre acreditava, pois tinha uma fé inabalável na veracidade do que ele dizia. Decidi por isso evitar lhe bater, mesmo em autodefesa, e nos seus momentos mais violentos, meu único recurso era jogá-lo no chão de costas e prender suas mãos e pés até que se acalmasse o frenesi. De qualquer modo, eu já sabia que ele não era de forma alguma irrepreensível. À dificuldade de evitar que ele fizesse o que não devia, acrescentava-se a de forçá-lo a fazer o que devia. Ele em geral se recusava terminantemente a aprender ou a repetir as lições, ou mesmo a olhar o livro. Também nesse caso uma vara de bétula teria sido bem útil; mas como meus poderes eram tão limitados, eu era obrigada a me valer do que tinha.

Como não havia hora certa para estudo e divertimento, resolvi dar aos meus pupilos tarefas que, com atenção moderada, pudessem executar em pouco tempo. E até que estivesse completa, por mais cansada que eu me sentisse, ou por mais perversos que eles fossem, nada além da interferência dos pais poderia me levar a permitir que deixassem a sala de estudos, mesmo que fosse obrigada a sentar com a minha cadeira presa contra a porta para mantê-los ali. Paciência, firmeza e perseverança eram as minhas únicas armas; e eu estava decidida a usá-las ao máximo. Decidi sempre cumprir as ameaças e promessas que fazia; e, para tanto, devia me acautelar para não prometer nem ameaçar nada que não fosse capaz de cumprir. Eu reprimiria com cuidado toda minha irritabilidade inútil e meu mau humor; quando os dois se comportassem toleravelmente, eu seria tão gentil e amável quanto me fosse possível, para dar o exemplo mais amplo possível da diferença entre a boa e a má conduta. E também argumentava com eles de maneira mais simples e eficaz. Quando os reprovava ou me recusava a realizar seus desejos depois de uma falha muito grave, o fazia com mais

tristeza que raiva. Quando rezavam à noite e pediam perdão por suas ofensas, eu lhes lembrava, de forma solene mas com perfeita gentileza, dos pecados do dia que terminava; tornava os hinos e orações absolutamente claros e simples para sua compreensão; hinos penitenciais eram cantados pelos mais desobedientes, os mais alegres pelos bons; e todo tipo de instrução, tanto quanto possível, eu lhes oferecia com um discurso alegre, sem outro objetivo aparente que não o divertimento deles.

Com esses meios eu esperava no devido tempo beneficiar as crianças e ganhar a aprovação dos pais; e também convencer meus amigos em casa que não era tão desprovida de habilidade e prudência como supunham. Sabia que eram grandes as dificuldades que tinha de enfrentar; mas sabia (pelo menos acreditava) que a paciência e perseverança incansáveis seriam capazes de superá-las; e para tanto, toda noite e toda manhã eu implorava a ajuda divina. Mas as crianças eram tão incorrigíveis, e seus pais tão injustos, ou eu mesma tão errada nos meus pontos de vista ou tão incapaz de cumpri-los que minhas melhores intenções e os mais vigorosos esforços não pareciam produzir resultados melhores que diversão para as crianças, insatisfação para seus pais e tormento para mim.

O trabalho de instruir era tão árduo para o corpo como para a mente. Eu tinha de correr atrás dos meus pupilos para agarrá-los, arrastá-los até a mesa e segurá-los junto a ela, frequentemente pela força, até o término da aula. Em geral eu colocava Tom num canto da sala e me sentava numa cadeira diante dele, tendo na mão um livro que continha uma tarefa simples que devia ser executada ou lida antes que ele pudesse ser libertado. Ele não tinha a força necessária para me empurrar junto com a cadeira, e torcia o corpo e o rosto nas contorções mais grotescas e singulares — risíveis sem dúvida para um espectador desinteressado, mas não para mim —, dando gritos fortes e berros aflitos que deveriam representar choro, mas com completa ausência de lágrimas. Eu sabia que isso era feito com o único objetivo de me irritar, portanto, por mais que no íntimo eu tremesse de impaciência e irritação, lutava valentemente para suprimir todos os sinais visíveis de incômodo, e fingia uma calma indiferença, esperando até que lhe agradasse a cessação desse passatempo e ele se preparasse para a ida ao

jardim, lançasse um olhar de soslaio para o livro e lesse ou repetisse as poucas palavras que devia dizer. Às vezes ele se obstinava em escrever mal; e eu tinha de segurar a sua mão para evitar que ele borrarasse ou desfigurasse o papel. Em geral eu o ameaçava de, se não trabalhasse melhor, dar-lhe mais uma linha: ele então se recusava obstinadamente a escrever esta linha; e, para manter a palavra, eu me valia do expediente de segurar-lhe os dedos sobre a pena e arrastar pela força a sua mão para cima e para baixo até que, apesar da resistência, a linha estivesse de alguma forma completa.

Ainda assim, Tom não era de forma alguma o mais difícil dos meus pupilos: por vezes, para minha grande alegria, ele tinha o bom senso de ver que a política mais sábia era terminar suas tarefas e sair para se divertir até que sua irmã e eu saíssemos para nos juntar a ele. Mas em geral isso não acontecia, pois Mary Ann raras vezes seguia o exemplo do irmão nesse particular; aparentemente, ela preferia rolar no chão a qualquer outro divertimento: deixava-se cair como um peso de chumbo e quando eu, com grande dificuldade, conseguia erguê-la, ainda tinha de prendê-la por um braço, enquanto no outro segurava o livro do qual ela tinha de ler ou soletrar a sua lição. Quando o peso morto da menina grande de seis anos se tornava exaustivo para o meu braço, eu a transferia para o outro; ou, quando os dois estavam exaustos, eu a levava para um canto e lhe dizia que podia sair quando recuperasse o uso dos pés e se levantasse. Mas ela costumava preferir continuar deitada como um tronco até a hora do jantar ou do chá, quando, como não podia privá-la das suas refeições, ela tinha de ser libertada e saía se arrastando com um sorriso de triunfo no rosto redondo e vermelho. Muitas vezes ela se recusava teimosamente a pronunciar alguma palavra da sua lição; e hoje lamento o trabalho perdido na luta para vencer sua obstinação. Se a tivesse deixado passar como coisa sem importância, teria sido melhor para nós duas que lutar em vão para vencê-la como eu fazia. Mas eu acreditava ser meu dever absoluto destruir no nascedouro essa tendência depravada. E assim seria, se eu tivesse sido capaz de realizá-lo. Se meus poderes não tivessem sido tão limitados, eu poderia ter imposto obediência. Mas, tal como se deu, foi uma disputa de força entre mim e ela, em que ela em geral saía vitoriosa; e cada vitória servia para encorajá-la e

fortalecê-la para uma disputa futura. Em vão eu argumentava, lisonjeava, suplicava, ameaçava; em vão eu a proibia de sair para brincar ou, quando obrigada a sair com ela, eu me recusava a brincar com ela, a conversar gentilmente com ela, ou ter alguma coisa a ver com ela; em vão tentei expor as vantagens de fazer o que lhe era ordenado, e em consequência ser amada e tratada com consideração, e as desvantagens de persistir na sua absurda perversidade. Às vezes, quando ela me pedia para fazer alguma coisa para si, eu respondia:

— Claro, eu faço, basta você dizer aquela palavra. Vamos! É melhor você dizê-la logo, e tudo vai estar resolvido.

— Não.

— Então, é claro, não vou poder fazer nada por você.

Comigo, na idade dela ou menos, desatenção ou humilhação eram as punições mais temidas; mas para ela não faziam diferença. Às vezes, exasperada ao extremo, eu a sacudia violentamente pelos ombros, ou lhe puxava os longos cabelos, ou a colocava no canto; e então ela me punia com gritos altos e estridentes que me atravessavam a cabeça como uma faca. Sabia que eu detestava isso, e quando já tinha berrado ao máximo, olhava o meu rosto com um ar de satisfação vingativa.

— Ora, então! *Isso* é para você!

E tornava a gritar e gritar até eu ser forçada a tapar os ouvidos. Esses berros assustadores costumavam atrair a Sra. Bloomfield à sala para perguntar qual era o problema.

— Mary Ann é uma menina má, senhora.

— Mas o que são esses gritos escandalosos?

— Ela está gritando de raiva.

— Nunca ouvi barulho tão terrível! Parece que você a está matando. Por que ela não está com o irmão lá fora?

— Não consigo fazê-la terminar a lição.

— Mas, Mary Ann, você tem de ser uma *boa* menina e terminar suas lições. — Isso era falado de forma inexpressiva para a menina. — Espero nunca mais ouvir gritos tão terríveis outra vez!

E fixando sobre mim os olhos frios e pétreos, com uma expressão que não poderia jamais ser mal entendida, ela fechava a porta e se afastava. Eu às vezes tentava surpreender a pequena criatura obstinada e lhe perguntava desinteressadamente sobre a lição no momento em que ela pensava em outra coisa; em geral ela começava a dizê-la, mas de repente se continha com um olhar provocador que parecia dizer: “Ah! Eu sou inteligente demais para você; e você não vai me obrigar com sua astúcia”.

Em outra ocasião fingi esquecer toda a questão; conversei e brinquei com ela como de costume até a noite, quando a coloquei na cama; então, curvando-me sobre ela, deitada, toda sorrisos e bom humor, pouco antes de sair, eu lhe disse, de forma carinhosa e gentil como antes:

— Mary Ann, diga-me aquela palavra antes de eu lhe dar um beijo de boa noite. Você agora é uma boa menina, e é claro que vai dizê-la.

— Não, não vou.

— Então, não posso beijá-la.

— Bem, não me importo.

Em vão expressei minha tristeza; em vão esperei um sintoma de arrependimento; ela realmente não se importava, e a deixei só e no escuro, espantada diante dessa última prova de teimosia insensata. Na minha infância eu não conseguia imaginar uma punição mais aflitiva que minha mãe recusar-me um beijo à noite: a simples ideia era aterradora. Isso nunca passou de uma ideia, pois felizmente jamais cometi uma falta que fosse considerada merecedora de tão grave punição; mas uma vez, eu me lembro, por uma transgressão da minha irmã, minha mãe considerou adequado infligi-la sobre ela. O que ela sentiu, não sei; mas minhas lágrimas de empatia e meu sofrimento por ela, não vou esquecer tão cedo.

Outro traço problemático de Mary Ann era sua propensão incorrigível de entrar correndo no quarto de brinquedos e brincar com suas irmãs menores e com a babá. Isso era natural, mas, por contrariar o desejo expresso da sua mãe, eu lhe proibia tais brincadeiras e fazia o possível para mantê-la comigo; mas isso só fazia aumentar o seu desejo de continuar na sala de brinquedos, e quanto mais eu lutava para mantê-la fora, maior a frequência com que ela ia para lá, e mais tempo permanecia lá dentro, para

grande desprazer da Sra. Bloomfield que, eu bem sabia, lançava sobre mim toda a culpa por esse problema.

Outra das minhas provações era vesti-la pela manhã. Certa vez ela não quis se lavar; outra ela não queria se vestir, a menos que pudesse usar um vestido específico que sua mãe não gostaria que ela vestisse; ainda em outra ocasião, ela começou a gritar e fugir cada vez que eu tentava tocar seus cabelos. Com isso, quando, depois de muita luta e trabalho, eu finalmente conseguia descer com ela, o desjejum já estava quase no fim, os olhares hostis da “mamãe” e as observações impacientes do “papai” referentes a mim ou dirigidas a mim eram a minha recompensa — pois poucas coisas o irritavam tanto quanto a impontualidade nas refeições. Em meio às irritações da Sra. Bloomfield encontrava-se a minha incapacidade de atender às suas preferências relativas às roupas da sua filha; e os cabelos da menina nunca estavam “em condições de serem vistos”. Às vezes, como uma forte censura a mim, ela própria executava a função de figurinista, e então se queixava amargamente do trabalho que eu lhe dava.

Quando a pequena Fanny chegou à sala de estudos, eu esperava que ela fosse pelo menos meiga e inofensiva; mas alguns dias, se não algumas horas, foram suficientes para destruir essa ilusão: descobri nela uma criaturinha maligna e intratável, dada à falsidade e à mentira, mesmo ainda jovem como era. Tinha uma alarmante predileção pelo exercício de suas duas armas, uma de ataque e outra de defesa: cuspir no rosto de quem incorria no seu desagrado, e berrar como um touro quando seus desejos desarrazoados não eram satisfeitos. Como ela era em geral muito calma na presença dos pais, e eles estavam convencidos de ser ela uma criança notavelmente delicada, suas falsidades eram aceitas de imediato, e seus bramidos levavam a suspeitar de um tratamento cruel e imprudente de minha parte. Quando, afinal, seu temperamento difícil se tornou evidente mesmo aos olhos preconceituosos dos pais, percebi que tudo era atribuído a mim.

— Fanny está se tornando uma menina má! — a Sra. Bloomfield dizia ao seu esposo. — Você notou, querido, como ela está alterada desde que

entrou na sala de estudos? Logo ela vai ser tão má como os outros dois; e eles, lamento dizer, se deterioraram muito ultimamente.

— Você tem razão — foi a resposta. — Eu tenho pensado a mesma coisa. Pensei que depois de contratarmos uma preceptora eles iriam progredir; mas, pelo contrário, ficam piores a cada dia. Não sei como se passa a aprendizagem das crianças, mas seus hábitos não apresentam nenhum tipo de melhoria; estão mais grosseiros, mais sujos e mais mal apresentados a cada dia que passa.

Eu sabia que todos aqueles comentários eram dirigidos a mim; eles, e todas as insinuações semelhantes, afetavam-me mais profundamente que qualquer acusação aberta, pois contra esta última eu teria falado em minha própria defesa. Agora eu julgava que o plano mais inteligente seria reprimir todo impulso rancoroso, suprimir todo retraimento sensível e continuar a fazer com perseverança o melhor que pudesse; pois, por mais aborrecida que fosse a minha situação, eu desejava sinceramente mantê-la. Pensava que, se pudesse continuar a lutar com firmeza e integridade incansáveis, com o tempo as crianças se humanizariam: cada mês contribuiria para torná-los um pouco mais sábios e, em consequência, mais dóceis; pois uma criança de nove ou dez anos frenética e intratável como essas de seis ou sete teria de ser louca.

Tinha a esperança de, ao me manter ali, estar beneficiando meus pais e minha irmã; pois, por menor que fosse o salário, ainda assim eu ganhava alguma coisa e, com severa economia, poderia com facilidade guardar alguma coisa para eles, se generosamente aceitassem. Afinal, fora por minha própria vontade que eu obtivera aquele trabalho; tinha trazido todo aquele sofrimento para mim e estava determinada a suportá-lo. Mais que isso, eu nem chegava a lamentar o passo que tinha dado. Desejava mostrar à minha família que tinha competência para assumir aquela responsabilidade e que era capaz de cumprir com honra a tarefa até o fim. E se sentisse ser degradante me submeter tão silenciosamente e de forma intolerável esgotar-me constantemente, voltaria para minha casa e a mim mesma:

Podem me esmagar, mas não me dominarão!

É em ti que eu penso, não neles.¹

No Natal, tive permissão para visitar minha família, mas minhas férias tiveram a duração de apenas uma quinzena.

— Pensei — disse a Sra. Bloomfield — que como você tinha acabado de ver os amigos, não iria fazer questão de uma estadia mais longa.

Deixei que ela pensasse assim. Mas ela mal sabia como aquelas catorze semanas tinham sido tão longas, tão cansativas; com que intensidade eu tinha esperado as férias e como fiquei desapontada com sua pequena duração. Ainda assim, a culpa não era dela. Eu nunca tinha lhe contado os meus sentimentos e não se poderia esperar que ela os adivinhasse; não havia cumprido um período completo, e ela tinha razão em não me oferecer férias completas.

¹ Trecho de “Stanzas to Augusta”, Lord Byron: *“They may crush, but they shall not contemn./ They may torture, but shall not subdue me. Tis of thee that I think — not of them.”*

IV

A AVÓ

Não me estenderei no relato do meu prazer ao chegar em casa, da minha felicidade enquanto estive lá, desfrutando um breve período de descanso e liberdade naquele lugar querido e familiar, entre os que me amavam e a quem eu amava, e da minha tristeza ao ser obrigada a lhes dizer mais uma vez um longo adeus.

Mas digo que voltei com vigor renovado ao meu trabalho, uma tarefa mais árdua que possa imaginar qualquer um que não tenha sentido algo semelhante à infelicidade de ser responsabilizado pela assistência e orientação de um grupo de rebeldes perversos e turbulentos, e cujos esforços mais ingentes não conseguem obrigá-los ao dever; enquanto, ao mesmo tempo, é responsável também pela conduta desse grupo perante um poder mais alto, que obtém o que não pode ser conquistado sem a interferência da autoridade superior; e que ou por indolência ou pelo medo de se tornar impopular diante daquele grupo rebelde, se recusa a oferecer ajuda. Só posso conceber poucas situações mais ameaçadoras que aquela em que, por mais que você deseje o sucesso, por mais que trabalhe para cumprir o seu dever, tem os esforços frustrados e reduzidos a nada por aqueles abaixo de você, e injustamente censurados e mal avaliados por aqueles acima.

Por medo de abusar da paciência do leitor, o que eu talvez já tenha feito, não relacionei nem a metade das tendências inquietantes dos meus pupilos ou dos problemas resultantes das minhas pesadas responsabilidades; mas meu propósito ao escrever as últimas páginas não foi divertir, e sim beneficiar aqueles a quem elas possam interessar; quem não tem interesse nesses assuntos sem dúvida saltaram-nas com um olhar apressado e, quem sabe, com uma maldição contra a prolixidade do escritor; mas se algum pai

recolheu delas uma sugestão útil, ou uma infeliz governanta recebeu o menor benefício, considero-me bem gratificada pelos meus trabalhos.

Para evitar problemas e confusão, tomei meus pupilos um por um e examinei suas várias qualidades; mas isso não dá a ideia adequada do fato de ser responsável pelos três juntos, quando, como é em geral o caso, todos se determinavam a “ser maus, e aborrecer a Srta. Grey e provocar a sua ira”.

Às vezes, nessas ocasiões, de repente me ocorria um pensamento: “Se eles pudessem me ver agora!”, referindo-me evidentemente aos meus amigos em casa; e a ideia de como eles teriam pena de mim me fazia ter pena de mim mesma, uma pena tão grande que tinha dificuldade em conter as lágrimas: mas eu as continha até que meus pequenos supliciadores saíam para a sobremesa, ou para dormir (minhas únicas perspectivas de libertação), e então, na felicidade da solidão, me dava o luxo de um acesso de choro descontrolado. Mas essa era uma fraqueza a que eu não cedia com frequência: minhas tarefas eram muito numerosas e meus momentos de lazer preciosos demais para que eu me permitisse dedicar muito tempo a lamentações inúteis.

Lembro-me particularmente de uma tarde com muita neve, logo depois do meu retorno em janeiro. As crianças tinham subido do almoço, declarando em altas vozes a intenção de “serem más”; e mantiveram a decisão, apesar de eu ter falado até ficar rouca e cansado todos os músculos da minha garganta na vã tentativa de convencê-los a desistir. Tinha acabado de prender Tom num canto, de onde, eu lhe disse, não poderia escapar antes de terminar a sua tarefa. Enquanto isso, Fanny havia tomado posse da minha bolsa de trabalho e estava revirando o seu conteúdo, cuspiendo nele durante o processo. Eu lhe disse para soltá-la, mas evidentemente sem sucesso. “Jogue no fogo, Fanny”, gritou Tom: e ela se apressou em obedecer. Dei um salto para arrancar a bolsa da lareira e Tom disparou para a porta, gritando, “Mary Ann, jogue lá fora a escrivaninha dela!” E minha preciosa escrivaninha, com minhas cartas e papeis, meu pouco dinheiro e todos os meus objetos de valor, estava a ponto de ser lançada da janela do terceiro andar. Corri para salvá-la. Enquanto isso Tom tinha saído da sala e descia correndo as escadas, seguido por Fanny. Depois de salvar a

escrivaninha, corri para alcançá-los, e Mary veio a galope atrás. Os três conseguiram fugir de mim e saíram da casa para o jardim, onde passaram a saltar na neve, gritando e berrando numa alegria exultante.

O que eu poderia fazer? Se os seguisse, provavelmente não conseguiria alcançar nenhum deles, só os faria ir ainda mais longe; se não o fizesse, como iria trazê-los de volta para casa? E o que os pais pensariam de mim, se vissem ou ouvissem os meninos fazendo algazarra na neve profunda e macia, sem chapéu, sem luvas, sem botas? Enquanto fiquei nessa perplexidade, bem na frente da porta, do lado de fora, tentando forçá-los à submissão com olhares severos e palavras iradas, ouvi uma voz atrás de mim, exclamando em um tom áspero e penetrante:

— Srta. Grey! Será possível? Em nome do demô..., no que a senhorita está pensando?

— Não consigo trazê-los para dentro, senhor — disse eu, voltando-me e encarando o Sr. Bloomfield, os cabelos arrepiados e os pálidos olhos azuis a ponto de saltar das órbitas.

— Mas eu *insisto* que eles devem entrar! — gritou ele, aproximando-se mais e aparentando total ferocidade.

— Então o senhor mesmo terá de chamá-los, por favor, pois eles não me ouvem — respondi dando um passo atrás.

— Entrem imediatamente, seus moleques imundos; ou vou cobri-los de chicotadas! — urrou ele, e as crianças obedeceram instantaneamente. — Está vendo? Eles entraram ao primeiro comando!

— Sim, quando *o senhor* fala.

— E é muito estranho que quando cuida deles, a senhorita não consiga um controle melhor que esse! E agora lá estão eles, subindo a escada com os pés sujos de neve. Vá atrás e cuide para que estejam apresentáveis, pelo amor de Deus!

A mãe desse senhor estava então hospedada na casa; e quando eu subi as escadas e passei pela porta da sala de visitas tive a satisfação de ouvir a velha senhora falando em voz alta para a nora (só consegui distinguir as palavras mais enfáticas):

— Meu Deus! Nunca em toda minha vida...! ... vi a morte deles tão certa quanto...! Você acredita, minha querida, que ela seja uma pessoa adequada? Pode acreditar...

Não ouvi mais nada, mas aquilo foi suficiente.

A senhora Bloomfield mais idosa tinha sido muito atenciosa e educada nas relações comigo; até aquele momento eu a considerava uma anciã simpática, de bom coração e loquaz. Com frequência ela vinha até mim e conversava num tom confidencial; acenando e balançando a cabeça, gesticulando com as mãos e os olhos, como faz certa classe de velhas senhoras; embora eu não conhecesse nenhuma que levasse tão longe essa peculiaridade. Chegava mesmo a simpatizar comigo pelos meus problemas com as crianças e, por vezes, a expressar por meias sentenças, intercaladas de acenos de cabeça e piscadelas cúmplices, a sua percepção da conduta imprudente da mãe ao restringir o meu poder e deixar de me apoiar com a sua autoridade. Esse modo de afirmar desaprovação não era muito do meu gosto, e em geral eu me recusava a aceitá-la ou a entender qualquer coisa além do que era dito abertamente; pelo menos nunca passei de um reconhecimento implícito de que se as coisas estivessem ordenadas de outra forma a minha tarefa não seria tão difícil, e eu teria mais condições de orientar e instruir meus pupilos; mas agora me via obrigada a ser duplamente cautelosa. Até então, apesar de ver que a velha senhora tinha defeitos (dos quais um era a disposição de proclamar suas perfeições), eu estivera sempre disposta a desculpá-los, e dar a ela o crédito por todas as virtudes que proclamava, e até imaginar outras ainda desconhecidas. A bondade, que tinha sido o alimento da minha vida durante muitos anos, tinha-me sido negada a tal ponto que recebi com alegria reconhecida a seu símile mais insignificante. Não chegava a ser surpresa o meu coração ter acolhido calorosamente a velha senhora, e sempre ter-se alegrado com a sua chegada e lamentado a sua partida.

Mas agora, as poucas palavras feliz ou infelizmente ouvidas de passagem tinham transformado por completo as minhas ideias em relação a ela: agora a via como uma pessoa hipócrita e falsa, uma adúladora, uma espiã das minhas palavras e atos. Sem dúvida teria sido de meu interesse

continuar a encontrá-la com o mesmo sorriso alegre e com o tom de cordialidade respeitosa de antes; mas não fui capaz, mesmo que quisesse: a minha atitude se alterava com os meus sentimentos, e eles ficaram tão frios e distantes que ela não poderia deixar de notar. E tão logo notou, a sua atitude também se alterou: o aceno familiar se transformou numa mesura rígida, o sorriso gracioso deu lugar ao olhar de ferocidade de uma górgona. Sua loquacidade alegre se transferiu de mim para os “queridos meninos e meninas”, a quem ela adulava e tudo perdoava de maneira ainda mais absurda que a praticada pela mãe.

Confesso que fiquei um tanto perplexa com essa mudança: temia as consequências do aborrecimento dela, e cheguei a fazer alguns esforços para recuperar o terreno perdido — com maior sucesso do que poderia ter esperado. Certa vez, por mera educação, perguntei pela sua tosse; imediatamente seu rosto comprido relaxou num sorriso e ela me brindou com uma história particular daquela e de outras enfermidades, seguida por um relato da sua resignação pia, contada no estilo enfático declamatório que lhe era comum e que não pode ser retratado em nenhum texto escrito.

— Mas existe um remédio para tudo, minha querida, e é a resignação (um movimento da cabeça), resignação à vontade de Deus (levantamento das mãos e olhos). Foi o que me sustentou em todas as minhas provas, e sempre com sucesso (uma sucessão de acenos da cabeça). Mas nem todo mundo pode dizer o mesmo (um balanço da cabeça). Porém, eu sou uma mulher pia, Srta. Grey (um movimento significativo da cabeça). E, graças a Deus, sempre fui (mais um aceno) e nisso eu me glorifico (um enfático aperto de mãos e aceno da cabeça).

E então, após vários textos das Escrituras citados ou aplicados com erro, e exclamações religiosas repletas de ridículo no estilo de apresentação e na maneira de trazê-las à baila (quando não nas expressões em si) que abro mão de repetir aqui, ela se retirava, balançando a cabeça com ótimo humor — pelo menos com relação a si mesma — e me deixava com a esperança de que, no final das contas, era mais inepta que infesta.

Na sua visita seguinte a Wellwood House, cheguei a dizer que estava feliz em vê-la com uma aparência tão boa. O efeito foi mágico: as palavras,

que deveriam ser entendidas como um sinal de civilidade, foram recebidas como um cumprimento elogioso; seu rosto se iluminou, e a partir daquele momento ela se tornou a pessoa mais gentil e afável que um coração poderia desejar, pelo menos na aparência. Pelo que então eu via nela e pelo que ouvi das crianças, sabia que para ganhar sua amizade cordial, só teria de dizer uma palavra de lisonja em cada oportunidade conveniente. Mas isso ia contra os meus princípios, e por falta dessa palavra, a caprichosa velha senhora logo me privou novamente do seu favor, e creio que também provocou muitos prejuízos secretos.

Ela não poderia influenciar a nora contra mim, pois entre as duas havia uma aversão mútua, demonstrada por ela principalmente em difamações e calúnias, e pela outra, no excesso da fria formalidade de atitudes; nem o maior excesso de bajulação da mais velha seria capaz de derreter a muralha de gelo erguida pela mais nova. Mas com o filho a velha senhora tinha mais sucesso: ele ouvia tudo que tivesse a dizer, desde que ela conseguisse acalmar o seu temperamento assustador e evitar irritá-lo com as próprias asperezas. Tenho razões para acreditar que ela reforçou de forma considerável o preconceito dele contra mim. Dizia-lhe que eu era vergonhosamente desleixada no trato com os meninos, e que nem mesmo a sua esposa cuidava deles como deveria; e que era dele a obrigação de cuidar dos filhos, ou eles se perderiam.

Em função disso, ele com frequência se dava ao trabalho de observá-los pelas janelas quando estavam brincando; às vezes os seguia pelo jardim e aparecia de surpresa diante deles quando estavam chapinhando no poço proibido, conversando com o cocheiro nos estábulos ou rolando na terra de cultivo, e eu, enquanto isso, parada, cansada, depois de ter esgotado a minha energia em tentativas vãs de tirá-los dali. Ele também aparecia inesperadamente na sala de estudos enquanto as crianças estavam tomando suas refeições, e as via derrubando o leite na mesa e sobre si mesmas, enfiando os dedos nas próprias canecas e nas dos outros, brigando sobre o que tinham para comer como uma ninhada de filhotes de tigre. Se naquele momento eu estivesse calada, estaria sendo conivente com a sua conduta desordeira; se (como era em geral o caso) eu estivesse erguendo a voz para

impor a ordem, estaria usando violência indevida, e dando às meninas um mau exemplo de linguagem e entonação grosseiras.

Lembro-me de uma tarde de primavera, quando, devido à chuva, eles não puderam sair; mas, por uma sorte notável, todos tinham terminado as lições, e ainda assim decidiram não correr ao andar inferior para atormentar os pais, uma travessura que me irritava muito, mas que, nos dias chuvosos, eu raramente conseguia evitar. Lá embaixo eles encontravam novidade e diversão, em especial quando havia visitas na casa; e a mãe deles, apesar de me ordenar mantê-los na sala de estudos, nunca os repreendia por terem saído ou se preocupava em mandá-los de volta. Mas naquele dia, eles pareceram satisfeitos com o local onde estavam e, o que era ainda mais maravilhoso, aparentavam estar dispostos a brincar juntos sem depender da minha presença e sem brigar. Sua atividade era um tanto desconcertante: estavam todos sentados no chão junto da janela, sobre uma pilha de brinquedos quebrados e vários ovos, ou melhor, cascas de ovos, pois felizmente os conteúdos tinham sido retirados. Havia quebrado as cascas e estavam triturando-as em fragmentos mínimos, com que finalidade eu não conseguia imaginar; mas, desde que ficassem calmos e não estivessem inegavelmente envolvidos em nenhuma maldade, eu não me importava; e com um sentimento anormal de repouso, sentei-me diante do fogo, dando os últimos pontos num vestido para a boneca de Mary Ann; pretendia, quando tivesse terminado, escrever uma carta para minha mãe. De repente a porta se abriu, e a cabeça desbotada do Sr. Bloomfield olhou para dentro.

— Está tudo muito calmo aqui! O que vocês estão fazendo? — “Pelo menos *hoje*, nada de errado”, pensei comigo mesma. Mas ele tinha uma opinião diferente. Depois de avançar até a janela e ver a atividade dos meninos, exclamou:

— Que diabos vocês estão fazendo?

— Estamos triturando cascas de ovo, papai — exclamou Tom.

— E vocês *ousam* fazer essa imundície, seus demônios? Não veem a lambança que estão fazendo no tapete? — O tapete era uma capa marrom lisa de proteção. — Srta. Grey, você não viu o que eles estão fazendo?

— Vi sim, senhor.

— Você *sabia*?

— Sabia.

— Você sabia! E continuou sentada e permitiu que eles continuassem sem uma única palavra de censura!

— Não me pareceu que eles estivessem fazendo mal algum.

— Mal algum? Veja só aquilo! Olhe aquele tapete, você já viu algo assim antes em uma casa cristã? Não é de se espantar que seu quarto não sirva nem para chiqueiro; não é de se espantar que seus pupilos sejam piores que uma ninhada de porcos! Não é de espantar... ora, eu vou lhe dizer, isso é demais para a minha paciência. — E saiu, fechando a porta com uma pancada que provocou risos nas crianças.

“É demais para a *minha* também!” murmurei, levantando-me; e tomando o atizador revolvi repetidamente as cinzas, atijando-as com uma energia injustificável; consegui assim, sob o pretexto de melhorar o fogo, aliviar a minha irritação.

Depois desse dia, o Sr. Bloomfield passou a verificar constantemente se a sala de estudos estava em ordem; e como as crianças sempre sujavam o chão com fragmentos de brinquedos, gravetos, pedras, folhas e outros entulhos que eu não conseguia evitar que levassem para lá nem obrigá-los depois a juntar, e que os empregados se recusavam a “limpar para eles”, eu tinha de gastar uma parte considerável dos meus momentos de descanso de joelhos no chão, organizando penosamente as coisas. Uma vez disse a eles que só iriam provar o jantar depois de terem recolhido tudo do tapete; Fanny poderia comer depois de recolher certa quantidade; Mary Ann, depois de ter recolhido o dobro daquela quantidade; e Tom teria de recolher o resto. Fácilimo de falar. As meninas fizeram a sua parte, mas Tom se enfureceu sobremaneira, voou sobre a mesa, espalhou o pão e o leite no chão, bateu nas irmãs, chutou o balde de carvão, espalhando seu conteúdo, tentou virar a mesa e as cadeiras e pareceu inclinado a transformar todo o conteúdo da sala em uma “Despensa Douglas”.¹ Mas eu o detive, mandei Mary Ann chamar sua mãe, segurei-o apesar dos chutes e socos, gritos e execrações, até que a Sra. Bloomfield fizesse sua aparição.

— Qual o problema com o meu filho?

Quando o problema lhe foi explicado, tudo que ela fez foi chamar a babá para pôr ordem na sala de estudos e levar a ceia para o pequeno senhor Bloomfield.

Tom gritou triunfante, erguendo os olhos do seu prato, a boca quase cheia demais para poder falar.

— Ora, Srta. Grey! Veja! Recebi a minha ceia apesar da senhorita; e não tive de recolher coisa alguma!

A única pessoa naquela casa que tinha um pouco de pena de mim era a pajem, que tinha passado pelas mesmas aflições, ainda que em menor grau, pois não tinha a tarefa de ensinar nem a responsabilidade pelo procedimento dos seus pacientes.

— Oh, Srta. Grey! — dizia ela.—A senhorita tem problemas demais com esses meninos!

— Tenho de fato, Betty; e acho que você sabe como são as coisas.

— Sei mesmo! Mas não me atormento por causa deles como a senhorita. Eu lhes dou um tapa vez ou outra: e nos pequenos, dou umas chicotadas de vez em quando e, como dizem, não há nada mais que se possa fazer por eles. Mas por isso eu perdi o emprego.

— Perdeu, Betty? Ouvi dizer que você ia sair.

— Ah, é verdade! A senhora me deu um aviso há três semanas. Ela me disse antes do Natal o que aconteceria se eu batesse neles de novo. Mas não consegui manter as mãos longe deles. Não sei como fazer, pois a senhorita Mary Ann é muito pior que as irmãs!

¹ Referência a um episódio da guerra de independência da Escócia. O castelo de James Douglas foi ocupado por soldados ingleses em 1307. No Domingo de Ramos, a guarnição inglesa saiu do castelo para ir à igreja, onde foram cercados, mortos e presos. Os presos foram levados ao castelo. Todos os suprimentos foram acumulados no porão, os barris de vinho estourados e a madeira usada como combustível. Os prisioneiros foram decapitados e jogados sobre os suprimentos, e antes de partir envenenaram a água com sal e cavalos mortos. Tudo isso ficou conhecido como “Despensa Douglas”.

V

O TIO

Além da velha senhora, havia mais um parente na família cujas visitas eram um grande aborrecimento para mim: o tio Robson, irmão da senhora Bloomfield. Um sujeito alto e autossuficiente, de cabelos negros e pele pálida como a da sua irmã, um nariz que parecia desdenhar a terra, olhos cinzentos, em geral semicerrados, com uma mistura de estupidez verdadeira e desprezo fingido por todos os objetos à sua volta. Era um homem atarracado e forte, mas tinha encontrado alguma forma de comprimir a cintura num círculo estreitíssimo; e isso, com a calma antinatural da sua forma, mostrava que o orgulhoso e varonil Sr. Robson, que zombava do sexo feminino, não estava acima da vaidade dos espartilhos. Raramente se dignava a me notar; quando o fazia, era com certa insolência arrogante na voz e nas atitudes, o que apesar de ter o propósito contrário convenceu-me de que ele não era um cavalheiro. Mas não era tanto por isso que eu não apreciava sua chegada, e sim pelo mal que ele fazia às crianças, incentivando suas tendências más e desfazendo em poucos minutos o pouco bem que eu conseguira em meses de trabalho.

Ele raramente condescendia em notar Fanny e a pequena Harriet; mas Mary Ann era sua favorita. Ele incentivava nela, continuamente, a tendência à afetação (que eu fizera o máximo para eliminar), falando do lindo rosto, enchendo-lhe a cabeça com todo tipo de noção vaidosa relativa à aparência pessoal dela (que eu lhe tinha instruído a considerar como grãos de poeira em comparação com o cultivo da mente e do comportamento); nunca vi uma criança tão suscetível à lisonja quanto ela. Tudo que havia de errado, nela e no irmão, ele incentivava com risos, quando não com elogios: as pessoas não percebem o mal que fazem às crianças quando riem dos seus

erros e fazem blague do que os verdadeiros amigos destas se esforçaram para lhes ensinar a manter em total desprezo.

Apesar de não chegar a ser um beerrão, o Sr. Robson costumava engolir grandes quantidades de vinho e tomava com prazer um cálice ocasional de conhaque com água. Ensinou o sobrinho a imitá-lo nesse hábito com o máximo da sua capacidade, e a acreditar que quanto mais vinho ele tomasse, e quanto mais os apreciasse, mais estaria manifestando sua audácia e espírito viril e pairando acima das irmãs. O Sr. Bloomfield não tinha muito a dizer contra esses conselhos, pois sua bebida favorita era o gin com água; que ele consumia em quantidade considerável todo dia, pois o bebericava constantemente — e a esse hábito eu atribuía a palidez da sua pele e o seu temperamento rabugento.

O Sr. Robson também incentivava, tanto por conselhos como por exemplos, a propensão de Tom a perseguir as criações inferiores. Quando vinha caçar ou atirar nas terras do cunhado, o que ocorria com frequência, ele trazia seus cães favoritos; e os tratava com tamanha brutalidade que, pobre como eu era, teria dado uma moeda de um soberano para ver um deles mordê-lo, desde que o animal pudesse fazê-lo com impunidade. Às vezes, quando estava numa disposição mais complacente, ele ia caçar ninhos de pássaros com as crianças, uma coisa que me irritava e incomodava demais, pois me orgulhava de ter mostrado parcialmente a eles, por meio de tentativas perseverantes, a crueldade desse passatempo, e esperava conduzi-los a um senso de justiça e humanidade; mas não mais que dez minutos de caçada aos ninhos de pássaros com o tio Robson, ou até mesmo uma risada dele a uma relação das barbaridades anteriores, era suficiente para destruir o efeito de todo o meu curso elaborado de raciocínio e persuasão. Felizmente, durante aquela primavera eles só encontraram ninhos vazios ou ovos, e estavam impacientes demais para esperar a eclosão dos pássaros. Houve uma única exceção; naquela vez, Tom, que estivera com o tio na *plantation* vizinha, voltou correndo ao jardim muito alegre com uma ninhada de filhotes implumes nas mãos. Mary Ann e Fanny, que saíam comigo da casa, correram a admirar a sua pilhagem e pedir um passarinho para cada uma delas.

— Não, nem um! — gritou Tom. — São todos meus; o tio Robson deu todos para mim, um, dois, três, quatro, cinco, vocês não vão pôr a mão em nenhum deles! Nenhum, nem mortas! — continuou ele, exultante; colocou o ninho no chão e parou sobre ele com as pernas abertas, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, o corpo curvado para frente, o rosto deformado em contorções no êxtase do seu prazer.

— Mas vocês vão me ver acabar com eles, palavra de honra, eu vou esmagá-los. Vejam se não acabo com eles agora. Caramba! Nesse ninho tem um ótimo esporte para mim!

— Mas, Tom — disse eu —, não vou permitir que você torture esses pássaros. Eles devem ser mortos imediatamente ou levados de volta ao lugar de onde você os retirou, para que os pássaros mais velhos possam continuar a alimentá-los.

— Mas a senhorita não sabe onde os encontrei. Só eu e o tio Robson sabemos.

— Mas se você não me contar, os mato eu mesma, por mais que sofra com isso.

— A senhorita não vai ter coragem. Não vai ter coragem de encostar um dedo neles, pelo seu próprio bem! Porque a senhorita sabe que o papai, a mamãe e o tio Robson ficariam bravos. Ha, ha! Agora quero ver.

— Vou fazer o que me parecer certo num caso como esse, sem consultar ninguém. Se o seu pai e a sua mãe não aprovarem, vou lamentar muito por tê-los ofendido; mas as opiniões do seu tio Robson, é claro, não significam nada para mim.

Dizendo isso, movida por um senso do dever, com o risco tanto de passar mal como de incorrer na ira dos meus empregadores, peguei uma grande pedra chata que tinha sido erguida para servir como armadilha contra ratos pelo jardineiro; então, depois de ter insistido mais uma vez com o pequeno tirano, tentando convencê-lo sem sucesso a permitir que os pássaros fossem levados de volta ao ninho, perguntei o que pretendia fazer com eles. Com uma alegria diabólica, ele começou a relacionar os tormentos; enquanto ele se ocupava com a relação, deixei cair a pedra sobre as suas pretensas vítimas e as esmaguei. Os protestos que se seguiram a

essa violência corajosa foram altos, e as execrações, terríveis; o tio Robson vinha caminhando com sua arma e exatamente naquele momento parou para chutar seu cão. Tom correu desabalado até ele, jurando que o faria chutar a mim em lugar de Juno. O Sr. Robson se apoiou sobre sua arma e riu às gargalhadas da violência da raiva do sobrinho e dos insultos e maldições escandalosas que ele lançava sobre mim. E afinal exclamou, antes de recolher a arma e seguir até a casa:

— Você é dos bons! Diabos, esse menino tem coragem. Que um raio caia sobre mim se já vi um maroto mais honroso que este. Já está além do governo das anáguas! Por Deus! Ele desafia mãe, avó, preceptora e todas as demais! Ha, ha, ha! Deixe estar, Tom, amanhã eu acho outra ninhada para você.

— Se trouxer, Sr. Robson, vou precisar matá-la também — disse eu.

— Humpf! — respondeu ele, e depois de me dar a honra de um olhar aberto que, contrariamente às suas expectativas, sustentei sem vacilação, se virou com um ar de supremo desprezo e seguiu pisando duro para a casa. Tom foi em seguida contar para a mãe, que não tinha o hábito de se estender muito em qualquer assunto; mas quando ela me viu, seu aspecto e atitude eram duplamente frios e obscuros. Depois de uma observação fortuita sobre o clima, observou:

— Sinto muito, Srta. Grey, que lhe tenha parecido necessário interferir nos divertimentos do senhor Bloomfield; ele ficou *muito* zangado por você ter destruído os pássaros.

— Quando os divertimentos do senhor Bloomfield consistirem no sofrimento de criaturas sensíveis — respondi —, acredito que seja meu dever interferir.

— Você parece esquecer — disse ela com toda calma — que esses animais foram criados para nossa conveniência.

Eu imaginava que essa doutrina admitisse algumas dúvidas, mas respondi apenas:

— Se o foram, não temos o direito de atormentá-los para nossa diversão.

— Acredito — disse ela —, que o divertimento de uma criança tem prioridade sobre o bem-estar de um animal sem alma.

— Mas, para o bem da própria criança, ela não deve ser incentivada a se divertir dessa forma — respondi com toda meiguice que me foi possível, para compensar uma obstinação tão incomum. — “Bem-aventurados os misericordiosos, pois eles terão misericórdia”.

— Oh, claro; mas isso se refere à nossa conduta uns com os outros.

— O homem misericordioso demonstra misericórdia para com os animais — ousei dizer.

— Penso que você não demonstrou muita misericórdia — respondeu ela com um riso curto e amargo — matando as pobres criaturas daquela maneira chocante e provocando tanto sofrimento ao meu menino por um reles capricho.

Julguei prudente não dizer mais nada. Essa foi a ocasião em que mais me aproximei de uma briga com a Sra. Bloomfield, bem como o maior número de palavras que jamais troquei com ela num único episódio desde o dia em que chegara à sua casa.

Mas o Sr. Robson e a velha senhora Bloomfield não eram os únicos hóspedes cuja chegada a Wellwood House me irritava; todo visitante me perturbava, um pouco mais, um pouco menos; não tanto por me desprezarem (apesar de eu considerar a sua atitude estranha e desagradável sob esse aspecto), como por me parecer impossível manter meus pupilos longe deles, que era sempre o que eu queria fazer: Tom queria falar com eles e Mary Ann queria ser notada por eles. Nem um nem a outra tinha noção do que significava o sentimento de vergonha ou mesmo de simples recato. Eram capazes de interromper a conversa dos mais velhos de maneira indecente e ruidosa, irritá-los com as perguntas mais impertinentes, agarrar violentamente os cavalheiros pelo pescoço, subir nos seus joelhos sem serem convidados, pendurar-se nos seus ombros ou pilhar seus bolsos, puxar os vestidos das senhoras, despentear-lhes os cabelos, derrubar os colares e importuná-las pedindo alguns berloques.

A Sra. Bloomfield sabia que deveria se chocar e se irritar com tudo isso, mas não sabia como evitá-lo; esperava que eu o fizesse. Mas como eu

poderia evitar quando os hóspedes, com suas roupas finas e rostos novos, os lisonjeavam continuamente e faziam todas as suas vontades para agradar aos pais? Como eu poderia, com minhas roupas simples, meu rosto tão cotidiano, tirá-los de lá? Coloquei todo o meu empenho em conseguir isso: lutando para diverti-los, eu me esforçava por atraí-los para o meu lado; com exercício da autoridade que me era dada e a severidade que ousasse usar, tentava evitar que atormentassem os convidados; e ao reprovar seu comportamento descortês, pretendia fazê-los sentir vergonha de repeti-lo. Mas eles não conheciam a vergonha; zombavam da autoridade que não fosse apoiada pelo terror; e quanto à bondade e ao afeto, ou eles não tinham coração ou o que tinham estava tão bem guardado e escondido que eu, apesar de todos os meus esforços, não havia ainda descoberto um meio de chegar a ele.

Mas logo as minhas provações nessa área chegaram ao fim, antes do que eu esperava ou desejava; pois numa noite agradável do final de maio, quando exultava pela aproximação das próximas férias e me congratulava pelo pequeno progresso feito com meus pupilos (no que se referia à aprendizagem, pois havia instilado algum progresso nas suas cabeças e conseguido, finalmente, levá-los a ser um pouco — muito pouco — mais racionais quanto a completar suas lições a tempo de deixar algum espaço para recreação, em vez de atormentarem a si mesmos e a mim durante todo o dia sem nenhum proveito), a Sra. Bloomfield mandou me chamar e disse calmamente que depois do verão os meus serviços não seriam mais necessários. Assegurou-me que meu caráter e conduta geral eram irrepreensíveis; mas disse que o progresso das crianças desde a minha chegada havia sido tão pequeno que o Sr. Bloomfield e ela sentiam ser seu dever buscar outro modo de instrução. Apesar de superiores em capacidade à maioria das crianças da sua idade, eles estavam decididamente atrasados em conhecimentos; suas maneiras eram incultas e seu temperamento, rebelde. E tudo isso ela atribuía a uma carência de firmeza, de diligência e de atenção perseverante da minha parte.

Firmeza inabalada, diligência devotada, perseverança incansável, cuidados incessantes eram as qualificações de que eu secretamente me

orgulhava e pelas quais eu tinha esperado com o tempo superar todas as dificuldades, para finalmente obter sucesso. Desejei dizer alguma coisa para me justificar, mas ao tentar falar, senti minha voz falhar; e em vez de atestar uma emoção qualquer ou deixar fluir o rio de lágrimas que já começava a se juntar nos meus olhos, decidi manter silêncio e suportar tudo como um culpado autocondenado.

Assim fui despedida, e assim busquei o meu lar. Ai! O que pensariam de mim? Incapaz, depois de toda a minha jactância, de manter o posto, mesmo que por apenas um ano, de preceptora de três crianças pequenas, cuja mãe fora definida pela minha própria tia como “uma mulher muito gentil”. Depois de ter sido avaliada na balança e considerada insuficiente, não podia esperar que quisessem me experimentar outra vez. Foi um pensamento desagradável; pois, atormentada, perseguida e desapontada como tinha sido, e por ter aprendido a amar e valorizar a minha casa, eu ainda não estava cansada de aventura, tampouco disposta a relaxar os meus esforços. Sabia que nem todos os pais eram iguais ao senhor e à senhora Bloomfield, e tinha certeza de que nem todas as crianças eram iguais aos seus filhos. A próxima família teria de ser diferente, e toda mudança só podia ser para melhor. A adversidade me havia feito amadurer e a experiência me orientara, e ansiava por resgatar minha honra perdida aos olhos daqueles cuja opinião para mim valia mais que a de todo o mundo.

VI

DE VOLTA AO PRESBITÉRIO

Passei alguns meses tranquilamente em casa, desfrutando com calma a liberdade, o repouso e a amizade genuína de todos que me tinham faltado por tanto tempo, e prosseguindo com aplicação os estudos para recuperar o que havia perdido durante a estada em Wellwood House e fazendo provisões para uso futuro. A saúde do meu pai ainda estava muito fraca, mas não pior que na época em que o tinha visto pela última vez; e fiquei feliz por poder alegrá-lo com a minha volta e distraí-lo cantando as suas canções favoritas.

Ninguém tripudiou sobre o meu fracasso, nem disse que teria sido melhor se eu tivesse acatado o conselho deles e continuado tranquilamente em casa. Estavam todos felizes por voltar a ter-me em casa e mais do que nunca me cobriram de gentilezas para compensar os sofrimentos pelos quais eu tinha passado; mas ninguém quis tocar num xelim do que eu ganhara com tanta animação e guardara com tanto cuidado na esperança de compartilhar com eles. Guardando aqui e raspando ali, nossas dívidas estavam quase pagas. Mary tivera sucesso com seus desenhos; mas nosso pai também insistira para que ela guardasse para si o resultado integral do seu trabalho. Tudo que conseguimos poupar, considerando nosso humilde guarda-roupa e as poucas despesas, ele nos instruiu para que depositássemos na poupança, dizendo que não sabíamos quando iríamos precisar daquele dinheiro para o nosso sustento... pois ele sentia que não estaria conosco por muito tempo, e só Deus sabia o que aconteceria à nossa mãe e a nós quando ele se fosse!

Querido papai! Se ele tivesse se perturbado menos com às aflições que nos ameaçavam no caso da sua morte, estou convencida de que esse evento

terrível não teria ocorrido tão cedo. Minha mãe o proibia de pensar sobre esse assunto sempre que podia.

— Oh, Richard—exclamou ela numa ocasião. — Se afastasse esses assuntos melancólicos da sua mente, você viveria tanto quanto qualquer uma de nós; pelo menos viveria para ver as meninas casadas, e você um avô feliz, com uma velha dama alegre para sua companhia.

Minha mãe riu, e também meu pai: mas seu riso logo pereceu num suspiro triste.

— *Elas* casadas, pobres criaturas sem um centavo! Quem vai querê-las, eu me pergunto!

— Ora, ninguém que não seja grato por tê-las. Eu não estava sem um tostão quando você me tomou? E pelo menos fingiu muito bem estar enormemente satisfeito com sua aquisição. Mas não importa se elas vão se casar ou não: podemos imaginar mil formas de ganhar a vida. E me pergunto, Richard, você se angustia com a nossa *pobreza* no caso da sua morte; como se ela fosse alguma coisa comparada à calamidade da sua perda, uma aflição que iria engolir todas as outras, e de que você deve fazer todo o possível para nos preservar: e não há nada igual a uma mente alegre para manter a saúde do corpo.

— Eu sei, Alice. É errado lamentar-se como eu faço, mas não consigo evitar. Você precisa ter paciência comigo.

— Não vou ter paciência com você; não se puder mudá-lo — replicou a minha mãe. Mas a dureza das suas palavras foi suavizada pela afeição da voz e pelo sorriso agradável, que fez meu pai sorrir outra vez, de uma forma menos triste e passageira que de costume.

— Mamãe — disse eu, quando tive uma oportunidade de falar a sós com ela. — Meu dinheiro é pouco e não vai durar muito; se eu pudesse aumentá-lo, isso talvez reduzisse a ansiedade do papai pelo menos com relação a esse assunto. Não sei desenhar como Mary, e assim o melhor que eu poderia fazer é procurar outra colocação.

— E você está realmente decidida a tentar outra vez, Agnes?

— Com certeza.

— Por que, minha querida? Imaginei que tivesse sido o bastante.

— Sei que nem todo mundo é igual ao senhor e senhora Bloomfield...

— Alguns são piores — interrompeu minha mãe.

— Mas não muitos, acredito eu — respondi. — E tenho certeza que nem todas as crianças são iguais aos filhos deles, pois Mary e eu não éramos: nós sempre fazíamos o que você mandava, não é?

— De modo geral, sim, mas eu não mimei vocês. E vocês não eram anjos perfeitos: Mary tinha uma reserva de obstinação silenciosa, e você às vezes tinha problemas quanto ao temperamento; mas de forma geral foram duas crianças muito boas.

— Sei que às vezes ficava amuada, e teria me alegrado se também visse aquelas crianças amuadas de vez em quando, pois então eu poderia tê-las entendido. Mas elas nunca se amuavam, pois *não tinham capacidade* de se ofender, nem de se magoar, nem de se envergonhar; só se sentiam infelizes quando estavam com raiva.

— Bem, se *não tinham capacidade*, não era culpa delas. Não se pode esperar que uma pedra seja tão maleável quanto o barro.

— Não, mas ainda assim é muito desagradável viver com criaturas tão pouco impressionáveis... e incompreensíveis. Não se pode amá-las; e se isso fosse possível, o amor seria totalmente em vão: elas não seriam capazes de devolvê-lo, nem lhe dar valor ou entendê-lo. Mas, se eu voltar a encontrar uma família assim, o que é muito improvável, já vou começar com toda essa experiência, e vou me sair melhor na segunda vez. E o fim e o objetivo desse preâmbulo é: deixe-me tentar outra vez.

— Bem, minha menina, vejo que você não se deixa desencorajar facilmente, e isso me faz feliz. Mas deixe-me dizer, você está muito mais pálida e magra do que quando deixou nossa casa pela primeira vez; e não podemos deixar que você mine a sua saúde para acumular dinheiro, nem para si mesma nem para outros.

— A Mary também me fala que estou mudada; e isso não me espanta, pois passava o dia inteiro num estado de agitação e ansiedade; mas da próxima vez estou determinada a reagir friamente às coisas.

Depois de mais alguma discussão, minha mãe me prometeu me ajudar outra vez, desde que eu esperasse e fosse paciente. Deixei a seu encargo

discutir o assunto com meu pai, quando e como ela considerasse ser mais aconselhável; jamais duvidei da sua capacidade de obter o consentimento dele. Enquanto isso, eu vasculhava com grande interesse as colunas de anúncios dos jornais, e escrevia respostas para todo “Precisa-se de preceptora” que parecesse aceitável; mas todas as minhas cartas, bem como as respostas, quando eu as recebia, eram obedientemente mostradas à minha mãe; e ela, para minha infelicidade, me obrigava a recusar todas as ofertas, uma depois da outra: esses eram gente vulgar, aqueles eram muito exigentes nas suas pretensões, e a remuneração oferecida por aqueles outros era uma mesquinha.

— Seus talentos não são os da filha de um clérigo pobre qualquer, Agnes — dizia ela —, e você não deve desperdiçá-los. Lembre-se, você prometeu ser paciente. Não há pressa; você tem muito tempo à sua frente e ainda vai ter várias chances.

Finalmente, ela me aconselhou a publicar meu próprio anúncio no jornal, declarando minhas qualificações etc.

— Música, canto, desenho, francês, latim e alemão — disse ela — não são de se desprezar; muitos ficarão felizes em ter tanto numa só instrutora. E dessa vez você vai tentar a sorte numa família superior, de um genuíno cavalheiro de berço; pois então provavelmente vão tratar você com mais respeito e consideração que as famílias de comerciantes endinheirados e novos ricos arrogantes. Conheci muitos entre as classes mais altas que tratavam suas governantas como membros da família; apesar de alguns, sou forçada a reconhecer, serem tão insolentes e exigentes quanto muitos outros, pois existem os bons e os maus em qualquer classe.

O anúncio foi rapidamente escrito e enviado. Dos dois interessados que responderam, um concordou em me pagar as cinquenta libras que minha mãe me mandou declarar ser a minha pretensão salarial; e então hesitei em aceitar a oferta, pois temi o fato de as crianças serem mais velhas e por que seus pais talvez quisessem alguém mais brilhante, mais experiente ou mais maduro que eu. Mas minha mãe me convenceu a não recusar, dizendo que eu me daria muito bem se abandonasse a timidez e conquistasse um pouco mais de confiança em mim mesma. Eu tinha apenas de apresentar de forma

justa e verdadeira os meus conhecimentos e qualificações, relacionar as minhas condições e esperar o resultado. A única condição que me aventurei a propor foi ter direito a dois meses de férias durante o ano para visitar os meus pais e minha irmã no verão e no Natal. A senhora desconhecida, na sua resposta, não fez objeções a essa proposta e declarou que, quanto à minha formação, ela não tinha dúvida de que eu seria capaz de atendê-la satisfatoriamente; mas que considerava os conhecimentos não mais que um ponto secundário, pois, residindo nas proximidades de O—, ela poderia encontrar mestres para suprir todas as deficiências nessa área; na sua opinião, os requisitos mais essenciais, ao lado de uma moral irrepreensível, eram um temperamento educado e alegre e a disposição de ajudar.

Minha mãe não gostou dessa declaração, e agora fazia muitas objeções à aceitação do cargo; e nisso minha irmã a apoiou animadamente. Mas, não querendo voltar a ser desautorizada, derrotei ambas; e tendo obtido primeiro o consentimento do meu pai (que pouco tempo antes havia sido informado dessas transações) escrevi uma epístola muito amável destinada à minha correspondente desconhecida e, finalmente, a negociação foi concluída.

Foi decretado que eu devia assumir no último dia de janeiro meu novo posto como governanta na família do senhor Murray, de Horton Lodge, perto de O—, a cerca de setenta milhas da nossa aldeia. Era uma distância enorme para mim, porque nunca tinha estado a mais de vinte milhas de casa durante os vinte anos da minha curta permanência na terra; além disso, todos os indivíduos daquela família e de toda a vizinhança eram desconhecidos para mim e para todos os meus conhecidos. Mas isso só tornava tudo mais excitante. Em alguma medida, eu agora estava livre da *mauvaise honte* que antes tanto me tinha oprimido; havia uma perturbação agradável na ideia de entrar nessas regiões desconhecidas, e nelas descobrir sozinha o meu caminho entre seus habitantes. Eu agora me orgulhava de ver uma parte diferente do mundo: a residência do Sr. Murray estava a pouca distância de uma cidade grande, e não num distrito industrial onde as pessoas não tinham nada para fazer, além de ganhar dinheiro; sua classe, pelo que fiquei sabendo, parecia ser mais alta que a do Sr. Bloomfield; e sem dúvida ele era um desses genuínos cavalheiros de berço de que minha

mãe tinha falado, que trataria sua governanta com a devida consideração, como uma senhora respeitável e bem educada, a instrutora e orientadora dos seus filhos, e não como uma mera serviçal um pouco mais capacitada. E por serem mais velhos, os meus pupilos seriam mais racionais, mais abertos ao ensino e menos problemáticos que os anteriores; seriam menos confinados à sala de aula e não exigiriam aquele trabalho constante e a vigilância incessante; e no final as visões brilhantes se misturaram com minhas esperanças, que pouco ou nada tinham em comum com a atenção às crianças e os deveres simples de uma governanta. O leitor há de ver com isso que eu não esperava ser considerada uma mártir da devoção filial, preparada para sacrificar a paz e liberdade com o único objetivo de fazer reservas para o conforto e o amparo dos meus pais — apesar de o conforto do meu pai e o futuro amparo da minha mãe serem certamente uma parcela importante dos meus cálculos: cinquenta libras não me pareciam uma soma desimportante. Precisava de roupas decentes, adequadas à minha condição; tinha, ao que parece, de pagar pela minha roupa lavada e também pelas minhas quatro viagens anuais entre Horton Lodge e a minha casa. Mas com atenção estrita à economia, vinte libras ou pouco mais seriam suficientes para cobrir esses gastos, e sobrariam trinta, ou pouco menos, para o banco: uma valiosa adição às nossas reservas! Oh, precisava lutar para manter essa colocação quaisquer que fossem os sacrifícios, tanto por minha própria honra entre meus familiares como pelos benefícios que eu poderia lhes prestar se mantivesse o emprego.

VII

HORTON LODGE

O 31 de janeiro foi um dia turbulento e tempestuoso: havia um forte vento norte, com uma tempestade contínua de neve caindo no chão e rodopiando pelo ar. Meus pais teriam preferido adiar a minha partida, mas, por medo de me prejudicar junto aos empregadores por falta de pontualidade no começo do trabalho, insisti em manter o compromisso.

Não vou punir os meus leitores com um relato da minha partida naquela sombria manhã de inverno: as despedidas afetuosas, a longa, longa viagem a O—, a espera solitária pelas carruagens e trens nas estalagens, pois já havia trens naquela época e, finalmente, o encontro em O— com o empregado do Sr. Murray, que havia sido enviado com o fáeton para me transportar até Horton Lodge.

Vou dizer apenas que a pesada nevasca tinha lançado tantos impedimentos no caminho dos cavalos e máquinas a vapor que quando cheguei ao fim da minha viagem já haviam se passado várias horas desde o anoitecer, e que então caiu uma tempestade assustadora, que tornou as últimas milhas entre O— e Horton Lodge uma passagem longa e terrível. Sentei-me, resignada, com a neve fria e cortante passando pelo meu véu e me enchendo o colo, sem ver nada, e me perguntando como os dois infelizes, o cavalo e o cocheiro, conseguiam distinguir o caminho tão bem como o faziam. Na verdade era um estilo de progresso trabalhoso e rastejante, para dizer o mínimo. Finalmente paramos; e, a um chamado do cocheiro, alguém destrancou e girou sobre as dobradiças enferrujadas o que pareceu ser o portão do parque interno. Avançamos então ao logo de uma estrada suave, de onde por vezes eu percebia uma enorme massa branca brilhando através da escuridão; calculei ser uma árvore coberta de neve. Depois de um tempo considerável, paramos novamente, agora diante do

pórtico majestoso de uma casa muito grande, cujas longas janelas desciam até o chão.

Levantei-me com alguma dificuldade, devido à nevasca, e desci da carruagem, esperando que uma recepção gentil e hospitaleira me compensasse pela estafa e pelas dificuldades do dia. Um empregado vestido de preto abriu a porta e me admitiu num saguão espaçoso, iluminado por uma lamparina cor de âmbar pendurada no teto; conduziu-me através deste e ao longo de um corredor e, depois de abrir a porta de uma sala dos fundos, disse-me que aquela era a sala de estudos. Entrei e encontrei duas moças e dois rapazes — supus que fossem meus futuros pupilos. Depois de um cumprimento formal, a moça mais velha, que estava se distraíndo com uma tela e uma cesta de lãs alemãs, perguntou se eu gostaria de subir ao andar superior. Respondi afirmativamente, é claro.

— Matilda, pegue uma vela e mostre a ela o seu quarto.

A senhorita Matilda, uma moça robusta de cerca de catorze anos, com uma túnica curta e calças, encolheu os ombros e deu um sorriso fraco, mas tomou uma vela e seguiu à minha frente pela escada dos fundos (dois lances extensos e íngremes) e ao longo de um corredor comprido e estreito, até um quarto pequeno mas razoavelmente confortável. Ela então me perguntou se eu gostaria de um pouco de chá ou café. Ia responder que não; mas lembrei-me de que não havia comido nada desde as sete horas daquela manhã e me sentia um tanto fraca; então respondi que tomaria uma xícara de chá. Dizendo que iria pedir a “Brown”, a jovem saiu; e depois de ter despido o meu casaco pesado e molhado, o xale, o gorro etc, uma jovem afetada veio para dizer que os jovens gostariam de saber se eu pretendia tomar chá ali ou na sala de estudos. Com a justificativa do cansaço, escolhi tomar ali mesmo. Ela se retirou e depois de algum tempo voltou com uma pequena bandeja de chá e a colocou sobre a cômoda, que servia como penteadeira. Depois de lhe agradecer educadamente, perguntei a que horas se esperava que eu me levantasse de manhã.

— Os jovens tomam o desjejum às oito e meia, senhorita — disse ela.
— Eles se levantam cedo; mas como raramente estudam antes do desjejum,

acredito que não haverá problema se a senhora se levantar pouco depois das sete.

Pedi-lhe para ter a gentileza de me chamar às sete e, prometendo me atender, ela se retirou. Então, depois de ter quebrado o meu longo jejum com uma chávena de chá e uma fatia fina de pão com manteiga, sentei-me ao lado do fogo fraco e me entreguei a um acesso profundo de choro, depois do qual fiz as minhas orações e, em seguida, sentindo-me consideravelmente aliviada, comecei a me preparar para dormir. Descobri então que nenhuma peça da minha bagagem havia sido trazida para o quarto, e comecei a procurar a sineta; como não consegui descobrir nenhum sinal daquele dispositivo em canto algum do quarto, peguei minha vela, me aventurei pelo longo corredor e desci a escadaria, numa viagem de descoberta. No caminho encontrei uma senhora bem vestida e lhe contei o que procurava. Fiz isso com considerável hesitação, pois não sabia se ela era uma das serviçais superiores ou a própria Sra. Murray. Era a dama de companhia da senhora. Com a expressão de quem fazia um favor incomum, ela prometeu tomar providências para que minhas coisas me fossem enviadas. Voltei ao meu quarto e esperei, pensativa, por um longo tempo, temendo muito que ela tivesse esquecido ou se recusado a manter a promessa, e sem saber se devia continuar esperando, ir dormir ou, ainda, descer novamente. Minhas esperanças foram finalmente revividas pelo som de vozes e risos, acompanhados pelo tropel de passos ao longo do corredor; e logo a minha bagagem foi trazida por um homem e uma criada de expressão dura, nenhum deles demonstrando nos modos muito respeito por mim. Depois que saíram, fechei a porta, desfiz as malas e me preparei para dormir, pois estava exausta de corpo e mente.

Acordei na manhã seguinte com um estranho sentimento de angústia, misturado com uma forte consciência do inusitado da minha situação e com uma espécie de curiosidade incômoda em relação ao desconhecido. Sentia-me como alguém arrebatado por um encantamento e de repente caído das nuvens numa terra distante e desconhecida, completamente isolada de tudo que já tivesse visto ou conhecido antes; ou como uma semente de cardo levada pelo vento até um inóspito pedaço de terra, onde deveria ficar por

longo tempo, extraindo nutrição do que parecia tão estranho à sua natureza, até lançar raízes e germinar (se conseguisse). Mas isso não dá a mais pálida ideia do como eu realmente me sentia; e ninguém que nunca tenha vivido uma vida tão isolada e imutável como aquela poderá imaginar quais eram meus sentimentos — dificilmente, mesmo que saiba o que é acordar certa manhã e se encontrar em Port Nelson, na Nova Zelândia, com um mundo de água entre si e tudo que conhecia.

Tão cedo não vou esquecer o sentimento peculiar com que ergui a veneziana e olhei o mundo desconhecido: um ermo branco era tudo que recebia o meu olhar; um deserto de...

Desertos cobertos de neve,
E pomares abarrotados.

Desci à sala de estudos sem nenhuma pressa de me juntar aos meus alunos, embora não sem alguma curiosidade em relação ao que o aprofundamento do nosso contato revelaria. Uma coisa — entre outras de importância mais óbvia — decidi comigo mesma: tenho de começar chamando-os de *senhorita* e *senhor*. Pareceu-me uma manifestação fria e artificial de formalismo entre os alunos e sua professora, como em Wellwood House; mas mesmo lá, o fato de eu chamar os pequenos Bloomfields pelos seus nomes naturais tinha sido visto como uma liberdade ofensiva, como seus pais tiveram todo cuidado de me mostrar se referindo a eles como *senhor* e *senhorita* Bloomfield ao falarem comigo. Eu tinha demorado a entender a sugestão, porque toda a questão me pareceu absurda demais; mas agora estava determinada a ser mais sábia e já começar a usar tanto formalismo e cerimônia quanto fosse exigido por qualquer membro da família. Na realidade, como meus pupilos eram mais velhos, isso seria bem mais fácil — apesar de as pequenas palavras *senhor* e *senhorita* parecerem ter um efeito surpreendente na repressão de toda bondade sincera e íntima e na extinção de todo brilho de cordialidade que pudesse crescer entre nós.

Uma vez que não sou capaz, como Dogberry,¹ de me forçar a lançar *tudo* meu tédio sobre o leitor, não vou cansá-lo com o detalhamento minucioso de cada descoberta e procedimento desse dia e do seguinte. Ele

sem dúvida ficará plenamente satisfeito com um esboço dos diferentes membros da família e uma visão geral do primeiro ano ou dois da minha estada entre eles.

Começarei pelo chefe: o Sr. Murray era visto por todos como um nobre rural turbulento e fanfarrão: um dedicado caçador de raposa, um talentoso cavaleiro e ferrador, um agricultor prático e um entusiasmado *bon vivant*. Digo que ele “era visto” assim porque os meses se passavam e eu praticamente não o via, com exceção dos domingos, quando ele ia à igreja, ou de quando a figura desse senhor alto e corpulento, com bochechas vermelhas e nariz encarnado, passava por mim ao cruzar o saguão ou a passear no terreno; nessas ocasiões, se ele passava perto o bastante de mim para falar, costumava me oferecer um aceno sem-cerimônia, acompanhado de um “Bom dia, Srta. Grey”, ou outra breve saudação semelhante. Mas o seu riso alto com frequência me alcançava ao longe; e ainda com mais frequência eu o ouvia blasfemando e discutindo com os lacaios, o cavaleiro, o cocheiro ou algum outro infeliz subordinado.

A Sra. Murray era uma bela e espirituosa senhora de quarenta anos, que não precisava de ruge nem de enchimentos para aumentar seus encantos; seus principais divertimentos eram, ou pareciam ser, dar ou frequentar festas e se vestir no último rigor da moda. Não a vi senão às onze horas da manhã seguinte à minha chegada, quando me honrou com uma visita, da mesma forma como minha mãe poderia entrar na cozinha para ver uma nova criada. Mas não exatamente como ela, pois mamãe a teria visto logo após a sua chegada, não esperaria o dia seguinte; ademais, teria falado com ela de maneira mais gentil e amistosa e oferecido a ela algumas palavras de conforto, bem como uma exposição simples dos seus deveres. Mas a Sra. Murray não fez nada disso. Ela apenas entrou na sala de estudos ao voltar da sala da governanta, onde fora encomendar o jantar, me deu bom dia, parou por dois minutos ao lado da lareira, disse algumas palavras sobre o tempo e sobre a “dura viagem” que eu fizera no dia anterior. Afagou o filho mais novo, um menino de dez anos, que acabara de limpar as mãos e a boca no seu vestido, depois de comer um petisco saboroso da despensa da governanta. Comentou que ele era um menino doce e bom e depois saiu

com um sorriso complacente no rosto, pensando, sem dúvida, que já tinha feito o suficiente por aquele dia e que havia sido deliciosamente condescendente naquela situação. Era evidente que seus filhos tinham a mesma opinião; apenas eu pensava de outra forma.

Depois dessa visita, ela voltou uma ou duas vezes, durante a ausência dos meus alunos, para me esclarecer acerca dos meus deveres com relação a eles. No tocante às meninas, ela me pareceu ansiosa por fazê-las tão superficialmente atraentes e ostentadamente educadas quanto fosse possível, sem que houvesse problemas ou desconforto para elas. Eu deveria agir, estudar e trabalhar para divertir e atender, instruir, refinar e polir sem exigir esforço da parte delas e sem exercer qualquer autoridade. Com relação aos dois meninos, era mais ou menos a mesma coisa, só que em vez de educação eu devia enfiar nas suas cabeças o máximo de gramática latina e a *Antologia* de Richard Valpy, para prepará-los para a escola; ou melhor, a maior quantidade possível *sem dificuldade* para eles. John talvez fosse um tanto “agitado”, e Charles um pouco “nervoso e cansativo”...

— Mas, de qualquer maneira, Srta. Grey, espero que *você* mantenha a calma, seja suave e paciente todo o tempo; em especial com meu pequeno Charles, que é muito nervoso e sensível, e completamente desacostumado com tudo que não seja um tratamento carinhoso. Você vai me desculpar por lhe dizer essas coisas, pois de fato até hoje descobri que todas as preceptoras, mesmo as melhores entre elas, deixavam a desejar sob esse aspecto. Faltava-lhes aquele espírito manso e calmo que São Mateus, ou algum deles, diz ser melhor que vestir as melhores roupas: você há de conhecer o trecho a que me refiro, pois é filha de um clérigo. Mas não tenho dúvida de que será satisfatória sob esse aspecto, assim como no resto. E, lembre-se, sempre que um dos jovens fizer algo impróprio, se a persuasão ou a censura bondosa não forem suficientes, deixe que um dos outros venha me contar, pois posso falar com eles de forma muito aberta, o que não seria adequado para você. Faça-os tão felizes quanto lhe seja possível, Srta. Grey, e tenho certeza de que vai nos atender plenamente.

Observei que apesar de ser tão extremamente ansiosa pela felicidade e conforto dos seus filhos, e de falar sempre disso, a Sra. Murray nunca

mencionava o meu bem-estar, embora eles estivessem em casa, cercados de amigos, e eu ser uma estranha cercada de estranhos; ainda não conhecia o suficiente do mundo para não me surpreender com essa anomalia.

A Srta. Murray, de nome Rosalie, tinha por volta de dezesseis anos quando cheguei, e era uma moça muito, muito bonita; e dois anos depois, quando o tempo desenvolveu por completo a sua forma e acrescentou graça ao seu porte e comportamento, ela se tornou positivamente linda, e em grau incomum. Era alta e esbelta, mas não magra, muito bem formada, de uma beleza requintada, ainda que não sem uma juventude brilhante e saudável; seus cabelos, que ela usava numa profusão de longos cachos, eram de um castanho muito claro, quase amarelo; seus olhos eram azuis-claros, mas tão luminosos e brilhantes que poucos os desejariam mais escuros; suas outras feições eram pequenas, não completamente regulares, nem irregulares a ponto de isso ser notado: mas o conjunto a definia como uma moça muito bela. Gostaria de poder dizer da sua mente e temperamento o mesmo que digo da sua forma e do seu rosto.

Ainda assim, não pense que eu tenho revelações terríveis a fazer: ela era alegre, tranquila e às vezes muito simpática com as pessoas que não contrariavam a sua vontade. Com relação a mim, quando cheguei, ela foi fria e arrogante, depois insolente e intolerante; mas à medida que nos conhecíamos ela foi abandonando a afetação, e com o tempo passou a ser tão ligada a mim quanto lhe seria possível ligar-se a alguém com o meu caráter e posição: pois raras vezes perdia de vista, por mais de meia hora de cada vez, a minha posição de empregada e de filha de um pastor pobre. E ainda assim, acredito que de modo geral ela me respeitava mais do que pensava; porque eu era a única pessoa na casa que constantemente professava bons princípios, que costumava falar a verdade e se esforçar para se inclinar diante do dever; e isso eu digo não para me louvar, claro, mas para mostrar o estado infeliz da família à qual os meus serviços eram então dedicados. Não havia membro em quem eu lamentasse tanto essa triste falta de princípios como na Srta. Murray; não apenas porque eu tinha caído nas suas graças, mas porque havia nela tantas coisas agradáveis e cativantes que, apesar das suas falhas, eu realmente gostava dela, quando

não provocava minha indignação ou me irritava com a exibição grande demais das suas falhas. Falhas que, eu gostava de me convencer, eram antes o efeito da sua educação que do seu caráter: nunca lhe tinham ensinado corretamente a distinção entre o certo e o errado; ela, tal como seus irmãos e irmãs, tivera desde a infância permissão para tyrannizar babás, preceptoras e criados; nunca havia aprendido a moderar seus desejos, a controlar o temperamento ou refrear a vontade, ou a sacrificar o próprio prazer pelo bem de outros. Por seu temperamento ser naturalmente bom, ela nunca era violenta ou rabugenta, mas por causa da condescendência constante e do desprezo eterno pela razão ela era com frequência impaciente e caprichosa. Sua mente nunca fora cultivada; seu intelecto, na melhor das hipóteses, era um tanto raso; tinha considerável entusiasmo, rapidez de percepção e algum talento para a música e aprendizagem de línguas, mas até os quinze anos não havia se interessando em aprender nada. Porém, nessa idade o gosto pela exposição excitou suas faculdades e a induziu a se aplicar, mas apenas a feitos mais vistosos. E quando eu cheguei foi a mesma coisa: tudo era esquecido, menos o francês, o alemão, a música, o canto, a dança, os bordados ornamentais e um pouco de desenho, o desenho que pudesse produzir a máxima aparência com mínimo de trabalho, e cujas partes principais em geral eram feitas por mim. Para música e canto, além das minhas instruções ela tinha a assistência do melhor mestre do país; e nessas atividades, bem como na dança, ela com certeza atingiu grande proficiência. Ela devotava parte excessiva do seu tempo à música, fato que eu, como sua preceptora, apontei-lhe muitas vezes; mas sua mãe acreditava que, se ela gostava, não *poderia* haver tempo excessivo à aquisição de uma arte tão cativante. De bordados decorativos eu nada sabia além do que aprendi com minha aluna e pela minha própria observação; mas tão logo fui iniciada, ela me usou de vinte diferentes formas: todas as partes tediosas do seu trabalho foram passadas para meus ombros, tal como esticar os bastidores, bordar na tela, separar as lãs e sedas, preparar o fundo, contar os pontos, emendar os erros, acabar as peças de que ela tinha se cansado.

Aos dezesseis anos, a Srta. Murray era uma moça travessa, mas não mais travessa do que era natural e permissível a uma moça daquela idade.

Porém, aos dezessete aquela propensão, como todas as outras coisas, começou a dar passagem ao domínio da paixão, e logo ela se viu engolfada na ambição de atrair e fascinar o outro sexo. Mas já basta de falar sobre ela; vamos agora tratar da sua irmã.

A senhorita Matilda era uma moça verdadeiramente estouvada, de quem pouco há para se dizer. Era cerca de dois anos e meio mais nova que a irmã; seu rosto era maior, a pele muito mais morena. Poderia se tornar uma mulher bonita; mas tinha os ossos grandes demais e era muito desajeitada para poder ser considerada uma beldade, o que então para ela não tinha a menor importância. Rosalie conhecia todos os seus encantos, os considerava ainda maiores do que realmente eram e os valorizava muito mais do que deveria, ainda que fossem três vezes maiores; já Matilda se considerava bonita, mas não dava grande importância a isso; e dava ainda menos importância ao cultivo da sua mente e ao aprendizado de atividades decorativas. A forma como aprendia as lições e praticava música era calculada para levar ao desespero qualquer preceptora. Por mais curtas e fáceis que fossem as tarefas, quando eram feitas vinham rasuradas de todas as formas, sempre; e em geral nas horas mais inconvenientes e da maneira menos benéfica para ela mesma e menos satisfatória para mim. A curta meia hora de prática musical era dedilhada horivelmente, e enquanto isso ela me insultava por interrompê-la com correções, por não corrigir seus erros antes que fossem cometidos ou algo assim irracional. Uma ou duas vezes tentei censurá-la com seriedade por essa conduta irracional, mas nessas ocasiões recebi discursos tão repreensivos da sua mãe que me convenci de que, se quisesse manter aquela colocação, devia deixar a senhorita Matilda seguir à sua própria maneira.

Quando as aulas acabavam, entretanto, também acabava o seu mau humor: cavalgando o seu pônei, brincando com os cães ou com seus irmãos e irmã, mas em especial com o querido irmão John, ela estava no sétimo céu. Como um animal, Matilda vivia bem, cheia de vida, vigor e atividade; como ser inteligente, era barbaramente ignorante, indócil, descuidada e irracional; era, por isso, muito desencorajadora para alguém com a tarefa de cultivar a sua compreensão, reformar seus modos e ajudá-la a adquirir os

talentos decorativos que, ao contrário da irmã, ela desprezava tanto quanto o resto. A mãe tinha alguma noção das suas deficiências e me fez muitos discursos para explicar como formar seus gostos, me empenhar para despertar e alimentar a sua vaidade adormecida e, por insinuações e lisonjas inteligentes, atrair sua atenção para os objetos desejados — o que eu não me propus a fazer. Disse também que eu devia preparar e desimpedir o caminho da aprendizagem até que ela conseguisse deslizar por ele sem o menor esforço: o que eu não seria capaz de fazer, pois nada pode ser ensinado sem algum esforço por parte de quem aprende.

Quanto ao aspecto moral, Matilda era imprudente, teimosa, violenta e fechada à razão. Uma prova do estado deplorável da sua mente era ela ter aprendido com o exemplo do pai a praguejar como um soldado. Sua mãe costumava se chocar com esse “costume tão pouco feminino”, e se perguntava “como ela o tinha aprendido”. “Mas você logo vai conseguir livrá-la dele, Srta. Grey, não passa de um hábito, e se a senhorita lembrá-la educadamente toda vez que ela o disser, tenho certeza de que em pouco tempo ela o abandona.” Eu não apenas “lembrava-a educadamente”; tentei imprimir nela o quanto aquilo era errado, e o quanto era agressivo aos ouvidos de pessoas decentes. Mas tudo em vão: a única resposta que eu recebia era um riso desatento e a frase: “Ora, Srta. Grey, como pode estar chocada! Estou tão feliz! Bem, não consigo evitar. Papai não devia ter-me ensinado; aprendi tudo com ele, e talvez um pouco com o cocheiro”.

Seu irmão John, vulgo Master Murray, tinha cerca de onze anos quando cheguei. Um belo menino, robusto e saudável, em geral franco e simpático; teria sido um rapaz decente se houvesse sido adequadamente educado; mas agora ele era bruto como um urso novo, turbulento, desobediente, sem princípios, sem instrução, ineducável, pelo menos para uma preceptora o tempo todo vigiada por sua mãe. Os professores na escola talvez pudessem governá-lo melhor, pois ele foi mandado para a escola, para meu alívio, durante um ano, num estado (verdade seja dita) de escandalosa ignorância de latim, bem como das coisas mais úteis, que tinham sido totalmente esquecidas — e isso, sem dúvida, seria lançado à conta de sua educação ter sido confiada a uma professora de quem se esperava que pudesse cumprir o

que não tinha absolutamente nenhuma competência para executar. Do seu irmão só fui liberada doze meses depois, quando ele também foi despachado no mesmo estado de vergonhosa ignorância que o primeiro.

Master Charles era o queridinho da sua mãe. Era pouco mais de um ano mais novo que John, mas bem menor, mais pálido, menos ativo e robusto; um tipo pequeno, rabugento, covarde, caprichoso e egoísta, que só se aplicava na hora de fazer maldades, e só era inteligente para inventar falsidades: não apenas para esconder seus erros, mas também por malignidade, para lançar ódio sobre outros. De fato, o senhor Charles era para mim um grande aborrecimento. Viver em paz com ele era uma prova de paciência; vigiá-lo era pior; e educá-lo, ou fingir educá-lo, era impossível. Aos dez anos, ele não sabia ler corretamente a linha mais fácil do livro mais simples; e como, de acordo com o princípio da sua mãe, eu tinha de ajudá-lo antes que ele tivesse tempo para hesitar ou examinar a ortografia, e nunca deveria informá-lo (como um incentivo ao esforço) que outros meninos estavam mais adiantados que ele, não chega a surpreender que ele fizesse pouco progresso durante os dois anos em que fui responsável por sua educação. As mínimas parcelas de gramática latina etc., tinham de ser repetidas para ele até que resolvesse que já sabia, e então ele precisava receber ajuda para dizê-las; quando cometia erros nas suas pequenas somas em aritmética, eles tinham de lhe ser mostrados imediatamente, e em seguida era preciso fazer a soma para ele, em vez de deixá-lo exercitar suas faculdades para descobrir sozinho; de forma que, é claro, ele não se dava ao trabalho de evitar erros, e em geral lançava números aleatoriamente, sem nenhum cálculo.

Eu não me confinava invariavelmente a essas regras: elas iam contra a minha consciência; mas raras vezes me desviava delas, por menos que fosse, sem incorrer na ira do meu pequeno pupilo, seguida pela de sua mãe — para quem ele relacionava as minhas transgressões exagerando malignamente ou adornando-as com seus próprios embelezamentos. E em geral eu me via a ponto de perder ou de ter de renunciar ao meu emprego. Mas, em nome dos que haviam ficado em minha casa, afogava o orgulho e suprimia a indignação, e consegui continuar lutando até o meu pequeno

algoz ser despachado para a escola. Seu pai declarou que a educação em casa “não funcionaria com ele, estava claro: sua mãe o mimava escandalosamente e sua preceptora não conseguia obter nenhum resultado”.

Mais algumas observações sobre Horton Lodge e seus acontecimentos e terei terminado por enquanto com essa descrição. A casa era muito respeitável, superior à do Sr. Bloomfield tanto na idade como no tamanho e na imponência; o jardim não era projetado com tanto bom gosto, mas em vez de um gramado, das jovens árvores protegidas por estacadas, do bosque de álamos e da plantação de abetos, havia um amplo parque particular, repleto de veados e embelezado por velhas árvores. O terreno ao redor era agradável, como podem ser agradáveis os campos férteis, árvores florescentes, aleias verdes e silenciosas e cercas vivas com flores silvestres espalhadas por suas ladeiras; mas era deprimentemente plano para alguém nascido e criado entre as colinas íngremes de—.

Estávamos situados a cerca de duas milhas da igreja da aldeia e por isso a carruagem da família era requisitada toda manhã de domingo, e às vezes com maior frequência. O Sr. e a Sra. Murray costumavam considerar suficiente serem vistos na igreja uma vez, no culto do dia, mas os jovens gostavam de ir uma segunda vez, para perambular o dia inteiro sem fazer nada. Quando algum dos meus alunos decidia caminhar e me levava consigo, eu gostava, pois caso contrário minha posição na carruagem era ir apertada no canto mais distante da janela aberta, com as costas voltadas na direção dos cavalos: uma posição que sempre me provocava enjoo; e se com isso não acabasse sendo forçada a sair da igreja durante o culto, minhas devoções eram perturbadas por langor e mal-estar e pelo medo atormentador de aquilo se tornar pior; uma dor de cabeça deprimente era minha companheira por todo aquele dia, que deveria ser de descanso bem-vindo e de alegria sagrada e calma.

— É muito estranho, Srta. Grey, que a carruagem lhe provoque enjoo; em *mim* ela nunca provoca — observou a senhorita Matilda.

— Nem em mim — disse sua irmã. — Mas acredito que provocaria se eu me sentasse onde ela se senta; um lugar tão horrível, Srta. Grey. Não sei como você aguenta!

“Sou obrigada a aguentar, pois não me deixam escolha”, eu poderia ter respondido. Mas, em consideração aos seus sentimentos, me limitei a responder: “Ora, é uma viagem curta, e se eu não passar mal na igreja, não me importo”.

Se me pedissem para dar uma descrição da organização e planejamento de tarefas diárias, seria um trabalho muito difícil para mim. Fazia as refeições na sala de estudos com meus alunos nas horas que eles preferissem; às vezes eles pediam a refeição muito cedo e a deixavam esperando na mesa por mais de uma hora, e então ficavam de mau humor porque as batatas estavam frias e o molho, coberto de gordura solidificada. Às vezes tomavam chá às quatro; às vezes agrediam os criados porque ele não tinha sido servido precisamente às cinco; e quando o horário era obedecido, como forma de incentivo à pontualidade, eles deixavam o chá na mesa até as sete ou oito horas.

As horas de estudo eram organizadas da mesma forma; nunca se atendia à minha conveniência ou julgamento. Às vezes Matilda e John determinavam “acabar com essa maçada ainda antes do desjejum”, e mandavam a criada me chamar às cinco e meia, sem nenhuma desculpa ou escrúpulo; às vezes me diziam para estar pronta precisamente às seis e, depois de me vestir rapidamente, descia à sala de estudos vazia e esperava um longo tempo até descobrir que haviam mudado de ideia e ainda estavam dormindo; ou, talvez, se fosse uma bela manhã de verão, Brown vinha me dizer que os jovens tinham decidido se dar um feriado e saído; e então eu esperava o desjejum até quase desmaiar: mas eles haviam se fortalecido com alguma coisa antes de sair.

Muitas vezes eles preferiam fazer as lições ao ar livre, e eu não tinha nada a objetar, embora frequentemente me resfriasse por ter me sentado na grama úmida, ou por me expor ao orvalho da noite ou a um vento insidioso que parecia não ter efeito prejudicial sobre eles. Era muito bom que eles fossem resistentes, mas poderiam ter aprendido a cultivar alguma consideração pelos outros, os que não o eram tanto. Mas não posso culpá-los pelo que era talvez minha própria culpa. Pois nunca objetei a eles se sentarem onde lhes aprouvesse. Preferi, tolamente, correr o risco das

consequências, em vez de perturbá-los para minha conveniência. A maneira indecorosa como eles faziam suas lições era tão notável como o capricho da sua escolha de hora e lugar. Apesar de receber minhas instruções, ou repetir o que tivessem aprendido, eles se esparramavam sobre o sofá, deitavam no tapete, espreguiçavam e bocejavam, falavam uns com os outros ou olhavam pela janela; já eu, por outro lado, não podia parar nem para agitar o fogo ou apanhar o lenço que tinha deixado cair sem receber censuras de um dos meus pupilos pela desatenção ou ouvir que “Mamãe não ia gostar se eu fosse tão descuidada”.

Os criados, vendo a pouca estima com que a preceptora era tida tanto pelos pais como pelos filhos, regulavam seu comportamento no mesmo padrão. Muitas vezes me levantei em favor deles, com risco de prejuízo para mim, contra a tirania e injustiça dos jovens senhores e senhoritas, e sempre me esforcei para lhes dar tão pouco trabalho quanto me era possível; mas eles negligenciavam por completo o meu conforto, desprezavam os meus pedidos e faziam pouco caso das minhas ordens. Os criados, estou convencida, não agem mal por conta própria; por serem ignorantes e pouco acostumados ao raciocínio e à reflexão em geral são corrompidos pelo descaso e pelo mau exemplo dos que estão acima; e aqueles, acredito eu, não eram da melhor categoria.

Às vezes eu me sentia degradada pela vida que levava, e envergonhada por me submeter a tantas indignidades. E às vezes me considerava uma boba por me preocupar tanto por eles, e temia estar carente de humildade cristã ou daquela caridade que “sofre muito e é dócil, não aspira ao seu, não é facilmente provocada, suporta tudo, sofre tudo”.

Mas, com tempo e paciência, as coisas começaram a melhorar um pouco: de forma lenta, é verdade, e quase imperceptível. Livrei-me dos rapazes (o que não foi pouca coisa), e as meninas, como mencionei acima com relação a uma delas, tornaram-se um pouco menos insolentes e começaram a manifestar alguns sintomas de estima. “A Srta. Grey era uma criatura estranha: ela nunca lisonjeava, e não as elogiava nem a metade do que se esperaria; mas sempre que falava favoravelmente delas, ou de alguma coisa pertencente a elas, as meninas tinham certeza de que a

aprovação era sincera.” “Ela era muito atenciosa, calma e pacífica, mas havia algumas coisas que a deixavam fora de si. Elas não se importavam muito, é verdade, mas ainda assim era melhor mantê-la calma, pois quando estava de bom humor ela conversava com elas, era muito simpática e divertida, à sua maneira, que era muito diferente da maneira da mamãe, mas ainda assim era muito bom para variar. Ela tinha opiniões próprias sobre qualquer assunto, e se mantinha firme nelas; em geral opiniões muito cansativas, pois sempre pensava no que era certo e no que era errado, tinha uma estranha reverência a assuntos ligados à religião e um afeto inexplicável por pessoas boas.”

¹ Personagem verboso de Shakespeare na peça *Muito barulho por nada*.

VIII

O *DÉBUT*

A os dezoito anos, a Srta. Murray devia emergir da calma obscuridade da sala de estudos para o brilho do mundo elegante — tão elegante quanto seria possível fora de Londres, pois não haveria forma de convencer seu pai a abandonar os prazeres e ocupações, mesmo que por algumas semanas, para residir na cidade. Ela deveria fazer o seu *début* no dia três de janeiro, num baile magnífico que sua mãe pretendia oferecer a toda a nobreza e à seleta sociedade de O— e região, num raio de vinte milhas. Evidentemente, ela esperava por isso ansiosa, com feroz impaciência e com as mais extravagantes antecipações de prazer.

— Srta. Grey — disse ela, uma noite, um mês antes do dia tão importante, quando eu estava lendo uma carta extremamente interessante da minha irmã, pela qual já havia passado os olhos pela manhã para ver se não trazia nenhuma notícia ruim e tinha esperado até aquele momento para ler, incapaz de achar um instante de tranquilidade antes disso —, ponha de lado essa carta estúpida e preste atenção! Tenho certeza de que a minha conversa é muito mais interessante.

Ela se sentou no tamborete aos meus pés e eu, afogando um suspiro de irritação, comecei a dobrar a carta.

— Você devia dizer à boa gente em sua casa para não aborrecê-la com cartas tão longas — disse ela — e, acima de tudo, diga-lhes para escrever em papel de carta adequado, e não nessas folhas enormes e vulgares. Você devia ver os lindos papeis de carta em que mamãe escreve aos seus amigos.

— A boa gente em casa — respondi —, sabe muito bem que quanto mais longas as suas cartas, mais me agradam. Eu ficaria muito sentida em receber um bilhete polido de qualquer um deles. E pensei que você fosse

polida o bastante para não falar da “vulgaridade” de escrever numa folha grande de papel.

— Bem, só disse isso para brincar com você. Mas agora quero falar do baile. E lhe dizer que vai ter de adiar suas férias até depois dele.

— Por quê? Não vou comparecer ao baile.

— Não, mas vai ter de verificar os salões antes do início, e ouvir a música, e acima de tudo ver-me no meu esplêndido vestido novo. Vou estar tão linda que você vai ter vontade de cair de joelhos e me prestar adoração. Você precisa ficar.

— Gostaria muito de vê-la, mas terei várias oportunidades de vê-la igualmente linda durante um dos muitos bailes e festas que virão, e não posso desapontar minha família adiando por tanto tempo a minha volta.

— Ora, esqueça sua família! Diga-lhes que não vamos permitir a sua viagem.

— Mas, para dizer a verdade, seria um desapontamento para mim: desejo vê-los tanto quanto eles me querem ver, talvez mais.

— Mas vai ser por tão pouco tempo.

— Quase uma quinzena, pelos meus cálculos. E, além do mais, não suporto a ideia de passar um Natal longe de casa: e a minha irmã vai se casar.

— Vai mesmo? Quando?

— Só no mês que vem, mas quero estar lá para auxiliá-la nos preparativos e aproveitar ao máximo a sua companhia enquanto ela ainda estiver conosco.

— Com quem ela vai se casar?

— Com o Sr. Richardson, pastor da paróquia vizinha.

— Ele é rico?

— Não. Tem o suficiente para viver bem.

— Ele é bonito?

— Não, apenas razoável.

— É jovem?

— Não, de meia idade.

— Oh, meu Deus! Que tristeza! Como é a casa?

— Uma pequena casa paroquial, com uma varanda coberta de hera, um jardim à moda antiga e...

— Oh, pare! Você está começando a me fazer passar mal. Como ela suporta?

— Espero que ela não apenas suporte, mas que seja muito feliz. Você não perguntou se o Sr. Richardson era um homem bom, sábio ou simpático; eu poderia ter respondido *sim* a todas essas perguntas. Pelo menos é o que Mary pensa, e espero que ela não se descubra enganada.

— Criatura infeliz! Como ela pode pensar em passar a vida ali, presa com esse velho horrível, sem *nenhuma* esperança de mudança?

— Ele não é velho, tem apenas trinta e seis ou sete anos. E ela tem vinte e oito, e é tão séria como se já tivesse cinquenta anos.

— Ah, menos mal então, estão bem ajustados. Mas ele é chamado de “digno pastor”?

— Não sei, mas se o for, acredito que mereça o tratamento.

— Meu Deus, que chocante! E ela vai usar um avental branco e fazer tortas e sobremesas?

— Não sei nada quanto a avental branco, mas acredito que vez por outra ela vai fazer tortas e sobremesas sim. Mas isso não será um grande sofrimento, pois ela já as faz agora.

— E ela vai andar pela cidade com um xale simples e um chapéu de palha, levando orações e caldo de mocotó para os paroquianos pobres do marido?

— Disso eu não tenho certeza; mas acredito que ela há de fazer todo o possível para aumentar o bem-estar de corpo e mente dos paroquianos, conforme o exemplo da nossa mãe.

IX

O BAILE

—Venha, Srta. Grey—exclamou a Srta. Murray no momento em que entrei na sala de aula, depois de ter trocado de roupa ao voltar das minhas quatro semanas de férias. — Feche a porta e sente-se; vou lhe contar tudo sobre o baile.

— Não, maldição! — gritou a senhorita Matilda. — Cale a boca e me deixe contar sobre a minha nova égua. Um esplendor, Srta. Grey! Uma égua puro-sangue...

— Cale-se, por favor, Matilda! Deixe-me contar primeiro as minhas notícias.

— Não, não, Rosalie, você vai levar tempo demais! Ela vai me ouvir primeiro. Quero ir para o inferno se não ouvir!

— Sinto muito, senhorita Matilda, em ver que você ainda não se livrou desse costume chocante.

— Bem, não consigo evitar; mas não vou dizer nenhuma palavra grosseira novamente se você me ouvir e disser a Rosalie para ficar calada.

Rosalie protestou e pensei que seria dividida em pedaços pelas duas, mas a senhorita Matilda tinha a voz mais forte e sua irmã cedeu e deixou que ela contasse sua história primeiro. Então fui condenada a ouvir o longo relato sobre a esplêndida égua, a raça e o pedigree, a marcha, a ação, a vitalidade... E sobre a sua própria habilidade e coragem ao cavalgá-la. Concluiu com a afirmação de que era capaz de saltar uma porteira de cinco barras “num piscar de olhos” e que seu pai havia dito que ela poderia caçar na próxima vez em que reunissem os cachorros, e que sua mãe tinha encomendado para ela uma linda roupa de caça vermelha.

— Oh, Matilda! As mentiras que você inventa! — exclamou a irmã.

— Bem — respondeu ela, nem um pouco envergonhada —, eu sei que seria *capaz* de saltar uma porteira de cinco barras se tentasse, e o papai *vai* dizer que eu vou poder caçar, e a mamãe *vai* encomendar a roupa de caça quando eu pedir.

— Bem, agora vá embora — disse Rosalie —, e tente ser um pouco mais refinada, Matilda querida. Srta. Grey, acho que você *deveria* ensiná-la a não usar palavras tão chocantes. Ela chama seu cavalo de égua: é tão impensavelmente chocante! E usa essas expressões horríveis para descrevê-lo: deve tê-las aprendido com os cavaleiros. Eu quase fico louca quando ela fala assim.

— Sua besta! Aprendi com o papai e os amigos alegres dele — disse a jovem, estalando vigorosamente um chicote de caça que sempre carregava consigo. — Conheço cavalos tão bem quanto qualquer um deles.

— Vá embora, garota grosseira! Vou ter um ataque se você continuar assim. E agora, Miss Grey, ouça-me; vou lhe contar sobre o baile. Você deve estar morrendo de vontade de saber, eu tenho certeza. Oh, que baile! Você nunca viu, ouviu, leu ou sonhou com coisa igual na sua vida. As decorações, a diversão, a ceia, a música, foram todas indescritíveis! E os convidados! Vieram dois aristocratas, três baronetes, cinco damas nobres, outras damas e inúmeros cavalheiros. As damas, evidentemente, não tiveram nenhuma importância para mim, a não ser por me deixarem satisfeita comigo mesma, pois mostraram como eram quase todas feias e deselegantes. E as melhores, mamãe me disse, as belezas mais transcendentais entre elas, não eram nada comparadas a mim. Quanto a mim, Srta. Grey, que pena que você não me viu! Eu estava *encantadora*, não estava, Matilda?

— Mais ou menos.

— Não, eu realmente estava. Pelo menos foi o que a mamãe disse. Brown e Williamson confirmaram. Brown disse que tinha certeza de que nenhum cavalheiro poderia por os olhos em mim sem se apaixonar de imediato. Por isso acho que posso ser um pouco vaidosa. Sei que a senhorita vai pensar que sou uma garota frívola, presunçosa, grosseira. Mas, você sabe, eu não atribuo *tudo* às minhas atrações pessoais. Atribuo um

pouco à minha cabeleireira, e um pouco ao meu vestido delicadamente lindo, de seda branca sobre cetim rosa, e feito com tanto primor! Você precisa vê-lo amanhã. E um colar e um bracelete de lindas pérolas grandes!

— Não tenho dúvida de que você estava linda; mas isso deveria deliciá-la tanto?

— Oh, não, não! Não é só isso; eu também fui tão admirada... e fiz *tantas* conquistas naquela noite, você ficaria espantada ao ouvir.

— Mas que bem elas podem lhe trazer?

— Que bem? Imagine uma mulher perguntar isso!

— Bem, acredito que uma única conquista deveria ser suficiente, e até excessiva, caso a conquista não fosse mútua.

— Oh, eu nunca vou concordar com você nessas questões. Ora, espere um pouco e vou lhe revelar os meus principais admiradores, os que se destacaram mais naquela noite e nas seguintes, pois desde então compareci a duas festas. Infelizmente os dois aristocratas, Lord G. e Lord F., eram casados, caso contrário eu poderia ser particularmente afável com eles; mas, na verdade eu não fui: embora Lord F., que odeia a esposa, estivesse de fato muito impressionado comigo. Ele me pediu duas vezes para dançar com ele. A propósito, é um dançarino gracioso, tal como eu; você nem calcula como dancei bem, eu mesma fiquei espantada. O meu lorde também foi muito elogioso, elogioso demais, para dizer a verdade, e considere adequado ser um pouco arrogante, até um pouco repelente. Mas tive o prazer de ver a sua esposa horrorosa quase cair morta de inveja e aborrecimento.

— Oh, senhorita Murray! Você não quer dizer que uma coisa dessas poderia lhe dar prazer? Por mais rabugenta ou...

— Eu sei que é errado... Esqueça! Pretendo ser boa no futuro, mas não venha com sermões agora, você é boa demais. Ainda não lhe contei nem a metade. Deixe ver... Oh, eu ia lhe contar quantos incontestáveis admiradores eu tive. O Sr. Thomas Ashby foi um deles. O Sr. Hugh Meltham e o Sr. Broadley Wilson são velhos rabugentos, só podem ser companheiros do papai e da mamãe. O Sr. Thomas é jovem, rico e alegre, porém um homem horroroso; mas a mamãe diz que eu não ia dar tanta importância a isso depois de alguns meses. E houve Henry Meltham, o filho

mais novo do Sr. Hugh. Um belo sujeito para flertar: entretanto, é um filho caçula, isso é tudo que ele merece. Depois vem o jovem Sr. Green, muito rico, mas de nenhuma família importante, um sujeito estúpido, um caipira! E houve o nosso bom pároco, o Sr. Hatfield: devia se considerar um admirador humilde, mas acredito que tenha se esquecido de relacionar a humildade entre as suas virtudes cristãs.

— O Sr. Hatfield compareceu ao baile?

— Claro. Você acreditava que ele fosse bom demais para comparecer?

— Pensei que ele talvez considerasse não clerical.

— De forma alguma. Ele não profanou o hábito dançando. Mas que dificuldade teve para se conter, pobre homem: parecia que estava ansioso por pedir a minha mão para *uma única* dança. Oh! A propósito, ele agora tem um novo cura: aquele velho, Sr. Bligh, recebeu finalmente o seu esperado benefício e se foi.

— E como é o novo?

— É um bruto! Seu nome é Weston. Posso lhe dar a sua descrição em quatro palavras: um cabeça dura insensato, feio e estúpido. Na verdade são cinco, mas não importa: chega de falar dele.

Ela então voltou ao baile, me deu mais um relato do seu sucesso e falou das outras festas a que tinha comparecido. Descreveu mais alguns particulares relativos ao Sr. Thomas Ashby e aos senhores Meltham, Green e Hatfield, e me informou mais uma vez sobre a impressão indelével que tinha deixado neles.

— Bem, e qual dos quatro você prefere? — perguntei, sufocando meu terceiro ou quarto bocejo.

— Eu detesto todos! — respondeu ela, balançando os cachos de cabelo num desprezo jovial.

— Isso quer dizer, suponho, “gosto de todos”. Mas qual é o preferido?

— Não, eu realmente detesto todos; mas Harry Meltham é o mais belo e mais divertido e o Sr. Hatfield é o mais inteligente; o Sr. Thomas é o mais cruel, o Sr. Green o mais estúpido. Mas o que devo ter, se estiver destinada a ter qualquer um deles, é Thomas Ashby.

— Claro que não, se ele é tão cruel e se você não gosta dele.

— Não me importa ele ser cruel: isso o torna o melhor de todos. E quanto a não gostar dele, eu não faria grandes objeções a ser a Sra. Ashby, de Ashby Park, se tiver de me casar. Mas se pudesse continuar jovem, continuaria solteira também. Minha vida seria uma diversão completa, eu ia flertar com o mundo inteiro até estar às vésperas de me tornar uma solteirona. E então, para escapar dessa vergonha, depois de ter feito dez mil conquistas, de quebrar o coração de todos, me casaria com um homem indulgente e rico, de família importante, que cinquenta mulheres estariam dispostas a morrer para ter.

— Bem, já que você tem essa opinião, continue solteira, e nunca se case: nem mesmo para escapar à vergonha da virgindade idosa.

X

A IGREJA

B em, Srta. Grey, o que você pensa do novo cura? — perguntou-me a Srta. Murray quando voltamos da igreja no sábado seguinte ao reinício dos nossos deveres.

— Não posso dizer — foi a minha resposta. — Nem cheguei a ouvi-lo pregar.

— Bem, mas você o viu, não viu?

— Mas não posso pretender julgar o caráter de um homem por um olhar superficial ao seu rosto.

— Mas achou-o feio?

— Ele não me deu a impressão de ser particularmente feio. Não me desagradava aquele tipo de semblante. A única coisa que notei em especial foi o seu estilo de leitura, que me pareceu bom, pelo menos muitíssimo melhor que o do Sr. Hatfield.

Leu as Escrituras como se estivesse decidido a dar o máximo efeito a todas as passagens.

Parecia que a pessoa mais indiferente não conseguiria deixar de prestar atenção, e o mais ignorante deixar de compreender. E quanto às orações, ele as lia como se não estivesse lendo, mas orando intensa e sinceramente, do fundo do coração.

— Ah, claro, ele só presta para isso: segue bem o serviço, mas além disso ele não tem nenhuma ideia na cabeça.

— Como você sabe?

— Ah! Sei muito bem. Sou um excelente juiz dessas questões. Você viu como ele saiu da igreja? Pisando duro, como se não houvesse ninguém além dele mesmo, sem olhar para a direita nem para a esquerda, evidentemente sem pensar em nada além da saída da igreja e, talvez, da chegada em casa

para o jantar; sua cabeça grande e estúpida não continha nenhuma outra ideia.

— Suponho que você teria preferido que ele lançasse um olhar para o banco destinado à sua família — disse eu rindo da veemência da sua hostilidade.

— Eu teria ficado muito indignada se ele houvesse ousado fazer tal coisa! — respondeu ela, altiva, agitando a cabeça; então, depois de um momento de reflexão, acrescentou: — Bem, bem! Suponho que ele seja suficientemente bom para o lugar que ocupa. Mas fico feliz em não ter de depender dele para me divertir, é só isso. Você viu como o Sr. Hatfield correu para receber a minha medida e chegar a tempo de nos colocar na carruagem?

— Sim — respondi e acrescentei aos meus botões: “E considere de certa forma aviltante à sua dignidade de clérigo sair correndo do púlpito numa pressa tão ansiosa para apertar as mãos do nobre e colocar a esposa e os filhos deste na carruagem; e além disso, tenho um certo ressentimento por ele quase ter me colocado para fora dela”. Pois, de fato, apesar de eu estar parada diante dele, bem ao lado dos degraus da carruagem, esperando para entrar, ele insistiu em fazer entrar todos e fechar a porta, até que alguém da família o fizesse parar, avisando que a preceptora ainda não tinha entrado. Então, ele partiu, sem uma palavra de desculpas para mim, fazendo à família votos de um bom dia e deixando ao laçaio a tarefa de terminar o serviço.

Nota bene. O Sr. Hatfield nunca falou comigo, como não falaram o Sr. Hugh ou a Sra. Meltham, nem o Sr. Harry ou a senhorita Meltham, nem o Sr. Green ou suas irmãs, nem qualquer outra dama ou cavalheiro que frequentasse aquela igreja: na verdade, ninguém que frequentasse Horton Lodge.

À tarde, a Srta. Murray pediu novamente a carruagem, para ela e a irmã: disse que estava muito frio para se divertirem no jardim. Além do mais, ela acreditava que Harry Meltham estaria na igreja.

— Pois — disse ela, olhando com um sorriso malicioso a própria imagem no espelho — nos últimos domingos ele tem sido o frequentador

mais exemplar da igreja. Pode-se até pensar que ele é um ótimo cristão. Pode ir conosco, Srta. Grey: quero que você o veja. Ele melhorou tanto desde que voltou do estrangeiro, você nem imagina! E, ademais, você vai ter uma oportunidade de ver novamente o belo Sr. Weston e de ouvi-lo pregar.

Eu já o tinha ouvido pregar, e estava muito satisfeita com a verdade evangélica da sua doutrina, além da simplicidade sincera da sua conduta e da clareza e força do seu estilo. Era verdadeiramente revigorante ouvir o seu sermão, depois de por tanto tempo ter-me acostumado aos discursos secos e prosaicos do cura anterior, além das arengas ainda menos edificantes do pároco. Todo dia, o Sr. Hatfield vinha navegando pelo corredor, ou melhor, voando como um remoinho, com sua rica túnica de seda voando às suas costas e roçando as portas dos bancos, e subia ao púlpito como um conquistador subindo no seu carro triunfal. Afundava então na almofada de veludo com uma atitude de graça estudada, permanecia em prostração silenciosa durante algum tempo. Depois murmurava a coleta, grasnava a Oração do Senhor, levantava-se, puxava a luva brilhante cor de alfazema para dar à congregação a visão dos seus anéis brilhantes, passava de leve as mãos pelo cabelo ondulado, meneava um lenço de cambraia, recitava uma passagem curta ou, talvez, uma única frase das Santas Escrituras, como preâmbulo ao seu discurso e, finalmente, pronunciava uma composição que como composição poderia ser considerada boa, apesar de estudada e artificial demais para ser do meu agrado: as proposições eram expostas, os argumentos conduzidos com lógica e, ainda assim, às vezes era difícil ouvir em silêncio até o fim, sem algumas leves demonstrações de impaciência e desaprovação.

Seus temas favoritos eram a disciplina, ritos e cerimônias da igreja, sucessão apostólica, o dever da reverência e obediência ao clero, a atroz criminalidade da dissensão, a absoluta necessidade da observação de todas as formas de religiosidade, a condenável presunção de indivíduos que tentavam pensar por si mesmos em questões ligadas à religião, ou serem guiados pelas próprias interpretações das Escrituras e, ocasionalmente (para agradar aos paroquianos ricos), a necessidade de obediência diferencial dos

pobres aos ricos, apoiando suas máximas e exortações até o fim com citações dos Pais da Igreja, que ele parecia conhecer muito melhor que os Apóstolos e Evangelistas, e cuja importância parecia considerar pelo menos igual à deles. Mas vez por outra ele nos dava um sermão de espécie diferente, que alguém poderia considerar muito bom, mas severo e sem alegria: representava Deus como um gerente terrível, em vez de pai benevolente. Ainda assim, enquanto ouvia, sentia-me inclinada a pensar que o homem era sincero em tudo que dizia: devia ter mudado de opinião e se tornado decididamente religioso, soturno e austero, mas mesmo assim ainda devoto. Mas em geral essas ilusões se dissipavam logo na saída da igreja, quando se ouvia sua voz em alegre colóquio com alguns dos Meltham ou Green ou, quem sabe, com os Murray, provavelmente rindo do próprio sermão, esperando ter dado àquele povo grosseiro algo em que pensar. Talvez exultasse no pensamento de que a velha Betty Holmes agora fosse abandonar a complacência pecaminosa com o cachimbo que tinha sido o seu consolo por mais de trinta anos; que George Higgins passasse a temer os passeios na noite do dia do descanso; e que Thomas Jackson fosse perturbado na consciência e abalado na esperança certa de uma alegre ressurreição no último dia.

Assim, só pude concluir que o Sr. Hatfield era um daqueles que “amarram cargas pesadas, penosamente suportadas, e as lançam nos ombros dos homens, enquanto eles próprios não as movem nem com um dos dedos”; e que “por suas tradições tornam sem efeito a palavra de Deus, ensinando como doutrinas os ensinamentos dos homens”. Fiquei feliz ao observar que o novo cura não se parecia com ele, pelo que pude ver, em nenhum desses particulares.

— Bem, Srta. Grey, o que você pensa dele agora? — disse a Srta. Murray quando tomamos os nossos lugares na carruagem, depois do culto.

— Ainda nenhum mal — respondi.

— Nenhum mal? — repetiu ela, espantada. — O que você quer dizer?

— Quero dizer que não o considero pior do que o considerava antes.

— Não pior! De fato, eu diria que muito pelo contrário! Ele não melhorou muito?

— Oh, melhorou muito — respondi, pois tinha acabado de descobrir que ela estava falando do Sr. Meltham, não do Sr. Weston. O primeiro havia avançado ansioso para falar às jovens: uma coisa que dificilmente teria tentado caso a mãe delas estivesse presente. Também as ajudou a entrar na carruagem. Não tentou me fechar de fora, como o Sr. Hatfield, nem me ofereceu ajuda (que eu teria recusado), mas já que a porta continuava aberta, ele ficou parado, com um sorriso afetado, conversando com elas, e então levantou o chapéu e partiu para sua casa. Mas eu mal o tinha notado todo aquele tempo. Minhas companheiras foram mais observadoras. E, quando seguíamos, elas discutiam entre si não apenas a sua aparência, suas palavras e ações, mas todas as feições do seu rosto e todos os artifícios das suas roupas.

— Você não o terá só para si, Rosalie — disse a senhorita Matilda no final da discussão. — Gosto dele; sei que para mim seria um companheiro belo e alegre.

— Bem, está à sua disposição, Matilda — respondeu sua irmã num tom de indiferença afetada.

— E sei — continuou a outra — que ele me admira tanto quanto admira você, não é, Srta. Grey?

— Não sei, não conheço os sentimentos dele.

— Bem, mas ele admira.

— Minha querida Matilda! Ninguém vai admirá-la enquanto você não se livrar dos seus modos grosseiros e deselegantes.

— Oh, bobagem! Harry Meltham gosta desses modos, bem como os amigos do papai.

— Bem, talvez você cativasse homens velhos ou os filhos mais jovens deles, mas ninguém mais, tenho certeza, vai gostar de você.

— Não me importo; não estou sempre correndo atrás de dinheiro como você e a mamãe. Se o meu marido puder manter alguns cavalos e cachorros, estarei satisfeita. E o resto pode ir para o inferno!

— Bem, se usar essas expressões, tenho certeza de que nenhum cavalheiro de verdade vai se arriscar a se aproximar de você. Srta. Grey, não devia deixá-la falar assim.

— Não posso evitar, Srta. Murray.

— E você está completamente enganada, Matilda, se supõe que Harry Meltham admira você. Posso lhe assegurar que ele não admira.

Matilda começou uma resposta irritada. Mas felizmente a nossa viagem estava chegando ao fim. E a discussão foi interrompida pelo laçao que abriu a porta da carruagem e baixou os degraus para descermos.

XI

OS CAMPONESES

Como agora eu só estava com uma aluna regular — apesar de ela me dar tanto trabalho quanto três ou quatro alunos comuns, e apesar de a sua irmã ter aulas de alemão e desenho —, tinha consideravelmente mais tempo à minha disposição do que jamais tivera desde que assumira o jugo de preceptora. Dediquei esse tempo em parte à correspondência com minha família, em parte à leitura, ao estudo e à prática de música, canto etc., em parte a passeios no jardim e campos adjacentes, com meus alunos se eles quisessem, sozinha se não quisessem.

Geralmente, quando não tinham ao seu alcance alguma ocupação mais agradável, as senhoritas Murray se divertiam com visitas aos camponeses nas terras do seu pai, para receber homenagens lisonjeiras ou ouvir antigas histórias ou novos mexericos das velhas senhoras tagarelas.

Ou, talvez, para desfrutar do puro prazer de dar alegria aos pobres com sua presença animadora ou presentes ocasionais que levavam, entregues com tanta facilidade, recebidos com tanta gratidão. Às vezes eu era convocada a acompanhar uma irmã ou as duas nessas visitas. Ou às vezes me pediam para eu ir sozinha cumprir alguma promessa feita com mais facilidade do que a disposição de cumprir, levar alguma pequena doação ou ler para alguém que estivesse doente ou gravemente indisposto; e assim fui apresentada a vários camponeses, e vez por outra os visitava por iniciativa própria.

Eu geralmente ficava mais satisfeita quando ia sozinha do que na companhia de qualquer uma das duas jovens damas. Pois elas, devido principalmente à sua educação falha, comportavam-se de uma maneira que me era muitíssimo desagradável presenciar. Elas nunca se colocavam no lugar deles em pensamento e, em consequência, não tinham consideração

pelos seus sentimentos; viam-nos como uma ordem de seres inteiramente diferentes delas. Observavam as pobres criaturas às refeições, fazendo comentários mal educados sobre os alimentos e a forma como comiam. Riam das suas noções simples e expressões provincianas, e alguns deles mal se aventuravam a falar. Chamavam cara a cara os homens e mulheres idosos de velhos idiotas e cabeças duras imbecis. E tudo isso sem a intenção de ofender. Eu percebia que as pessoas em geral se magoavam e se irritavam com essa conduta, apesar de o seu medo das “grandes damas” não lhes permitir demonstrar qualquer ressentimento. Mas elas nunca percebiam. Pensavam que, por serem pobres e sem instrução, esses camponeses eram estúpidos e brutos. E na medida em que, como suas superiores, condescendiam em conversar com eles e lhes dar algumas moedas e artigos de vestuário, tinham direito de se divertir, ainda que à custa deles. E aquelas pessoas deviam adorá-las como anjos de luz que se dispunham a atender às suas necessidades e iluminar suas humildes moradias.

Fiz muitas e variadas tentativas de livrar minhas pupilas dessas noções enganosas sem afetar o seu orgulho — que se ofendia facilmente e demorava a se acalmar —, mas com poucos resultados aparentes. E não sei qual era a mais repreensível das duas: Matilda era mais rude e violenta; mas da idade e do exterior mais próprio a uma dama, de Rosalie se devia esperar coisas melhores: ainda assim ela era descuidada e desatenta como uma menina de doze anos.

Num dia brilhante da última semana de fevereiro, eu caminhava pelo parque, apreciando o luxo triplo da solidão, de um livro e de um tempo agradável, pois Matilda havia partido em sua cavalgada diária e Rosalie tinha saído com sua mãe na carruagem para fazer algumas visitas matinais. Mas ocorreu-me que devia deixar de lado esses prazeres egoístas e o parque com o glorioso pátio do claro céu azul, o vento oeste soando entre os galhos ainda sem folhas, as coroas de neve ainda presas entre eles, e já se derretendo sob o sol, e o cervo gracioso pastando a erva úmida que já assumia o frescor e verdura da primavera... e ir à casa de uma certa Nancy Brown, uma viúva cujo filho trabalhava o dia inteiro nos campos e que

sofria uma inflamação nos olhos que recentemente a tinha incapacitado para a leitura — para sua grande tristeza, pois era uma mulher de mente séria e atenta. E assim eu fui e, como sempre, encontrei-a sozinha, na sua casinha pequena, abafada e escura, cheirando a fumaça e ar confinado, mas tão limpa e arrumada quanto lhe era possível manter. Estava sentada ao lado da pequena lareira (composta de algumas brasas vermelhas e a ponta de uma acha), ocupada tricotando. Tinha nos pés uma pequena almofada de saco onde se acomodava seu gentil amigo, um gato com a longa cauda cercando as patas de veludo e os olhos sonhadores semifechados fixos na grade baixa e empenada da lareira.

— E então, Nancy, como você está passando hoje?

— Mais ou menos, senhorita. Meu olho não tá melhor, mas *tô* muito melhor da cabeça do que antes — respondeu ela, levantando-se para me receber com um sorriso contente que fiquei feliz ao notar, pois Nancy havia sido afligida por uma melancolia religiosa. Cumprimentei-a pela mudança. Ela concordou que era uma grande bênção e se disse “totalmente grata por ela”, acrescentando, “se Deus quisé poupá a minha vista, e me deixá lê a minha Bíblia de novo, acho que vô sê feliz como uma rainha”.

— Espero que Ele queira, Nancy — respondi. — E nesse meio tempo, virei ler para você vez ou outra, quando tiver algum tempo livre.

Com expressões gratas de prazer, a pobre mulher foi buscar uma cadeira para mim, mas, como lhe poupei esse trabalho, começou a agitar o fogo e acrescentar mais algumas achas às brasas mortíferas. Então, pegando a velha Bíblia na prateleira, limpou-a cuidadosamente e passou-a para mim. Quando lhe perguntei se havia alguma passagem preferida, ela respondeu:

— Bom, Srta. Grey, se não faz diferença pra senhora, eu queria ouvir aquele capítulo na Primeira Epístola de São João que diz “Deus é amor, e quem vive no amor vive em Deus e Deus nele”.

Depois de uma rápida procura, encontrei essas palavras no capítulo quarto. Quando cheguei ao sétimo versículo, ela me interrompeu, e com desculpas desnecessárias por tal liberdade, pediu-me para ler bem devagar, para que pudesse entender tudo e dar o devido peso a cada palavra, esperando que eu a perdoasse por ser “uma pessoa simples”.

— A pessoa mais sábia — respondi —, poderia pensar sobre esses versos durante uma hora, e por isso se tornar melhor. E eu prefiro lê-los devagar que depressa.

Assim, terminei o capítulo tão lentamente quanto necessário, e de maneira tão comovente quanto me foi possível. Minha ouvinte escutou até o fim com a maior atenção e me agradeceu com sinceridade quando terminei. Permaneci imóvel por meio minuto para lhe dar tempo para refletir, e então, para minha surpresa, ela interrompeu a pausa para me perguntar se eu gostava do Sr. Weston.

— Não sei — respondi um tanto espantada pelo inesperado da pergunta.
— Acho que ele prega muito bem.

— É verdade, e também conversa muito bem.

— Conversa?

— Conversa. Talvez a senhorita não tenha visto ele, não bastante tempo pra conversá.

— Não, nunca encontro alguém para conversar, só as jovens damas da casa.

— Ah, elas são boas menina, mas não falam como ele.

— Então ele vem visitá-la, Nancy?

— Vem, senhorita. E eu sou grata. Ele veio nos ver todos os pobres muito mais vezes que vieram o sêo Bligh ou o pároco. E é bom que ele venha, pois é sempre bem recebido: nós não sabe muita coisa sobre o Reitor. Tem gente que diz que tem muito medo dele. Quando ele entra numa casa, dizem que ele sempre encontra coisa errada, e começa a fazê a lista logo depois de atravessá a porta. Às vez ele pensa que é brigação dele dizer o que está errado. E ele em geral vem com o propósito de reprovar o povo, porque não vai na igreja, não ajoelha e levanta junto com os outros, vai na capela metodista ou coisa igual: mas não sei se ele descobriu coisa errada comigo. Ele veio me visitá uma ou duas vezes, antes da visita do sinhô Weston, quando eu tava muito doente, atrapalhada da cabeça. E como a minha saúde tava muito fraca, criei coragem de chamar ele, e ele veio depressa. Eu tava muito triste, Srta. Grey. Graças a Deus já passou, mas quando eu pegava a minha Bíblia, ela não me dava nenhum consolo. Esse

capítulo mesmo que a senhora tava lendo me perturbava. “Quem não ama, não conhece Deus.” Para mim pareceu assustador, porque senti que não amava nem Deus nem homem como devia, nem ia ser capaz se tentasse. E o capítulo antes, que diz, “Quem nasce de Deus não pode cometer pecado”. E outro trecho que diz, “O amor é o cumprimento da Lei”. E muitos, muitos outros: eu ia cansar a senhorita se quisesse contar todos. Mas tudo parecia me condenar e mostrar que eu não tava no caminho certo. E já que eu não sabia como entrar nesse caminho, mandei o Bill pedir ao sinhô Hatfield para, por favor, algum dia me fazer uma visita. E quando ele veio, contei todos os meus problemas.

— E o que ele disse, Nancy?

— Ora, senhorita, tive a impressão de que ele me desprezou. Eu posso tá enganada, mas ele soltou um assovio, e eu vi um leve sorriso na cara dele, e ele disse: “Oh, isso tudo é bobagem! Você esteve com os metodistas, minha boa mulher”. Mas eu contei para ele que nunca tinha nem chegado nem perto dos metodistas, e ele disse, “Bem, você precisa vir à igreja, onde você vai ouvir as escrituras explicadas adequadamente, em vez de ficar sentada estudando a sua Bíblia em casa”. Mas eu contei para ele que ia sempre na igreja quando tinha saúde. Mas com esse frio do inverno eu não tinha coragem para chegar tão longe, e eu tão mal com o reumatis e o resto. Mas ele disse: “Vai ser bom para o seu reumatis manquejar até a igreja: não existe nada como o exercício para o reumatis. Você anda bem pela casa, por que não pode andar até a igreja? A verdade é que você está gostando muito do seu descanso. É sempre muito fácil encontrar desculpas para fugir ao dever”. Mas sabe, Srta. Grey, não era assim. Mesmo assim eu disse que ia tentar. “Mas, por favor, senhor, se eu for na igreja o quanto eu vou ficar melhor? Eu quero apagar meus pecado e sentir que eles não vai mais ser lembrado contra mim, e que o amor de Deus derrame em todo o meu coração. E se eu não ganho nada em ler a minha Bíblia e dizer as minhas oração em casa, que bem vou receber se vou na igreja?”

“A igreja”, disse ele, “é o lugar indicado por Deus para Sua adoração. É seu dever ir lá tantas vezes quanto puder. Se você quer conforto, deve procurar no caminho do dever”, e muito mais ele disse, mas eu não lembro

todas suas lindas palavra. Mas o que ele quis dizer é que eu devia ir na igreja sempre que pudesse, levar o meu livro de oração e ler todas resposta depois do coroinha, levantar e ajoelhar e sentar e fazer tudo como devia e comer a Ceia do Senhor toda vez, e ouvir os sermão dele e os do sinhô Bligh e tudo ia ficar bem. Se eu continuasse a fazer o meu dever, no fim ia ganhar a minha benção. “Mas se nem assim você ganhar a sua benção, tudo está perdido.

“Então, senhor”, eu disse, “o senhor tá dizendo que eu sou uma condenada”. “Ora”, diz ele, “se você faz o máximo para ir para o céu e não consegue, você deve ser uma dessas que buscam passar pela passagem estreita sem conseguir”. E então ele me perguntou se eu tinha visto as jovem damas da mansão naquela manhã, e eu disse para ele onde tinha visto as moça na estrada. E ele chutou a minha gata para o outro lado da sala e foi atrás delas feliz como uma cotovia. Mas eu estava muito triste: aquela última palavra dele afundou no meu coração e ficou lá que nem um pedaço de chumbo até eu me *cansá* de carregá.

Mas eu segui o conselho dele: pensei que ele dizia tudo aquilo pro bem, apesar de ele ter uns modo estranho. A senhorita sabe, ele é rico e novo, e gente assim não entende o que pensa uma velha pobre como eu. Mas mesmo assim eu tentei ao máximo fazer o que ele mandou... Mas eu estou aborrecendo a senhorita com a minha conversa.

— Oh, não, Nancy. Continue e me conte tudo.

— Bem, meu reumatis melhorou, não sei se porque eu fui na igreja ou não, mas num domingo gelado eu peguei esse frio nos olho. A inflamação não veio logo, veio aos poucos... Mas eu não queria falar dos meus olho, queria falar do problema da minha cabeça. E para dizer a verdade, Srta. Grey, não acho que ela melhorou com a minha ida na igreja, pelo menos nada que valha a pena contar. Minha saúde melhorou, mas não melhorou a minha alma. Ouvi e ouvi os ministro, e li e li o meu livro de oração, mas era que nem tocá corneta ou címbalo. Os sermão que eu não entendia e o livro de oração só servia pra mostrar como eu era má, e que eu podia ler aquelas bela palavra e não ficar melhor por isso, e sempre acho essa leitura como um trabalho pesado, e não uma benção e um privilégio, como acham os

bom cristão. Parecia que tudo era sem vida e escuro para mim. E então, aquelas palavra terrível, “Muitos vão tentar, e não vão entrar”. Elas como que secaram o meu espírito.

Mas um domingo, quando o padre Hatfield falou do sacramento, vi que ele disse, “Se algum de vocês não consegue acalmar a consciência, mas gostaria de um pouco mais de conforto ou conselhos, venha a mim, ou a algum outro sábio ministro da palavra de Deus, e exponha sua aflição!”. No outro domingo, antes do culto, fui na sacristia e comecei a conversá de novo com o pároco. Eu mal tive coragem de tomá essa liberdade, mas pensei que se a minha alma tava em jogo, eu não podia hesitar. Mas ele disse que não tinha tempo para me atender naquela hora. “E, na verdade”, falou ele, “não tenho nada a lhe dizer além do que já disse antes. Tome a comunhão, é claro, e continue cumprindo o seu dever; e se isso não servir para você, nada vai servir. Então, não me incomode mais”.

Então eu fui embora. Mas ouvi o pastor Weston, o pastor Weston tava lá, senhorita, era o primeiro domingo dele em Horton, sabe, e ele tava na sacristia vestido com a sobrepeliz, ajudando o pároco com a batina...

— Sim, Nancy.

— E eu ouvi quando ele perguntou ao Pastor Hatfield quem era eu, e ele respondeu, “Ora, é uma beata idiota”. E eu fiquei muito magoada, Srta. Grey. Mas voltei pro meu lugar e tentei cumprir o meu dever como antes: mas eu não tive paz. E cheguei a tomá a comunhão, mas senti todo aquele tempo que tava comendo e bebendo para minha própria danação. Voltei pra casa muito perturbada.

Mas no dia seguinte, antes de eu me arrumá... na verdade, senhorita, eu não tinha a menor disposição para varrer e arrumá a casa, lavá as vasilha... então eu sentei no meio daquela bagunça. Quem chegou se não o Mestre Weston! Comecei a arrumá a casa, a varrer. Pensei que ele ia ralhar comigo por estar à toa, como teria feito o pastor Hatfield. Mas eu tava enganada: ele só me deu bom dia, com um tom muito calmo e decente. Eu então limpei uma cadeira para ele e avivei um pouco a lareira. Mas eu não tinha esquecido as palavras do pároco, então disse, “estou espantada por o senhor ter tomado o trabalho de vir tão longe para ver uma beata velha como eu”.

Ele pareceu surpreso, mas tentou me convencer de que o reitor tinha falado de brincadeira. E quando não funcionou, ele disse “Bem, Nancy, você não devia se preocupar tanto: o Sr. Hatfield estava de mau humor naquele momento: você sabe que nenhum de nós é perfeito, até Moisés falou irrefletidamente com os lábios. Mas agora sente-se por um minuto, se puder dispor de algum tempo, e diga-me todas as suas dúvidas e medos, e eu vou tentar afastá-los”. Então eu sentei ao lado dele. Ele era totalmente estranho, sabe, Srta. Grey, e ainda *mais* novo que o sêo Hatfield, acho, e não tão bonito quanto ele e um pouco rabugento no começo, mas falava com muita educação, e quando a gata pulou no joelho dele, só fez um carinho e deu um sorriso de leve, o que achei bom sinal, porque uma vez que ela tentou fazer a mesma coisa com o pároco, ele chutou ela para longe, como se só merecesse desprezo e raiva, coitadinha. Mas você não pode esperar que uma gata tenha boas maneira, como um cristão, Srta. Grey.

— Não, claro que não, Nancy. Mas o que o Sr. Weston disse?

— Não disse nada. Mas me ouviu com toda atenção e paciência, sem nem um pouco de desprezo. Então eu continuei e contei tudo, como contei pra a senhora, e ainda mais. “Bem,” disse ele, “o Sr. Hatfield estava certo ao dizer para você perseverar em fazer o dever. Mas ao aconselhar você a ir à igreja e assistir ao serviço, e tudo mais, ele não quis dizer que esse era todo o dever do cristão: ele só pensou que você poderia aprender o que mais devia ser feito, e ser levada a ter prazer nesses exercícios, em vez de ver neles uma tarefa e um peso. E se você tivesse pedido a ele para explicar essas palavras que tanto perturbam você, penso que ele teria dito que se muitos querem entrar pela passagem estreita e não conseguem, são seus próprios pecados que impedem. Assim como um homem com um grande saco nas costas quer passar por uma porta estreita e descobre que é impossível a menos que deixe o saco de fora. Mas você, Nancy, acredito, não tem pecados que não pudesse abandonar se soubesse como?”. E eu disse “É verdade, o senhor fala a verdade”. “Bem”, disse ele, “você conhece o primeiro e grande mandamento, e o segundo que é tão grande como o primeiro, e que nesses dois mandamentos está toda a lei e os profetas? Você diz que não é capaz de amar a Deus. Mas acho que se você considera

corretamente o que e quem Ele é, você não consegue evitar. Ele é o seu pai, seu melhor amigo: todas as bênçãos, tudo que é bom, agradável e útil vem Dele. E tudo que é mau, tudo que você tem razão de odiar, evitar, ou temer, vem de Satã, inimigo Dele e nosso. E por *essa* causa, Deus se manifestou na carne, para destruir as obras do demônio; numa palavra, Deus é *amor*. E quanto mais amor temos dentro de nós, mais perto estaremos Dele e mais do Seu espírito vamos possuir”.

“Bem, senhor”, eu falei, “se eu for capaz de sempre pensá essas coisas, acho que vou poder amar a Deus: mas como vou amá os meus vizinhos, quando eles me atormentam e são tão pecador como são alguns deles?”. “Pode parecer difícil”, disse ele, “amar nossos vizinhos, que têm neles tanto do que é mau, e cujos erros com tanta frequência acordam o mal que se esconde dentro de nós. Mas lembre-se de que *Ele* os fez, e *Ele* os ama. E quem quer que ame aquele que gerou ama também aquele que foi gerado. E se Deus nos ama tanto que deu seu Filho para morrer por nós, nós devemos também amar uns aos outros. Mas se você não é capaz de sentir uma afeição positiva por aqueles que não gostam de você, pode pelo menos tentar fazer com eles como gostaria que fizessem com você: pode se esforçar por ter pena das falhas deles, perdoar as ofensas deles e fazer todo o bem por aqueles à sua volta. E pode se acostumar a isso, Nancy. O próprio esforço vai fazer você amá-los em certo grau, sem falar na boa vontade que a sua bondade vai gerar neles, apesar de terem em si pouca coisa boa. Se amamos a Deus e desejamos servi-Lo, vamos tentar ser como Ele, fazer o trabalho Dele, trabalhar pela Sua glória, que é o bem do homem, apressar a vinda do Seu reino, que é a paz e felicidade de todo o mundo. Por mais impotentes que sejamos, ao fazer todo o bem que podemos ao longo de toda a vida, os mais humildes de nós podem fazer muito nesse sentido: e vamos viver no amor, e que ele possa viver em nós e nós Nele. Quanto mais felicidade distribuirmos, mais vamos receber, até mesmo aqui. E maior será a nossa recompensa no céu, quando descansarmos dos nossos trabalhos”.

Acho que foram essas as palavra dele, senhorita, pois já pensei muitas vezes nelas. E então ele pegou a Bíblia e leu trechos aqui e ali e deixou eles

claros como o dia: e pareceu que uma nova luz nasceu na minha alma. E eu senti a beleza brilhar no meu coração, e só desejei que o pobre Bill e todo mundo pudesse estar ali e ouvir tudo e se alegrar comigo.

Depois que ele foi embora, Hannah Rogers, uma das minhas vizinha, entrou e quis que eu a ajudasse a lavar a roupa. Eu disse a ela que naquele momento não podia, pois ainda não tinha preparado as batata pro jantar, nem lavado a louça do desjejum. Ela então começou a me insultar pela preguiça. No começo fiquei irritada, mas não disse nada errado pra ela; só falei, em voz baixa, que o novo pároco tinha vindo me visitar e que assim que acabasse, eu ia ajudá. Então ela se acalmou, e meu coração se aqueceu para ela, e logo éramos novamente grandes amiga. E é assim, Srta. Grey, uma resposta calma acaba com a raiva, as palavra insultuosas agitam a raiva. Não somente nos outro, mas em você mesma.

— Grande verdade, Nancy. Ah, se pudéssemos sempre nos lembrar.

— É, se pudéssemos.

— E o senhor Weston voltou a visitá-la outras vezes?

— Voltou muitas vezes; e como meus olhos tavam tão mal, ele sentava e lia para mim meia hora a cada vez. Mas a senhorita sabe, ele tem outras pessoas pra ver, e outras coisa pra fazer. Deus o abençoe! E no domingo seguinte ele fez um sermão! E ele disse: “Venham a mim todos vocês que trabalham e são tão sobrecarregados, e eu vou lhes dar o repouso”, e os dois versos abençoados que se seguem. A senhorita não tava lá, tava com sua família, mas aquilo me fez tão feliz! E eu *estou* feliz agora, graças a Deus! E agora me divirto com os pequeno serviço para meus vizinho, os que uma pobre velha meio cega pode fazer. E eles me tratam bem, tal como ele disse. Sabe, senhorita, agora estou tricotando um par de meia pro Thomas Jackson. Ele é um velho esquisito, e já tivemos muitas brigas, uma depois da outra, e muitas vez *discutimo* feio. Então eu pensei que não tinha nada melhor para fazer que tricotar uma meia para ele, e senti que gostava muito mais dele, pobre velho, desde que comecei. Aconteceu justo como sinhô Weston disse.

— Bem, estou feliz por ver você tão feliz, Nancy, e tão sábia. Mas agora tenho de ir. Precisam de mim na casa — disse eu despedindo-me dela; parti

prometendo voltar outra vez quando tivesse tempo e me sentindo quase tão feliz quanto ela.

De outra vez, fui ler para um pobre trabalhador que estava no último estágio de tuberculose. As jovens damas tinham ido vê-lo, e de alguma forma uma promessa de leitura foi extraída delas. Mas era muito trabalhoso, por isso elas me suplicaram para ler para ele no lugar delas. Fui com toda boa vontade, e lá também fui gratificada com elogios ao Sr. Weston, vindos do homem doente e da sua mulher. O primeiro me contou que recebia grande conforto e benefício das visitas do novo cura, que ia com frequência vê-lo, e era um tipo de homem muito diferente do Sr. Hatfield, que vez por outra o tinha visitado antes da chegada do outro a Horton. Nessas ocasiões ele sempre insistia em manter a porta da casa sempre aberta para receber o ar fresco para sua própria conveniência, sem considerar como isso poderia prejudicar o doente. E, depois de abrir o seu livro de orações e ler apressadamente uma parte do Serviço para os Doentes, ia embora correndo. Isso quando não administrava uma dura repreensão à esposa aflita ou dirigia alguma observação imprudente, para não dizer cruel, calculada para aumentar, e não reduzir, os problemas do casal sofredor.

— Ao passo que — disse o homem — o sinhô Weston reza comigo de maneira muito diferente, conversa bondoso comigo como deve ser, e em geral também lê para mim e senta do meu lado como um irmão.

— Como faz com todo mundo! — exclamou sua mulher. — E há três semanas, quando ele viu como o pobre Jem tremia de frio, e como o fogo tava fraco, ele perguntou se nosso estoque de carvão tava acabando. Eu disse que tava, e que nós não podia comprar mais; mas, sabe dona, eu não pensei que ele fosse ajudar nós. Mas ele mandou um saco de carvão no dia seguinte. E desde então nós temos bons fogo. É uma grande benção neste inverno. Mas ele é assim, Srta. Grey: quando ele chega na casa de um pobre para visitar um doente, ele observa o que faz mais falta, e se pensa que eles não vão resolver imediatamente sozinho, não diz nada, mas arruma aquilo para eles. E não é todo mundo que faz isso, tendo tão pouco como ele tem: porque a senhorita sabe, dona, ele tem de viver do que recebe do pároco, o que é muito pouco, dizem.

Lembrei-me então, com uma espécie de alegria, que ele tinha sido considerado um bruto vulgar pela amável senhorita Murray, porque usava um relógio de prata e roupas não tão brilhantes e novas com as do Sr. Hatfield.

Na volta a casa, eu me sentia muito feliz e agradeci a Deus por ter agora alguma coisa em que pensar. Alguma coisa a ponderar como um alívio da monotonia, a maçada solitária da minha vida atual — pois eu era solitária. Nunca, mês após mês, ano após ano, exceto nos breves intervalos de descanso em casa, vira uma criatura a quem pudesse abrir meu coração ou contar livremente os meus pensamentos com esperança de simpatia ou mesmo de compreensão. Só com a pobre Nancy Brown, eu desfrutava de alguns momentos de relação social. Nenhuma conversa era calculada para me tornar melhor, mais sábia ou mais feliz que antes. E até onde me era dado ver, ninguém era muito beneficiado pela minha. Meus únicos companheiros eram crianças pouco amáveis, ignorantes, moças de cabeça errada, de cuja loucura fatigante a solidão sem-fim era um alívio intensamente desejado e afetuosamente apreciado. Mas viver restrita a esses associados era um mal grave, tanto nos efeitos imediatos como nas consequências que deveriam se seguir. Nunca uma nova ideia ou pensamento emocionante chegava a mim vindo de fora; e quando vinha, tal como rosas dentro de mim, era miseravelmente esmagado de imediato ou condenado a enfraquecer e findar por não ver a luz.

Sabe-se que companhias habituais exercem uma grande influência sobre as mentes e modos uns dos outros. Aqueles cujas ações estão sempre diante dos nossos olhos, cujas palavras estão sempre nos nossos ouvidos, nos levam naturalmente, ainda que contra a nossa vontade, de forma lenta, gradual ou imperceptível a agir e falar como eles. Não pretendo dizer até onde se estende esse irresistível poder de assimilação, mas eu me pergunto, se um homem civilizado que fosse condenado a passar uma dúzia de anos no meio de uma raça de selvagens intratáveis, a menos que tivesse o poder de aperfeiçoá-los, não estaria transformado, no mínimo, em um bárbaro, ele mesmo, ao final daquele período? E, como eu não era capaz de tornar melhores os meus jovens companheiros, temia muito que eles me tornassem

pior; que gradualmente trouxessem os meus sentimentos, hábitos, capacidades ao seu próprio nível, sem, ao mesmo tempo, também passar a mim a sua tranquilidade e alegre vivacidade.

Eu já parecia sentir meu intelecto se deteriorar, meu coração se petrificar, minha alma se contrair. Tremia de medo que minhas próprias percepções morais se amortecessem, minhas distinções de certo e errado se confundissem, e todas as minhas melhores faculdades naufragassem, pelo menos abaixo da influência venenosa desse modo de vida. Os vapores ofensivos da terra se juntavam em torno de mim, e se fechavam sobre o meu céu interior. E foi assim que o Sr. Weston finalmente se ergueu diante de mim como a estrela matutina no meu horizonte, para me salvar do medo da completa escuridão. E me regoziquei por ter agora um novo tema de contemplação acima, não abaixo de mim. Estava feliz por ver que o mundo não era todo feito de Bloomfields, Murrays, Hatfields, Ashbys etc. E aquela excelência humana não era apenas um sonho da imaginação. Quando ouvimos um pouco do bem e nenhum mal de uma pessoa, é fácil e agradável imaginar mais. Em resumo, não há necessidade de analisar todos os meus pensamentos. Mas agora o domingo se transformava num dia de prazer peculiar para mim (eu já estava quase acostumada ao canto posterior da carruagem), pois gostava de ouvi-lo, e também gostava de vê-lo, apesar de saber que ele não era belo, nem mesmo o que é considerado encantador, em aspecto exterior. Mas, com certeza, ele não era feio.

Em estatura ele era um pouco, muito pouco, acima do tamanho médio. O contorno do seu rosto era pronunciado demais para ser belo, mas para mim ele anunciava decisão de caráter. O cabelo castanho escuro não era cuidadosamente ondulado, como o do Sr. Hatfield; era escovado para o lado sobre a testa larga e branca. As sobrancelhas me pareciam muito projetadas, mas sob aqueles cenhos escuros brilhavam olhos de um poder singular, castanhos na cor, não muito grandes e fundos na órbita, mas notavelmente brilhantes e expressivos. Havia caráter também na boca, que indicava um homem firme de propósito e habituado ao pensamento. E quando sorria... mas não vou falar do sorriso ainda, pois à época que menciono não o havia visto sorrir. De fato, sua aparência geral não me impressionava com a ideia

de um homem dado a esse relaxamento, nem a de um indivíduo descrito pelos camponeses. Eu tinha formado uma primeira ideia dele e, apesar da reprovação da Srta. Murray, estava plenamente convencida de que ele era um homem com sentimentos fortes, fé firme e piedade ardente, mas ponderado e severo; e quando descobri que às suas outras qualidades se adicionava a verdadeira benevolência e bondade atenciosa e delicada, essa descoberta talvez me tenha deleitado ainda mais por eu não a estar esperando.

XII

A CHUVA

A visita seguinte a Nancy Brown foi na segunda semana de março, pois embora eu tivesse muitos minutos de folga durante o dia quase nunca podia contar com uma hora como inteiramente minha. Onde tudo era deixado aos caprichos da senhorita Matilda e de sua irmã, não podia haver ordem nem regularidade. Qualquer que fosse a ocupação que escolhesse, quando não estava ocupada em torno delas ou dos seus interesses, tinha de manter os quadris apertados, os sapatos nos pés e meu bastão na mão. Não estar disponível de imediato ao ser chamada era encarado como ofensa grave e indesculpável: não apenas pelas minhas alunas e sua mãe, mas também pela própria criada, que vinha numa pressa sem fôlego me chamar, exclamando, “Você tem que ir *imediatamente*, madame, as jovens estão *esperando*!” O clímax do horror! Esperando, imaginem, pela preceptora!

Mas dessa vez eu tinha certeza de que possuía uma ou duas horas para mim: pois Matilda se preparava para uma longa cavalgada e Rosalie se vestia para uma festa na casa da Sra. Ashby. Então aproveitei a oportunidade para ir à casa da viúva, onde a encontrei um tanto ansiosa por causa da gata, que estava ausente por todo um dia. Tranquilei-a com muitas histórias que me vieram à mente sobre as propensões ambulantes daquele animal. “Tenho medo dos guarda-caça”, disse ela: “é só nisso que consigo pensar. Se os jovens senhores tivessem em casa, eu ia dizer que eles tavam aticando os cachorro em cima dela, coitada, como já fizeram com muitos pobres gatos. Mas não preciso me preocupar agora.” Os olhos de Nancy haviam melhorado, mas ainda faltava muito para ficarem bem. Ela vinha tentando fazer uma camisa de domingo para o filho, mas me disse que só conseguia fazer um pouquinho de cada vez, e avançava muito devagar, apesar de o rapaz desejá-la muito. Então eu propus ajudá-la um

pouco depois de ter lido para ela, pois tinha muito tempo naquele dia e não precisava voltar antes do anoitecer. Ela aceitou a oferta com gratidão. “E a senhora também vai me fazer companhia, porque eu me sinto sozinha sem a minha gata.” Mas quando terminei a leitura e a metade da costura, com o enorme dedal de Nancy ajustado ao meu dedo com um pouco de papel, fui surpreendida pela entrada do Sr. Weston, com a gata nos braços. Vi então que ele sabia sorrir, um sorriso muito agradável.

— Acabo de lhe prestar um bom serviço, Nancy — começou, e então me viu e me cumprimentou com uma leve reverência. Eu teria sido invisível para Hatfield ou para qualquer outro cavalheiro do lugar. — Livrei a sua gata das mãos, ou melhor, da arma, do guarda-caça do Sr. Murray.

— Deus o abençoe, senhor! — gritou a velha, agradecida, a ponto de chorar de alegria ao receber sua favorita dos braços dele.

— Tome cuidado com ela — disse ele —, e não a deixe chegar perto da reserva de coelhos, pois o guarda-caça jura que atira nela se a encontrar lá outra vez. É o que ele teria feito hoje, se eu não chegasse a tempo de interrompê-lo. Acredito que esteja chovendo, Srta. Grey — acrescentou, em tom mais calmo, observando que eu tinha largado o trabalho e me preparava para partir. — Não deixe que eu a perturbe, não vou demorar mais que dois minutos.

— *Os dois* vão ficar enquanto a chuva não passa — disse Nancy, agitando o fogo e colocando mais uma cadeira perto dele. — Ora, tem lugar para todo mundo.

— Eu vejo melhor aqui, obrigada, Nancy — respondi, levando o meu trabalho para a janela, onde ela teve a bondade de me permitir ficar sossegada enquanto buscava uma escova para remover os pelos da gata do casaco do Sr. Weston, e enxugava a chuva do seu chapéu, e dava comida para a gata, conversando animadamente o tempo todo, ora agradecendo ao amigo clerical pelo que tinha feito, ora se perguntando como a gata tinha descoberto a reserva dos coelhos, ora lamentando as prováveis consequências dessa descoberta. Ele ouvia com um sorriso calmo e bem humorado, e afinal sentou-se em atenção aos insistentes convites dela, mas repetiu que não pretendia ficar.

— Tenho de ir a outro lugar — disse ele —, e estou vendo (olhando o livro na mesa) que alguém está lendo para você.

— Sim, senhor. A Srta. Grey teve a gentileza de ler um capítulo para mim. E agora ela está me ajudando com uma camisa para o nosso Bill. Mas acho que a senhorita vai sentir frio aí. Não quer vir para perto do fogo?

— Não, obrigada, Nancy, estou aquecida. Tenho de ir embora quando a chuva passar.

— Oh! A senhorita disse que podia ficar até o anoitecer! — exclamou a velha, provocando, e o Sr. Weston pegou o chapéu.

— Não, senhor — exclamou ela —, por favor, não vá agora, está chovendo muito.

— Mas vejo que estou mantendo a sua visita longe do fogo.

— Não está não, Sr. Weston — respondi, esperando que não houvesse mal numa mentira daquele tipo.

— Não, claro! — exclamou Nancy. — Tem muito espaço!

— Srta. Grey — disse ele meio jocoso, como se sentisse necessidade de mudar de assunto, tivesse ou não alguma coisa em particular a dizer. — Gostaria que você fizesse a paz entre mim e o *squire*,¹ quando o vir. Ele estava presente quando libertei a gata de Nancy, e não aprovou o ato. Eu lhe disse que era melhor ele perder todos os seus coelhos que Nancy perder a sua gata, e por essa afirmação audaciosa ele me respondeu com uma linguagem muito pouco cavalheiresca. E acho que retruquei com uma linguagem um tanto acalorada demais.

— Oh, senhor! Espero que o senhor não tenha caído em desgraça por causa da minha gata!

— Não tem importância, Nancy: eu não ligo, de verdade. Não disse nada muito grosseiro, e suponho que o Sr. Murray já está acostumado a usar linguagem forte quando está irritado.

— Sim, senhor: é uma pena.

— E agora tenho de ir. Preciso ir a um lugar a uma milha de distância. E você não ia querer que eu voltasse no escuro: além do mais, a chuva praticamente já acabou, por isso boa noite, Nancy, boa noite, Miss Grey.

— Boa noite, Sr. Weston. Mas não espere que eu faça a paz entre o senhor e o senhor Murray, pois nunca o vejo, nunca converso com ele.

— Não conversa? Então não tem solução — respondeu ele, em dolorosa resignação; então, com um meio sorriso peculiar, acrescentou —, mas não se preocupe. Imagino que o *squire* tenha mais motivos para se desculpar que eu. — E saiu da casa.

Continuei a minha costura enquanto conseguia ver. Depois me despedi de Nancy, certificando sua gratidão viva demais pela afirmação inegável de que eu só tinha feito por ela o que ela teria feito por mim se estivesse no meu lugar e eu no dela. Voltei correndo a Horton Lodge, onde, ao entrar na sala de estudos, encontrei a mesa do chá em confusão, a bandeja inundada de restos líquidos e a senhorita Matilda num humor feroz.

— Srta. Grey, o que você andou fazendo? Tomei chá há meia hora, e tive de prepará-lo eu mesma e bebê-lo completamente sozinha! Quisera que você tivesse voltado mais cedo!

— Fui visitar Nancy Brown. Pensei que você não teria voltado da sua cavalgada.

— Como eu poderia cavalgar na chuva, gostaria de saber. Aquela chuva torrencial já foi irritante o bastante, começou exatamente quanto eu estava a pleno vapor. E depois chegar e não encontrar ninguém para o chá! E você sabe que não sei fazer o chá como eu gosto.

— Não pensei na chuva — respondi (e, de fato, o pensamento de ela voltar para casa nem tinha passado pela minha cabeça).

— Não, claro, você estava abrigada e nunca pensa nas outras pessoas.

Suportei suas acusações grosseiras com espantosa tranquilidade, até com alegria. Sabia que tinha feito mais bem para Nancy Brown do que mal para ela; e talvez outros pensamentos tenham me ajudado a manter a alegria e dar algum gosto à xícara de chá fraco, além de um pouco de encanto à péssima aparência da mesa e ao rosto inamistoso da senhorita Matilda. Mas ela logo foi para os estábulos e me deixou a desfrutar o calmo prazer da minha refeição solitária.

¹ Membro da pequena nobreza rural da Inglaterra.

XIII

AS PRÍMULAS

A Srta. Murray ia agora duas vezes à igreja, pois amava tanto a admiração que não suportava perder uma única oportunidade de obtê-la. E tinha tanta certeza dela onde quer que se mostrasse que, se Harry Meltham e o Sr. Green não estivessem, com certeza haveria alguém presente que não ficaria insensível aos seus encantos — além do reitor, cuja condição oficial em geral o obrigava a comparecer. E se o tempo permitisse, as duas, ela e sua irmã, costumavam voltar a pé para casa. Matilda, porque detestava o confinamento da carruagem. Ela porque detestava a sua privacidade, e gostava da companhia que dava vida à primeira milha do caminho entre a igreja e o portão do parque do Sr. Green, perto do qual começava o caminho particular até Horton Lodge, que corria na direção oposta, enquanto a estrada conduzia num curso direto à mansão ainda mais distante do Sr. Hugh Meltham. Assim sempre haveria uma oportunidade de ser acompanhada até ali ou por Harry Meltham, com ou sem a senhorita Meltham, ou pelo Sr. Green, com talvez uma das suas irmãs, ou as duas, ou algum cavalheiro visitante que estivessem hospedando.

Se eu caminhava com as jovens damas ou seguia de carruagem com seus pais, ia depender do capricho delas; se decidissem me “levar”, eu ia. Se, por razões que só elas conheciam, decidissem ir sozinhas, eu me acomodava na carruagem. Eu gostava mais da caminhada, mas um senso de relutância em impor minha presença a qualquer um que não a desejasse sempre me mantinha passiva nessas e em ocasiões similares. E nunca perguntei as causas dos seus caprichos variáveis. De fato, era essa a melhor política, porque se submeter e obsequiar eram as tarefas da preceptora, e a das alunas era atender aos seus próprios prazeres. Mas quando eu andava, em geral a primeira parte da viagem era um grande desprazer para mim.

Como nenhuma das damas e cavalheiros acima mencionados me notava, era desagradável andar ao lado deles, como que ouvindo o que diziam, ou desejando passar por um deles, enquanto eles falavam através de mim. E se ao falar seus olhos por acaso caíam em mim, era como se estivessem olhando o vazio, como se não me vissem ou desejassem muito fazer parecer que não me viam. Também era desagradável caminhar atrás, e assim parecer reconhecer a minha própria inferioridade. Na verdade, eu me considerava praticamente tão boa quanto o melhor deles, e desejava que soubessem que eu o era, e não que imaginassem que eu me considerava uma reles doméstica, que conhecia bem o seu lugar e por isso não caminhava ao lado deles, embora aquelas finas damas preferissem ter-me com elas e até condescendessem em conversar comigo quando não houvesse companhia melhor à mão. Assim, quase tenho vergonha de confessar, não me dei pouco trabalho nos meus esforços (se me mantinha ao lado deles) de parecer perfeitamente inconsciente ou indiferente à sua presença, como se estivesse absorvida por completo nas minhas próprias reflexões, ou na contemplação dos objetos circundantes. Ou, se me deixava ficar para trás, seria algum pássaro ou inseto, uma árvore ou flor, o que atraía a minha atenção, e depois de tê-lo examinado, continuava sozinha a minha caminhada, em passo descansado, até quando minhas pupilas se tivessem despedido dos companheiros e entrassem no silencioso caminho particular.

De uma dessas ocasiões eu me lembro particularmente bem. Era uma linda tarde perto do fim de março. O senhor Green e suas irmãs tinham mandado a carruagem de volta vazia para apreciar o sol e o ar balsâmico num passeio até a casa ao lado dos visitantes, o capitão Alguém e o tenente Alguém Mais (dois dândis militares), e as senhoritas Murray, que, claro, decidiram se juntar a eles. Era um grupo muito agradável para Rosalie. Mas como não consegui considerá-lo igualmente agradável para o meu gosto, logo me deixei ficar para trás e comecei a botanizar e entomologizar ao longo dos barrancos verdes e cercas vivas em flor, até que o grupo estivesse a uma distância considerável à minha frente e eu conseguisse ouvir o canto de uma cotovia feliz. Então o meu espírito de misantropia começou a se

desmanchar sob o ar puro e suave e o sol cordial. Em seu lugar surgiram pensamentos tristes da primeira infância e anseios pelas alegrias perdidas ou por um futuro mais brilhante. Enquanto meus olhos vagavam sobre as margens íngremes cobertas de grama nova e plantas de folhas verdes, e superadas pelas cercas vivas em flor, eu ansiava intensamente por uma flor conhecida que me pudesse lembrar os vales cobertos de florestas ou as encostas verdes da minha terra; evidente, os pântanos marrons estavam fora de questão. Tal descoberta sem dúvida teria feito meus olhos jorrarem lágrimas. Mas agora era uma das minhas grandes alegrias. Afinal, avistei no alto, entre as raízes retorcidas de um carvalho, três lindas primulas, surgindo tão docemente do seu esconderijo que as lágrimas começaram a correr diante daquela visão. Mas elas estavam tão lá no alto, acima de mim, que tentei em vão colher uma ou duas para sonhar e para levar comigo. Não conseguiria alcançá-las a menos que subisse no barranco, o que não pude fazer por ter ouvido um passo atrás de mim naquele momento; estava a ponto de me afastar quando fui surpreendida pelas palavras:

— Permita-me colhê-las, Srta. Grey — faladas num tom grave e baixo de uma voz conhecida. As flores foram colhidas imediatamente e entregues na minha mão. Era naturalmente o Sr. Weston: quem mais iria se dar tanto trabalho por *minha* causa?

Agradei a ele, não sei dizer se fria ou calorosamente. Mas estou certa de que não expressei nem a metade da gratidão que sentia. Talvez fosse bobagem sentir gratidão, mas me pareceu naquele momento que era um exemplo notável da sua boa vontade: um ato de bondade que eu não poderia pagar, mas nunca iria esquecer — tão absolutamente desacostumada de receber essas delicadezas, tão pouco preparada para esperá-las de alguém num raio de cinquenta milhas de Horton Lodge. Ainda assim, isso não evitou que eu sentisse certo desconforto na sua presença. E parti para seguir minhas alunas com um passo bem mais rápido que antes. Embora, talvez, se o Sr. Weston tivesse entendido a sugestão e me deixado passar sem mais uma palavra, eu poderia tê-la repetido uma hora depois. Mas ele não o fez. Um passo mais rápido para mim era para ele um passo normal.

— As jovens deixaram a senhorita sozinha — disse ele.

— É, estão ocupadas com uma companhia mais agradável.

— Então não se preocupe em alcançá-las.

Diminuí o passo, mas logo em seguida lamentei. Meu companheiro não falou, e eu não tinha nada nesse mundo para lhe dizer, e temia que ele estivesse com o mesmo problema. Mas ele finalmente quebrou o silêncio perguntando, com certa aspereza tranquila que lhe era peculiar, se eu gostava de flores.

— Gosto muito — respondi —, especialmente das flores silvestres.

— Gosto de flores silvestres — disse ele. — Não gosto das outras, porque não tenho associações pessoais ligadas a elas, com exceção de uma ou duas. Quais são as suas flores favoritas?

— Prímulas, jacintos e flores do campo.

— Violetas não?

— Não, pois, como diz você, não tenho nenhuma associação pessoal com elas. Não existem violetas entre as colinas e vales da minha terra.

— Para a senhorita, deve ser um consolo ter um lar, Srta. Grey — observou o meu companheiro depois de uma pausa curta. — Ainda que remota e pouco revisitada, ainda assim é uma esperança.

— É tão grande que acredito não poder viver sem ela — respondi, com um entusiasmo de que me arrependi de imediato, pois pensei que devia ter parecido incrivelmente tola.

— Oh, claro, poderia, sim — disse ele com um sorriso pensativo. — Os laços que nos ligam à vida são mais fortes do que a senhorita imagina, ou que imagina qualquer pessoa que não tenha sentido a força com que alguém pode ser arrastado sem se romper. A senhorita poderia ser infeliz sem um lar, mas viveria, e sem a infelicidade que supõe. O coração humano é como borracha, um pouco o faz inchar, mas muito não o faz romper. Se “pouco mais que nada o perturba, um pouco menos que tudo será suficiente” para rompê-lo. Tal como nos membros externos do nosso corpo, existe uma força vital inerente a ele, que o fortalece contra a violência externa. Todo golpe que o abala serve para temperá-lo contra um golpe futuro, como o trabalho constante endurece a pele da mão e fortalece os músculos em vez de consumi-los: de forma que o trabalho árduo, que poderia escoriar a

palma da mão de uma dama, não produz impressão sensível na de um camponês no arado. Falo por experiência, em parte a minha própria. Houve tempo em que pensei como você, pelo menos estava totalmente convencido de que o lar e suas afeições eram as únicas coisas que tornavam a vida tolerável; que, se privados delas, a existência se tornaria um peso difícil de ser suportado. Mas agora não tenho lar, a menos que a senhorita dignificasse com esse nome meus dois cômodos alugados em Horton. E há menos de doze meses perdi o último e mais querido dos meus primeiros amigos. E ainda assim eu não só vivo, como não estou completamente privado de esperança e conforto mesmo para esta vida... Embora deva reconhecer que raras vezes entro numa casa humilde no fim do dia e vejo seus moradores reunidos em paz em torno da sua alegre lareira sem uma sensação *quase* de inveja da sua alegria doméstica.

— O senhor ainda não conhece a felicidade que está à sua frente — disse eu. — Está agora apenas no começo da sua viagem.

— O melhor da felicidade — respondeu ele — já tenho: o poder e a vontade de ser útil.

Chegamos então a uma porteira que ligava a uma trilha que levava a uma casa onde, suponho, o Sr. Weston pretendia se fazer útil, pois ele imediatamente se despediu, cruzou a porteira e seguiu pelo caminho com seu passo firme e ligeiro, deixando-me a ponderar suas palavras enquanto seguia sozinha o meu caminho. Já tinha ouvido antes que ele havia perdido a mãe não muitos meses antes da sua chegada. Ela então fora a última e mais querida dos seus primeiros amigos. E ele *não tinha lar*. Tive pena dele do fundo do coração, quase chorei de simpatia. E isso, pensei, explicava a sombra de prematura meditação que com tanta frequência lhe sombreava o cenho, e obtinha para ele a reputação de temperamento melancólico e rabugento dada a ele pela Srta. Murray e por toda sua família.

“Mas”, pensei, “ele não é tão infeliz como eu seria sob tamanha privação; leva uma vida ativa e tem diante de si um amplo campo de empenho. Faz amigos. E também vai constituir um lar, se assim o desejar, e sem dúvida vai desejar. Deus permita que a parceira desse lar seja digna da

sua escolha e crie um lar feliz, o lar que ele merece ter! E como seria ótimo...” Mas não importa o que eu pensei.

Comecei este livro com a intenção de não esconder nada, para que aqueles que gostassem dele pudessem ter o benefício de examinar o coração do próximo. Mas temos alguns pensamentos que todos os anjos no céu são convidados a ver, porém não os homens que são nossos irmãos, nem mesmo o melhor e o mais bondoso entre eles.

Nesse momento os Green haviam seguido para o próprio lar, e as moças Murray tinham entrado na trilha privada, onde corri a segui-las. Encontrei as duas numa discussão animada sobre os respectivos méritos dos dois jovens oficiais. Mas, ao me ver, Rosalie se interrompeu no meio de uma frase para exclamar com alegria maliciosa:

— Oh-oh, Srta. Grey! Afinal você chega, não é? Não surpreende que tenha se deixado ficar atrás por tanto tempo. E não surpreende você defender tão vigorosamente o Sr. Weston quando falo mal dele. Ah, ah! Agora vejo tudo!

— Ora, senhorita Murray, não seja tola — disse eu tentando um riso bem-humorado. — Você sabe que essa bobagem não vai me impressionar.

Mas ela continuou falando coisas tão intoleráveis, ajudada pela irmã, com ficções adequadas criadas para a ocasião que julguei necessário dizer alguma coisa para me justificar.

— Que bobagem é esta! — exclamei. — Se o caminho do Sr. Weston foi o mesmo que o meu por alguns metros, e se ele resolveu trocar algumas palavras de passagem, o que há de tão notável nisso? Asseguro a vocês, nunca conversei com ele antes, só uma vez.

— Onde? Onde e quando? — gritaram impacientes.

— Na casa de Nancy.

— Ah-ah! Você o encontrou lá, não? — exclamou Rosalie com um riso exultante. — Ah! Ora, Matilda, descobri a razão por que ela gosta tanto de ir à casa de Nancy Brown! Ela vai lá namorar o Sr. Weston.

— Realmente, nem vale a pena desmentir. Eu só o encontrei lá uma vez, verdade. E como eu ia saber que ele viria por aqui?

Eu estava irritada diante da alegria e das imputações vexatórias das duas, mas o desconforto não continuou por muito tempo: quando se cansaram de rir, elas voltaram ao capitão e ao tenente. E enquanto discutiam e comentavam os dois, minha indignação se esfriou. A questão foi rapidamente esquecida e voltei meu pensamento para um canal mais agradável. Assim seguimos pelo parque e entramos no saguão. E quando subia as escadas para o meu quarto, tinha em mim apenas um pensamento: meu coração estava cheio até a borda com um único desejo intenso. Depois de entrar no quarto e fechar a porta, caí de joelhos e ofereci uma oração fervorosa, mas não impetuosa: “Seja feita a Vossa vontade”, lutei para rezar até o fim, mas o que disse foi “Pai, todas as coisas são possíveis no Senhor, e pode ser a Vossa vontade”. Por aquele desejo, por aquela oração, homens e mulheres me teriam desprezado. “Mas, Pai, Vós não desprezareis!” disse eu e senti que era verdade. Pareceu-me que o bem-estar de outro era pelo menos tão ardentemente implorado quanto o meu próprio — não, o desejo do meu coração era somente a felicidade desse outro. Talvez eu estivesse me enganando, mas essa ideia me deu confiança para pedir e força para esperar que não estivesse pedindo em vão. Quanto às primulas, guardei duas delas num copo no meu quarto até ficarem completamente secas, e a criada jogou-as fora. As pétalas da outra eu apertei entre as folhas da minha Bíblia, ainda as tenho e pretendo guardá-las para sempre.

XIV

O PÁROCO

O dia seguinte foi tão claro como o anterior. Logo depois do desjejum, Matilda, depois de ter galopado e se atrapalhado durante algumas lições inaproveitáveis, e de ter espancado vingativamente o piano durante uma hora com péssimo humor, dirigido a mim e a ele, porque sua mãe não quisera lhe dar um dia de descanso, foi até os seus lugares favoritos, o pátio, os estábulos e os canis. A Srta. Murray havia saído para aproveitar um passeio tranquilo, tendo por companheira uma nova novela elegante, e me deixara na sala de estudos, muito ocupada com uma aquarela que lhe tinha prometido e que ela insistira em que eu terminasse naquele mesmo dia.

Aos meus pés havia um pequeno terrier de pelo duro. Era propriedade da Srta. Matilda, mas ela odiava o animal e pretendia vendê-lo, alegando que ele era muito mimado. Na verdade, era um excelente animal da sua raça. Mas ela afirmava que ele não servia para nada e que nem mesmo tinha o bom senso de conhecer a própria dona.

Ela o havia comprado quando era ainda um filhotinho, insistindo, de início, que ninguém a não ser ela devia tocá-lo. Mas logo se cansou daquele lactente desamparado e problemático e acedeu aos meus pedidos para tomar conta dele. E eu, alimentando a pequena criatura com zelo desde a infância até a adolescência, havia, é claro, conquistado o seu afeto, uma recompensa que eu devia ter valorizado grandemente e encarado como valendo muito mais que o trabalho que tinha tido com ele, se, em consequência, os sentimentos de gratidão de Snap não o tivessem exposto a muitas palavras duras, chutes de raiva e beliscões da sua dona, e ao risco de ser “deixado de lado” ou transferido a algum dono de coração de pedra. Mas como poderia evitar? Não poderia fazer o cachorro me odiar por tratamento cruel. E ela não iria domesticá-lo com bondade.

Mas, enquanto eu continuava sentada trabalhando com meu lápis, a Sra. Murray entrou na sala, entre deslizando e correndo.

— Srta. Grey — começou ela —, meu Deus! Como você consegue trabalhar em seu desenho num dia como este? (Pensava que eu o fazia por meu próprio prazer.) Não entendo por que você não coloca um chapéu e sai com as meninas.

— Acho, senhora, que a Srta. Murray está lendo e a Srta. Matilda está se divertindo com seus cachorros.

— Se você tentasse divertir Matilda um pouco mais, acho que ela não seria levada a buscar, como busca, diversão na companhia de cachorros, cavalos e cavalariços. E se você fosse um pouco mais alegre e sociável com Rosalie, ela não sairia a passear pelo campo com um livro na mão. Mas não quero vexar você — acrescentou ela, vendo, suponho, que o meu rosto estava em fogo e minha mão tremia com uma emoção desagradável. — Por favor, tente não ser tão melindrosa! Não se pode falar nada com você. Diga-me, se souber, aonde foi Rosalie. Por que ela gosta tanto de estar sozinha?

— Ela diz que gosta de estar só quando tem um livro novo para ler.

— Mas por que ela não o lê no parque ou no jardim? Por que sai para os campos e caminhos? E como é que o Sr. Hatfield sempre a encontra? Ela me disse na semana passada que ele a seguiu com seu cavalo por toda a Moss Lane. E agora tenho certeza que o vi da janela do meu quarto, passando rapidamente pelo portão em direção ao campo aonde ela costuma ir. Gostaria que você saísse para ver se ela está lá e lembrasse a ela que não é próprio de uma dama da sua classe e perspectivas ficar vagando sozinha dessa forma, exposta às atenções de qualquer um que ouse se dirigir a ela, como uma moça pobre e esquecida que não tem um parque onde passear, nem amigos para cuidar dela. E lhe diga que o pai dela ficaria muito irritado se soubesse que ela trata o Sr. Hatfield da maneira tão familiar como, acredito, ela o trata. E, oh! Se você, se *qualquer* preceptora oferecesse a metade da vigilância de uma mãe, a metade da atenção ansiosa de uma mãe, eu teria sido poupada desse problema, e você veria imediatamente a necessidade de manter os olhos fixos nela e de tornar agradável a sua companhia para... Bem, vá, vá. Não há tempo a perder — exclamou ela,

vendo que eu tinha guardado meu material de desenho e esperava na porta a conclusão do seu discurso.

Conforme ela havia previsto, encontrei a Srta. Murray no seu campo favorito bem ao lado do parque e infelizmente não estava só, pois a figura alta e majestosa do Sr. Hatfield caminhava vagorosamente ao seu lado.

Eis uma pergunta para mim. Era meu dever interromper o *tête-à-tête*, mas como eu o faria? O Sr. Hatfield não poderia ser expulso por uma figura tão insignificante como eu. E me colocar do outro lado da Srta. Murray e impor a ela a minha presença indesejada sem dar atenção ao seu companheiro seria uma manifestação de grosseria de que eu jamais poderia ser acusada. E também não tinha coragem de gritar, do alto do campo, que ela era esperada em outro lugar. Então tomei o caminho intermediário de seguir lentamente até eles, com calma, decidida a dizer a Srta. Murray que sua mãe a esperava — caso a minha aproximação não assustasse o admirador.

Ela com certeza estava linda, passeando lentamente sob as castanheiras floridas que estendiam seus longos galhos sobre a paliçada do parque, com um livro fechado em uma das mãos e na outra um gracioso ramo de murta, que servia como um lindo brinquedo. Os cachos brilhantes escapando por baixo do pequeno chapéu, suavemente agitados pela brisa, o rosto iluminado pela vaidade satisfeita, os olhos azuis sorridentes ora olhando seu admirador com certa malícia, ora para baixo, para o ramo de murta. Mas Snap, correndo à minha frente, interrompeu-a no meio de uma resposta meio atrevida, meio divertida, agarrando e puxando seu vestido com veemência, até que o Sr. Hatfield administrou com a bengala uma sonora pancada na cabeça do animal, que voltou ganindo para mim, com um uivo clamoroso que propiciou grande divertimento ao reverendo cavalheiro. Mas ao me ver tão perto ele pensou, suponho, que talvez devesse se despedir. E quando me abaixei para acariciar o cachorro com pena ostentosa para mostrar minha desaprovação quanto à sua severidade, ouvi-o perguntar:

— Quando a verei novamente, Srta. Murray?

— Na igreja, suponho — respondeu ela —, a menos que o seu trabalho o traga aqui novamente no momento exato em que eu estiver passeando.

— Eu poderia ter algum trabalho aqui, se soubesse exatamente quando e onde encontrá-la.

— Mas não poderia informar ao senhor, pois sou tão pouco metódica que não sei dizer hoje o que vou fazer amanhã.

— Então, dê-me esse ramo para consolar-me nesse meio tempo — disse ele, meio jocoso, meio a sério, estendendo a mão para o ramo de murta.

— Não, não dou, de forma alguma.

— Dê! *Por favor*, dê! Serei o mais infeliz dos homens se não me der o ramo. A senhorita não pode ser tão cruel a ponto de me negar um favor tão fácil, e mesmo assim de tanto valor! — implorou ele ardentemente, como se sua vida dependesse disso.

Eu agora estava a poucos metros deles, esperando impacientemente que ele se fosse.

— Então está bem! Tome-o e vá — disse Rosalie.

Ele recebeu o presente com alegria, murmurou alguma coisa que a fez corar e virar a cabeça para o lado com uma pequena risada, mostrando que o seu desprazer era totalmente afetado. E então, com um cumprimento cortês, ele se retirou.

— A senhorita viu que homem, Srta. Grey? — disse ela voltando-se para mim. — Estou tão *feliz* por a senhorita ter vindo! Pensei que nunca ia me livrar dele. E estava com um medo terrível de que o papai o visse.

— Ele estava com você há muito tempo?

— Não. Não muito, mas ele também é muito impertinente; e está sempre passeando por aqui, fingindo que o trabalho ou deveres clericais exigem sua presença na região, quando na verdade está me procurando, pobre de mim, e se lançando sobre mim sempre que me vê.

— Bem, a sua mãe pensa que você não devia ir além do parque ou do jardim sem a minha companhia discreta para afastar os intrusos. Ela viu o Sr. Hatfield passar correndo pelos portões do parque e me despachou com instruções de procurar e tomar conta de você e também de avisar...

— Oh, a mamãe é tão cansativa! Como se eu não pudesse tomar conta de mim mesma! Ela já havia me aborrecido por causa do Sr. Hatfield. Eu disse que ela podia confiar em mim. Nunca vou me esquecer da minha

classe e posição social, nem pelo homem mais maravilhoso que jamais respirou na terra. Gostaria que ele caísse de joelhos amanhã e me implorasse para ser sua esposa, para poder mostrar a ela o quanto está errada ao supor que eu pudesse... Oh! isso me ofende tanto! Pensar que eu poderia ser tão boba a ponto... a ponto de me *apaixonar*! Está abaixo da dignidade de uma mulher fazer uma coisa assim. Amor! Detesto essa palavra aplicada a alguém do nosso sexo. Penso que é um insulto perfeito! Uma preferência eu *poderia* reconhecer, mas nunca por alguém como o pobre Sr. Hatfield, que não tem nem setecentas libras por ano com que se abençoar. Gosto de conversar com ele porque é inteligente e divertido. Gostaria que o Sr. Thomas Ashby tivesse pelo menos a metade do seu encanto. Além do mais, preciso ter *alguém* para flertar, e ninguém mais tem o bom senso de vir aqui. E quando saímos, mamãe não me deixa flertar com ninguém que não com Thomas Ashby, se ele estiver presente, e se *não* estiver presente eu fico de pés e mãos amarrados, por medo de que alguém invente uma história exagerada e enfie na cabeça dele que estou noiva ou planejando ficar noiva de outra pessoa, ou, o que é mais provável, por medo que a horrível mãe dele veja ou ouça a respeito das minhas atividades e conclua que não serei uma boa esposa para o seu excelente filho. Como se esse filho não fosse o maior libertino da cristandade. E como se qualquer mulher normalmente decente não fosse boa demais para ele.

— É mesmo assim, Srta. Murray? E sua mãe sabe disso, e ainda assim deseja que você se case com ele?

— Claro que deseja! Creio que ela sabe mais contra ele do que eu; não me conta para que eu não desanime. Ela não sabe como essas coisas não têm importância para mim. Pois não têm mesmo grande importância; como diz a minha mãe, ele vai se tornar aceitável quando estiver casado, e libertinos reformados são os melhores maridos, *todo mundo* sabe. Eu só gostaria que ele não fosse tão feio, é só nisso que eu penso, mas então não há escolha aqui no interior, e papai não vai permitir que eu vá para Londres...

— Mas devo acreditar então que o Sr. Hatfield seria muito melhor.

— Ele também pensaria assim, se ele fosse o senhor de Ashby Park, não teria a menor dúvida. Mas a verdade é que tenho de ser a dona de Ashby Park, não importa quem o compartilhe comigo.

— Mas é possível que o Sr. Hatfield pense que você gosta dele. Você não leva em conta o cruel desapontamento dele ao se descobrir enganado.

— *Não*, é verdade! Vai ser o castigo adequado para sua presunção, por ter *ousado* pensar que eu poderia gostar dele. Nada me daria mais prazer que erguer o véu dos seus olhos.

— Então, quanto mais cedo você o fizer, melhor.

— Não. Eu lhe digo, gosto de me divertir com ele. Além do mais, ele não acha realmente que eu gosto dele. Quanto a isso eu sou cuidadosa. Você não faz ideia de como o trato com inteligência. Ele pode presumir que conseguirá me *induzir* a gostar dele, e por isso vou puni-lo como merece.

— Bem, mas não lhe dê muitas razões para essa presunção, é só.

Mas todas as minhas exortações foram em vão: só fizeram com que ela ficasse mais cuidadosa em ocultar de mim seus desejos e pensamentos. Não falou mais comigo sobre o pároco, mas vi que sua mente, se não seu coração, ainda estava fixo nele, e que ela estava decidida a encontrá-lo outra vez. Pois apesar de, conforme o pedido da mãe, eu agora ser a companheira dos seus passeios, ela ainda insistia em passear nos campos e caminhos que se estendiam nas proximidades da estrada. E, conversando comigo ou lendo um livro que levava na mão, ela sempre parava para olhar em volta, ou para a estrada, para ver se vinha alguém. E se um cavaleiro passasse trotando, eu sabia pelos insultos sem-fim contra o pobre, não importava quem fosse, que ela o odiava porque *não* era o Sr. Hatfield.

Evidentemente, pensei, ela não é tão indiferente a ele como pensa ser ou gostaria de fazer com que os outros acreditassem. E a ansiedade da sua mãe não é tão sem motivo como ela afirma.

Passaram-se três dias, e ele não apareceu. Na tarde do quarto dia, quando passeávamos ao lado da paliçada do parque naquele campo fantástico, cada uma com seu livro (pois eu sempre cuidava para ter alguma coisa para fazer quando a Srta. Murray não exigisse que eu conversasse), ela de repente interrompeu os meus estudos exclamando:

— Oh, Srta. Grey! Por favor, você poderia ir visitar Mark Wood e levar meia coroa da minha parte para a mulher dele. Eu devia ter dado ou enviado há uma semana, mas esqueci completamente. Tome! — disse ela atirando a bolsa e falando muito depressa. — Não precisa tirar o dinheiro agora, leve a bolsa e dê a eles o que você quiser. Eu iria junto, mas quero terminar este livro. Mais tarde encontro você, quando tiver terminado. Vá depressa, por favor e... oh, espere. Não seria melhor se você lesse para ele? Corra até em casa e procure algum bom livro. Qualquer um estará bem.

Fiz como me foi pedido; porém, suspeitando de alguma coisa pela pressa do pedido, olhei para trás antes de sair do campo, e lá estava o Sr. Hatfield entrando pelo portão que ficava mais abaixo. Quando me mandara ir até a casa buscar um livro, ela tinha evitado que eu o encontrasse na estrada.

“Não importa”, pensei, “não haverá mal algum. O pobre Mark ficará feliz com a meia coroa, e talvez pelo bom livro. E se o pároco roubar realmente o coração da Srta. Rosalie, vai apenas rebaixar um pouco o seu orgulho. E se os dois acabarem se casando, ela terá se livrado de um destino pior. E vai ser uma ótima parceira para ele, assim como ele para ela”.

Mark Wood era o camponês tuberculoso que mencionei antes. Agora ele estava definhando rapidamente. Rosalie, com sua liberalidade, obtivera uma benção para ele, que estava pronto para morrer, pois embora a meia coroa pouco pudesse fazer por ele, trouxe-lhe alegria por causa da esposa e dos filhos, que logo seriam viúva e órfãos. Eu me sentei, li um pouco para confortá-lo e para a sua edificação e a da sofrida esposa e depois deixei-os. Ainda não havia andado cinquenta jardas quando encontrei o Sr. Weston, aparentemente a caminho da mesma casa. Ele me saudou na sua maneira usual, calma e pouco afetada; parou para perguntar da condição do homem doente e de sua família, e com uma espécie de desprezo inconsciente e fraterno pelas boas maneiras, tomou da minha mão o livro que eu tinha lido para eles, folheou as páginas, fez algumas observações breves mas muito sensatas e o devolveu. Contou então de um pobre sofredor que tinha acabado de visitar, falou um pouco de Nancy Brown, fez algumas

observações sobre meu amigo, o terrier que se esfregava nos seus pés, depois sobre a beleza do tempo e partiu.

Deixei de dar detalhes das suas palavras por acreditar que não iriam interessar ao leitor como me interessaram, não por tê-las esquecido. Não, eu me lembro bem delas, pois as recordei vezes sem conta durante aquele dia e muitos seguintes, não sei bem com que frequência. E me lembrei de cada entonação da sua voz clara e profunda, cada lampejo dos seus olhos castanhos, cada brilho do seu sorriso simpático — ainda que breve. Temo que essa confissão possa parecer absurda, mas não importa: eu a escrevi, e quem a leu não há de conhecer o autor.

Eu estava caminhando, alegre por dentro e feliz com tudo ao meu redor, a Srta. Murray veio com pressa de me encontrar. Seu passo animado, o rosto corado e o sorriso radiante mostravam que, à sua maneira, ela também estava feliz. Correndo até mim, ela passou o braço pelo meu e, sem parar para recuperar o fôlego, começou:

— Srta. Grey, considere-se altamente honrada, pois venho lhe contar minhas notícias antes mesmo de dizer uma palavra a qualquer pessoa.

— Bem, do que se trata?

— Oh, e *que* notícia! Em primeiro lugar, você precisa saber que o Sr. Hatfield veio ao meu encontro logo depois que você foi embora. Eu estava daquele jeito, por medo que o papai ou a mamãe o vissem! Mas, você sabe, eu não poderia chamar a senhorita de volta, e assim... oh, meu Deus, não posso lhe contar agora, pois estou vendo Matilda ali no parque e preciso falar tudo para ela. De qualquer maneira, Hatfield foi incomumente audaz, indizivelmente lisonjeiro e terno com nunca antes; pelo menos tentou ser, mas não teve muito sucesso, porque não está no seu temperamento. Outro dia lhe conto o que ele disse.

— Mas o que *você* disse? É no que estou mais interessada.

— Vou lhe contar isso também mais tarde. Aconteceu de na hora eu estar de ótimo humor. Mas, apesar de estar afável e educada, tomei cuidado para não me comprometer de maneira alguma. Porém, o presunçoso optou por interpretar a amabilidade do meu temperamento como melhor lhe

convinha e acabou tomando uma liberdade devido à minha educação e... imagine só: ele me fez uma proposta!

— E você...

— Eu me empertiguei e expressei com grande frieza o meu espanto diante de algo assim e disse que esperava que ele não tivesse visto na minha conduta nada que justificasse suas expectativas. Você devia ter visto a sua expressão de desapontamento! Seu rosto ficou absolutamente branco. Assegurei-lhe que o estimava e tudo mais, mas não poderia de forma alguma aceitar sua proposta. E se aceitasse, papai e mamãe nunca poderiam ser convencidos a dar seu consentimento.

“Mas se o dessem”, disse ele, “faltaria o seu?”

“Certamente, Sr. Hatfield”, respondi com uma fria decisão que matou de imediato qualquer esperança. Se você tivesse visto como ele ficou mortificado, como foi esmagado pelo desapontamento! Quase tive pena dele, de verdade.

“Mas ele ainda fez mais uma tentativa desesperada. Depois de um silêncio de duração considerável, durante o qual ele lutou para manter a calma, e eu para manter a seriedade, pois sentia uma forte propensão a rir, o que teria arruinado tudo, ele disse, com o fantasma de um sorriso, ‘Mas me diga com sinceridade, Srta. Murray: se eu tivesse a riqueza do Sr. Hugh Meltham, ou as perspectivas do seu filho mais velho, a senhorita ainda me recusaria? Responda-me com sinceridade, pela sua honra.’”

“Certamente” disse eu. “Isso não faria a menor diferença”.

“Foi uma grande mentira, mas ele ainda parecia tão confiante nas suas atrações que decidi não deixar pedra sobre pedra. Olhou-me diretamente o rosto, mas mantive tão bem a expressão que ele não seria capaz de imaginar que eu dizia outra coisa que não a perfeita verdade.

“‘Então está tudo acabado, suponho’, disse ele, parecendo poder morrer ali mesmo com o tormento e a intensidade do seu desespero. Mas também mostrava raiva e desapontamento. Lá estava ele, sofrendo de uma forma tão indescritível, e lá estava eu, a impiedosa causadora de tudo, tão completamente impenetrável a toda artilharia dos seus olhares e palavras,

tão calmamente fria e orgulhosa que ele não poderia sentir outra coisa além de ressentimento. E, com uma amargura singular, ele começou:

“‘Eu certamente não esperava por isso, Srta. Murray. Poderia dizer algumas coisas sobre sua conduta passada e as esperanças que a senhorita me levou a acalantar, mas abro mão disso, com a condição...’

“‘Sem condições, Sr. Hatfield!’ disse eu, agora realmente indignada diante da sua insolência.”

“‘Então permita que lhe peça como um favor’, respondeu ele, baixando a voz na mesma hora e adotando um tom mais humilde. ‘Permita que eu lhe peça para não mencionar esse assunto a ninguém. Se a senhorita mantiver silêncio sobre isso, não haverá necessidade de nenhum dissabor para qualquer um dos lados, nada, quero dizer, além do que for absolutamente inevitável, pois vou me esforçar para guardar comigo meus sentimentos, se não for capaz de aniquilá-los. Se não for capaz de esquecer a causa dos meus sofrimentos, vou tentar perdoar. Não vou supor, Srta. Murray, que saiba como me magoou profundamente. Não vou fazer com que tome consciência disso; mas se, além do dano que já me causou — perdoe-me, mas inocentemente ou não, foi o que fez —, a senhorita aumentar esse caso infeliz dando-lhe publicidade ou apenas mencionando-o, há de ver que também sei falar. E, apesar de desprezar o meu amor, a senhorita não há de desprezar a minha...’

“Ele parou, mas mordeu os lábios pálidos e pareceu tão terrivelmente feroz que fiquei muito assustada. Mas meu orgulho me deu forças, e respondi desdenhosamente: ‘Não sei que motivo o senhor supõe que eu poderia ter para mencionar esse caso a quem quer que seja, Sr. Hatfield. Mas se estivesse disposta a comentá-lo, o senhor não iria me intimidar com ameaças. E tentá-lo dificilmente seria a atitude de um cavalheiro.’

“‘Perdoe-me, Srta. Murray’, disse ele, ‘eu a amei tão intensamente, ainda adoro-a tão profundamente que jamais a ofenderia de forma deliberada. Mas apesar de nunca ter amado, e nunca ser capaz de amar qualquer mulher como amei a senhorita, também é certo que nunca fui tão mal tratado por ninguém. Pelo contrário, sempre considerei o seu sexo o mais gentil, o mais terno e prestativo da criação de Deus, até hoje.’

(Imagine o homem presunçoso dizendo isso!) ‘E a novidade e dureza da lição que a senhorita me ensinou hoje, e a mágoa de ser desapontado na única área de que dependia a felicidade da minha vida, deve desculpar toda aparência de aspereza. Se a minha presença lhe é desagradável, Srta. Murray’, disse ele (pois eu olhava à minha volta para mostrar a pouca importância que tinha para mim e por isso, suponho, ele pensou que estava cansada da sua presença), se a minha presença lhe é desagradável, a senhorita só tem de me prometer o favor que acabei de lhe pedir e eu a libero agora mesmo. Existem muitas damas, algumas mesmo nesta paróquia, que se deleitariam em aceitar o que a senhorita pisoteou com tanto desprezo, e que naturalmente se inclinariam a odiar alguém cujo encanto insuperável afastou delas por completo o meu coração e me cegou para suas atrações. E uma simples sugestão minha da verdade, dita a uma delas, seria suficiente para levantar tal conversa contra a senhorita, capaz de prejudicar seriamente as suas perspectivas e reduzir a sua chance de sucesso com outros cavalheiros que a senhorita ou sua mãe poderiam desejar iludir.’

“‘O que o senhor está querendo dizer?’ disse eu, pronta a bater pé com paixão.

“‘Quero dizer que este caso, do início ao fim, me parece, para dizer o mínimo, um caso impudente de flerte; um caso que a senhorita consideraria inconveniente ver proclamado pelo mundo. Especialmente com os acréscimos e exageros das suas rivais, que ficariam felizes em dar publicidade à questão se eu lhes fornecer apenas um pretexto. Mas lhe prometo, palavra de cavalheiro, que nenhuma palavra que pudesse resultar em prejuízo da senhorita vai escapar dos meus lábios, desde que a senhorita...

“‘Bem, bem, não farei menção a ele’, disse eu. ‘O senhor pode contar com meu silêncio, se isso lhe propiciar algum consolo’.

“‘A senhorita promete?’

“‘Prometo!’, respondi, pois queria me livrar dele.

“‘Então, adeus!’ disse ele, no tom mais sofrido e infeliz. E com uma expressão em que o orgulho lutava em vão contra o desespero, ele se voltou

e se foi, ansioso, sem dúvida, por chegar em casa, fechar-se no escritório e chorar — isso se não rompeu em lágrimas antes de chegar lá.”

— Mas você já quebrou a sua promessa — disse eu, verdadeiramente horrorizada com a sua perfídia.

— Mas foi só para você. Sei que você não vai passar adiante.

— Eu certamente não vou. Mas você diz que vai contar à sua irmã. E ela vai contar aos seus irmãos quando eles vierem para casa, e imediatamente a Brown, se você mesma não contar a ela; e ela vai proclamar, ou ser o meio de proclamar, por todo o país.

— Não, de forma alguma, ela não vai contar! Não vamos contar a ela, a menos que seja sob a promessa do mais estrito segredo.

— Mas como você espera que ela cumpra melhor as promessas que a senhorita, tão mais esclarecida.

— Bem, bem, então ela não deve ouvir nada — disse Rosalie sem pensar.

— Mas você vai contar à sua mãe, é claro — continuei. — E ela vai contar ao seu pai.

— Claro que vou contar à mamãe, é exatamente isso que me dá tanto prazer. Agora vou convencê-la do quanto está errada nos seus receios em relação a mim.

— Oh, é *isso*, não é? Eu me perguntava o que havia deleitado tanto você.

— É. E o outro motivo é que eu humilhei o Sr. Hatfield tão graciosamente. E mais outro: ora, você deve me permitir um pouco de vaidade feminina. Não vou fingir não ter esse atributo, o mais essencial do nosso sexo, e se você tivesse visto a intensa ansiedade do pobre Hatfield ao fazer sua ardente declaração e suas propostas lisonjeiras, e sua agonia mental, que nenhum esforço de orgulho foi capaz de ocultar, ao ser recusado, você também concordaria que eu tinha alguma razão para me sentir gratificada.

— Quanto maior a agonia dele, penso eu, menor a sua causa de gratificação.

— Oh, bobagem! — gritou a jovem dama, agitando-se de irritação. Ou você não me entende ou não quer me entender. Se não tivesse confiança na sua magnanimidade, eu diria que você me inveja. Mas talvez possa compreender esta causa de prazer, que é tão grande quanto qualquer outra: estou deleitada comigo mesma pela minha prudência, meu autocontrole e minha crueldade; não fui nem por um momento tomada de surpresa, nem fiquei nem um pouco confusa, sem jeito ou tola. Agi e falei como devia ter feito e fui senhora de mim todo o tempo. E ali estava um homem muitíssimo belo... Jane e Susan Green dizem que ele é fascinantemente belo; suponho que sejam duas das damas que segundo ele ficariam felizes em tê-lo. Ele certamente era um companheiro inteligente, espirituoso e agradável, não o que você chama de inteligente, mas o suficiente para torná-lo interessante. Um homem do qual não se tem de ter vergonha em nenhum lugar, e de quem ninguém logo se cansaria. E para confessar a verdade, nos últimos tempos, eu gostava dele até mais que de Harry Meltham; e é óbvio que ele me idolatrava. E ainda assim, apesar de ele me encontrar completamente só e despreparada, tive a sabedoria, o orgulho e a força para recusá-lo com tanto desprezo e frieza como o fiz: tenho boas razões para me sentir orgulhosa!

— E está igualmente orgulhosa de lhe ter dito que se ele tivesse a riqueza de Sr. Hugh Meltham não faria diferença alguma, quando não era esse o caso? E de lhe ter prometido não contar a ninguém a sua desventura, aparentemente sem nenhuma intenção de manter a promessa?

— Claro! O que mais eu poderia fazer? Você não ia querer que eu... Mas vejo, Srta. Grey, que você não está de bom humor. Aí vem Matilda. Verei o que ela e a mamãe têm a dizer disso tudo.

Ela saiu, ofendida com a minha falta de simpatia, pensando, sem dúvida, que eu a invejava. Não invejava, pelo menos acredito firmemente que não. Tinha pena dela. Estava assustada e aborrecida com a sua cruel vaidade. Perguntei-me por que tanta beleza era dada a quem fazia tão mau uso dela, e negada a outras que a tornariam um benefício para si e para os outros.

— Mas Deus tudo sabe, concluí. Existem, suponho, alguns homens tão vaidosos, egoístas e sem coração como ela, e talvez mulheres assim sejam úteis para puni-los.

XV

O PASSEIO

— Ah, Deus meu! Quem dera Hatfield não fosse tão precipitado! — disse Rosalie às quatro da tarde do dia seguinte quando, com um bocejo portentoso, pôs de lado o seu trabalho de costura e olhou desanimada a janela. — Agora não tenho nenhum motivo para sair, e nada que se possa aguardar com interesse. Os dias são tão longos e monótonos quando não existem festas para animá-los. E, que eu saiba, não há nenhuma nesta semana, nem na próxima.

— Foi uma pena você tê-lo tratado tão mal — observou Matilda, a quem se dirigia essa lamentação. — Ele nunca mais vai voltar, e acredito que você afinal gostava dele. Eu esperava que você o tomasse como namorado, e deixasse o querido Harry para mim.

— Pff! O meu namorado terá de ser um Adonis, Matilda, admirado por todos que o veem, se tiver de me contentar só com ele. Confesso que lamento ter perdido Hatfield, mas o primeiro homem, ou homens decentes que vierem ocupar o seu lugar serão mais que bem-vindos. Amanhã é domingo, e me pergunto como ele estará e se vai conseguir levar o serviço até o fim. O mais provável é que finja estar gripado e peça ao Sr. Weston para celebrar o serviço.

— Não ele! — exclamou Matilda, com algum desprezo. — Mesmo sendo tolo, ele não é fraco a esse ponto.

Sua irmã ficou um tanto ofendida, mas o culto provou que Matilda estava certa. O amante desapontado executou normalmente seus deveres pastorais. Rosalie afirmou que ele parecia muito pálido e abatido; talvez estivesse um pouco mais pálido, mas a diferença, se diferença houve, mal era perceptível. E quanto ao seu abatimento, eu não ouvi o seu riso vindo da sacristia como sempre, nem sua voz bem humorada no discurso, apesar de

tê-la ouvido mais elevada ao esbravejar com o sacristão de uma maneira que fez a congregação arregalar os olhos. E seus movimentos indo e voltando ao púlpito e à mesa da comunhão tinham uma pompa mais solene e menos daquele tom imperioso irreverente e autoconfiante — ou melhor, autossatisfeito — com que ele costumava conduzir o serviço, um ar que parecia dizer “Vocês todos me reverenciam e me adoram, eu sei, mas se alguém não reverenciar eu o desprezarei com todas as forças!”. Mas a mudança mais dramática foi ele não ter nenhuma vez permitido que seus olhos se voltassem na direção do balcão ocupado pelos Murray, e só ter saído da igreja depois de eles haverem ido embora.

O Sr. Hatfield tinha sem dúvida recebido um severo golpe. Mas seu orgulho o impeliu a usar todo esforço para ocultar os efeitos disso. Tinha sido desapontado na esperança certa de obter não somente uma esposa linda e que o atraía muito, mas também alguém cuja classe e fortuna poderiam dar brilho a encantos muito inferiores: da mesma forma, estava intensamente mortificado pela repulsa e profundamente ofendido pela conduta da Srta. Murray do começo ao fim. Para ele teria sido um consolo significativo saber como ela ficou desapontada ao vê-lo tão pouco tocado e notar que ele era capaz de evitar lançar-lhe um único olhar ao longo dos dois serviços — embora, segundo a Srta. Murray, isso mostrasse que ele estava pensando nela todo o tempo ou seus olhos teriam caído nela, ainda que por acaso. Mas, se tivessem caído por acaso, ela teria afirmado que não conseguiam resistir à atração. Para ele, até certo ponto, também teria sido um prazer ter visto como ela ficou entediada e insatisfeita durante toda aquela semana (pelo menos a maior parte dela), pela falta da sua fonte usual de animação, e como lamentava tê-lo “usado tão depressa”, como uma criança que, depois de devorar o bolo com muita pressa, chupa os dedos e lamenta em vão a sua gulodice.

Afinal fui chamada uma bela manhã a acompanhá-la num passeio à aldeia. Ela pretensamente ia obter alguns tons de lã de Berlim numa loja mais ou menos respeitável que era frequentada pelas damas da vizinhança; na verdade, acredito que não seja falta de caridade supor que ela tenha ido com a ideia de encontrar ou o próprio reitor ou algum outro admirador pelo

caminho, pois enquanto seguíamos, ela se perguntava “o que Hatfield faria ou diria se o encontrássemos” etc. etc. Quando passamos pelos portões do parque do Sr. Green ela perguntou se ele estaria em casa, “aquele grande estúpido cabeça dura”. Quando a carruagem da Sra. Meltham passou por nós, ela perguntou “o que o Sr. Harry estaria fazendo neste dia tão lindo”. E então começou a insultar o irmão mais novo dele por “ser um idiota tão completo a ponto de se casar e ir morar em Londres”.

— Ora — disse eu —, pensei que você mesma quisesse morar em Londres.

— É. Porque é tão monótono aqui. Mas ele torna tudo ainda mais monótono se mudando. E se não fosse casado, eu poderia tê-lo em lugar do odioso Sr. Thomas.

Então, observando as marcas dos cascos de um cavalo na estrada lamacenta, ela se perguntou se “seria o cavalo de um cavaleiro”, e finalmente concluiu que era, pois as impressões eram muito pequenas para terem sido feitas por um “cavalo de carga grande e desajeitado”. E então quis saber “quem poderia ser o cavaleiro”, e se nós o encontraríamos voltando, pois tinha certeza de que ele havia passado por ali naquela manhã. E, finalmente, quando entramos na aldeia e vimos apenas alguns dos seus humildes habitantes andando por ali, ela se perguntou “por que aquela gente estúpida não ficava em casa”. Não queria ver “seus rostos feios nem suas roupas sujas e vulgares” — não fora para isso que tinha ido a Horton!

Em meio a tudo isso, confesso, também me perguntei em segredo se encontraríamos ou teríamos um vislumbre de um outro alguém. E quando passamos pelo seu alojamento, cheguei a me perguntar se ele estaria na janela. Ao entrar na loja, a Srta. Murray me pediu para ficar na entrada enquanto fazia sua compra, para lhe dizer se alguém passava. Mas, que pena! Não havia ninguém visível além dos moradores da aldeia, a não ser Jane e Susan Green descendo a única rua, aparentemente voltando de um passeio.

— Duas estúpidas! — murmurou ao sair, depois de concluir a compra. — Por que elas não traziam com elas seu irmão idiota? Até mesmo *ele* seria melhor que nada.

Entretanto, ela as saudou com um sorriso alegre e afirmações de prazer pelo feliz encontro. As irmãs se colocaram uma de cada lado da Srta. Murray, e as três saíram conversando e rindo, como fazem as jovens damas quando se encontram e têm uma intimidade relativa. Mas eu, sentindo que estava sobrando, deixei-as entregues à sua alegria e fiquei para trás, como era usual nessas ocasiões. Não tinha prazer em caminhar ao lado da senhorita Jane ou da senhorita Susan como uma surda-muda, sem poder participar da conversa, nem ouvir nem falar.

Mas dessa vez não fiquei sozinha por muito tempo. De início, ocorreu-me ser estranho o Sr. Weston aparecer e me abordar justo quando estava pensando nele. Mas depois, ao refletir, concluí não haver nada de estranho, a menos pelo fato de ele conversar comigo, pois, numa manhã como aquela e tão perto da sua casa, era natural que ele estivesse passeando. E quanto a eu estar pensando nele, já vinha fazendo isso quase sem interrupções desde o início do passeio. Então não havia nada de notável nisso.

— Sozinha outra vez, Srta. Grey? — perguntou ele.

— Sim.

— Quem são aquelas damas, as senhoritas Green?

— Na verdade eu não sei.

— É estranho, pois a senhorita vive tão perto e as vê com tanta frequência!

— Bem, suponho que sejam moças alegres e bem humoradas. Mas acho que o senhor deve conhecê-las melhor que eu, pois nunca troquei uma palavra com nenhuma delas.

— É mesmo? Elas não me parecem particularmente reservadas.

— Provavelmente não o são com pessoas da sua própria classe. Mas se consideram pertencentes a uma esfera muito diferente da minha.

Ele não respondeu e, depois de uma pausa curta, disse:

— Suponho que seja isso, Srta. Grey, o que a faz pensar que não se pode viver sem um lar.

— Não exatamente. A verdade é que sou muito apegada a laços sociais para poder viver satisfeita sem um amigo, e como os únicos amigos que tenho, e provavelmente terei, estão na minha casa, se ele, ou melhor, se eles

se forem... não vou dizer que não poderia sobreviver, mas preferiria não viver num mundo tão desolado.

— Mas por que diz “os únicos amigos que provavelmente terá”? A senhorita é tão antissocial que não é capaz de fazer amigos?

— Não, mas ainda não fiz nenhum. E na minha posição presente não existe a possibilidade de fazer, ou mesmo de travar um conhecimento comum. A culpa talvez seja minha em parte; espero que não totalmente.

— A culpa é em parte da sociedade; em parte, penso eu, dos seus vizinhos próximos; e em parte também sua, pois muitas damas na sua posição se fazem notadas e consideradas. Mas as suas alunas podem ser companheiras em algum grau. Não devem ser muitos anos mais jovens que a senhorita.

— Claro, elas às vezes são boas companheiras. Mas não posso chamá-las de amigas, nem elas pensam em me conceder esse nome. Têm outros companheiros mais condizentes com seus gostos.

— Talvez a senhorita seja muito sábia para elas. Como se distrai quando está só? A senhorita lê muito?

— Ler é a minha ocupação favorita quando tenho tempo e livros para ler.

Da conversa sobre livros em geral ele passou a vários livros em particular, e seguiu em uma transição rápida de tópico a tópico até que inúmeras questões de gosto e opinião tivessem sido razoavelmente discutidas no espaço de meia hora, mas sem o embelezamento de muitas observações dele, que parecia menos inclinado a comunicar seus próprios pensamentos e predileções que a descobrir os meus. Não tinha o tato nem a arte de realizar esse propósito extraindo habilidosamente os meus sentimentos ou ideias pela declaração real ou aparente dos seus próprios, levando a conversa por gradações imperceptíveis de tais tópicos para os quais ele quisesse chamar a atenção. Mas aquela suave rispidez e aquela franqueza decidida jamais poderiam me ofender.

“E por que ele iria se interessar pelas minhas capacidades morais e intelectuais: que importância terá para ele o que eu penso ou sinto?”

perguntei a mim mesma. E meu coração palpitou em resposta a essa pergunta.

Mas Jane e Susan Green logo chegaram à sua casa. Enquanto ficaram paradas conversando diante dos portões do parque, tentando persuadir a Srta. Murray a entrar, desejei que o Sr. Weston se fosse, que ela não o visse comigo quando se voltasse. Mas, infelizmente, o compromisso dele, mais uma visita ao pobre Mark Wood, o faria seguir o mesmo caminho que nós até quase o final da nossa jornada. Entretanto, quando viu que Rosalie tinha acabado de se despedir das suas amigas e que eu me preparava para me juntar a ela, ele me deixou e apressou o passo. Mas, para minha surpresa, quando levantou educadamente o chapéu ao passar por ela, em vez de responder à saudação com uma medida rígida e desgraciosa, ela o abordou com um dos seus sorrisos mais doces e, caminhando ao seu lado, começou a conversar com ele com toda alegria e afabilidade imagináveis. E com isso seguimos os três juntos.

Depois de uma pausa curta na conversa, o Sr. Weston fez uma observação dirigida a mim, referente a alguma coisa que havíamos discutido anteriormente. Mas, antes que eu pudesse responder, a Srta. Murray respondeu à observação e ampliou-a. Ele respondeu, e a partir de então até o final da entrevista, ela o atraiu por completo para si. Talvez isso se devesse à minha própria estupidez, à minha falta de tato e confiança. Mas me senti enganada. Tremi de apreensão e ouvi com inveja o fluxo fácil e rápido de expressões, e vi com ansiedade o sorriso brilhante com que ela olhava o rosto dele de tempos em tempos: pois ela andava um pouco à frente com o propósito (era a minha impressão) de ser vista e ouvida. Sua conversa era leve e trivial, mas também divertida, e a ela nunca faltava o que dizer, ou palavras adequadas para se expressar. Não havia agora nada de ousado nem impertinente nos seus modos, como quando andava ao lado do Sr. Hatfield. Apenas uma espécie de vivacidade suave e alegre, que me pareceu peculiarmente agradável para um homem com o temperamento e a atitude do Sr. Weston.

Depois que ele se foi ela começou a rir e murmurou para si mesma: “Achei mesmo que seria capaz!”

— Capaz de quê? — perguntei.

— De conquistar aquele homem.

— O que, em nome de Deus, você está querendo dizer?

— Quero dizer que ele vai para casa e vai sonhar comigo. Atingi-o em cheio no coração.

— Como você sabe?

— Por muitas provas infalíveis: mais especificamente o olhar que ele me lançou quando partiu. Não foi um olhar descarado, disse eu o absolvo; era um olhar de adoração terna e reverente. Ha, ha! Ele não é o turrão estúpido que eu imaginava!

Não respondi, pois o meu coração estava na garganta, ou coisa parecida, e não consegui reunir a coragem de falar. “Oh, Deus, não o permita!” gritei internamente, “pelo bem dele, não pelo meu!”

Rosalie fez uma série de observações triviais enquanto atravessamos o parque, às quais (devido à minha relutância em permitir o surgimento de um relance dos meus sentimentos) só respondi por monossílabos. Não sei dizer se ela queria me torturar ou apenas se divertir, e não me importei muito. Mas pensei no homem pobre e seu único cordeiro e no homem rico e seus mil rebanhos; e temi pelo Sr. Weston, independentemente das minhas próprias esperanças frustradas.

Fiquei muito feliz quando entrei na casa e me vi mais uma vez sozinha no meu quarto. Meu primeiro impulso foi o de me afundar na cadeira ao lado da cama, deitar a cabeça no travesseiro e buscar alívio num surto apaixonado de lágrimas; havia um desejo imperativo dessa indulgência. Mas, ai de mim! Tive de me conter e engolir meus sentimentos: o sino tocava, o sino odioso chamando para o jantar na sala de estudos. Tinha de descer com o rosto calmo, um sorriso, rir e falar tolices e, sim, também comer, como se estivesse tudo certo e eu tivesse acabado de voltar de um passeio agradável.

XVI

A SUBSTITUIÇÃO

O domingo seguinte foi um dos dias mais sombrios de abril, um dia de nuvens escuras e chuvas pesadas. Nenhum dos membros da família Murray estava disposto a comparecer à igreja naquela tarde, com exceção de Rosalie que, como sempre, estava inclinada a ir e pediu a carruagem. Fui com ela, evidentemente de boa vontade, pois na igreja eu poderia olhar — sem medo de desprezo ou censura — uma forma e um rosto mais agradáveis para mim que a mais bela das criações de Deus. Poderia ouvir sem perturbação uma voz mais encantadora que a mais doce música para os meus ouvidos. Poderia parecer estar em comunhão com a alma em que eu estava profundamente interessada, e absorver seus pensamentos mais puros e aspirações mais sagradas, sem nenhum mau julgamento por essa felicidade, exceto as censuras secretas da minha consciência, que sussurravam que eu estava me enganando e zombando de Deus com o serviço de um coração mais inclinado para a criatura que para o Criador.

Por vezes esses pensamentos me criavam muitos problemas. Mas às vezes eu conseguia acalmá-los pensando que não era o homem, mas a sua bondade que eu amava. “Todas as coisas puras, todas as coisas lindas, todas as coisas honestas e de boa reputação, pense nessas coisas”. Fazemos bem em adorar a Deus nas suas obras. E não conheço nenhuma em que brilhem tantos dos Seus atributos e uma parte tão grande do Seu espírito, como nesse servo fiel — a quem conhecer e não apreciar seria uma insensibilidade obtusa em mim, que tenho tão pouco para ocupar meu coração.

Saímos da igreja assim que terminou o serviço. Tivemos de parar no pórtico, pois estava chovendo e a carruagem ainda não tinha chegado. Espantei-me por ela ter saído com tanta pressa, pois nem o jovem Meltham,

nem Squire Green estavam lá. Mas logo descobri que foi para assegurar uma entrevista com o Sr. Weston quando saísse, o que logo aconteceu. Depois de nos saudar, ele teria seguido em frente, mas ela o deteve, primeiro com observações quanto ao tempo desagradável e então para perguntar se ele poderia visitar no dia seguinte a neta da velha que cuidava da casa do porteiro, pois a menina estava doente, com febre, e queria vê-lo. Ele prometeu que o faria.

— E a que horas o senhor poderá chegar, Sr. Weston? A velha senhora gostará de saber quando esperá-lo; o senhor sabe como essas pessoas pensam mais sobre ter a casa em ordem quando vêm pessoas decentes a visitá-las do que poderíamos supor.

Eis um maravilhoso exemplo de consideração da negligente Srta. Murray. O Sr. Weston fixou um horário pela manhã, quando ele faria o possível para estar lá. A carruagem já estava pronta, e o lacaios estava esperando com um guarda-chuva aberto para escoltar Rosalie pelo pátio da igreja. Eu já ia segui-la, mas o Sr. Weston também tinha um guarda-chuva e me ofereceu o benefício do seu abrigo, pois chovia pesadamente.

— Não, obrigada. A chuva não me incomoda — disse eu. Sempre carecia de bom senso quando era pega de surpresa.

— Mas suponho que a senhorita não *goste* dela, não? De qualquer modo, um guarda-chuva não vai lhe fazer mal — respondeu ele com um sorriso que mostrava não estar ofendido diante de tal recusa, como estaria um homem de pior temperamento ou menos sagacidade. Não me foi possível negar a verdade da sua asserção, e segui com ele até a carruagem. Ele me ofereceu a mão para subir, um ato desnecessário de civilidade, mas aceitei por medo de ofendê-lo. Lançou-me um olhar, um pequeno sorriso na despedida; foi só um momento, mas li nele um significado que aqueceu no meu coração a chama mais brilhante de esperança que jamais tinha surgido.

— Se você tivesse esperado um momento, eu teria mandado o lacaios de volta para buscá-la, Srta. Grey. Não era necessário vir sob o guarda-chuva do Sr. Weston — observou Rosalie, com uma nuvem pouco amável sobre o seu belo rosto.

— Eu teria vindo sem guarda-chuva, mas o Sr. Weston me ofereceu o benefício do seu, e eu não poderia ter recusado mais que o fiz sem ofendê-lo — respondi, sorrindo placidamente, pois a minha felicidade interior havia tornado engraçado aquilo que em outro momento teria me magoado.

A carruagem agora estava em movimento. A Srta. Murray se inclinou para frente e olhou pela janela quando passávamos pelo Sr. Weston. Ele seguia para sua casa pela estrada e não voltou a cabeça.

— Idiota estúpido! — exclamou ela, voltando a se encostar no assento de forma brusca. — Ele não faz ideia do que perdeu por não ter olhado nesta direção!

— O que ele perdeu?

— Uma mesura minha, o que o teria levado ao sétimo céu!

Não respondi. Vi que ela estava de mau humor, e obtive uma gratificação secreta daquele fato. Não por ela estar irritada, mas por ter pensado que tinha razão para estar. Aquilo me fez pensar que as minhas esperanças não eram fruto apenas dos meus desejos e da minha imaginação.

— Vou conquistar o Sr. Weston — disse minha companheira depois de uma pausa curta recuperando um pouco da sua alegria usual. — O baile em Ashby Park será na terça-feira. E a mamãe pensa ser muito provável que o Sr. Thomas me peça em casamento no baile. Essas coisas costumam ser feitas na intimidade de um salão de baile, quando os cavalheiros são mais facilmente seduzidos, e as damas estão mais encantadoras. Mas se vou me casar tão cedo, tenho de tirar o melhor proveito do presente: decidi que Hatfield não vai ser o único homem a deitar o coração aos meus pés e implorar em vão que eu aceite o presente sem valor.

— Se pretende que o Sr. Weston seja uma das suas vítimas — disse eu com uma indiferença forçada —, terá de fazer você mesma esses avanços, e terá dificuldade em recuar quando ele lhe pedir para cumprir as esperanças que você lhe deu.

— Não acredito que ele me peça para *casar* com ele, nem eu quero: seria um grande excesso de presunção! Mas quero que ele sinta a minha força. Na verdade, ele já a sentiu, mas também vai *reconhecê-la*. E as

esperanças quiméricas que possa ter, ele precisará guardar para si mesmo, e vou apenas me divertir com o resultado delas... por algum tempo.

“Oh! que algum espírito bom sussurre essas palavras no ouvido dele!”, exclamei internamente. Estava indignada demais para arriscar uma resposta em voz alta. E nada mais foi dito sobre o Sr. Weston naquele dia, por mim ou que eu ouvisse. Mas na manhã seguinte, pouco depois do desjejum, Rosalie veio à sala de estudos, onde sua irmã estava ocupada comigo nos seus estudos, ou melhor, suas lições, pois não chegavam a ser estudos, e disse:

— Matilda, quero que você vá passear comigo por volta das onze horas.

— Oh, não posso, Rosalie! Tenho de encomendar as minhas novas rédeas e xairol e falar com o caçador de ratos sobre os seus cachorros. A Srta. Grey terá de ir com você.

— Não, quero *você* — disse Rosalie; então chamou a irmã até a janela, sussurrou uma explicação no seu ouvido e ela concordou em ir.

Lembrei-me de que onze horas era o horário em que o Sr. Weston se propusera a ir à casa do porteiro. E ao me lembrar disso, entendi toda a ideia. E foi assim que, durante o jantar, fui entretida com um longo relato de como o Sr. Weston as encontrara quando seguiam pela estrada, e como haviam tido uma longa caminhada e conversa com ele, e ele fora um companheiro agradável. E como ele devia ter ficado, e na verdade ficou, encantado com elas e sua notável magnanimidade etc. etc.

XVII

CONFISSÕES

Como estou numa disposição para confissões, é hora de reconhecer que naqueles dias passei a prestar mais atenção aos vestidos; coisa que não me acontecia antes. Isso não quer dizer muito, mas agora, também, não era incomum passar dois minutos na contemplação da minha própria imagem no espelho, apesar de esse estudo não me *oferecer* nenhum consolo: não via nenhuma beleza nas minhas feições marcadas, na face pálida e funda e no cabelo comum, castanho-escuro. Talvez houvesse intelecto na testa, talvez houvesse expressão nos olhos escuros, mas e além disso? Uma testa grega baixa e grandes olhos negros vazios de sentimento seriam considerados muito preferíveis. É bobagem desejar a beleza. Pessoas sensatas nunca a desejam para si mesmas, nem a desejam nos outros. Se a mente fosse bem cultivada e o coração bem disposto, ninguém se importaria com o exterior. Assim diziam os professores da nossa infância. E assim dizemos às crianças de hoje. Tudo muito judicioso e apropriado, sem dúvida. Mas essas asserções são suportadas pela experiência real?

Somos naturalmente dispostos a amar o que nos dá prazer, e o que poderia ser mais prazeroso que um belo rosto, quando não temos conhecimento de nenhum mal sobre seu possuidor? Por que uma menininha ama seu pássaro? Porque ele vive e sente, porque é impotente e inofensivo. Um sapo, da mesma forma, vive e sente, e é igualmente impotente e inofensivo. Mas, apesar de não ferir um sapo, ela não poderá amá-lo como ama o pássaro, com sua forma graciosa, suas penas macias e seus olhos brilhantes e expressivos. Se uma mulher é bela e amável, ela é elogiada pelas duas qualidades, mas o grosso da humanidade o fará especialmente pela primeira; se por outro lado ela é desagradável tanto no aspecto como no caráter, sua franqueza é em geral condenada como seu maior crime,

porque aos observadores comuns é isso que mais ofende. Já se ela for comum e boa, desde que seja uma pessoa de comportamento retraído e vida isolada, ninguém, a não ser os de suas ligações mais imediatas, fica sabendo da sua bondade. Outras, pelo contrário, têm a tendência a formar opiniões desfavoráveis sobre sua mente e comportamento, ainda que para se desculparem pela antipatia instintiva por alguém tão desfavorecido pela natureza. E vice-versa com aquela cuja forma angelical esconde um coração corrupto ou espalha um encanto enganoso sobre os defeitos e fraquezas que não seriam tolerados em outra. Aquelas que têm beleza, que sejam gratas e façam bom uso dela, como de outros talentos; aquelas que não a têm, que se consolem e ajam da melhor forma possível sem ela. Certamente, apesar de ser superestimada, a beleza é um dom de Deus que não pode ser desprezado. Hão de ter essa sensação muitas que sentiram poder amar e cujos corações lhes dizem que merecem ser amadas, apesar de serem excluídas, por falta de beleza ou de alguma outra insignificância semelhante, de dar e receber a felicidade que parecem ter sido feitas para sentir e dar. Como também poderia a humilde vaga-lume desprezar o poder de dar luz, sem o qual o inseto errante poderia passar por ela e passar novamente mil vezes, e nunca pousar ao lado dela: poderia ouvir o amado zumbir sobre ela e à sua volta. Ele tentando em vão encontrá-la, ela ansiosa por ser encontrada, mas sem o poder de fazer conhecida a sua presença, sem voz para chamá-lo, sem asas para seguir o seu voo. O inseto terá de encontrar outra companheira, a vaga-lume terá de viver e morrer só.

Tais eram algumas das minhas reflexões naquele período. Poderia continuar a arengar mais e mais, poderia mergulhar muito mais fundo e descobrir outros pensamentos, propor outras perguntas cujas respostas poderiam confundir o leitor e levá-lo a deduzir argumentos que talvez espantassem os seus preconceitos, ou talvez provocassem a sua zombaria, por ele não as compreender. Mas me contenho.

Portanto, vamos voltar à Srta. Murray. Ela acompanhou sua mãe ao baile na terça-feira, sem dúvida esplendidamente vestida, e deliciada com suas perspectivas e seus encantos. Como Ashby Park distava quase dez milhas de Horton Lodge, tiveram de sair muito cedo, e eu tencionava passar

a noite com Nancy Brown, que já não via há muito tempo. Mas a minha boa aluna cuidou para que eu não pudesse ir nem lá nem em qualquer outro lugar além dos limites da sala de estudos, dando-me uma peça musical para copiar que me manteve ocupada até a hora de dormir. Por volta das onze horas da manhã seguinte, ela veio me contar as notícias assim que saiu do quarto. O Sr. Thomas tinha realmente pedido sua mão em casamento no baile, um acontecimento que conferiu grande crédito à sagacidade de sua mãe, se não à sua habilidade na arte dos artifícios. Inclino-me a acreditar que ela tinha criado seus planos e depois previsto o seu sucesso. O pedido tinha sido aceito, é claro, e o noivo eleito era esperado naquele dia para acertar as coisas com o Sr. Murray.

Rosalie estava feliz com a ideia de se tornar a senhora de Ashby Park. Estava orgulhosa com a perspectiva da cerimônia de casamento e seu esplendor e brilho, a lua de mel passada no exterior, as alegrias subsequentes que esperava desfrutar em Londres e em outros lugares. Parecia também muito feliz, durante algum tempo, com o próprio Sr. Thomas, porque ela o tinha visto, dançado com ele e sido lisonjeada por ele. Mas, no final, pareceu recuar da ideia de se casar tão cedo; queria adiar a cerimônia por pelo menos alguns meses. E também desejei isso. Parecia algo horrível apressar um casamento inauspicioso e não dar à pobre criatura tempo para pensar e raciocinar sobre o passo tão definitivo que estava pronta a dar. Não fingi “o cuidado vigilante e ansioso de uma mãe”, mas fiquei espantada e horrorizada com a crueldade da senhora Murray, ou seu desinteresse pelo bem da filha. Mas como meus avisos e exortações não eram ouvidos, esforcei-me em vão para remediar o mal. A Srta. Murray só ria do que eu dizia, e logo descobri que sua relutância diante de um casamento imediato resultava principalmente do desejo de fazer todas as execuções que pudesse entre os jovens cavalheiros conhecidos antes de se ver incapacitada para outras travessuras do tipo. Foi por isso que, antes de me confiar o segredo do seu noivado, ela extraiu a promessa de que eu não mencionaria uma palavra sobre esse assunto a ninguém. E quando percebi isso, e a vi mergulhar mais indiferentemente que nunca na profundidade de uma coqueteria sem coração, não tive mais pena dela. “Venha o que vier”,

pensei, “ela merece. Thomas não pode ser ruim demais para ela. E quanto mais cedo ela ficar incapacitada para enganar e magoar outros, tanto melhor.”

O casamento foi marcado para o dia primeiro de junho. Entre o baile crucial e essa data passaram-se mais de seis semanas. Mas com as habilidades refinadas e o empenho resolutivo de Rosalie, muito poderia ter sido feito, mesmo nesse curto período, principalmente porque o Sr. Thomas passou a maior parte desse intervalo em Londres, onde foi para ajustar as coisas com seu advogado e fazer outros preparativos para as núpcias próximas. Esforçou-se por compensar a falta da sua presença com um fluxo constante de *billets-doux*,¹ que não atraíram a atenção dos vizinhos nem abriram-lhe os olhos como teriam feito as visitas pessoais. O espírito amargo e arrogante da velha Sra. Ashby impediu-a de espalhar as notícias, e a sua saúde evitou que fosse visitar a futura nora; assim sendo, esse assunto se manteve muito mais discreto do que costuma acontecer.

Às vezes Rosalie me mostrava as epístolas do seu amado, para me convencer de que ele seria um marido gentil e dedicado. Também me mostrou as cartas de outro indivíduo, o infeliz Sr. Green, que não teve a coragem ou, como expressou ela, “peito” para defender em pessoa a sua causa, mas para quem uma negativa não seria satisfatória; ele escreveria vezes sem-fim. Mas não o teria feito se visse as caretas da sua fada ao ler os comoventes apelos aos sentimentos dela, nem ouvido suas risadas de desprezo e os epítetos vergonhosos que ela acumulava sobre ele por sua perseverança.

— Por que você não lhe diz imediatamente que está noiva?

— Ah, não quero que ele saiba desse noivado! — respondeu ela. — Se soubesse, suas irmãs e todo mundo também saberia, e então seria o fim da minha... brincadeira. E, além do mais, se eu lhe dissesse, ele iria pensar que o meu noivado era o único obstáculo, e que o aceitaria se fosse livre, e eu não seria capaz de suportar que qualquer homem pensasse isso, e muito menos ele entre todos os outros. Além do mais, não gosto das suas cartas — acrescentou com desprezo. — Ele que escreva tanto quanto quiser, e pareça um bobo tão grande quanto quiser quando me encontrar: isso só me diverte.

Nesse meio tempo, o jovem Meltham era muito frequente nas suas visitas à casa ou em passar diante dela. E a julgar pelas execrações e censuras de Matilda, sua irmã lhe dava mais atenção que exigia a civilidade. Em outras palavras, ela matinha um flerte tão animado quanto a presença dos seus pais permitiria. Fez algumas tentativas de trazer o Sr. Hatfield de volta aos seus pés, mas quando descobriu que não tinham sucesso, pagou sua indiferença arrogante com um desprezo ainda mais grandioso, e falava dele com tanto desdém e aversão como tinha falado antes do seu auxiliar. Mas, em meio a tudo isso, ela nunca, nem por um momento, perdeu de vista o Sr. Weston. Aproveitava todas as oportunidades de encontrá-lo, tentava todas as artes para fasciná-lo e o perseguia com tanta perseverança como se realmente o amasse e a mais ninguém, e como se a felicidade da sua vida dependesse de obter o retorno de um afeto. Essa conduta estava muito além da minha compreensão. Se eu a tivesse visto descrita numa novela, teria considerado antinatural. Se a tivesse ouvido descrita por outra pessoa, a teria considerado um erro ou um exagero. Mas como a vi com meus próprios olhos, e também sofri com ela, só pude concluir que a vaidade excessiva, tal como a embriaguez, endurece o coração, escraviza as faculdades e desvirtua os sentidos, e que os cães não são as únicas criaturas que, quando alimentadas até a garganta, regurgitam o que não conseguem devorar mas recusam o menor pedaço a um irmão faminto.

Nessa época ela se tornou extremamente beneficente para os moradores pobres. Seu conhecimento entre eles se estendeu muito, suas visitas às humildes moradias tornaram-se mais frequentes e cobriam uma extensão maior do que jamais ocorrera antes. Com isso, ela granjeou entre eles a reputação de uma jovem dama condescendente e muito caridosa. E os louvores a ela eram certamente repetidos ao Sr. Weston, com quem ela também tinha a chance de um encontro diário em uma ou outra daquelas casas ou nas caminhadas entre elas. E da mesma forma, pelos comentários deles, ela conseguia descobrir a que lugares ele deveria comparecer a tais ou quais horas, para batizar uma criança ou visitar os idosos, os doentes, os melancólicos ou os agonizantes, e definia seus planos habilidosamente de acordo com essas informações. Nessas excursões ela às vezes ia com a

irmã, a quem, por algum meio, tinha persuadido ou subornado a participar dos seus esquemas, às vezes ia sozinha, mas nunca mais comigo. Então fui privada do prazer de ver o Sr. Weston ou ouvir a sua voz, mesmo em conversa com outra pessoa, o que com certeza teria sido um grande prazer, por mais triste e doloroso que fosse. Não me era possível nem mesmo vê-lo na igreja, pois a Srta. Murray, sob algum pretexto trivial, decidira tomar posse do lugar que sempre tinha sido meu desde a minha chegada. E, a menos que tivesse a arrogância de me sentar entre o Sr. e a Sra. Murray, eu era obrigada a me sentar de costas para o púlpito — o que fazia.

Agora eu também não ia mais para casa com minhas alunas: diziam que sua mãe não considerava elegante ver três pessoas longe da família caminhando e só duas na carruagem e, como elas preferiam caminhar com tempo bom, eu deveria me sentir honrada de ir na companhia dos mais velhos. E, “além do mais”, diziam, “você não caminha tão rápido como nós e sempre fica para trás”. Eu sabia que eram desculpas falsas, mas não fiz objeções e nunca contradisse essas assertivas por saber bem os motivos que as ditavam. E nas tardes durante aquelas seis semanas memoráveis, nunca fui à igreja. Se caísse doente com gripe, ou tivesse qualquer indisposição, elas se aproveitavam disso para me forçar a ficar em casa. Sempre me diziam que não iam voltar à igreja naquele dia, e depois fingiam mudar de ideia e saíam sem me falar, de forma que eu nunca descobrisse a mudança de propósito até que fosse tarde demais. Quando voltaram para casa em uma dessas ocasiões, elas me entretiam com um relato animado de uma conversa com o Sr. Weston. “E ele perguntou se você estava doente, Miss Grey”, disse Matilda, “mas nós lhe dissemos que você estava muito bem, mas não tinha querido ir a igreja, e ele vai pensar que você se tornou má”.

Todas as chances de encontros casuais nos dias da semana também eram cuidadosamente evitadas, pois, a menos que eu saísse para visitar Nancy Brown ou outra pessoa, Rosalie cuidava de oferecer trabalho suficiente para as minhas horas de lazer. Havia sempre um desenho a terminar, uma música a copiar ou algum trabalho a ser feito, o suficiente para não me permitir desfrutar de qualquer coisa além de um curto passeio nos jardins, não importa com o que ela ou sua irmã estivessem ocupadas.

Certa manhã, depois de ter procurado e parado o Sr. Weston no caminho, elas voltaram muito alegres para me fazer um relato da entrevista.

— E ele perguntou novamente por você — disse Matilda, apesar da silenciosa mas imperativa ordem da irmã para conter a língua. — Queria saber por que você nunca vem conosco, e acha que você deve ter uma saúde frágil por sair tão raramente.

— Ele não perguntou nada, Matilda. Que bobagem você está dizendo?

— Ora, Rosalie, que mentira! Ele perguntou sim, você sabe. E você disse... Não faça isso, Rosalie. Pare! Não me belisque assim! E, Srta. Grey, Rosalie disse a ele que você estava muito bem, mas sempre tão enterrada nos seus livros que não tinha prazer em nada mais.

“Que ideia ele deve fazer de mim!”, pensei.

— E a velha Nancy — falei —, pergunta por mim?

— Pergunta, e nós lhe dizemos que você gosta tanto de ler e desenhar que não faz mais nada.

— Mas não é esse o caso. Se vocês tivessem dito que eu estava tão ocupada que não podia ir visitá-la, estariam mais perto da verdade.

— Não acho que estaríamos — respondeu a Srta. Murray, inflamando-se de repente. — Tenho certeza de que lhe sobra tempo agora, já que tem tão pouca coisa a ensinar.

Não adiantava começar a discutir com criaturas tão auto-condescendentes e pouco racionais, então me calei. Já estava acostumada a manter silêncio quando ouvia coisas desagradáveis. E me acostumara a exibir uma expressão plácida e sorridente enquanto meu coração sofria. Só quem sentiu a mesma coisa é capaz de imaginar os meus sentimentos, ali sentada com um sorriso fingido de indiferença, ouvindo os relatos daqueles encontros e entrevistas com o Sr. Weston, que elas pareciam ter tanto prazer em descrever para mim, e ouvir coisas afirmadas dele que, a partir do caráter do homem, eu sabia serem exageros e perversões da verdade, quando não mentiras completas; coisas desabonadoras para ele e lisonjeiras para elas, especialmente para a Srta. Murray; coisas que eu ansiava por contradizer ou, no mínimo, duvidar, mas não ousava, por medo de que, ao expressar minha descrença, eu pudesse também expor o meu interesse.

Também ouvi outras coisas que senti ou temi serem verdadeiras. Mas devia continuar ocultando minha ansiedade com relação a ele, assim como a indignação contra elas, sob um aspecto de indiferença. Havia ainda outras histórias, meras sugestões de alguma coisa dita ou feita, que eu ansiava por ouvir mais, mas não podia me aventurar a perguntar. E assim se passou aquele tempo exaustivo. E eu não podia nem mesmo me confortar dizendo: “logo ela vai se casar, e então talvez exista esperança”.

Após o casamento viriam as minhas férias. E quando eu voltasse de casa o Sr. Weston já teria partido, pois fora informada de que ele e o pároco não conseguiam concordar (culpa do pároco, sem dúvida), e ele estava pronto para se mudar para outro lugar.

Não, além da minha esperança em Deus, meu único consolo era pensar que, apesar de ele não saber disso, eu era mais digna do seu amor que Rosalie Murray, por mais encantadora que ela fosse, pois era capaz de dar valor à sua excelência, e ela não. Eu dedicaria a minha vida à promoção da sua felicidade. Ela destruiria a sua felicidade em nome da gratificação momentânea da própria vaidade. “Oh, se ao menos ele soubesse a diferença!”, exclamava com toda determinação. “Mas não! Eu não queria que ele visse o meu coração: ainda assim, se ele ao menos pudesse saber da falsidade dela, da sua frivolidade inútil e sem coração, estaria então a salvo e eu seria *quase* feliz, apesar de não vê-lo nunca mais!”

Temo que agora o leitor esteja aborrecido com a loucura e a fraqueza que espalhei generosamente diante dele. Nunca as havia mostrado, e não gostaria de fazê-lo se minha própria irmã ou mãe estivessem comigo na casa. Eu era uma total e resoluta hipócrita, pelo menos nesse caso. Minhas orações, minhas lágrimas, meus desejos, medos e lamentações foram testemunhados apenas por mim e pelo céu.

Quando somos acossados por mágoas ou ansiedades, ou oprimidos longamente por sentimentos poderosos que devemos manter para nós mesmos, para os quais não se pode obter ou buscar simpatia em nenhuma criatura viva, e que, ainda assim, não podemos ou não queremos destruir por completo, sempre buscamos alívio na poesia, e em geral o encontramos, seja nas efusões de outros, que parecem combinar com nosso caso, ou nas

nossas próprias tentativas de dar expressão a esses pensamentos e sentimentos em notas talvez menos musicais, mas mais adequadas e, portanto, mais penetrantes e verdadeiras — e durante algum tempo, mais calmantes e mais fortes para despertar e descarregar o coração oprimido e dilatado. Antes dessa época, em Welwood House e aqui, quando sofria a melancolia da saudade de casa, eu procurara alívio nessa fonte de consolo duas ou três vezes. E agora retornava a ela com maior avidez que nunca, porque parecia necessitar ainda mais. Ainda preservo essas lembranças de sofrimentos passados como pilares erigidos em testemunho de acontecimentos experimentados ao viajar pelo vale da vida. Os passos estão agora obliterados. A face do país pode estar mudada, mas o pilar ainda está lá para me lembrar de como eram todas as coisas quando ele foi erigido. Para que o leitor não tenha curiosidade de ver qualquer uma dessas efusões, vou favorecê-lo com uma amostra curta: por mais frias e lânguidas que possam parecer essas linhas, elas devem sua existência a um arrebo de sofrimento.

Oh, roubaram-me a esperança
Que meu espírito tanto amava;
Não querem me deixar ouvir aquela voz
Que minha alma se encanta em ouvir.
Não querem deixar-me ver aquela face
Que me encanta ver;
E tomaram todos os teus sorrisos,
E todo o teu amor de mim
Bem, que eles tomem tudo que puderem;
Um tesouro ainda é meu,
Um coração que ama pensar em ti,
e sente o valor do teu.

Sim, pelo menos elas não puderam me privar disso. Eu pensava nele dia e noite, e sentia que era digno de que pensasse nele. Ninguém o conhecia como eu, ninguém o prezava como eu. Ninguém poderia amá-lo como eu, se tivesse permissão para tanto. Mas havia o mal. Por que eu tinha de pensar tanto em alguém que nunca pensava em mim? Não era uma bobagem? Não era errado? Ainda assim descobri um prazer tão profundo em pensar nele, e me perguntava: se continuasse com esses pensamentos só

para mim e não perturbasse ninguém com eles, onde estaria o mal? E esse raciocínio evitava que eu fizesse o esforço suficiente para me libertar dos meus grilhões.

Mas, se esses pensamentos me davam prazer, era um prazer doloroso, perturbado, muito próximo da angústia e que me magoava mais do eu reconhecia. Era uma indulgência que uma pessoa mais sábia ou mais experiente teria negado a si mesma. E ainda assim, como era triste voltar os olhos da contemplação daquele objeto tão brilhante e forçá-los a parar diante da paisagem monótona, cinzenta, desolada que tinha à minha volta, do caminho triste, sem esperança, solitário que se estendia à minha frente! Era errado ser tão infeliz, tão desencorajada. Devia ter feito de Deus meu amigo, e da Sua vontade o prazer e as obrigações da minha vida. Mas a fé era fraca e a paixão muito forte.

Nesse tempo de dificuldades eu tinha duas outras causas de aflição. A primeira pode parecer banal, mas me custou muitas lágrimas: Snap, meu pequeno companheiro mudo, de aspecto duro e olhos brilhantes, a única coisa que eu tinha para me amar, foi-me tomado e entregue aos cuidados do caçador de ratos da aldeia, um homem notório pelo tratamento brutal dos seus escravos caninos. A outra era muito séria: minhas cartas de casa davam notícia de que a saúde de meu pai piorava. Não havia nelas nenhum temor agourento, mas eu tinha me tornado medrosa e desesperada e não consegui evitar o medo de que uma terrível calamidade nos esperava. Eu parecia ver nuvens negras se juntando sobre as minhas colinas nativas e ouvir o murmúrio raivoso de uma tempestade a ponto de estourar e desolar o nosso lar.

¹ Cartas de amor.

XVIII

ALEGRIA E LUTO

Finalmente chegou o primeiro de junho, e Rosalie Murray se transformou em Sra. Ashby. Estava esplendidamente linda no seu vestido de noiva. Ao voltar da igreja depois da cerimônia, ela entrou correndo na sala de estudos, corada de excitação e rindo — ao que me pareceu, metade alegre, metade em desespero inconsciente.

— Srta. Grey, agora sou a Sra. Ashby! — exclamou ela. — Está feito, meu destino está selado: não há mais volta! Vim receber as suas congratulações e me despedir. Depois parto para Paris, Roma, Nápoles, Suíça e Londres, oh, meu Deus, quanto vou ver e ouvir antes de voltar! Mas não me esqueça; eu não vou esquecê-la, apesar de você ter sido uma menina má. Venha, por que você não me dá os parabéns?

— Não posso congratular você — respondi — enquanto não tiver certeza de que essa mudança é de fato para melhor. Mas espero sinceramente que seja. E lhe desejo a verdadeira felicidade e a melhor das bênçãos.

— Bem, adeus, a carruagem está esperando e estão me chamando.

Ela me deu um beijo apressado e já ia embora correndo, mas voltou de repente, me abraçou com mais afeto do que eu a julgava capaz de mostrar e partiu com lágrimas nos olhos. Pobre menina! Eu a amei realmente naquele momento, e perdoei de todo coração todos os males que me causara; ela não sabia nem da metade deles, eu tinha certeza; orei a Deus para perdoá-la também.

Durante o resto daquele dia de tristeza festiva, deixaram-me entregue aos meus interesses. Por ser muito desorganizada para qualquer ocupação regular, andei por ali com meu livro nas mãos durante várias horas, mais pensando que lendo, pois tinha muitas coisas a pensar. À noite usei minha

liberdade para visitar minha velha amiga Nancy outra vez; queria me desculpar pela longa ausência, que deve ter parecido ser negligente ou cruel, e lhe explicar como estivera ocupada. Poderia conversar ou ler, ou ainda trabalhar para ela — o que fosse mais aceitável. E, evidentemente, contar-lhe as notícias desse dia tão importante e talvez obter dela alguma informação com relação à esperada partida do Sr. Weston. Mas sobre isso ela parecia não saber nada, e eu esperava, tal como ela, que se tratasse de um boato. Ela ficou muito alegre quando me viu. Felizmente, seus olhos agora estavam tão bons que ela quase não dependia mais dos meus serviços. Estava muitíssimo interessada no casamento, mas enquanto eu a divertia com os detalhes do dia festivo, os esplendores da festa de casamento e da própria noiva, ela suspirava e balançava a cabeça, e desejava que coisas boas pudessem resultar de tudo aquilo. Tal como eu, parecia considerar que eram razões de tristeza e não de alegria. Sentei-me conversando com ela sobre o casamento e outras coisas, mas *ninguém apareceu*.

Deveria confessar que às vezes eu olhava a porta com um desejo, quase uma esperança de vê-la se abrir e dar passagem ao Sr. Weston, como já tinha acontecido antes. Ao voltar pelas trilhas e campos, eu parava a todo momento para olhar à minha volta e andava mais devagar que o necessário — pois, apesar de ser uma linda noite, não era uma noite quente — e finalmente tive uma sensação de vazio e desapontamento por chegar à casa sem ter encontrado, nem mesmo ter um vislumbre de quem quer que fosse, com exceção de alguns trabalhadores que voltavam do trabalho.

Mas o domingo se aproximava: eu o veria então. Agora que Rosalie havia partido, eu teria novamente o meu canto, o veria e, pelo olhar, fala e atitudes, poderia julgar se o casamento dela o tinham afligido muito. Felizmente não cheguei a perceber nem uma sombra de diferença: tinha o mesmo aspecto de dois meses antes; voz, olhar, atitude, todos iguais, sem mudança: a mesma sinceridade límpida nos olhos sagazes, a mesma clareza enérgica no seu estilo, a mesma simplicidade séria em tudo que dizia e fazia, tornando tudo não apenas registrado pelos olhos ou ouvidos, mas sentido pelo coração de seus ouvintes.

Voltei para casa com a senhorita Matilda, mas *ele não se juntou a nós*. Matilda era agora incapaz de encontrar divertimento e estava dolorosamente carente de companhia. Os irmãos na escola, a irmã casada e longe, ela jovem demais para ser introduzida na sociedade, pela qual, devido ao exemplo de Rosalie, começava a adquirir gosto, o gosto pela companhia de certas classes de cavalheiros. Naquela época monótona do ano, quando não havia caçadas nem tiros, apesar de ela não poder participar, já era *alguma coisa* ver seu pai ou o guarda-caça sair com os cachorros, conversar com eles na volta sobre os diferentes pássaros que haviam trazido na bolsa. Mas agora lhe negavam o consolo oferecido pelos cocheiros, cavaleiros, cavalos, galgos, perdigueiros. Mesmo com as desvantagens da vida no campo a mãe havia casado satisfatoriamente a filha mais velha, o orgulho do seu coração, e agora começava a voltar a atenção para a filha mais nova. Alarmada com a rudeza das suas maneiras e considerando já ser tempo de uma reforma, havia afinal decidido exercer sua autoridade e proibiu por completo os pátios, estábulos, canis e o galpão da carruagem. É claro que não foi obedecida facilmente, mas tendo sido tão indulgente até então, depois que seu espírito foi estimulado, seu humor não foi tão suave como exigia que fosse o da preceptora, e não se podia contrariar impunemente a sua vontade. Depois de muitas cenas de disputa entre mãe e filha, muitas explosões violentas que eu tinha vergonha de assistir, em que a autoridade do pai era convocada para confirmar, com insultos e ameaças, as proibições desprezadas da mãe, pois até mesmo *ele* via que “Tilly, apesar de poder ter sido um ótimo rapaz, não era bem o que uma moça devia ser”, Matilda afinal descobriu que o plano mais fácil era se manter longe das regiões proibidas, e vez por outra visitá-las em segredo, sem o conhecimento vigilante da sua mãe.

Em meio a tudo isso, não se imagine que eu tenha escapado sem muitas reprimendas e censuras sugeridas, que não perdiam nada do seu ferrão por não serem ditas de forma aberta — pelo contrário, feriam muito mais profundamente porque isso parecia tornar impossível a autodefesa. Com frequência me diziam para divertir a senhorita Matilda com outras coisas e *lembrar* a ela os preceitos e proibições da sua mãe. Eu fazia o máximo que

consequia, mas ela não se divertia contra a vontade e contra os seus gostos e, embora eu tenha feito todo o possível, as censuras suaves que era capaz de usar não surtiam nenhum efeito.

— *Querida* Srta. Grey! Isso é estranho *demais*. Suponho que você não consiga ajudar, já que não está na sua natureza. Mas será que você não é capaz ao menos de tornar a sua companhia tão agradável para ela como as de Robert ou Joseph?

— Eles conversam melhor que eu sobre as coisas pelas quais ela se interessa mais — respondi.

— Bem, eis uma estranha confissão vinda da preceptora! Quem deveria formar os gostos de uma jovem dama, eu me pergunto, se a preceptora não é capaz de tanto? Já conheci algumas que se identificaram tão completamente com a reputação de elegância e propriedade, em mente e modos, das suas jovens pupilas que *coravam* ao falar uma palavra que fosse contra elas. E ouvir a menor culpa imputada às suas pupilas era pior que receber censuras elas mesmas; considero isso muito natural.

— Mesmo, senhora?

— Claro, a proficiência e elegância da jovem dama é mais importante para a preceptora do que para ela própria e para o mundo. Se deseja prosperar na sua vocação, deve dedicar todas as energias ao trabalho. Todas as suas ideias e toda a sua ambição tenderão à realização daquele único objetivo. Quando queremos decidir quanto aos méritos de uma preceptora, nós naturalmente examinamos as jovens que ela declara ter educado, e julgamos de acordo com os resultados. A *preceptora* judiciosa sabe disso: sabe que, enquanto viver na obscuridade, as virtudes e defeitos de sua pupila se abrirão para todos os olhos, e que, a menos que ela se perca na cultivação, não terá de esperar o sucesso. Veja, Srta. Grey, é a mesma coisa em qualquer outra profissão ou atividade. Quem deseja prosperar deve se dedicar de corpo e alma à sua atividade, e se começar a ceder à indolência ou autoindulgência será rapidamente superado por competidores mais sábios. Há pouca coisa a escolher entre uma pessoa que arruína suas pupilas pelo descaso e outra que as corrompe pelo exemplo. Você vai me desculpar por dar essas pequenas sugestões; saiba que é para seu próprio bem. Muitas

senhoras falariam com você de forma bem mais enérgica, e muitas nem se preocupariam em falar: procurariam discretamente uma substituta. Seria o plano mais *fácil*. Mas eu sei as vantagens de um lugar como este para uma pessoa na sua situação. E não tenho o menor desejo de me separar de você, pois tenho certeza de que se daria bem se pensasse nessas coisas e tentasse exercitá-las um *pouco* mais. E estou convencida de que *logo* você vai adquirir o tato que falta para lhe dar a influência certa sobre a mente da sua pupila.

Estava a ponto de dar àquela senhora uma ideia da falácia das suas expectativas. Mas ela partiu no momento mesmo em que concluiu o seu discurso. Depois de dizer o que queria, não fazia parte do seu plano esperar a minha resposta: minha obrigação era ouvir, não falar.

Mas, como já disse, Matilda finalmente obedeceu em certo grau à autoridade da mãe (pena que não tivesse sido aplicada antes), e depois de ser privada de quase toda fonte de diversão, não havia a fazer nada além de longas cavalgadas com o cavaliário, longos passeios com a preceptora e visitas às casas nas terras do seu pai, onde matava o tempo conversando com velhos e velhas que moravam ali. Num desses passeios encontramos por acaso o Sr. Weston. Era o que eu há muito desejava. Mas naquele momento ansiei que ele ou eu estivéssemos longe dali; senti meu coração pulsar tão violentamente que temi o aparecimento de algum sinal externo da minha emoção. Mas acho que ele mal olhou para mim, e logo eu estava calma. Depois de uma breve saudação, ele perguntou a Matilda se ela tinha notícias recentes da irmã.

— Sim — respondeu ela.—Estava em Paris quando escreveu, e muito bem e muito feliz.

Pronunciou as últimas palavras com ênfase, e com um olhar impertinentemente furtivo. Ele não pareceu notar, mas respondeu com igual ênfase e muita seriedade.

— Espero que ela continue assim.

— O senhor acha provável? — ousei perguntar, pois Matilda tinha saído correndo atrás do seu cachorro, que saíra à caça de uma lebre.

— Não sei dizer — respondeu ele.—Thomas talvez seja um homem melhor do que eu suponho. Mas, com base em tudo que ouvi e vi, parece uma pena que alguém tão jovem e alegre... tão *interessante* como ela, para expressar muitas coisas com uma palavra, e cuja maior, se não a única, falha parecesse ser a irreflexão, certamente não uma falha de pouca importância, pois torna o possuidor presa de quase todas as outras e o expõe a muitas tentações... Enfim, parece uma pena que ela tenha sido atirada a esse homem. Foi o desejo da mãe dela, suponho?

— Foi, e o dela também, penso eu, pois ela sempre ria das minhas tentativas de dissuadi-la a dar esse passo.

— A senhorita tentou? Então, pelo menos terá a satisfação de saber que não foi sua culpa, se algum mal resultar disso. Quanto à senhora Murray, não sei como ela poderá justificar sua conduta. Se a conhecesse suficientemente, eu lhe perguntaria.

— Parece antinatural, mas certas pessoas pensam que classe e riqueza são o bem principal, e se conseguirem garantir os dois para os filhos acreditam que cumpriram o seu dever.

— É verdade, mas não é estranho que pessoas experientes, que já tenham se casado, façam um julgamento tão falso?

Matilda agora voltava, ofegante, trazendo na mão o corpo lacerado da lebre.

— A sua intenção era matar a lebre ou salvá-la, Srta. Murray? — perguntou o Sr. Weston, aparentemente perplexo diante da sua expressão feliz.

— Eu quis salvá-la — respondeu ela com toda honestidade —, pois estamos fora da estação de caça. Mas me agradou vê-la ser morta. Mas vocês dois são testemunhas de que não consegui evitá-lo. Prince estava determinado a alcançá-la, agarrou-a pelas costas e a matou num minuto! Não foi uma nobre caçada?

— Muito! Para uma jovem dama na caça de uma lebre.

Houve um sarcasmo calmo no tom da sua resposta que não passou despercebido. Ela deu de ombros e, voltando-se com um muxoxo, perguntou-me se eu havia apreciado aquele divertimento. Respondi que não

via divertimento naquela história, mas admiti não ter observado a transação em detalhes.

— Você não viu como ela se contraiu como uma velha lebre? Não a ouviu gritar?

— Fico feliz em dizer que não ouvi.

— Ela gritou como uma criança.

— Pobre coisinha! O que você vai fazer com ela?

— Venha comigo, vou entregá-la na primeira casa a que chegarmos. Não quero levá-la para casa; tenho medo da descompostura do meu pai por ter deixado o cão matá-la.

O Sr. Weston se foi e nós também seguimos o nosso caminho. Mas quando voltávamos, depois de termos depositado a lebre numa casa da fazenda e em troca termos comido bolo e vinho, nós o encontramos também voltando da execução da sua missão, fosse qual fosse. Trazia na mão um lindo ramalhete de jacintos, que me ofereceu, observando com um sorriso que, apesar de haver me visto muito pouco nos dois últimos meses, não tinha esquecido que os jacintos estavam entre as minhas flores favoritas. Aquilo foi feito como um ato simples de boa vontade, sem cumprimento ou cortesia notável ou algum olhar que pudesse ser entendido como “adoração terna e reverente” (*vide* Rosalie Murray). Mas, ainda assim, já era alguma coisa descobrir que a minha frase sem importância fora tão bem lembrada; já era alguma coisa ele ter notado com tanta precisão o tempo em que eu não estivera presente.

— Fui informado — disse ele — que a senhorita era uma verdadeira traça, Srta. Grey, tão completamente absorta nos seus estudos que perdia todos os outros prazeres.

— Sim, e é a pura verdade! — gritou Matilda.

— Não, senhor Weston. Não acredite, é uma calúnia escandalosa. Essas jovens damas gostam muito de fazer afirmações aleatórias à custa dos amigos, e o senhor devia tomar cuidado para a forma como as ouve.

— Espero que pelo menos *essa* afirmação não tenha base.

— Por quê? O senhor se opõe particularmente a que as mulheres estudem?

— Não, mas não concordo que alguém se dedique tanto ao estudo a ponto de perder de vista todo o resto. Com exceção de circunstâncias especiais, considero o estudo muito cuidadoso e constante uma perda de tempo e um prejuízo para a mente e para o corpo.

— Bem, não tenho nem tempo nem inclinação para tais transgressões.

Separamo-nos novamente.

Bem! O que há de tão notável em tudo isso? Por que eu o registrei? Porque, leitor, era suficientemente importante para me propiciar uma noite tranquila, uma noite de sonhos agradáveis e uma manhã de esperanças felizes. Tranquilidade descuidada, sonhos tolos, esperanças sem fundamento, diria você. E não me arrisco a negar: essas suspeitas surgiam com frequência na minha mente, mas nossos desejos são facilmente combustíveis; o aço e a pedra das circunstâncias estão sempre enviando faíscas — que desaparecem de imediato, a menos que caiam no combustível dos nossos desejos; então se incendeiam instantaneamente, e a chama da esperança arde num momento.

Mas que pena! Naquela manhã a chama bruxoleante de esperança foi sufocada por uma carta da minha mãe, que falava com tanta seriedade do agravamento da doença do meu pai que temi não haver chance de ele se recuperar. E apesar de as férias estarem próximas quase tive medo que chegassem tarde demais para eu encontrá-lo neste mundo. Dois dias depois, uma carta de Mary me dizia que o estado dele era desesperador, e seu fim parecia se aproximar rapidamente. Então fui buscar permissão para antecipar as férias e partir sem demora. A Sra. Murray se espantou diante da energia e ousadia desusadas com que insisti no meu pedido, achou que não havia motivo para tanta pressa, mas afinal me deu permissão, declarando, entretanto, que não era preciso tanta agitação porque aquele problema, afinal, poderia ser um alarme falso. E se não fosse, ora, aquele era apenas o curso comum da natureza; “temos todos de morrer um dia”, e eu não devia me considerar a única pessoa angustiada no mundo. Concluiu dizendo que eu poderia tomar o phaeton para me levar a O—. “E em vez de se *lamentar*, Srta. Grey, seja grata pelos *privilégios* de que desfruta. Existem muitos clérigos pobres cuja família seria lançada na ruína pela sua morte. Mas

você, veja, tem amigos influentes prontos a manter a sua proteção e a mostrar toda consideração por você.”

Agradei a ela por sua “consideração” e corri ao meu quarto para os preparativos apressados da minha partida. Vesti a boina e o xale, joguei algumas coisas apressadamente no meu maior baú e desci. Mas poderia ter feito os preparativos com mais tranquilidade, pois ninguém além de mim estava com pressa, e ainda esperei um tempo considerável pelo phaeton. Finalmente ele chegou à porta e parti. Mas, oh, que viagem desditosa foi aquela! Como foi diferente das viagens anteriores para casa! Já atrasada para a última carruagem, tive de alugar um cabriolé por dez milhas e depois um carro para me levar pelas ásperas colinas. Já passava das dez e meia quando cheguei à casa. Ninguém estava dormindo.

Minha mãe e minha irmã me encontraram no vestíbulo, tristes, caladas, pálidas! Eu estava tão chocada que não consegui falar para pedir a informação que ansiava, mas temia tanto obter.

— Agnes! — disse a minha mãe, lutando para reprimir uma forte emoção.

— Oh, Agnes! — exclamou Mary e irrompeu em lágrimas.

— Como está ele? — perguntei, ofegando pela resposta.

— Morto!

Era a réplica que eu esperava, mas ainda assim o choque foi tremendo.

XIX

A CARTA

Os restos mortais do meu pai tinham sido entregues ao túmulo, e nós, com rostos tristes e roupas sombrias, estávamos sentadas à mesa frugal do desjejum, revendo planos para a nossa vida futura. A mente forte da minha mãe não havia sido derrotada nem sob essa nova aflição. Seu espírito, apesar de esmagado, não havia sido quebrado. O desejo de Mary era que eu voltasse a Horton Lodge e nossa mãe fosse viver com ela e o Sr. Richardson na paróquia; disse que ele desejava isso tanto quanto ela e que esse arranjo não poderia deixar de ser benéfico para todos, pois a companhia e a experiência da minha mãe teriam valor inestimável, e eles fariam todo o possível para mantê-la feliz. Mas nenhum argumento ou súplica teve sucesso: minha mãe estava determinada a não ir. Não que ela questionasse por um momento sequer os bondosos desejos e intenções da filha, mas afirmava que enquanto Deus lhe poupasse a força e saúde, ela faria uso delas para ganhar a vida e não ser onerosa para ninguém, fosse ou não a sua dependência sentida como um peso. Se pudesse continuar vivendo como inquilina na paróquia, essa casa seria a sua preferência a todas as outras como o local do seu lar. Mas, se não tivesse essa oportunidade, ela nunca iria residir sob o teto da filha, a não ser como visitante ocasional, a menos que uma doença ou calamidade tornasse realmente necessária a sua assistência, ou até que a idade ou a doença a tornassem incapaz de se manter.

— Não, Mary — disse ela. — Se Richardson e você têm alguma coisa para guardar, precisam poupar para sua própria família. Agnes e eu devemos colher o nosso próprio mel. Como tive filhas para educar, não esqueci minhas habilidades. Com a ajuda de Deus, vou conter esses lamentos vãos — falou, enquanto, apesar dos seus esforços, as lágrimas

seguíam umas às outras pelas suas faces; mas ela as enxugava e continuou balançando resolutamente a cabeça. — Vou me aplicar e procurar uma casa pequena localizada em algum distrito populoso, mas salubre, onde vamos aceitar jovens damas como hóspedes e pupilas, se for possível encontrá-las, e aceitar alunos diaristas que tenhamos condições de instruir. As relações do seu pai e os velhos amigos poderão sem dúvida nos enviar alunas ou nos ajudar com suas recomendações; não vou recorrer aos meus pais. O que você diz, Agnes? Está disposta a deixar a sua atual situação e tentar?

— Completamente disposta, mamãe. E o dinheiro que guardei será suficiente para mobiliar a casa. Vou tirá-lo agora mesmo do banco.

— Quando for necessário. Primeiro temos de encontrar a casa e tratar dos preparativos.

Mary ofereceu emprestar o pouco que possuía, mas mamãe não aceitou, dizendo que tínhamos de começar de uma forma econômica, e esperava que todo ou parte do meu dinheiro, mais o que pudéssemos obter com a venda da mobília e o que o nosso pai querido tivesse conseguido acumular para ela depois de pagas as dívidas, fosse suficiente para nos manter até o Natal, quando esperávamos já ter ganhado alguma coisa do nosso trabalho conjunto. Decidimos que esse seria o nosso plano, e que daríamos início imediatamente às consultas e preparativos. E enquanto minha mãe se ocupava com isso, eu deveria voltar a Horton Lodge ao final das quatro semanas de férias e dar o aviso da minha saída definitiva quando as coisas já estivessem em andamento para o início rápido da nossa escola.

Estávamos discutindo essas questões na manhã que mencionei, cerca de quinze dias depois da morte do meu pai, quando trouxeram uma carta para minha mãe. Ao vê-la, a cor subiu ao seu rosto, ultimamente muito pálido pela dor excessiva e preocupações ansiosas.

— É do meu pai! — murmurou ao rasgar rapidamente a capa. Muitos anos haviam se passado desde a última notícia dos seus parentes. Perguntando-me o que a carta poderia conter, é claro que observei a sua expressão ao lê-la e fiquei surpresa ao vê-la morder o lábio e franzir o cenho, como se estivesse com raiva. Quando terminou, ela atirou o papel sobre a mesa, dizendo com um sorriso de desprezo: — “Seu avô teve a

bondade de me escrever. Diz que não tem dúvida de que já me arrependi há muito do meu ‘casamento infeliz’, e que se eu me dispuser a reconhecer essa verdade e confessar que estava errada ao não atender ao seu conselho, e que por isso já sofri com justiça, ele fará novamente de mim uma dama, se isso for possível depois da minha longa degradação, e lembrará das netas no seu testamento. Traga a minha escrivanhinha, Agnes, e leve daqui as minhas coisas, vou responder a essa carta agora mesmo. Mas antes, uma vez que eu talvez esteja privando vocês duas do seu legado, é justo que lhes diga o que pretendo dizer. Vou dizer que ele está errado ao supor que lamento o nascimento das minhas filhas, que foram o orgulho da minha vida e serão o conforto da minha velhice, ou os trinta anos que passei na companhia do meu melhor e mais querido amigo; que mesmo que os nossos momentos de infelicidade tivessem sido três vezes maiores do que foram (a menos que eu própria os tivesse trazido sobre mim) ainda assim eu seria feliz por tê-los enfrentado ao lado do seu pai e ter administrado a ele todo o consolo que me foi possível. E, tivessem os sofrimentos e a doença dele sido dez vezes maiores que foram, eu não poderia me queixar de ter cuidado dele e de ter trabalhado para aliviá-los; e que se ele tivesse se casado com uma esposa mais rica, ainda assim infortúnios e provações teriam sem dúvida caído sobre ele, ao passo que sou egoísta a ponto de imaginar que nenhuma outra mulher o teria consolado melhor que eu; não que eu seja superior a todas as outras, mas fui feita para ele e ele para mim. Não posso lamentar as horas, dias, anos de felicidade que vivemos juntos e que nenhum de nós teria vivido sem o outro, assim como não posso lamentar o privilégio de ter sido a sua enfermeira na doença e seu conforto na aflição.

“Está bem assim? Ou devo dizer que estamos todas muito tristes pelo que aconteceu durante os últimos trinta anos e que minhas filhas desejariam nunca ter nascido, mas como já tiveram essa infelicidade, elas agradecem qualquer ninharia que seu avô tenha a bondade de lhes oferecer?”

É claro que nós duas aplaudimos a resolução da nossa mãe. Mary retirou as coisas do desjejum. Eu trouxe a escrivanhinha. A carta foi rapidamente escrita e enviada. E a partir daquele dia, não tivemos mais notícias do nosso avô até vermos a sua morte anunciada muito tempo

depois no jornal, toda a sua riqueza mundana deixada para nossos primos ricos e desconhecidos.

XX

A DESPEDIDA

A lugamos uma casa em A-, a elegante estação de águas, para o nosso seminário; e para começar foi possível obter uma promessa de duas ou três alunas. Voltei a Horton Lodge por volta do meio de julho, deixando a minha mãe concluir a negociação da casa, inscrever mais alunas, vender a mobília da nossa antiga casa e mobiliar a nova.

Sempre sentimos pena dos pobres por não terem tempo de chorar seus parentes que se foram, pois a necessidade os obriga a trabalhar durante as suas dores mais severas. Mas não é o emprego ativo o melhor remédio para a dor insuportável, o antídoto para o desespero?

Pode ser um conforto duro; pode parecer duro ser assediado pelas preocupações da vida quando não temos o tempero para desfrutá-la, aguilhoado a trabalhar quando o coração está a ponto de se romper e o espírito atormentado implora por repouso apenas para chorar em silêncio. Mas o trabalho não é melhor que o repouso que desejamos? E essas pequenas preocupações torturantes não são menos perniciosas que a meditação contínua sobre a grande aflição que nos oprime? Além do mais, não temos preocupações, ansiedades e trabalho sem esperança, mesmo que seja apenas a esperança de cumprir nossas tarefas sem alegria, realizar algum projeto necessário ou escapar de mais algum aborrecimento. De qualquer forma, eu estava feliz por minha mãe ter tanto uso para todas as faculdades de seu caráter amante da ação. Nossos bons vizinhos lamentaram que ela, antes tão elevada em riqueza e classe, tivesse se reduzido a tal extrema carência no seu tempo de dor. Mas estou convencida de que ela teria sofrido três vezes mais se houvesse sido deixada na riqueza, com liberdade de continuar naquela casa, a cena da sua primeira felicidade

e sofrimento final, e nenhuma necessidade rigorosa que evitasse a meditação e lamentação incessantes da sua perda.

Não vou me estender sobre os sentimentos com que deixei a velha casa; o jardim tão conhecido; a pequena igreja de aldeia, então duplamente cara para mim — pois meu pai, que durante trinta anos ensinou e pregou entre suas paredes, agora jazia repousando sob sua lage —; as antigas colinas nuas, encantadoras na sua desolação; os vales estreitos entre elas, sorrindo nos bosques verdes e na água brilhante; a casa onde nasci, cenário das minhas primeiras associações; o lugar onde, durante a minha vida, estiveram centrados os meus primeiros afetos. E deixei-os para nunca mais voltar! Na verdade, estava voltando para Horton Lodge onde, entre muitos males, ainda restava uma fonte de prazer. Mas era um prazer misturado com uma dor excessiva, e minha permanência, ai de mim, era limitada a seis semanas. E mesmo naquele tempo precioso os dias se arrastavam, um depois do outro, e eu não o encontrava; com exceção da igreja, não o vi durante duas semanas desde a minha chegada. Pareceu um tempo muito longo: e como eu sempre saía com a minha aluna perambuladora, as esperanças evidentemente continuavam a surgir, e a elas se seguiam os desapontamentos. Então eu dizia ao meu próprio coração, “Eis aqui uma prova convincente, se você tivesse pelo menos o bom senso de vê-la, ou a franqueza de reconhecê-la, de que ele não se interessa por você. Se pensasse em você a *metade* do que você pensa nele, já teria encontrado meios de encontrá-la muitas vezes. Isso você há de descobrir se consultar seus próprios sentimentos. Portanto, acabe logo com esse disparate. A sua esperança não tem base, esqueça logo esses pensamentos dolorosos e desejos tolos da sua mente e se dedique à vida monótona e vazia que se estende à sua frente. Você devia *saber* que essa felicidade não era para você”.

Mas finalmente o vi. Ele apareceu de repente quando eu cruzava um campo, de volta de uma visita a Nancy Brown — aproveitando uma oportunidade, enquanto Matilda Murray cavalgava sua égua inigualável. Ele devia ter ouvido sobre a minha pesada perda. Não expressou simpatia nem ofereceu condolências, mas as primeiras palavras que disse foram:

“Como está a sua mãe?” E isso não era algo natural, pois eu nunca lhe dissera que *tinha* uma mãe; devia ter sabido por outras pessoas, se é que sabia. Por outro lado, havia uma boa vontade sincera, uma simpatia profunda, modesta e tocante no tom e atitude da pergunta. Agradei com a devida civilidade e lhe disse que estava bem, na medida do possível. A pergunta seguinte foi: “O que ela vai fazer?” Muitos a teriam considerado uma pergunta impertinente e dado uma resposta evasiva, mas tal ideia nunca passou pela minha cabeça e lhe dei uma explicação breve e simples dos planos e expectativas da minha mãe.

— Então a senhorita vai sair daqui em breve?

— Vou, dentro de um mês.

Ele fez uma pausa de um minuto, como se pensasse. Quando falou novamente, achei que seria para expressar sua preocupação com a minha partida. Mas foi apenas para dizer:

— Devo pensar que a senhorita está desejando partir?

— Sim, de forma geral — respondi.

— De forma *geral*, apenas. Eu me pergunto o que poderia fazê-la lamentar a partida.

Isso me irritou, em parte porque me embaraçou. Eu só tinha uma razão para lamentá-la, e era um segredo profundo; ele não tinha direito de me perturbar assim.

— Por quê? — perguntei. — Por que o senhor deveria supor que eu não gosto deste lugar?

— A senhorita mesma me disse — foi a resposta incisiva. — Disse ao menos que não poderia viver satisfeita sem um amigo. E que não tinha nenhum amigo aqui, e não via possibilidade de fazer um. E ademais, sei que a senhorita *deve* antipatizar com este lugar.

— Mas se o senhor lembra bem, eu disse, ou quis dizer, que não poderia viver satisfeita sem um amigo no *mundo*; não sou tão irracional a ponto de exigir um amigo sempre ao meu lado. Acho que poderia ser feliz numa casa cheia de inimigos, se... — mas não, aquela sentença não podia ser terminada. Fiz uma pausa e acrescentei apressadamente: — E além disso

não podemos nos despedir de um lugar onde vivemos por dois ou três anos sem certa sensação de tristeza.

— A senhorita vai lamentar a despedida de Matilda Murray, a última pupila e companheira que ficou?

— Acho que vou até certo ponto. Não foi sem certa pena que me despedi da irmã dela.

— Imagino que sim.

— Bem, a senhorita Matilda é igualmente boa, até melhor sob um aspecto.

— Qual?

— É honesta.

— E a outra não é?

— Eu não a chamaria de *desonesta*. Mas devo confessar que é um pouco ardilosa demais.

— Ela é *ardilosa*? Percebi que ela era leviana e vaidosa, e agora — acrescentou, depois de uma pausa — posso mesmo acreditar que também seja ardilosa, mas de uma maneira tão excessiva que assume um aspecto de extrema simplicidade e abertura despreocupada. Sim — continuou pensativo —, isso explica algumas coisinhas que antes me intrigaram um pouquinho.

Depois disso, ele levou a conversa para assuntos mais gerais. Acompanhou-me até quase chegarmos aos portões do parque; certamente tinha se desviado do seu caminho para me acompanhar até tão longe, pois nesse momento ele se voltou e desapareceu descendo pela vereda Moss, por cuja entrada havíamos passado alguns momentos antes. Com certeza não lamentei essa circunstância: se a tristeza ocupava algum lugar no meu coração, era pelo fato de ele afinal ter se despedido, por não estar mais caminhando ao meu lado e por aquela conversa deliciosa ter chegado ao fim. Ele não havia dito uma única palavra de amor, ou oferecido uma sugestão de ternura ou de afeto, e ainda assim eu estava incrivelmente feliz. Estar perto dele, ouvi-lo falar e sentir que ele me considerava digna daquele diálogo, capaz de entender e apreciar devidamente o seu discurso, para mim era suficiente.

“Sim, Edward Weston, eu poderia ser feliz numa casa cheia de inimigos, se tivesse apenas um amigo que me amasse de forma verdadeira, profunda e fiel; e se esse amigo fosse você, apesar de estarmos distantes, com raras notícias um do outro, e nos encontrarmos ainda mais raramente, apesar de ainda cercada por trabalhos, problemas e aborrecimentos, seria uma felicidade grande demais com que sonhar! Ainda assim, quem há de saber”, disse eu com meus botões ao avançar pelo parque, “quem há de saber o que este mês poderá trazer? Já vivi vinte e três anos e sofri demais; e ainda desfrutei muito pouco prazer: será possível que a minha vida se mantenha tão sombria até o fim? Não será possível que Deus ouça as minhas orações, disperse essas sombras lúgubres e garanta para mim alguns raios celestes de sol? Será que Ele vai me negar essas bênçãos, que são tão liberalmente dadas a outros que nem as pedem nem as reconhecem quando são recebidas? Não posso esperar e confiar?”

Esperei e confiei durante algum tempo. Mas, que tristeza! O tempo passou, uma semana se seguiu a outra e, com exceção de um relance distante e dois encontros passageiros enquanto passeava com a senhorita Matilda e durante os quais pouco foi dito, não o vi nem uma vez. A não ser na igreja.

E então chegou o último domingo, e o último culto. Estive muitas vezes a ponto de me derreter em lágrimas durante o sermão, o último que deveria ouvir dele: o melhor sermão que ouviria de quem quer que fosse, eu tinha certeza. Acabou. A congregação começou a sair, e eu precisava sair também. Já o tinha visto e ouvido sua voz, provavelmente pela última vez. Na praça diante da igreja, Matilda foi agarrada pelas duas jovens Greens, que tinham muitas perguntas sobre sua irmã e não sei o que mais. Só desejei que elas terminassem logo, que pudéssemos voltar depressa para Horton Lodge; ansiava por buscar o retiro do meu quarto ou algum canto afastado no jardim onde pudesse me entregar aos meus sentimentos, chorar minha última despedida e lamentar minhas falsas esperanças e vãs decepções. Só essa vez, e adeus aos sonhos infrutíferos. Dali em diante só a realidade triste, sólida e sóbria deveria ocupar a minha mente. Mas enquanto eu assim decidia, uma voz baixa bem ao meu lado disse:

— Suponho que vá partir esta semana, Srta. Grey?

— Sim — respondi. Estava muito surpresa e se tivesse alguma inclinação histérica teria me comprometido de alguma forma naquele momento. Graças a Deus eu não tinha.

— Bem — disse o Sr. Weston —, quero me despedir, é improvável que a veja novamente antes que a senhorita se vá.

— Adeus, Sr. Weston — disse eu. Oh, como lutei para dizê-lo calmamente! Dei-lhe a minha mão. Ele a segurou por um instante na sua.

— É possível que nos encontremos novamente — disse ele. — Isso teria alguma importância para a senhorita ou não?

— Sim, eu ficaria muito feliz em encontrá-lo novamente.

Não poderia dizer menos. Ele apertou a minha mão com ternura e se foi. Agora eu estava feliz outra vez, apesar de mais inclinada que nunca a romper em lágrimas. Se tivesse sido forçada a falar naquele momento, inevitavelmente uma sucessão de soluços se teria seguido. E tal como estava, eu não era capaz de manter a água fora dos meus olhos. Andei ao lado de da Srta. Murray, virando o rosto e deixando de notar várias observações, até ela berrar que eu era surda ou estúpida; então (depois de recuperar o autocontrole), como alguém acordado de um surto de distração, ergui os olhos e perguntei o que ela havia dito.

XXI

A ESCOLA

Deixei Horton Lodge e fui me juntar à minha mãe na nossa nova casa em A-. Encontrei-a com boa saúde, o espírito resignado e até alegre, ainda que calada e sóbria no seu comportamento geral. Para começar, tínhamos apenas três hóspedes e meia dúzia de alunos diurnos, mas pela prudência e trabalho dedicado esperávamos aumentar o número de ambos em pouco tempo.

Lancei-me com a energia adequada ao cumprimento dos deveres desse novo modo de vida.

Chamo-o de *novo* porque havia, de fato, uma diferença considerável entre o trabalho com minha mãe na nossa escola e o trabalho como empregada entre estranhos, desprezada e pisoteada por velhos e jovens.

E durante as primeiras semanas eu não fui de forma alguma infeliz. “É possível que nos encontremos novamente” e “Isso teria alguma importância para a senhorita ou não?”. Essas palavras ainda soavam no meu ouvido e se abrigavam no meu coração. Eram o meu apoio e conforto secreto. “Eu o verei novamente. Ele voltará. Vai escrever.” Nenhuma promessa parecia brilhante ou extravagante demais para a esperança que sussurrava ao meu ouvido. Eu não acreditava nem na metade do que ela me dizia. Fingia rir de tudo, mas era muito mais crédula do que supunha: caso contrário, por que meu coração saltava quando ouvia uma batida na porta da frente e a empregada que a abria vinha dizer à minha mãe que um cavalheiro desejava vê-la? E por que eu ficava mal humorada pelo resto do dia porque se tratava apenas de um professor de música que viera oferecer seus serviços à nossa escola? E o que me cortava a respiração por um momento quando o carteiro trazia algumas cartas e minha mãe dizia, “Aqui, Agnes, esta é para você”, e me atirava uma delas? E o que forçava o sangue quente a corar o meu rosto

quando via que era endereçada em letra masculina? E por quê? Oh! Por que aquela sensação fria e enjoativa de desapontamento caía sobre mim quando, depois de rasgar o envelope, eu descobria que era *apenas* uma carta de Mary que, por qualquer razão, tinha sido endereçada pelo seu marido.

Então eu tinha chegado a esse ponto, de ficar *desapontada* ao receber uma carta da minha única irmã. E porque ela não tinha sido escrita por um quase estranho? Querida Mary! E ela a tinha escrito com tanta bondade, imaginando que eu ficaria tão feliz ao recebê-la! Eu não era digna de lê-la! E creio, na minha indignação contra mim mesma, que devia tê-la posto de lado até ter assumido um melhor estado de espírito, mais merecedor da honra e do privilégio de sua leitura. Mas lá estava nossa mãe observando e querendo saber as notícias que ela continha. Então a li, entreguei-a a ela e fui para a sala de aula atender às alunas. Mas, em meio às cópias e somas, nos intervalos da correção dos erros aqui e da reprovação das negligências ali, estava me lançando à tarefa com muito mais severidade. “Que idiota você deve ser”, dizia a minha cabeça ao meu coração ou o meu eu mais severo ao mais suave; “Como pôde sonhar que ele lhe escreveria? Que base tem para tal esperança? Que base tem para pensar que ele a verá novamente, ou se dará a qualquer trabalho por sua causa, ou mesmo voltará a pensar em você? Que base?”. Então a esperança punha na minha frente aquela última entrevista e repetia as palavras que eu tinha guardado com tanta fidelidade na memória. “Bem, e qual o problema? Quem jamais pendurou suas esperanças num ramo tão frágil? O que havia naquelas palavras que um conhecido comum não pudesse dizer a outro? Claro, era possível que vocês se encontrassem novamente. Ele poderia dizer isso se você estivesse de partida para a Nova Zelândia. Mas não implicava nenhuma *intenção* de ver você. E então, quanto à pergunta que se seguiu, qualquer um poderia tê-la feito. E como você respondeu? Com uma resposta estúpida, lugar-comum, como a que você poderia ter dado ao Sr. Murray ou a qualquer outra pessoa com quem você estivesse em termos de razoável polidez.” “Mas então”, persistia a esperança, “o tom e o modo como ele falou”. “Ora, isso é bobagem! Ele sempre fala de forma a impressionar. E naquele momento ali estavam as jovens Greens e pouco

antes a senhorita Matilda Murray, além de outras pessoas que passavam, e ele foi obrigado a parar bem perto de você e a falar bem baixinho, a menos que quisesse ser ouvido, o que, apesar de não ser nada particular, ele naturalmente preferia que não acontecesse”. Mas então, acima de tudo, aquela pressão enfática mas suave da mão, que parecia dizer “*Confie em mim*”, e muitas outras coisas, encantador demais, quase lisonjeiro demais para ser repetido mesmo que só para si. “Egrégia loucura, absurda demais para pedir contradição, meras invenções da imaginação de que você devia ter vergonha. Se ao menos considerasse o seu próprio exterior pouco atraente, sua amável reserva, a falta de confiança que a faz parecer fria, embotada, desajeitada e talvez também mal-humorada. Se apenas você os tivesse considerado corretamente desde o início, nunca teria tido esses pensamentos presunçosos. E agora que já se mostrou tão idiota, arrependa-se, se emende e não permita que eles ocorram novamente!”

Não posso afirmar que tenha obedecido cegamente às minhas próprias prescrições. Mas à medida que o tempo passava e nada se via ou ouvia do Sr. Weston, raciocínios como esse se tornaram cada vez mais eficazes. Até que afinal deixei de esperar, pois meu coração reconheceu que era tudo em vão. Mas ainda assim eu pensava nele. Afagava a sua imagem na minha mente; guardava como um tesouro todas as palavras, olhares e gestos que minha memória fora capaz de reter; e meditava sobre suas excelências, suas peculiaridades e sobre tudo que tinha visto, ouvido e imaginado sobre ele.

— Agnes, acho que esse ar marinho e a mudança de cenário não lhe fazem bem. Nunca a vi tão infeliz. Deve ser porque você fica muito sentada na sala de aula e permite que as preocupações do trabalho a inquietem. Você tem de aprender a levar as coisas com tranquilidade e ser mais ativa e alegre; tem de se exercitar sempre que for possível e deixar para mim as tarefas mais cansativas: elas servirão para exercitar minha paciência e, quem sabe, testar um pouco o meu humor.

Assim falou a minha mãe enquanto estávamos sentadas trabalhando certa manhã durante as férias de Páscoa. Assegurei a ela que minhas ocupações não eram de forma alguma opressivas, que eu estava bem ou, se houvesse algo errado, logo desapareceria à medida que chegassem ao fim

os cansativos meses da primavera. Quando entrasse o verão eu já estaria forte e bem disposta como ela gostaria de me ver. Mas por dentro as observações dela me assustaram. Eu sabia que minhas forças declinavam, meu apetite diminuía e estava sempre lânguida e desanimada. E se ele não gostasse mais de mim e eu nunca mais o encontrasse? E se fosse proibida de atender à sua felicidade, proibida para sempre de desfrutar as alegrias do amor, abençoar e ser abençoada... Então a vida seria um peso, e se meu Pai Celeste me chamasse, eu ficaria feliz em repousar. Mas não poderia morrer e abandonar a minha mãe, filha egoísta e indigna por esquecê-la ainda que por um momento! A felicidade dela, além do bem-estar das nossas jovens alunas, não estava atrelada em grande medida à minha responsabilidade? Eu devia fugir do trabalho que Deus tinha estabelecido para mim porque não estava de acordo com o meu gosto? Ele não sabia melhor o que eu devia fazer e onde devia trabalhar? Como eu podia ansiar por abandonar o Seu serviço antes de terminar a minha tarefa e esperar entrar no seu repouso sem ter trabalhado para merecê-lo? “Não. Pela Sua ajuda vou me erguer e me dedicar diligentemente ao meu dever. Se a felicidade neste mundo não é para mim, vou me esforçar para promover o bem-estar dos que me cercam, e minha recompensa estará na vida futura”. Assim disse eu no meu coração, e a partir daquele momento só permiti que meus pensamentos divagassem na direção de Edward Weston — ou ao menos pensar nele vez ou outra — como um prazer para ocasiões especiais. E se foi resultado da aproximação do verão, efeito dessas boas resoluções ou ainda a passagem do tempo (ou todos juntos), o fato é que logo se restaurou a tranquilidade da mente, e a saúde e o vigor corporal também começaram a voltar, de forma lenta, mas segura.

No início de junho recebi uma carta da Sra. Ashby, antes Srta. Murray. Ela já me tinha escrito duas ou três vezes, de estágios diferentes da sua viagem nupcial, sempre alegre e professando ser muito feliz. Todas as vezes eu fiquei pensando que ela não havia me esquecido no meio de tanta alegria e variedade de cena. Mas finalmente houve uma pausa. E pareceu que ela havia me esquecido, pois se passaram mais de sete meses sem cartas. Claro, isso não partiu o meu coração, embora eu sempre me perguntasse como ela

estaria passando. E quando a última epístola chegou inesperadamente, fiquei feliz ao recebê-la. Fora enviada de Ashby Park, onde ela afinal tinha ido se estabelecer, tendo antes dividido o tempo entre o continente e a metrópole. Pediu muitas desculpas por ter me negligenciado por tanto tempo e me assegurou que não havia me esquecido, sempre tivera a intenção de me escrever etc., mas sempre alguma coisa evitara que ela o fizesse. Reconheceu ter vivido uma vida muito dissipada, e eu devia pensar que ela era muito má e irrefletida, mas apesar disso ela pensava muito, entre outras coisas, em como gostaria enormemente de me ver. “Já estamos aqui há vários dias”, escreveu. “Não temos um único amigo conosco e devemos ser muito maçantes. Você sabe que nunca tive a pretensão de viver com meu marido como duas tartarugas num ninho, mesmo que ele fosse a criatura mais encantadora que jamais vestira um casaco, portanto tenha pena de mim e venha. Suponho que as suas férias de verão devam começar em junho, tal como as de outras pessoas, portanto você não pode alegar falta de tempo; precisa vir e virá: na verdade eu vou morrer se não vier. Quero que venha me visitar como *amiga* e permaneça muito tempo. Não tenho ninguém comigo, como já contei antes, além de Thomas e da Sra. Ashby. Mas você não tem de se preocupar com eles, pois quase não nos atrapalharão com sua companhia. E você vai ter um quarto só seu, para se retirar sempre que tiver vontade, e muitos livros para ler quando a minha companhia não for suficientemente divertida. Não me lembro se você gosta ou não de bebês: se gostar, poderá ter o prazer de ver o meu, sem dúvida a criança mais encantadora no mundo, tanto mais porque não tenho o problema de amamentá-la. Estava decidida a não me perturbar com isso. Infelizmente é uma menina, e Thomas nunca me perdoou. Mas, se você vier, prometo que será a sua preceptora tão logo ela comece a falar, e você vai educá-la como deve ser educada e fazer dela uma mulher melhor que a mãe. E também vai ver o meu poodle, um esplêndido pequeno encanto importado de Paris, e dois ótimos quadros italianos de grande valor, esqueço o artista. Você sem dúvida há de descobrir neles belezas prodigiosas, que me mostrará, pois só admiro por ouvir dizer. E muitas curiosidades elegantes que comprei em Roma e outros lugares. E finalmente

vai ver a minha nova casa, a esplêndida casa e os terrenos que eu ambicionava tanto. Ah!... Como a promessa da antecipação excede o prazer da posse! Eis aí um belo sentimento! Asseguro-lhe que me tornei uma grave senhora: por favor, venha, nem que seja apenas para testemunhar a mudança maravilhosa. Escreva pelo próximo correio e diga quando começam as suas férias e diga que virá no dia seguinte, e que vai ficar até a véspera do último dia.

Afetuosamente sua,
Rosalie Ashby”

Mostrei essa estranha epistola à minha mãe e a consultei quanto ao que devia fazer. Ela me aconselhou a ir, e fui, muito disposta a ver a Sra. Ashby e também a sua filha, e a fazer tudo que pudesse para beneficiá-la por consolo ou conselhos, pois imaginava que ela devia estar infeliz, ou não teria me chamado com tanta insistência. Mas fui sabendo, como se há de entender prontamente, que ao aceitar o convite, eu fazia um grande sacrifício por ela e violentava de muitas maneiras os meus sentimentos; não era para mim um deleite aquela distinção honrosa de ser convidada pela esposa de um baronete para visitá-la como amiga.

Determinei que minha visita deveria durar poucos dias e, não vou negar, obtive algum consolo da ideia de que — uma vez que Ashley Park não era muito longe de Horton — poderia ver o Sr. Weston ou, pelo menos, ouvir notícias dele.

XXII

A VISITA

Ashby Park era sem dúvida uma residência encantadora. A mansão era imponente por fora, espaçosa e elegante por dentro; o parque era enorme e lindo, principalmente por causa das magníficas árvores velhas, dos rebanhos de cervos, do amplo lençol d'água e dos velhos bosques que se estendiam além dele — uma leve ondulação dava mais encanto ao parque e não havia terreno recém-arado que destoasse do conjunto. Aquele era o lugar que Rosalie Murray tinha sonhado chamar de seu; lugar de que ela quis uma parte independentemente dos termos oferecidos, independentemente do preço a ser pago pelo título de *senhora* e independentemente de quem fosse o seu parceiro na honra e felicidade de tal posse! Bem, eu agora não estava disposta a censurá-la.

Ela me recebeu amavelmente e, apesar de eu ser a filha de um clérigo pobre, uma governanta e professora, me deu as boas-vindas à sua casa com um prazer sem afetação; e, o que muito me surpreendeu, esforçou-se para tornar a minha visita agradável. A verdade é que percebi que ela esperava me impressionar com a imponência que a cercava. E, devo confessar, fiquei muito irritada com os esforços dela para me tranquilizar e evitar que eu me sentisse oprimida sob tanta grandeza, intimidada pela ideia de encontrar seu marido e sua sogra ou envergonhada demais da minha aparência humilde. Eu não estava de forma alguma envergonhada, pois, ainda que simples, tinha cuidado para não parecer maltrapilha ou pobre, e estaria pronta a estar consideravelmente à vontade, se minha condescendente anfitriã não tivesse se dado o trabalho evidente de me deixar à vontade. E, quanto à imponência que a cercava, nada que meus olhos viram me impressionou ou afetou nem a metade do que sua própria aparência, tão alterada. Seja pela influência da dissipação elegante, ou por algum outro mal, um espaço de pouco mais de

doze meses tivera o efeito que se poderia esperar de muitos anos na redução da adiposidade de suas formas, do frescor da sua pele, da vivacidade dos seus movimentos e da exuberância do seu espírito.

Gostaria de saber se ela era infeliz, mas senti que não cabia a mim perguntar. Poderia me esforçar para ganhar a sua confiança, mas se ela decidisse esconder de mim suas dificuldades matrimoniais, não iria perturbá-la com perguntas importunas. Assim sendo, de início me limitei a algumas perguntas gerais sobre a sua saúde e bem-estar e alguns elogios sobre a beleza do parque e da menina, que deveria ter sido um menino, uma pequena criança delicada de sete ou oito semanas, cuja mãe parecia vê-la sem nenhum grau perceptível de interesse ou afeto. Tristemente, era isso o que eu esperava dela.

Pouco depois da minha chegada, ela disse à criada para me levar ao meu quarto e providenciar para que eu tivesse tudo que quisesse. Era um apartamento pequeno, despretensioso, mas suficientemente confortável. Quando descí, depois de ter me livrado de todas as cargas da viagem e feito a minha toalete com a devida consideração pelos sentimentos da senhora minha anfitriã, ela própria me conduziu ao quarto que eu deveria ocupar quando escolhesse ficar só, quando ela estivesse ocupada com outros visitantes ou obrigada a estar com a sogra, ou de alguma outra maneira impossibilitada, como ela dizia, de desfrutar o prazer da minha companhia. Era uma pequena sala de estar, calma e arrumada, e não fiquei triste por me terem oferecido aquele porto de refúgio.

— E daqui a pouco — disse ela — vou lhe mostrar a biblioteca. Nunca examinei as prateleiras, mas ousou dizer que ela está cheia de livros sábios, e você pode se aninhar entre eles sempre que quiser. E agora pode tomar um chá; logo será a hora do jantar, mas pensei que como você estava acostumada a jantar sozinha, talvez preferisse tomar o seu chá agora e jantar quando formos ceiar. E então, sabe, você pode tomar o chá nesta sala e isso vai evitar que você tenha de jantar com minha sogra e meu marido, o que poderia ser muito embaraçoso; bem, não embaraçoso, mas você sabe o que quero dizer, pensei que você talvez não gostasse tanto, especialmente porque vez por outra teremos outras damas e cavalheiros jantando conosco.

— Certamente — disse eu — prefiro fazer como você diz. E, se não fizer objeção, prefiro fazer todas as refeições nesta sala.

— Por quê?

— Porque, imagino, isso seria mais agradável para a Sra. Ashby e para o Sr. Thomas.

— Nada disso!

— De qualquer forma, será mais agradável para mim.

Ela fez objeções débeis, mas logo concordou. E pude ver que a proposta foi para ela um alívio considerável.

— Agora venha à sala de estar — disse ela. — Eis que soa o sino¹ de vestir; mas não vou me vestir ainda. Não adianta se vestir quando não há ninguém para ver. E eu quero ter uma pequena conversa.

A sala de estar era certamente um apartamento imponente, e muito elegantemente mobiliado. Vi sua jovem dona me olhar como se para observar o quanto eu estava impressionada com o espetáculo e decidi manter o aspecto de indiferença pétrea, como se não houvesse nada notável. Mas isso foi só por um momento: logo a consciência sussurrou: “Por que eu deveria desapontá-la para salvar o meu orgulho? Não, pelo contrário, deveria sacrificar o meu orgulho para lhe dar uma gratificação inocente”. E olhei honestamente em volta e lhe disse que era uma sala nobre e mobiliada com muito bom gosto. Ela pouco disse, mas vi que ficou satisfeita.

Ela me mostrou o seu gordo poodle francês, que se deitava enrolado sobre uma almofada de seda, e as duas lindas pinturas italianas, que eu não teria tempo para examinar. Dizendo que deveria vê-los outro dia, ela insistiu que eu examinasse o relógio cravejado trazido de Genebra, depois me levou em torno da sala para mostrar vários outros objetos de arte importados da Itália, um elegante relógio pequeno, vários bustos, figuras pequenas e graciosas e vasos, todos esculpidos em mármore branco. Ela falou dessas coisas com animação, e ouviu meus comentários admirados com um sorriso de prazer que logo desapareceu e foi seguido por um suspiro melancólico, como se considerasse a insuficiência de todas aquelas ninharias em relação à felicidade do coração humano, e sua desafortunada incapacidade de atender às demandas não saciadas.

Então, estendendo-se sobre um divã, ela me indicou uma ampla poltrona diante dela — não diante da lareira, mas sim de uma ampla janela aberta, pois era verão, não se deve esquecer, um fim de tarde doce e quente da segunda metade de junho. Sentei-me em silêncio por um momento, desfrutando o ar parado e puro e a linda perspectiva do parque que se estendia à minha frente, rico em verdor e folhagens, aquecendo-se ao sol amarelo suavizado pelas longas sombras do fim do dia. Tive de me valer dessa pausa: tinha perguntas a fazer e, tal como manda o pós-escrito de uma dama, o mais importante tem de vir no final. Por isso comecei a perguntar pelo pai de Rosalie, pela senhorita Matilda e pelos rapazes.

Foi-me dito que seu pai estava com gota, o que o tornava muito feroz; e que ele não queria abandonar seus vinhos finos e seus jantares e ceias substanciais; e tinha brigado com o médico porque este havia ousado dizer que nenhum remédio seria capaz de curá-lo enquanto ele vivesse com tamanha liberdade. Disse que a mãe e os outros estavam bem; Matilda ainda era muito selvagem e imprudente, mas tinha agora uma governanta elegante e havia melhorado os modos, e logo seria apresentada à sociedade; John e Charles (agora em casa para as férias) eram “meninos ótimos, bravos, rebeldes e travessos”.

— E como estão passando as outras pessoas? — perguntei. — Os Green, por exemplo?

— Ah! O Sr. Green está com o coração partido, sabe — respondeu ela com um sorriso lânguido. — Ele não superou o desapontamento, e suponho que nunca vá superar. Está condenado a ser um solteirão, e suas irmãs estão fazendo o possível para se casar.

— E os Meltham?

— Continuam em marcha lenta, como sempre, suponho. Mas sei muito pouco sobre eles, com exceção de Harry — disse ela, corando levemente e voltando a sorrir. — Eu o vi com muita frequência quando estivemos em Londres, pois tão logo ouviu dizer que estávamos lá se apresentou com o pretexto de visitar o irmão, e me seguia como uma sombra onde quer que eu fosse ou me encontrava como um reflexo a todo momento. Não precisa parecer tão chocada, Srta. Grey, eu fui muito discreta, posso lhe assegurar,

mas, sabe, não se pode evitar ser admirada. Pobre rapaz! Ele não foi o único a me adorar, mas com certeza foi o mais conspícuo e, acredito, o mais devotado entre todos. O Sr. Thomas se ofendeu com ele, ou com meus gastos profusos ou com outra coisa, não sei bem o quê, e num piscar de olhos me trouxe de volta para o campo, onde vou desempenhar o papel de ermitã, suponho, durante toda a vida.

Ela mordeu o lábio e fez uma careta para a linda propriedade que antes tanto ambicionara chamar de sua.

— E o Sr. Hatfield — perguntei —, o que foi feito dele?

Ela se reanimou e respondeu alegre.

— Oh! Ele cortejou uma velha solteirona e se casou com ela pouco tempo depois, avaliando a pesada bolsa dela contra seus encantos desmaiados, esperando encontrar no ouro o consolo que lhe foi negado no amor, rá, rá.

— Bem, acredito que isso seja tudo... Falta o Sr. Weston, o que ele está fazendo?

— Não tenho a mínima ideia. Ele foi embora de Horton.

— Há quanto tempo, e para onde ele foi?

— Não sei nada sobre ele — respondeu ela bocejando. — Só que foi embora há um mês. Nunca perguntei para onde — eu teria perguntado se ele fora para um *living*² ou apenas para outro curato, mas achei melhor não —, e as pessoas fizeram um enorme tumulto por causa da sua saída, para grande desprazer do Sr. Hatfield, que não gostava dele por ter muita influência com o povo mais simples, e porque o Sr. Weston não era suficientemente tratável e submisso a ele, e também por outros pecados imperdoáveis, não sei quais. Mas agora preciso ir e descansar. O segundo sino logo vai tocar, e se eu chegar para o jantar com esta roupa o discurso de minha sogra será infundável. É bem estranho alguém não poder ser a senhora na sua própria casa! Basta você tocar o sino e mandarei chamar a minha criada e lhe direi para lhe trazer chá. Agora pense naquela mulher intolerável...

— Quem, a sua criada?

— Não, a minha sogra... e meu erro infeliz! Em vez de deixá-la ir para outra casa, como ela sugeriu quando me casei, fui idiota bastante para convidá-la a viver aqui e dirigir a administração da casa para mim. Porque, em primeiro lugar, eu esperava passar a maior parte do ano na cidade, e em segundo lugar, sendo tão jovem e inexperiente, estava assustada com a ideia de ter uma casa cheia de empregados para administrar, jantares a encomendar, festas a oferecer e tudo o mais e pensei que ela poderia me ajudar com a sua experiência... Mas nunca pensei que se tornaria uma usurpadora, uma tirana, um íncubo, uma espiã e tudo mais que é detestável. Gostaria que estivesse morta!

Ela então se voltou para dar ordens ao laçao, que esperava de pé em posição de sentido junto da porta durante o último meio minuto e tinha ouvido a parte final das suas queixas; evidentemente, tinha feito suas reflexões sobre elas, apesar da expressão inflexível, pétrea, que ele pensava ser adequada para a sala de visitas. Quando observei mais tarde que ele devia tê-la ouvido, Rosalie respondeu:

— Ah, não importa! Nunca me preocupo com os lacaios. São meros autômatos. Para eles o que seus superiores dizem ou fazem não é nada, eles não ousam repetir. E quanto ao que pensam, se é que pensam, evidentemente ninguém dá importância. Seria uma beleza se tivéssemos de conter a língua por causa dos nossos serviços.

E assim dizendo, saiu correndo para fazer sua toalete apressada, deixando-me dirigir o meu caminho até a sala de estar, onde, no devido tempo, serviram-me uma xícara de chá. Depois disso, sentei-me meditando sobre as condições passadas e presentes de Rosalie. E sobre as poucas informações que obtive sobre o Sr. Weston e as poucas chances de ver ou ouvir qualquer coisa mais sobre ele ao longo da minha vida desbotada que, a partir daquele momento, não parecia oferecer alternativa a dias positivamente chuvosos e dias de nuvens cinzentas sem chuva. Mas acabei começando a me cansar dos meus pensamentos, a desejar saber onde estaria a biblioteca de que minha anfitriã tinha falado e a me perguntar se devia ficar ali, sem fazer nada, até a hora de dormir.

Como não era rica bastante para possuir um relógio, não sabia quanto tempo se passara, a não ser pela observação das sombras da janela, que apresentava a visão de um canto do parque, de uma moita de árvores cujos galhos mais altos tinham sido colonizados por um grupo inumerável de gralhas ruidosas e de um muro alto com um pesado portão de madeira, que sem dúvida fazia a comunicação com o pátio do estábulo, pois uma estrada larga vinda do parque o atravessava. Até onde eu podia ver, a sombra desse muro logo tomou posse de todo o terreno, forçando a luz dourada do sol a se retirar centímetro por centímetro e se refugiar no alto das árvores. Finalmente, até mesmo elas foram deixadas na sombra, à sombra das colinas distantes ou da própria Terra. E, em simpatia pelos ocupantes do viveiro de gralhas, lamentei ver sua habitação, até há pouco banhada na luz gloriosa, reduzida à cor sombria do dia de trabalho no mundo aqui de baixo ou do interior do meu próprio mundo. Por um momento, os pássaros que voavam acima das copas ainda podiam receber a luz nas suas asas, que dava à sua plumagem de zibelina o matiz e brilho de um dourado vermelho profundo. Finalmente, eles foram embora. O crepúsculo veio lentamente, as gralhas ficaram menos ruidosas. Fiquei mais cansada e desejei ir para casa no dia seguinte. Então escureceu; eu estava pensando em tocar o sino pedindo uma vela e ir para a cama quando minha anfitriã apareceu, com muitas desculpas por me ter negligenciado por tanto tempo e lançando toda a culpa sobre aquela “mulher horrível”, como ela chamava a sogra.

— Se não me sento com ela na sala de estar enquanto o senhor bebe seu vinho — disse ela —, ela nunca me perdoa. E se deixo a sala quando ele chega, como já fiz uma ou duas vezes, é uma ofensa imperdoável contra o querido Thomas. *Ela* nunca demonstrou tamanho desrespeito ao marido *dela*. E quanto ao afeto, ela supõe que as esposas jamais pensam nisso hoje. Mas as coisas eram diferentes no tempo *dela*. Como se pudesse resultar algum bem de se ficar na sala, quando ele nada faz além de grunhir e xingar quando está de mau humor, falar idiotices sem sentido quando está de bom humor ou dormir no sofá quando está muito estúpido para fazer qualquer uma das duas coisas, o que é geralmente o caso agora que ele não tem mais nada a fazer além de se embebedar com o seu vinho.

— Mas você não poderia tentar ocupar a mente dele com alguma coisa melhor, e insistir com ele para abandonar esses hábitos? Tenho certeza que você tem poderes de persuasão e qualificações para divertir um cavalheiro, qualidades que muitas damas seriam felizes em possuir.

— Então você acha que eu ia me empenhar para o divertimento dele! Não, essa não é a *minha* ideia do que seja uma esposa. A parte do marido é agradar à esposa, não a dela agradar a ele. E se ele não estiver satisfeito com ela como ela com ele, e agradecido por também possuí-la, então ele não é digno dela, é isso. E quanto à persuasão, asseguro a você que não vou me perturbar: já tenho muito a fazer para suportá-lo como ele é, sem tentar desenvolver uma reforma. Mas lamento demais ter deixado você só por um período tão longo, Srta. Grey. Como passou o tempo?

— Principalmente observando as gralhas.

— Meu Deus, como deve ter sido monótono! Preciso realmente lhe mostrar a biblioteca. E você vai ter de tocar o sino para tudo que quiser, como faria numa estalagem, e ficar à vontade. Tenho razões egoístas para desejar que você seja feliz, porque quero que fique comigo, e não cumpra a ameaça horrível de ir embora dentro de um ou dois dias.

— Bem, não permita que eu a afaste mais tempo da sala de estar esta noite, pois agora estou cansada e gostaria de ir para a cama.

¹ Nas casas inglesas, soava-se um sino para anunciar a hora de se preparar para as refeições.

² Havia uma hierarquia dos párocos da igreja anglicana. O cargo mais alto era o do *rector* (pároco) e havia um cura como seu auxiliar. A renda a que tinha direito o *pároco* era chamada de *living*.

XXIII

O PARQUE

Desci pouco antes das oito na manhã seguinte, como descobri pelas badaladas de um relógio distante. Não havia sinal de desjejum. Ainda desejando em vão o acesso à biblioteca, esperei mais de uma hora antes que o café da manhã me fosse servido e depois de concluir o repasto solitário esperei novamente por mais uma hora e meia em grande suspense e desconforto, sem saber o que fazer. Afinal a Sra. Ashby veio me desejar um bom dia. Informou-me que tinha acabado de tomar seu desjejum e agora desejava que eu desse um passeio matinal com ela pelo parque. Perguntou há quanto tempo eu já estava de pé e, ao receber a minha resposta, expressou o mais profundo pesar; mas uma vez, prometeu me mostrar a biblioteca. Sugeri que seria melhor que isso fosse feito imediatamente, assim não haveria mais o problema de lembrar nem o de esquecer. Ela concordou, com a condição de que eu não desejasse ler nem incomodá-la com os livros agora, pois queria me mostrar os jardins e dar uma volta pelo parque comigo antes que o dia ficasse muito quente para um passeio prazeroso, o que já era quase o caso naquele momento. É claro que concordei de imediato, e saímos para dar uma volta.

Enquanto passeávamos pelo parque, falando do que minha companheira tinha visto e ouvido durante a sua viagem, um cavalheiro a cavalo se aproximou e passou por nós. Quando ele se voltou, me olhou diretamente no rosto e tive uma boa oportunidade de ver a sua aparência. Era alto e magro, com uma ligeira inclinação dos ombros, um rosto pálido, mas manchado e desagradavelmente vermelho em volta dos olhos, feições simples e uma aparência geral de debilidade e monotonia, complementada por uma expressão sinistra em volta da boca e dos olhos baços e sem vida.

— Detesto aquele homem — sussurrou minha anfitriã com ênfase mordaz quando ele se afastou trotando.

— Quem é ele? — perguntei, sem querer supor que ela falasse do marido.

— É o Sr. Thomas Ashby — respondeu ela com uma calma lúgubre.

— E você o *detesta*, senhora? — disse eu, pois estava muito chocada para lembrar seu nome naquele momento.

— Detesto, sim, Srta. Grey, e também o desprezo! E se você o conhecesse não me culparia.

— Mas você o conhecia antes de casar com ele.

— Não. Eu só pensava que conhecia. Não sabia nem a metade do que ele realmente é. Sei que você me avisou contra o casamento, e quisera tê-la ouvido. Mas agora é tarde demais para lamentar. E, além disso, mamãe devia saber mais que qualquer uma de nós, e ela nunca disse nada contra o casamento, muito pelo contrário; e depois, eu acreditava que ele me adorava e me daria tudo que eu queria. De início ele fingiu que o faria. Mas agora não me dá a menor importância. Mas isso não devia ser importante para mim. Ele pode fazer como quiser, se eu ao menos pudesse ser livre para me divertir e morar em Londres, ou receber alguns amigos aqui: mas *ele faz* o que quer, e eu sou obrigada a ser uma prisioneira e escrava. No momento em que percebeu que me divertia sem ele, e que outros sabiam melhor que ele o meu valor, o infeliz egoísta começou a me acusar de ser coquete e extravagante. E a ofender Harry Meltham, cujos sapatos ele não é digno de limpar. Agora ele me prende aqui no campo, levando uma vida de freira, para que eu não possa desonrá-lo ou arruiná-lo, como se ele não fosse dez vezes pior de todos os modos, com seu livro de apostas, sua mesa de jogos, suas coristas de ópera e sua senhorita isso e senhora aquilo, sim, e também as suas garrafas de vinho e taças de conhaque com água, animal imundo! Oh, eu daria dez mil mundos para ser novamente a Srta. Murray! É ruim *demais* ver a vida, a saúde e a beleza se perderem por causa de um animal como esse, sem serem sentidas ou apreciadas! — exclamou ela, quase irrompendo em lágrimas na amargura da sua irritação.

Claro que senti muita pena dela, tanto pela falsa ideia de felicidade e desatenção pelo dever, como pelo parceiro infeliz a quem o seu destino estava preso. Disse o que podia para consolá-la e ofereci os conselhos que pensei seriam bons para ela, aconselhando-a, primeiro, a tentar melhorar seu marido por meio do raciocínio tranquilo, da bondade, do exemplo e da persuasão. Depois, quando tivesse feito todo o possível, se ainda o considerasse incorrigível, empenhar-se em abstrair-se dele, envolver-se na própria integridade e se perturbar o mínimo possível com ele. Exortei-a a buscar consolo cumprindo seu dever com Deus e com o homem, a colocar sua fé no Céu e se consolar com o cuidado e educação da sua filhinha, assegurando-lhe que seria amplamente recompensada ao testemunhar o progresso na força e sabedoria, e recebendo a afeição genuína da pequena.

— Mas não posso me dedicar inteiramente a uma criança — disse ela.
— Ela pode morrer, o que não é de forma alguma improvável.

— Mas, com cuidado, muitas crianças delicadas se tornaram homens e mulheres fortes.

— Ela pode se tornar tão intoleravelmente igual ao pai que vou odiá-la.

— Isso não é provável: é uma menininha e parece muito com a mãe.

— Ainda assim, eu gostaria mais se fosse um menino, só que seu pai não deixará nenhuma herança que puder dissipar antes. Que prazer eu poderei ter em ver uma menina crescer para me eclipsar e desfrutar de todos os prazeres que estão para sempre fora do meu alcance? Mas, supondo que eu pudesse ser tão generosa a ponto de ter prazer nisso, ainda assim, é *apenas* uma criança, e não consigo centrar todas as minhas esperanças numa criança; isso está apenas um grau acima da dedicação a um cachorro. E quanto a toda a sabedoria e bondade que você vem tentando instilar em mim, é tudo muito certo e adequado. Se eu tivesse vinte anos a mais, poderia aproveitar bem seus conselhos, mas as pessoas têm de se divertir quando são jovens. E se outros não permitirem, ora, elas terão de odiá-los por isso!

— A melhor maneira de viver bem é fazer o que é certo e não odiar ninguém. O propósito da religião não é nos ensinar a morrer, mas a viver; e quanto mais cedo você se tornar sábia e boa, tanto mais felicidade você vai

ter. E agora, Sra. Ashby, só tenho mais um conselho a lhe oferecer, que é não fazer da sua sogra uma inimiga. Não a mantenha à distância, encarando-a com um ciúme cheio de suspeita. Nunca a vi, mas já ouvi coisas boas e coisas más sobre ela, e imagino que, apesar de ser em geral fria e arrogante, e mesmo minuciosa nas suas exigências, ela tenha fortes afeições por aqueles que são capazes de alcançá-las; e, apesar de cegamente afeiçoada ao filho, não lhe faltam bons princípios e ela não é incapaz de atender à razão; se você apenas tentasse vencer a hostilidade contra ela e adotasse uma atitude amistosa e aberta, e até mesmo confiasse a ela as suas queixas, as queixas reais, aquelas de que você tem o direito de se queixar, acredito plenamente que com o tempo ela se tornaria sua amiga fiel, um conforto e um apoio, e não o pesadelo que você descreve.

Mas temo que meus conselhos tiveram pouco efeito sobre a infeliz jovem dama. E, ao descobrir que teria tão pouca utilidade ali, minha residência em Ashby Park se tornou duplamente dolorosa. Mas, ainda assim, tive de permanecer aquele dia e o seguinte, por ter prometido ficar. E, resistindo a todos os rogos e súplicas para prolongar a minha visita, insisti em partir na manhã seguinte, afirmando que minha mãe estaria sozinha sem mim, e que ela esperava com impaciência a minha volta. Ainda assim foi com o coração pesado que disse adeus à pobre Rosalie e a deixei na sua residência principesca. Não era prova insignificante da sua infelicidade ela ter se agarrado ao consolo da minha presença; desejar seriamente a companhia de alguém cujas ideias e gostos tinham tão pouco em comum com os dela própria, alguém a quem ela tinha esquecido nas horas de prosperidade e cuja presença teria sido um aborrecimento, não um prazer, se ela pudesse atender ao desejo do seu coração.

XXIV

AS AREIAS

Nossa escola não estava situada no coração da cidade: ao entrar em A-, vindo do noroeste, existe uma fila de casas de aspecto respeitável de cada um dos lados da estrada branca e larga, com faixas estreitas de jardim diante delas, venezianas nas janelas e um lance de escada levando a uma bela porta com maçaneta de latão. Minha mãe e eu vivíamos numa das maiores dessas habitações, com as jovens damas que nossos amigos e o público haviam confiado aos nossos cuidados. Estávamos a uma distância considerável do mar, e separadas dele por um labirinto de ruas e casas. Mas o mar era o meu deleite, e eu costumava cruzar alegremente a cidade para obter o prazer de uma caminhada pela areia, às vezes com as alunas, ou com minha mãe durante as férias. Para mim era uma delícia em todas as épocas e estações, mas em especial na comoção selvagem de uma brisa marinha violenta e no frescor brilhante de uma manhã de verão.

Acordei cedo na terceira manhã após o meu retorno de Ashby Park. O sol brilhava através da veneziana e pensei em como seria agradável atravessar a cidade calma e perambular pelas areias enquanto a metade do mundo ainda estava dormindo. Não demorei a tomar a decisão nem fui lenta em agir de acordo com ela. Evidentemente, não iria perturbar a minha mãe, por isso desci a escada em silêncio e destranquei a porta sem fazer barulho. Estava vestida com simplicidade; o relógio da igreja bateu quinze para as seis. Havia uma sensação de frescor e vigor nas próprias ruas. E quando saí da cidade, quando meu pé pisou as areias e meu rosto se voltou para a baía ampla e brilhante... Ah, nenhuma palavra é capaz de descrever o efeito do azul profundo e claro do céu e do oceano, o sol claro da manhã sobre a barreira semicircular de penhascos superados por verdejantes colinas onduladas, as areias macias e amplas, as pedras no meio do mar, parecendo

com sua roupa de musgo e algas com ilhas gramadas e, acima de tudo, as ondas brilhantes e cintilantes. E a pureza indescritível do ar! O calor mal era suficiente para acentuar o valor da brisa, e havia apenas o vento necessário para manter todo o mar em movimento, fazer as ondas chegarem à terra, espumando e cintilando, como se travessas de alegria. Nada mais se movia, nenhuma criatura era visível além de mim. Meus passos foram os primeiros a pisar a areia firme e lisa. Nada havia passado por ela antes, desde que a maré da noite anterior apagasse as marcas mais profundas do dia, deixando-a bela e lisa — a não ser onde a água que voltava tinha deixado marcas de poças e pequenos regatos correntes.

Refeita, deleitada, revigorada, continuei a andar, esquecendo todos os meus cuidados, sentindo como se tivesse asas nos pés e pudesse seguir por muitos quilômetros sem me cansar, experimentando uma sensação de alegria e liberdade que me era completamente estranha desde os dias da minha tenra juventude. Mas por volta das seis e meia, os cavaleiros começaram a descer para arejar os cavalos dos patrões, primeiro um, depois outro, até haver perto de uma dúzia de cavalos e cinco ou seis cavaleiros. Mas não foi necessário me perturbar, pois eles não chegariam às pedras baixas de que eu me aproximava. Quando cheguei a elas, andei sobre as algas úmidas e escorregadias (com o risco de cair numa das inúmeras poças de água clara e salgada que havia entre elas) até um pequeno promontório coberto de musgo com o mar estourando em volta. Olhei novamente para trás para ver quem mais tinha chegado. Ainda estavam ali apenas os primeiros cavaleiros com seus cavalos, um cavaleiro com um cachorrinho preto correndo diante de si e uma carroça d'água que vinha da cidade buscar água para os banhos. Mais um ou dois minutos e as máquinas de banho começariam a se mover: e então os senhores idosos de hábitos regulares e as damas sóbrias viriam para fazer suas salutares caminhadas matinais. Mas por mais interessante que pudesse ser aquela cena, eu não podia esperar para testemunhá-la, pois o sol e o mar ofuscavam de tal forma naquela direção que eu mal podia tentar um relance. Então me virei para me deleitar com a visão e o som do mar batendo suavemente contra o meu promontório, pois as ondas se quebravam contra as algas entrelaçadas e as

pedras invisíveis abaixo da superfície — se não fosse assim eu logo seria encharcada pelo borrimo. Mas a maré subia, os golfos e lagos se enchiam, os estreitos se alargavam: era hora de buscar um lugar mais seguro. Por isso eu andei, saltei e tropecei até as areias largas e macias; resolvi seguir até uma projeção dos despenhadeiros e depois voltar.

Logo ouvi um som fungado atrás de mim e apareceu um cachorro se esfregando e coleando aos meus pés. Era o meu Snap, o pequeno terrier escuro de pelo duro! Quando disse o seu nome, ele saltou até o meu rosto e ganiu de alegria. Quase tão deliciada quanto ele, peguei a pequena criatura nos braços e a beijei muitas vezes. Mas como ele viera parar ali? Não podia ter caído do céu, ou percorrido toda aquela distância sozinho: tinha de estar com o seu dono, o caçador de ratos, ou alguém mais que o tivesse trazido. Assim, reprimindo as minhas carícias extravagantes e tentando igualmente reprimir as dele, olhei em volta e vi... o Sr. Weston!

— O seu cachorro se lembra bem da senhorita — disse ele tomando cordialmente a mão que lhe ofereci sem saber bem o que fazer. — A senhorita se levanta cedo.

— Geralmente não tão cedo assim — respondi com notável compostura, considerando todas as circunstâncias do caso.

— Até onde a senhorita propõe estender a sua caminhada?

— Estava pensando em voltar, já deve ser hora, penso eu.

Ele consultou o relógio, agora um de ouro, e me disse que era apenas sete e cinco.

— Mas sem dúvida a senhorita já caminhou o suficiente — disse ele, voltando-se para a cidade, em direção à qual eu passei a refazer vagarosamente os meus passos. E ele veio ao meu lado.

— Em que parte da cidade a senhorita vive? — perguntou ele. — Nunca consegui descobrir.

Nunca conseguiu descobrir? Então ele tinha tentado descobrir? Eu lhe disse o local da nossa casa. Ele perguntou como iam os nossos negócios, e eu lhe contei que estávamos indo muito bem, que tivéramos um grande aumento no número de alunos com as férias de Natal, e esperávamos um aumento ainda maior no final delas.

— A senhorita deve ser uma professora consumada — observou ele.

— Não, é a minha mãe — respondi. — Ela faz tão bem as coisas, e é muito ativa, inteligente e bondosa.

— Gostaria de conhecer a sua mãe. A senhorita me apresenta a ela se eu fizer uma visita?

— Claro, será um prazer.

— E a senhorita me oferece o privilégio de um velho amigo poder visitá-la vez por outra?

— Sim, se... acho que sim.

Foi uma resposta muito boba, mas a verdade é que eu considerava se tinha o direito de convidar alguém para a casa da minha mãe sem que ela soubesse. E se tivesse dito “sim, se a minha mãe não se opuser”, iria parecer que, por essa pergunta, eu esperava mais do que se poderia esperar. Assim, supondo que ela não o fizesse, acrescentei.

— Suponho que sim. — Evidentemente eu deveria ter dito alguma coisa mais sensata e mais educada, se estivesse pensando direito. Durante um minuto continuamos o nosso passeio em silêncio, que logo foi rompido (um grande alívio para mim) pelo Sr. Weston, que fez comentários sobre a claridade da manhã, a beleza da baía e as vantagens de A- sobre muitos outros lugares de repouso.

— A senhorita não me pergunta o que me traz aqui? Com certeza não imagina que eu seja rico bastante para ter vindo para meu próprio prazer.

— Ouvi que o senhor tinha saído de Horton.

— E não ouviu então que recebi *a paróquia* de F-?

F- era uma aldeia próxima de A-.

— Não. Vivemos tão isoladas do mundo, mesmo aqui, que as notícias raramente chegam a mim por qualquer meio, a não ser pela *Gazette*. Mas espero que o senhor esteja gostando da sua nova paróquia. Posso congratulá-lo pela conquista?

— Espero gostar mais da minha paróquia dentro de um ou dois anos, quando tiver feito algumas reformas que já decidi implementar, ou pelo menos avançado alguns passos na direção delas. Mas a senhorita pode me congratular, pois considero muito agradável ter uma paróquia só minha,

sem ninguém para interferir no meu trabalho, distorcer os meus planos ou mutilar meus esforços. Além disso, tenho uma casa respeitável numa área muito agradável e trezentas libras por ano. De fato, a não ser a solidão, não tenho nada de que me queixar. E nada a desejar além de uma companheira.

Quando terminou, ele me olhou. E o brilho nos seus olhos escuros pareceu incendiar-me o rosto, para meu grande desconcerto, pois evidenciar embaraço naquela situação seria inaceitável. Fiz um esforço para remediar o mal e negar todo interesse pessoal naquela observação; dei-lhe uma resposta apressada, mal expressa dizendo que, se ele esperasse até ser bastante conhecido na vizinhança, poderia ter inúmeras oportunidades de encontrar alguma residente de F-, sua vizinhança ou alguma visitante a A-, se desejasse uma escolha mais ampla — sem considerar o cumprimento implicado por essa afirmação, até que a sua resposta me tornasse consciente dele.

— Não tenho a presunção de acreditar nisso — disse ele —, apesar do que a senhorita me diz. Mesmo se fosse o caso, sou muito exigente nas minhas noções do que seja uma companheira para toda a vida, e talvez não encontre entre as damas que a senhorita menciona uma que me satisfaça.

— Se exigir perfeição, o senhor não vai encontrá-la.

— Não procuro. Não tenho direito, estando eu mesmo tão longe da perfeição.

Nesse ponto a conversa foi interrompida por uma carroça d'água que passou por nós; tínhamos chegado à parte movimentada da areia. E, durante os oito ou dez minutos seguintes, entre carroças e cavalos, jumentos e homens, houve pouco espaço para uma interação entre nós, até darmos as costas para o mar e começarmos a subir a estrada íngreme que levava à cidade. Aqui meu companheiro me ofereceu o braço, que aceitei, mas sem a intenção de usá-lo como apoio.

— A senhorita não vem com frequência às areias, suponho — disse ele —, pois desde a minha chegada já vim caminhar aqui muitas vezes, tanto pela manhã como pela noite, e nunca a vi antes; mas não pensei na estrada. Uma ou duas vezes fiz indagações, mas sem obter a informação que desejava.

Depois que superamos o aclive, eu estava a ponto de retirar meu braço do dele, mas um leve aperto do cotovelo me informou tacitamente que não era essa a sua vontade e, assim, desisti. Falando de assuntos diferentes, entramos na cidade e percorremos diversas ruas. Vi que ele se desviava do seu caminho para me acompanhar, apesar da longa caminhada que ainda teria de percorrer. Temendo que ele se incomodasse por motivos de polidez, observei:

— Temo estar desviando o senhor do seu caminho, senhor Weston. Acredito que a estrada para F- esteja numa direção completamente diferente.

— Vou deixá-la no final da próxima rua.

— E quando o senhor pretende vir conhecer minha mãe?

— Amanhã, se Deus quiser.

O final da rua seguinte já era quase o término da minha caminhada. Mas ele parou ali, desejou-me um bom dia e chamou Snap, que pareceu ter dúvida se devia seguir sua antiga dona ou o novo dono, mas saiu trotando quando foi chamado por ele.

— Não vou oferecer devolvê-lo, Srta. Grey — disse o Sr. Weston sorrindo —, porque gosto muito dele.

— Oh, não o quero. Agora que ele tem um bom dono, estou completamente satisfeita.

— A senhorita então não tem dúvida de que *eu* seja um bom dono?

O homem e o cachorro partiram e voltei para casa, cheia de gratidão ao Céu por tanta felicidade e rezando para que minhas esperanças não fossem esmagadas mais uma vez.

XXV

CONCLUSÃO

— Ora, Agnes, você não devia dar passeios tão longos antes do desjejum — disse minha mãe, observando que eu estava tomando uma xícara de café e não comia nada dando a desculpa de que era por causa do calor e da fadiga do longo passeio. Eu com certeza também me sentia febril e cansada. — Você sempre faz as coisas por extremos. Se desse passeios *curtos* toda manhã, de forma regular, isso lhe faria bem.

— Está bem, mamãe, vou fazer isso.

— Mas isso é pior que ficar na cama ou se curvar sobre os livros. Você ficou com febre.

— Não vou fazer isso de novo.

Estava revirando o cérebro pensando como contar a ela sobre o Sr. Weston, pois ela precisava saber que ele viria no dia seguinte. Mas esperei até que as coisas do desjejum fossem retiradas e eu estivesse mais calma e fria. Então, depois de me sentar com o meu desenho, comecei.

— Encontrei um velho amigo hoje nas areias, mamãe.

— Um velho amigo, quem é?

— Na verdade, dois amigos. Um deles era um cachorro — e então lembrei-a do Snap, cuja história eu tinha contado antes e relatei o incidente da sua aparição repentina e o notável reconhecimento —, e o outro — continuei — era o Sr. Weston, o cura de Horton.

— Sr. Weston! Nunca ouvi falar dele antes.

— A senhora já ouviu. Eu o mencionei várias vezes, mas a senhora não se lembra.

— Já ouvi você falar do Sr. Hatfield.

— O Sr. Hatfield era o pároco, e o Sr. Weston era o cura. Eu o mencionei algumas vezes em comparação com o Sr. Hatfield, como o

clérigo mais eficiente. Mas ele hoje estava nas areias com o cachorro, que comprou, creio eu, do caçador de ratos. E me reconheceu tão bem como o animal, e provavelmente por causa dele. Tivemos uma conversa, durante a qual, quando ele me perguntou sobre a nossa escola, fui levada a contar um pouco sobre a senhora e a sua boa administração. E ele disse que gostaria de conhecer a senhora, e perguntou se eu os apresentaria se ele tomasse a liberdade de nos visitar amanhã. Eu disse que sim. Fiz bem?

— Claro! Que tipo de homem é ele?

— Um homem muito *respeitável*, creio eu. Mas a senhora vai conhecê-lo amanhã. Ele é o novo vigário de F-, e como só está lá há poucas semanas, suponho que ainda não tenha amigos e deseje uma pequena convivência.

No dia seguinte, que febre de ansiedade e expectativas me atacou desde o desjejum até o meio dia, quando ele apareceu! Depois de apresentá-lo à minha mãe, levei o meu trabalho para a janela e me sentei para esperar o resultado da entrevista. Eles se deram extremamente bem, para minha grande satisfação, pois ficara muito ansiosa com relação ao que minha mãe pudesse pensar dele. Ele não passou muito tempo conosco daquela vez. Mas quando se levantou para se despedir, ela disse que ficaria muito feliz em vê-lo outra vez, sempre que ele pensasse ser conveniente voltar. E depois que ele foi embora, fiquei gratificada ao ouvi-la dizer:

— Bom! Acho que ele é um homem muito sensato. Mas por que você se sentou ali, Agnes, e falou tão pouco?

— Como a senhora falou tão bem, mamãe, pensei que não precisava da minha assistência. E ele veio visitar a senhora, não a mim.

Depois daquele dia, ele voltou a nos visitar com frequência, várias vezes por semana. Geralmente falava mais com a minha mãe, o que não era uma surpresa, pois ela *sabia* conversar. Eu quase sentia inveja da fluência livre e vigorosa do seu discurso e o forte bom senso evidenciado em tudo que ela dizia. Mas não a invejava, pois se às vezes lamentava minhas próprias deficiências por causa dele, tinha grande prazer em sentar e ouvir os dois seres que eu amava e honrava acima de todas as outras pessoas no mundo discursando juntos, tão amigos, tão sábios e tão bem. Mas nem sempre eu ficava em silêncio. Nem era sempre negligenciada. Era tão

notada quanto queria ser: não faltavam boas palavras e bons olhares, um sem-fim de atenções delicadas, finas e sutis demais para serem captadas por palavras e, portanto, indescritíveis — mas profundamente sentidas no coração.

Logo a cerimônia foi abandonada entre nós. O Sr. Weston chegava como um convidado esperado, bem-vindo todas às vezes, jamais perturbando a administração dos nossos negócios domésticos. Ele até me chamava “Agnes”. No começo o nome foi falado timidamente, mas, ao descobrir que não ofendia, ele pareceu, e eu também, preferir aquele nome a “Srta. Grey”. Como eram tediosos e soturnos os dias em que ele não vinha! Mesmo assim não eram infelizes, pois ainda tinha a lembrança da última visita e a esperança da próxima para me alegrar. Mas quando se passavam dois ou três dias sem vê-lo, eu me sentia ansiosa, absurda e irracionalmente ansiosa, pois, é claro, ele tinha de se dedicar ao seu trabalho e aos negócios da paróquia. Eu também sofria nos finais de semana, quando o *meu* trabalho estava prestes a recomeçar, e às vezes não podia vê-lo. Em outras vezes, quando minha mãe estava na sala de aula, era obrigada a ficar sozinha com ele, uma posição que eu não desejava em casa, embora encontrá-lo fora e passear com ele não fosse de forma alguma desagradável.

Certa noite, na última semana das férias, ele chegou quando eu não o esperava; uma tempestade longa e violenta durante a tarde quase havia destruído as minhas esperanças de vê-lo naquele dia. Mas a tempestade tinha passado e o sol estava brilhando.

— Uma linda tarde, senhora Grey! — disse ele ao entrar. — Agnes, quero que você venha passear comigo até ... (falou o nome de uma parte da costa, uma colina escarpada do lado da terra, e na direção do mar, um precipício fundo, do alto do qual se tinha uma vista gloriosa). — A chuva fez baixar a poeira, refrescou e limpou o ar, e a vista será magnífica. Você vem?

— Posso ir, mamãe?

— Sim, claro.

Fui me arrumar e voltei depois de alguns minutos, embora, é claro, tenha cuidado um pouco mais do vestuário que se estivesse saindo apenas

numa expedição de compras. A tempestade certamente tivera um efeito muito benéfico no clima, e o anoitecer estava bem prazeroso. O Sr. Weston me pediu para tomar o seu braço; falou pouco durante a nossa passagem pelas ruas apinhadas, mas caminhava muito depressa e parecia grave e distraído. Perguntei-me qual seria o problema e senti um medo indefinido de que houvesse alguma coisa desagradável na sua mente. Vagas conjecturas sobre o que poderia ser me perturbaram bastante e me tornaram grave e silenciosa. Mas essas fantasias desapareceram quando chegamos aos calmos limites da cidade, pois tão logo nos aproximamos da venerável igreja antiga e da colina com o mar azul profundo além dela, percebi que meu companheiro estava muito alegre.

—Acho que estou andando depressa demais para você, Agnes. Na minha impaciência de me livrar da cidade, esqueci-me de levar em conta a sua conveniência. Mas agora vamos andar tão lentamente quanto você quiser: vejo, por aquelas nuvens no oeste, que teremos um ocaso brilhante, e tempo para ver o seu efeito sobre o mar mesmo prosseguindo em ritmo tranquilo.

Quando estávamos a meio caminho do topo da colina, caímos novamente em um silêncio que, como sempre, ele foi o primeiro a quebrar.

— Minha casa continua solitária, Srta. Grey — observou sorridente —, e já conheço todas as damas da minha paróquia, várias desta cidade e muitas outras de vista e por ouvir falar. Mas nenhuma delas vai me atender como companheira; na realidade, só existe uma pessoa no mundo capaz de tanto. E é você. E quero saber a sua decisão.

— O senhor está falando sério, senhor Weston?

— Muito sério! Como você poderia pensar que eu brincaria com algo tão sério? — Colocou a mão sobre a minha, que descansava em seu braço; deve ter sentido que tremia, mas isso agora não tinha mais importância.

— Espero não ter sido precipitado demais — disse ele em tom sério. — Você já devia saber que não era característica minha brincar e falar bobagens, ou mesmo falar da admiração que sentia. E que uma única palavra ou olhar meu significava mais que as frases melosas e as protestações ardentes da maioria dos outros homens.

Eu disse alguma coisa sobre não gostar da ideia de deixar a minha mãe e nem fazer nada sem o seu consentimento.

— Já acertei tudo com a senhora Grey enquanto você colocava a boina — respondeu ele. — Ela disse que teria o consentimento dela se ganhasse o seu. E a convidei, no caso de eu ser tão feliz, para vir morar conosco, pois tinha certeza de que você iria preferir assim. Mas ela recusou, dizendo que agora tinha condições de contratar uma assistente e continuaria a escola até obter uma renda anual suficiente para mantê-la em uma moradia confortável. Disse que nesse meio tempo pretendia passar as férias alternadamente conosco e com sua irmã, e que ficaria muito feliz se você fosse feliz. Assim sendo, derrubei as suas objeções por causa dela. Você tem alguma outra?

— Não, nenhuma.

— Então, você me ama? — disse ele, apertando a minha mão com fervor.

— Amo.

Aqui eu faço uma pausa. Meu diário, de onde compilei estas páginas, avança muito pouco. Eu poderia continuar por muitos anos, mas vou me contentar em acrescentar que nunca vou esquecer aquele crepúsculo de verão, e que sempre vou me lembrar com felicidade daquela colina íngreme, da borda do precipício onde ficamos juntos observando o lindo pôr do sol espelhado no mundo agitado de águas aos nossos pés, com os corações cheios de gratidão aos céus, de felicidade e de amor, quase plenos demais para falar.

Algumas semanas depois, quando minha mãe já havia empregado uma assistente, eu me tornei a esposa de Edward Weston, e nunca encontrei motivo para me arrepender — e estou certa de que nunca vou encontrar. Tivemos provações e sabemos que teremos outras, mas suportamos bem e nos esforçamos por nos fortalecer e um ao outro contra a separação final, a maior de todas as aflições para quem sobrevive. Porém, se mantivermos em mente o glorioso céu que está além, onde poderemos nos encontrar novamente e onde o pecado e a tristeza são desconhecidos, com certeza isso

também será suportado. E enquanto isso, empenhamos-nos para viver na glória Daquele que espalhou tantas bênçãos no nosso caminho.

Edward, por seus vigorosos esforços, conseguiu fazer reformas surpreendentes na sua paróquia e é estimado e amado pelos habitantes do local, como bem merece, pois quaisquer que sejam as suas falhas como homem (das quais ninguém é completamente isento), desafio qualquer um a culpá-lo como pastor, marido ou pai.

Nossos filhos, Edward, Agnes e a pequena Mary, prometem muito. Sua educação, por enquanto, está aos meus cuidados. E não lhes faltará nada que o cuidado da sua mãe lhes possa dar. Nossa renda modesta é amplamente suficiente para as necessidades, e praticando a economia que aprendemos em tempos mais duros, sem nunca tentar imitar nossos vizinhos mais ricos, conseguimos não apenas desfrutar de conforto e contentamento, mas também temos guardado todo ano alguma coisa para nossos filhos, e alguma coisa para dar a quem necessita.

E agora penso que já disse o suficiente.

POSFÁCIO

O LEGADO DE ANNE BRONTË EM AGNES GREY

LILIAN CRISTINA CORRÊA*

O romance escrito por Anne Brontë em 1847, publicado em 1850, traz uma temática muito mais contemporânea do que propriamente vitoriana, o que seria compatível com seu tempo, ao brindar o leitor com uma personagem que busca sua própria independência e, ao fazê-lo, percorre também uma jornada à procura de uma identidade feminina que pode ser vista como geral, mas que é verdadeiramente individual, cada vez que contamos uma história diferente, com uma personagem diferente, em um contexto distinto.

Agnes Grey narra, quase que autobiograficamente, segundo os críticos e historiadores, a vida de sua autora, quando narra as peripécias de uma jovem que quer ser vista como mais do que meramente uma jovem. Ela quer seu lugar ao sol e provar-se capaz de cuidar de si mesma e ser responsável por ter um trabalho e, com ele, seus próprios compromissos.

Considerando que o período em que o romance se enquadra é o vitoriano, temos uma realidade um tanto distante da almejada pela personagem protagonista. Naquele período, o papel feminino para uma mulher aristocrata era o da procriadora, mãe de família — e às mulheres das classes menos abastadas, mas educadas com primor, como era o caso de Agnes, cabia o ofício de gestoras das casas aristocratas, como governantas, tutoras dos filhos daquelas famílias que cresciam a olhos vistos e povoavam as cidades inglesas no século XIX.

Dentre os temas escolhidos por Anne Brontë em sua narrativa, temos a tão trabalhada figura da governanta, vista em romances como *Jane Eyre*, de sua irmã Charlotte Brontë; a questão da opressão da figura feminina de

forma genérica em primeiro plano e, em segundo plano, a figura feminina serviçal, como a governanta; a empatia e o isolamento, como opostos, mas complementares e a instrução como forma de acesso à sociedade ou o retorno ao seio familiar.

Em *Agnes Grey* não há heróis românticos, enamorados, em busca do amor perfeito, como nos romances escritos pelas irmãs de Anne, Charlotte e Emily, ou nas narrativas de Jane Austen — o romance de Anne Brontë traz ao leitor uma leitura um tanto intimista, que está mais próxima de lidar com a evolução social e moral da sociedade inglesa do que de retratar histórias de amor. De alguma forma, cogita-se até que os heróis das narrativas de suas irmãs não fossem, de fato, românticos:

As irmãs Brontë criaram heroínas em busca de uma identidade, de individualidade, e de uma vida de independência em vários aspectos, mas acima de tudo, criaram (anti-)heróis-amantes, opostos ao padrão romântico da época. Eles eram violentos, egoístas, maus, demoníacos e repulsivos, contudo, esse tipo de herói não agradava, porque para os vitorianos, mesmo eles sendo retratados de forma convincente, seria impossível amar tais figuras.

Por outro lado, esse tipo de (anti-)herói era apelativo para as heroínas — e leitoras — por tratá-las de igual para igual e não como criaturas sensíveis e frágeis que deveriam ser protegidas. Sabe-se que no século XIX as mulheres escritoras viam-se em dificuldades para criar personagens masculinos, uma vez que estariam entrando em um terreno desconhecido, portanto, para muitas, suas criações não passavam de fantasias sobre como elas se comportariam se fossem homens, ou de maneira mais didática, como gostariam que os homens agissem e sentissem. (FONSECA, 2012, p. 3)

O que de fato chama a atenção do público leitor de *Agnes Grey* é essa coragem e vivacidade da personagem, sua força e atitude, tão raras nas frágeis mocinhas românticas comumente retratadas pela ótica da literatura e reiteradas pelas telas do cinema e da televisão. Esse posicionamento incomum, essa atitude, também vista no comportamento de suas irmãs escritoras; traz indícios de um certo feminismo “[...] *avant la lettre* [com] seus personagens indicando caminhos para a vida das mulheres que não eram a norma da sua época.” (BUENO, p. 2, 2013)

Sabemos que as irmãs Brontë estavam muito além de seu tempo em termos de preparo intelectual e paixão pelas artes e sua influência no âmbito da literatura continua sendo irrestrita ainda nos dias atuais, quer seja pelos mistérios provocados pelas narrativas como *O Morro dos Ventos Uivantes*,

quer seja pelo posicionamento marcante de suas personagens, como Jane Eyre. Segundo Bueno, “[...] vindas de uma região fora do “centro cultural” e de uma família de classe social baixa, em um tempo em que a exploração sem pena era considerada norma, as três, lideradas por Charlotte, conseguiram mesmo assim escrever literatura que atravessa os séculos.” (BUENO, P.8, 2013)

Embora Anne, a irmã mais nova, tenha sido aquela de quem tenhamos pouco ou nada ouvido falar, dizem os críticos ser dela o romance mais densamente preocupado com o ponto de vista social, marcado pela crítica com o comportamental e, talvez, um espelho de sua própria existência, já que ela própria trabalhara como governanta para ajudar nas despesas da casa, uma vez que seu pai, um pastor, não conseguia sustentar a todos.

A vida das irmãs sempre foi precária, mas obtiveram uma excelente educação, proveniente de seu pai, um apaixonado por literatura, o que de alguma forma permitiu às meninas a oportunidade de conseguir boas colocações no futuro: Charlotte foi professora e Anne, governanta. No dia a dia de seu trabalho, no entanto, tais qualificações não produziram o mesmo efeito, de fato, pois eram isoladas por serem serviçais e tratadas como tais tanto por estarem com os cidadãos de “segundo escalão” da sociedade quanto pelo fato de serem mulheres.

Escrever, sua paixão, era a forma de dizer ao mundo o que passava em sua mente, gritar as verdades nas quais acreditava... Mas como, se era uma mulher e seu próprio universo a renegava como tal? A partir de um pseudônimo, assim como suas irmãs o fizeram no início! Segundo Márcia Cavendish,

“Anne Brontë publicou apenas três livros. O primeiro deles, um livro de poemas (1845), no qual compartilha com as irmãs Charlotte e Emily Jane Brontë a constrangedora situação de escrever sob um pseudônimo masculino. Ela, sob o nome de Acton Bell, enquanto suas irmãs adotaram respectivamente os de Currer Bell (por Charlotte) e Ellis Bell (por Emily Jane Brontë).” (p. 174, 2005)

Considerando todas essas temáticas, podemos dizer que, na contemporaneidade e, talvez, por muito tempo, *Agnes Grey* continue sendo cultuado como um romance de cunho feminista fora de época, com ideias e

ideais emancipadores e não com uma tendência a *chicklit* moderno e, assim como os romances escritos pelas outras irmãs Brontë, tende a perpetuar no cânone literário como um dos exemplos de narrativas que se referem ao cotidiano da vida doméstica de uma determinada época, em uma determinada comunidade.

É importante enfatizar que a trajetória percorrida por Anne Brontë e suas irmãs representa um marco na história e na literatura universais e devem ser entendidas e respeitadas como tais, por sua grandiosidade, por sua ousadia, por seu entusiasmo e pelas dificuldades de escrever em um mundo altamente masculino e com ideias e pontos de vista retrógrados quando se pensava em colocar uma mulher em evidência.

REFERÊNCIAS

BUENO, Eva Paulino. *Uma visita à terra das irmãs Brontë, em Haworth*. In: Revista Espaço Acadêmico # 141, Maringá: Fevereiro 2013.

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/19686/10402>

CAVENDISH, Márcia. *Anne Brontë: a voz esquecida da Literatura Inglesa*. In: Revista Gênero, volume 6, nº 1, pp. 173- 199. Niterói: 2005.

<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/204>

FONSECA, Daise Lilian. *Mulheres Anglo-Americanas no Universo da Escrita. As Irmãs Brontë*. In: *A subversão das relações coloniais em O morro dos ventos uivantes: questões de gênero*. Tese de Doutorado defendida pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011. <http://www.taniana-varroswain.com.br/labrys/labrys22/libre/daise.htm>

* – Mestre e Doutora em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde ministra aulas nos cursos de Graduação e Pós-Graduação Lato-Sensu, nas áreas de Língua e Literaturas de Língua Inglesa, Metodologias de Ensino de Língua Estrangeira e Teoria da Literatura.

© Copyright desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2014.
Título original: *Agnes Grey*.

direção MARTIN CLARET

produção editorial CAROLINA MARANI LIMA MAYARA
ZUCHELI

direção de arte e capa JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

imagens de capa SHUTTERSTOCK

diagramação GIOVANA GATTI QUADROTTI

tradução e notas PAULO CÉZAR CASTANHEIRA

revisão CAROLINA MARANI LIMA

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brontë, Anne, 1820-1849.

Agnes Grey [livro eletrônico] / Anne Brontë; tradução e
introdução Paulo César Castanheira. — São Paulo — Martin
Claret, 2020.

2983 Mb; ePub.

Título original: *Agnes Grey*.

ISBN 978-65-86014-40-2

1. Ficção inglesa I. Castanheira, Paulo César. II. Título.

20-34815

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: literatura inglesa 823

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré – CEP: 01254-010 – São Paulo,
SP

Tel.: (11) 3672-8144 – www.martinclaret.com.br